

ENIGMAS
DE TODOS
OS TEMPOS

HISTÓRIA DESCONHECIDA DOS HOMENS

desde há cem mil anos

Robert Charroux



Livraria Bertrand

Título do original francês:

*HISTOIRE INCONNUE DES HOMMES
DEPUIS CENT MILLE ANS*

Capa de José Cândido

© 1963 by Robert Laffont, Paris

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	6
DESCOBERTAS.....	8
OS ANTEPASSADOS SUPERIORES.....	18
TIAHUANACO.....	31
A CONJURAÇÃO DO SEGREDO.....	42
O LIVRO DOS SEGREDOS PERDIDOS.....	52
OS CONTINENTES DESAPARECIDOS.....	65
OS EXTRATERRESTRES DESCERAM À TERRA.....	76
A LEVITAÇÃO.....	98
OS DISCOS VOADORES.....	106
A MÁQUINA PARA VIAJAR NO TEMPO.....	117
OS TEMPOS DO APOCALIPSE.....	125
OS TEMPOS SACRÍLEGOS.....	138
O SEGREDO FALSIFICADO.....	148
O SEGREDO DO OURO.....	158
O MISTERIOSO DESCONHECIDO.....	165
AS PSICODROGAS.....	180
AS DROGAS FARMACODINÂMICAS.....	185
AS ARMAS SECRETAS.....	196
DEUS E AS SOCIEDADES SECRETAS.....	206
OS SUPERIORES DESCONHECIDOS.....	220

*A numeração das páginas não coincide com a edição original.

ESTE LIVRO É DEDICADO

*Ao primeiro homem que, vindo de um
planeta, outrora pousou sobre a Terra...
Ao homem de Tiahuanaco que também
se chamava Prometeu e Lúcifer...
Ao homem do Poitou que gravou as
lajes de Lussac-les-Châteaux...
Ao glozeliano autor da mensagem de Glozel...
E ao primeiro homem dos nossos tempos que,
evadindo-se da Terra,
pousará com vida sobre um outro planeta.*

*A Garcia Beltran
A Philippe Bernert
A Charles Carrega
A Gérard Heym*

Sem as revelações da Porta do Sol, da Biblioteca Pré-Histórica de Lussac-les-Châteaux, e de Glozel, a História Desconhecida dos Homens careceria de elementos essenciais.

Sem os meus amigos Garcia Beltran, Philippe Bernert, Charles Carrega e Gérard Heym, que me forneceram uma excelente documentação e os seus encorajamentos, os meus esforços teriam sido vãos.

Agradeço-lhes pela sua preciosa colaboração e, igualmente, por motivos idênticos, agradeço a outros amigos cujos nomes devem ficar aqui: Roger Delorme, engenheiro Emile Drouet, Jean-Albert Foéx, doutor André Guillard, Serge Hutin, doutor Marcei Lapipe (in memoriam) e W. Losensky-Philet, pedindo-lhes que me perdoem caso as minhas opiniões a respeito de certos assuntos, especialmente em relação à Pré-História, possam chocar os seus sentimentos pessoais.

R. C.

PREFÁCIO

*«Nada do que se mantém oculto deixará de ser revelado;
nada do que é secreto deixará de ser conhecido.»*
(Os Evangelhos)

Alguns segredos, que poderiam ter precipitado a evolução da humanidade, foram mantidos secretos durante milênios, com receio de que a sua revelação provocasse um cataclismo.

Esses segredos eram guardados por homens de grande sabedoria em santuários que ninguém — ou quase — sabia verdadeiramente onde estavam situados.

Durante dez mil anos, cem mil anos ou mais, os Livros do Segredo dormiram um sono imenso e tranquilizante.

Era necessário para a felicidade da humanidade que ninguém os pudesse ler.

A História Desconhecida dos Homens, apoiando-se em documentos e descobertas, vai solicitar a revelação de um passado de que os homens já não se recordam.

Não temos a ambição de substituir a história dos quatro milênios conhecidos por uma outra relação dos fatos, mas sim de revelar, sob a forma de reportagem, o essencial a respeito dos fenômenos inexplicáveis que outrora foram observados.

Temos provas disso: os céus foram atravessados, há milhões de anos, por foguetões siderais; bombas atômicas destruíram uma ou várias civilizações; seres extraterrenos deixaram o testemunho da sua passagem sobre diversos pontos do globo; Moisés conhecia o raio da morte e os explosivos; Salomão utilizou os para-raios; um homem iluminava-se com eletricidade na época de S. Luís; voou um avião na época de D. João V, de Portugal; Titov não passava de um robot telecommandado; várias sociedades secretas forjaram o destino dos homens. Outras conspirações trabalham na sombra pelo seu advento.

Nada fomos buscar ao ocultismo. Apenas fazem parte desta reportagem fatos, estudos e por vezes hipóteses ousadas.

Há cinquenta anos, os alquimistas guardavam para si o segredo da fabricação do ouro; atualmente, os físicos fabricam pudins de diamantes nas terras atomizadas do Nevada e ouro de transmutação nos fornos nucleares da U. R. S. S.

A partir de 1940, uma nova era começou, com uma nova ciência taumatúrgica e um novo Deus que os microscópios já apanham no infinitamente pequeno e os foguetões espaciais no infinitamente grande. O que parecia verdadeiro para os homens de 1939, revela-se daqui em diante contestável ou ultrapassado.

Os homens estão cada vez menos fixados a respeito dos resultados da gênese, da definição do homo sapiens; a noção de tempo alonga-se e contrai-se sem jamais se limitar.

A ciência e as especulações filosóficas interferem cada vez mais num universo que se torna demencial. Uma única certeza no meio deste delírio: com as suas regras falsas e os seus compassos falsificados, os sábios descobriram o fogo infernal!

Daqui para o futuro, a ciência dos homens atinge o volume crítico e ameaça submergi-los de novo no cataclismo que os seus antepassados conheceram.

Chegaram os tempos.

Já não há necessidade de segredo. Tudo pode ser dito!

Antes do grande pavor do ano dois mil, o Papa «traiu» segredos da Biblioteca do Vaticano;

o sultão de Marrocos autoriza o acesso aos Livros Sagrados de Fez; os Ciganos afirmam que soou a hora da verdade; os quipocamaios incas traduzem a linguagem dos seus misteriosos cordões; as bibliotecas secretas abrem-se; os alquimistas apagam os seus atanores e desconhecidos superiores iniciam uma luta com os sábios, cujo trunfo é a sobrevivência do globo.

Então, brotou dos tempos obscuros uma mensagem patética.

A História Desconhecida dos Homens, ligando o passado desconhecido ao presente fantástico, propõe-se explicar essa mensagem e abrir certas portas interditas, portas que defendem tesouros há milênios ocultos por antepassados dos quais ignorávamos até a própria existência.

DESCOBERTAS

Os conhecimentos humanos, mesmo aqueles que ontem pareciam mais evidentes, revelam-se hoje duvidosos. São muitas vezes alterados pelos sábios, que proclamam o universo falso e certas leis sem valor.

A física, a química, a filosofia, as matemáticas são falsas. A linha reta deixou de ser o caminho mais curto entre dois pontos, o Postulado de Euclides¹ está ultrapassado, a tabela de multiplicação e até mesmo a rotundidade da Terra² foram consideradas inexatas.

A Pré-História é um encadeado de erros. O homem não descende do macaco. As eras geológicas não passam de hipóteses de trabalho.

A gravidade é provavelmente um erro, daqui em diante posto em dúvida pela agravitação. O tempo, o espaço, o átomo escapam à nossa capacidade. Talvez toda a ciência não passe de uma reinvenção de descobertas já feitas há milhares de anos, por antepassados que nada tinham em comum com os homens das cavernas.

Atenção ao fogo

Tudo nos incita a explorar o passado fantástico que pretende ressurgir na época em que os sábios atomistas nos conduzem à arena para a Hora da Verdade.

As revelações brotam em todo o mundo, ao acaso de descobertas providenciais, na América, em França, na Ásia, tão miraculosas que parecem inacreditáveis e nos obrigam a examinar de novo aquilo que mais nos toca: a gênese e o destino do homem.

A tese que apresentamos pode resumir-se da seguinte maneira: uma civilização muito antiga precedeu a nossa. Essa civilização, depois de ter conhecido a rádio, a televisão, o foguetão sideral, a bomba H, desapareceu devido a uma catástrofe atômica.

Antes de morrer, sabendo que alguns sobreviventes, salvos da desgraça, após um longo e penoso percurso, continuariam a aventura humana, os nossos antepassados legaram uma mensagem destinada a preservar as gerações futuras da sua funesta experiência: Atenção à ciência. Atenção ao fogo.

É impossível que essa prevenção não seja a expressão da verdade.

No momento em que o homem vai procurar a aventura nos planetas do cosmos, no momento em que se fabricam as armas que podem destruir a vida terrestre, é importante, é indispensável estudar o significado profundo dessa mensagem.

1 A partir de 1962, nas escolas da Bélgica, ensina-se aos alunos «as realidades das matemáticas em vez de as procurar nos Postulados de Euclides, tornados insuficientes, e de reservar, como faziam outrora, apenas para os alunos das faculdades o ensino da verdadeira ciência».

2 As fotografias tiradas por alguns foguetões Discoverer norte-americanos apresentam uma imagem inesperada da Terra: tem uma forma de pera entumescida no equador, menos entumescida no polo norte e entumescida em forma pontiaguda no polo sul. As anomalias orbitais de Vanguard I já tinham dado algumas indicações nesse sentido.

A Bíblia faz-nos, logo nas primeiras linhas, algumas revelações sobre a gênese:

«Criação do Mundo, segundo os estritos dados da cosmogonia moderna;

O homem caiu por ter conhecido a ciência.»

Como explicar que quatro mil anos antes de Cristo existissem homens que conheciam o processo das eras geológicas e da criação da natureza, dos minerais às plantas e das plantas aos animais?

E como poderiam esses homens saber que a ciência quer dizer perigo de morte, o que já não constitui uma dúvida para nós?

Os textos dizem: esses conhecimentos foram revelados por Deus.

Para aqueles que acreditam num Deus que fala, clama, recompensa e castiga, a explicação é suficiente.

Para os outros, para aqueles que concebem um Deus mais universal e para aqueles que não concebem coisa alguma, é necessário uma explicação racional, aceitável para o electricista que sucedeu ao fabricante de velas, para o eletrônico que descende do antigo relojoeiro, para o cosmonauta que sucedeu ao cavaleiro errante.

Nesse caso, levanta-se uma questão: quem revelou esses segredos?

Se não foi Deus, trata-se de um homem ou de uma experiência coletiva.

Desconhecidos longínquos, homens de cuja existência nem sequer suspeitávamos, indicam-nos o caminho que evita o precipício. Os mortos protegem os vivos.

A Bíblia não é o único livro: o Talmude, os Vedas, a maior parte dos textos sagrados e as lendas tradicionais também são abundantes em mensagens incompreendidas, que parecem atestar a existência, há milhares ou milhões de anos, de civilizações humanas, terrestres ou extraterrestres, que adquiriram uma ciência técnica e poderes que ainda nos resta igualar.

Os testemunhos — construções arquitetônicas, monumentos, livros — não puderam resistir ao tempo, mas os homens esforçaram-se por lhes assegurar a sobrevivência, restaurando o que ameaça ruína, pondo de novo uma pedra ali, além um fragmento de frase ilegível.

Uma grande parte do legado desfez-se em pó. Aquilo que subsiste perdeu muitas vezes o seu caráter original, o seu sentido de mensagem e muitas vezes também a humanidade preguiçosa assusta-se e recusa admitir uma verdade surpreendente.

No entanto essa verdade ergue-se para nossa salvaguarda e para provar a autenticidade das civilizações desaparecidas.

Alguns sábios já não falam da existência dessas civilizações como uma hipótese, mas como uma certeza. Nós estabelecemos o repertório das provas, índices, descobertas e conhecimentos que apoiam essa nova visão da história humana.

Por temeridade ou por aventura, afundar-nos-emos sem dúvida no erro. Não podemos atravessar com um passo apenas a estrada vertiginosa que, para além dos nossos conhecimentos, dos nossos antepassados, para além dos Gauleses, dos Gregos, dos Sumérios, dos Egípcios e dos homens do Cro-Magnon, avança em direção às civilizações que devemos conhecer, pois, sem o saber-mos, recolhemos a sua herança.

Precisamos de avançar um passo, em primeiro lugar, apenas um pequeno passo.

Os para-raios de Salomão

Há perto de dois séculos, Benjamin Franklin inventou o para-raios. É uma verdade aceite.

No entanto, é absolutamente certo, e descrito pelos antigos cronistas, que o Templo de Salomão, há três milênios, tinha vinte e quatro para-raios.

Esse templo jamais foi atingido pelos raios e o físico François Arago, no século XVIII, deu a explicação de semelhante privilégio:

O telhado do templo, construído à italiana e revestido com lambris de madeira de cedro cobertos de uma espessa camada dourada, era garantido de uma ponta a outra de longas lâminas de ferro ou aço pontiagudas e douradas.

Na opinião de Josèphe, o arquiteto destinava essas numerosas pontas (em número de vinte e quatro) a impedir que os pássaros pousassem no telhado e aí deixassem os seus excrementos.

Os lados do monumento também eram cobertos em toda a sua extensão de madeira dourada.

Finalmente, no átrio do templo, existiam cisternas para as quais a água entrava por meio de tubos metálicos.

Aqui encontramos as hastes dos para-raios e uma tal abundância de condutores que Lichtenberg tinha razão ao afirmar que a décima parte dos aparelhos dos nossos dias está longe de oferecer, na construção, um conjunto de circunstâncias tão satisfatórias.

Definitivamente, o Templo de Jerusalém, conservado intacto durante mais de mil anos, pode ser citado como a prova mais concludente da eficácia dos para-raios³.

De que maneira Salomão e o seu arquiteto tomaram conhecimento do para-raios? E por que não legaram o seu segredo?

São perguntas que pedimos aos homens do século XX que as façam sem um propósito antecipado, se desejam avançar honestamente no caminho da verdade.

Uma biblioteca muito velha

Avancemos um outro passo.

Agosto de 1937: Na penumbra de uma gruta, dois arqueólogos remexem a terra compacta, cor de ocre, que quinze mil, talvez vinte mil anos, amontoaram sobre a rocha.

Um deles, Stéphane Lwoff, uma espécie de gigante, examina através dos seus óculos muito grossos uma pedra mais ou menos do tamanho da sua mão.

— Quero ver isto à luz do dia! — diz ele.

À entrada da gruta, o sol da tarde crepita sobre pedaços de sílex. O homem inclina-se sobre a pedra, limpa-a várias vezes com cuidado e fá-la cintilar sob a luz.

— C'os diabos!

Assim que a blasfêmia pouco habitual, insólita, lhe saiu da boca o homem interpela o companheiro.

— Eh, Péricard! Venha ver o que há nas suas pedras!

Léon Péricard, um burguês tranquilo de Lussac-les-Châteaux (Viena), aproxima-se e com a sua única mão (perdeu um braço em Verdun, na guerra de 14-18) agarra no pedaço de calcário.

³ Numa Pompílio, segundo rei de Roma, sabia provocar quando lhe apetecia o fogo de Júpiter (raio) e ensinou ao seu sucessor, Túlio Hostílio, o segredo do seu poder. Mas este, sem dúvida menos sábio, não tirou proveito do ensinamento. Segundo Tito Lívio e Denys, ele um dia — em 630 a. C. — cometeu um erro de manipulação (mau isolamento, supõe-se) e morreu fulminado durante uma festa religiosa.

O que parece provar que Salomão não fizera mal em manter a ciência fora do alcance do profano.

No século VI antes da nossa era, Porsena, rei da Etrúria, conhecia o segredo de Numa e serviu-se dele para fulminar um animal monstruoso (por curiosa coincidência chamado Volt) que semeava o terror pelo reino.

O historiador e médico grego Ctésias, no século IV a. C., durante as suas viagens pela Pérsia e pelo Egito, aprendeu uma espécie de segredo mágico, que parece ser a deformação de um conhecimento científico. Ctésias possuía duas espadas «milagrosas», que, cravadas na terra, com a ponta para para cima, afastavam as nuvens, o granizo e as tempestades.

— Dir-se-iam grafitos... Mas com certeza não está a pensar?...

— Sim — replica o gigante —, sim, penso... estou certo de que as suas pedras, esta e talvez todas as outras, no lado esquerdo da caverna, foram gravadas pelos homens pré-históricos.

Mas o espanto de Léon Péricard estava apenas no princípio. Nessa mesma noite, após um rápido exame que confirmou que todo o montão de calhaus continha centenas de desenhos, muitas vezes emaranhados, Stéphane Lwoff foi o primeiro a formular esta asserção, com provas na mão:

— É extraordinário! Nestas pedras, gravadas há quinze mil anos, os homens, as mulheres e as crianças estão vestidos como nós. Têm casacos, calções, usam sapatos e chapéu.

Essa descoberta⁴, que destruía tudo o que a Pré-História clássica admitira até então, foi autenticada pelo padre Breuil, em 1938. Atualmente, algumas das preciosas pedras de Lussac são o orgulho de uma enorme vitrina no primeiro andar do Museu do Homem⁵. Era uma certeza nova: os homens do Madalenense, esses habitantes de Poitou, há quinze mil anos, vestiam-se, com pequenas diferenças, como nós hoje em dia.

Por outro lado, eles viviam certamente em cidades com ruas e casas de pedra e barro amassado, com artífices, alfaiates, pedreiros, marceneiros, cabeleireiros, decoradores.

Com as pedras gravadas de Lussac-les-Châteaux, a Pré-História adquiria um outro aspecto, um outro sentido, o passado saía das trevas e os nossos antepassados despojavam-se da ganga grosseira com que de boa vontade os cobriam até então.

Os mapas de Piri Réis

Mais um passo ainda, de archote na mão, através da escuridão da grande noite:

Julho de 1957: Existem, no Palácio Topkapu, em Istambul, mapas antigos que pertenceram ao capitão turco Piri Réis que, depois de ter sido corsário, comandava a frota otomana, em 1550.

De Piri Réis, conheciam-se os dois atlas Bahriyé conservados na Biblioteca de Berlim, que apresentam mapas espantosamente exatos do mar Vermelho e do arquipélago mediterrâneo, mas os mapas de Topkapu viriam a revelar-se muito mais extraordinários, quando o engenheiro americano Arlington H. Mallery os examinou.

Os mapas, que sem dúvida fazem parte de um atlas completo, apresentavam os contornos muito precisos da África Ocidental e das Américas do Sul e do Centro. Em notas marginais, o próprio Piri Réis escreveu as seguintes explicações:

Estes mapas foram elaborados segundo os dados de vinte cartas, dos portulanos de quatro portugueses, que mostram o Sind, o Hind e a China, e de um mapa desenhado por Cristóvão Colombo.

São tão exatos para a navegação sobre os Sete Mares como os mapas dos nossos países⁶.

No entanto, ao lado de pormenores curiosamente exatos, os documentos continham igualmente aberrações desconcertantes, como se tivessem pretendido tornar a sua leitura confusa.

De fato, para ler corretamente os mapas, era necessário um cartão perfurado, de que Piri se servira, mas que destruía antes de ser executado por ordem do sultão Solimão II, por ter levantado

⁴ *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, livro 1957, n.º 10.

⁵ 1.º andar, Sala da Pré-História. Nem todas as pedras estão expostas, apenas as mais anódinas... aquelas que não chocam demasiado as teorias clássicas.

⁶ Os mapas de Piri Réis — assim como os pilares de Bagdad — constituem um dos maiores enigmas da Primi-História. Esses documentos e esses objetos provariam a autenticidade de antepassados superiores, que os pré-historiadores clássicos ainda não queriam admitir. Todavia, no que se refere aos mapas, e embora reconhecendo-lhes o carácter insólito, é necessário ter em conta a interpretação pessoal de H. Mallery e o fato de que o controle da Task Force talvez não tenha sido tão positivo como se diz.

o cerco de Gibraltar a troco de uma grande quantia.

Com o auxílio de Walters, do Gabinete de Hidrografia da marinha de guerra norte-americana, Mallery iniciou a decifração do documento e reconstituiu então o cartão perfurado, que permitiu uma espantosa descoberta: os mapas reproduziam não só os contornos exatos das costas da América do Norte, da América do Sul e do Antártico, mas também a topografia do interior das terras (perfis de cadeias montanhosas, vales, planaltos e picos).

Não se devia ficar por ali: por exemplo, o documento indicava, no Antártico, cadeias de montanhas que só foram descobertas em 1952. E dava a sua altitude exata.

Em contrapartida, a Gronelândia era apresentada sob a forma de três ilhas.

Foram efetuados rigorosos controles pela Task Force 43 norte-americana, incumbida pelo Ano Geofísico Internacional, e pelo explorador Paul-Emile Victor. As sondagens sismográficas, realizadas com os aparelhos mais modernos da ciência do século XX, confirmaram os dados de Piri Réis: planaltos, montes, picos, estavam assinalados nos devidos lugares e a Gronelândia assentava de fato sobre três grandes ilhas distintas.

Restavam vários mistérios a elucidar:

Onde teria Piri Réis, que nunca deixara o Mediterrâneo e as costas de África, ido buscar informações e encontrado as famosas cartas de que fala?

Por que motivo terá ele transmitido os documentos sob a forma de mensagem secreta?

De que época datam os dados geográficos e topográficos?

De que forma e por quem foram eles efetuados?

Um estudo profundo deu respostas a esses quatro pontos⁷: Piri Réis compilara oito cartas gregas muito antigas, transmitidas desde a época de Alexandre, o Grande, por conseguinte pelo menos com treze séculos de existência. Como residira no Egito, ele tivera provavelmente acesso aos arquivos secretos dos sacerdotes egípcios e muçulmanos.

A transmissão do segredo fora-lhe feita sob condição; ou então Piri Réis, embora não fosse iniciado, compreendera que a sua divulgação seria perigosa.

Talvez ele tenha mesmo pago com a vida a posse desses mapas, a questão de Gibraltar pedia ter sido apenas um pretexto.

O sultão Solimão II era muito erudito, particularmente em história e ciência, e Solimão, em turco, significa Salomão. O iniciado teria mandado suprimir o profano perigosamente instruído⁸.

Arlington Mallery, Walters e Daniel Lineham, diretor do Observatório de Weston, nos E.U.A., e chefe dos serviços sismológicos do Ano Geofísico, acham que os dados datam de pelo menos 5.000 anos a. C.

Mais precisos, os glaciólogos, determinando que foram calculados antes do último período glaciário, asseguram que os dados dos mapas têm mais de 10.000 anos de existência. É o que também provam as diferenças de recortes das costas, determinadas pelo processo de erosão.

Quanto aos meios técnicos que permitiram os contornos, e mais particularmente os das cadeias de montanhas, só podem ter sido aéreos. Arlington H. Mallery observa com uma certa malícia:

— Os geógrafos antigos deviam operar de avião!

No Departamento Hidrográfico da marinha de guerra norte-americana notam igualmente:

— Os Antigos passam por não ter conhecido a aviação, no entanto aqui trata-se, de fato, de anotações aéreas.

O historiador Georges Ketman, que estudou esse problema, concluiu da seguinte maneira:

⁷ *Science et Vie*, Setembro de 1960, n.º 516.

⁸ Alguns pitagóricos foram mortos por membros da sua sociedade por terem traído um segredo de matemática.

— Vemo-nos forçados a invocar certos enigmas científicos que permitem imaginar que existiam sobre a Terra civilizações desenvolvidas há vários milhares de anos. Existiam, ou, pelo menos, estavam em contato com a Terra...

O mistério da Porta do Sol

Novembro de 1961: Um arqueólogo curioso penetra no átrio do Museu do Homem, na Praça do Trocadéro, em Paris. Sobe ao primeiro andar, admira, de passagem, a vitrina de Lussac-les-Châteaux, a de Montignac-Lascaux e, ao atravessar a Sala da Colômbia, sobe uma escada de mármore.

Sobre as altas paredes florescem baixos-relevos, moldagens de esculturas pré-colombianas, rosáceas maias, astecas, incas.

Ao alto da monumental escadaria, uma massa sombria. O homem detém-se e saboreia o minuto que precede a descoberta.

Retira do bolso uma ampliação fotográfica representando personagens quase caricaturais, altamente estilizadas, que têm a particularidade de ser como que habitadas por máquinas complicadas, engenhos de sábias curvas, com articulações precisas.

À primeira vista, esses engenhos podem evocar uma espécie de escafandros estratosféricos munidos de motores a reação ou a propulsão, engenhos, motores sem dúvida iguais aos que os homens talvez inventem no ano dois mil.

A massa sombria que deteve o homem é a reprodução de um monólito atravessado por uma porta, com um frontão e um friso com três fileiras. Esse monólito tem um nome: Porta do Sol, de Tiahuanaco (Bolívia). Não tem idade. Nenhuma testemunha, nenhuma época, viu a cidade de Tiahuanaco, na cordilheira dos Andes, a não ser em ruínas.

O homem da fotografia compara os engenhos da sua foto com o friso de pedra. *A priori*, é impossível que esses engenhos, que esses escafandros estratosféricos possam figurar sobre o monólito.

O homem aproxima-se. Ergue os olhos.

Ali, na sua frente, ao alcance da mão, as misteriosas gravuras de pedra — uma moldagem, evidentemente, mas que reproduz exatamente o original — são idênticas às da fotografia.

Portanto, os nossos antepassados de Poitou vestiam-se como nós, com casacos e calças, mas, mais ou menos na mesma época, outros antepassados, na América, tinham inventado naves espaciais superiores aos Sputnik, aos Discoverer e aos foguetões Atlas.

Existiam provas disso!

Que sabiam portanto, ao certo, os homens a respeito de todas as coisas?

E que significam as nossas invenções, as nossas descobertas, a nossa ciência, se antepassados tão longínquos cuja recordação se perdeu na noite dos tempos nos precederam na descoberta e viveram talvez civilizações tão ou mais avançadas do que a nossa?

Portanto, as provas obcecantes parecem ignoradas pelos homens, como se ninguém tivesse investigado os textos de pedra!

Impossível!

Alguns, os mais sábios, os mais iniciados, devem ter compreendido, traduzido. Mas não falaram!

E daí se extrai uma conclusão evidente: existia uma sociedade de mistérios, uma conjuração de iniciados, que, sem dúvida, tinha por missão ocultar dos humanos a aventura prodigiosa dos seus antepassados.

Depois desses antepassados, e através dos homens do sílex, dos Sumérios, dos Gregos, dos Gauleses e dos homens da Idade Média, fora transmitido um conhecimento superior, sem que no

entanto fosse revelado pelo menos o essencial, o perigoso!

Essa conjura existiria pelo menos há seis mil anos, derramando sobre os homens o saber científico que eles podem assimilar sem perigo, mas dissimulando aquele cuja divulgação seria perigosa.

Os conjurados incluíam nas suas ordens os chefes de sinqüias egípcias, judaicas, indianas, muçulmanas, cristãs; os pontífices religiosos da Europa, da Ásia e da África; certos xamãs mongóis ou da América Central; e monges ocidentais.

A tradição, as mensagens transmitem-se oralmente, mas, no entanto, existem transcrições⁹ na Biblioteca do Vaticano, nas bibliotecas dos imãs iniciados do Magrebe e do Médio Oriente, nos museus onde se mantêm as tábuas da Babilônia (tábuas que não querem traduzir), certamente em Tiahuanaco, no Museu do Homem, em Paris, em Istambul e em Pequim.

Há pelo menos 6.000 mil anos, certos homens sabem determinadas coisas que têm por missão não divulgar.

E há também 6.000 anos, homens que o não sabem tentam, paralelamente, inventar, criar, fazer avançar a ciência e a civilização.

Embora não exista antagonismo entre os conjurados e os investigadores, aqueles travariam a evolução. Atualmente, talvez eles ainda conservem a chave que abre o santuário interdito, mas os sábios estão perto de reinventar tudo o que o santuário contém, talvez mesmo mais.

Por uma inversão dos papéis, esses investigadores preparam, por sua vez, uma nova conjura. A humanidade indiferente — com muito raras exceções — ignora tudo a respeito dessa guerra secreta que se desenvolve na sombra, na qual está em jogo o futuro da humanidade, a supremacia.

Uma nova era começou¹⁰ desde que os investigadores atingiram ou ultrapassaram os mestres antigos.

A vida é fantástica

Em suma, as recentes descobertas na bioquímica e na física nuclear talvez deem a chave daquilo que, com vigilante cuidado, Moisés e os grandes iniciados mantiveram secreto.

É lícito acreditar que os processos de fabricação da bomba H, das drogas farmaco-dinâmicas e dos carburantes de foguetões espaciais se encontram no Pentágono e no Kremlin, mas também, desde há séculos, no Vaticano, em Rabat e em Bénarès. Assim se desmascara pouco a pouco a história desconhecida da humanidade, cuja gênese mergulha nos abismos do passado e sem dúvida também nos do cosmos.

Cada vez mais, a aventura humana afasta-se do contexto terreno para se integrar, sem limitação de tempo nem de espaço, na evolução universal. O que nós sabemos já foi conhecido, e os próximos discos voadores que partirão em direção à Lua ou a Vênus não farão mais do que retomar os caminhos siderais que conduzem às nossas antigas colônias ou às nossas antigas necrópoles.

A ciência, do infinito passado ao infinito futuro, está sempre no estádio do presente.

Já alguns espíritos curiosos e imprudentes tinham pressentido esse fantástico: Anaximandro, Epicuro, Petron d'Himère, Orígenes, Archelaus de Mileto, Plutarco¹¹, Lucrécio¹², Roger Bacon¹³,

⁹ As transcrições mais conhecidas são a Bíblia e o Talmude.

O primeiro livro do Pentateuco, em particular (Criação do Mundo), que se deve a Moisés, revela um segredo científico expresso à medida da compreensão antiga, mas que ultrapassa os conhecimentos modernos.

¹⁰ A nova era começou em 1940-44 com a aparição da bomba atômica e a ciência nuclear. Todos os livros que tratam de química, de bioquímica, de física e também de filosofia a partir dessa data ficaram sem atualidade. Foram mudados em todas as universidades.

¹¹ Plutarco: *A Cessação dos Oráculos*.

¹² Lucrécio: *De Natura Rerum*.

¹³ Roger Bacon: *Speculum Alchimiae — Opus Majus* e, sobretudo, *Tratado de Óptica ou de Perspectiva*.

Descartes¹⁴, Swedenborg, Young, Milton¹⁵, Eliphaz Lévi e muitos outros.

Camille Flammarion¹⁶, no seu tempo, exprimiu hipóteses que os sábios acolheram com um sorriso de comiseração. Ele interpretou o cosmos, agitou todos os problemas, mas sem dar a mínima parcela de prova.

No entanto, ele abriu caminho ao inacreditável. Na América, na França, na Inglaterra, na Alemanha, outros espíritos curiosos prosseguiram esse caminho: Charles Hoy Fort, Arthur Machen, Robert Amadou, Gérard Heym, Garcia Beltran. Pertenceria a Louis Pauwels e a Jacques Bergier forçar as últimas portas do insólito e apresentar ao grande público apavorado, mas conquistado, numa obra admirável, a consciência e a realidade do fantástico¹⁷.

Do infinitamente longe ao infinitamente perto, do infinitamente grande ao absurdamente banal, o fantástico está sempre presente. A própria vida quotidiana é fantástica, não apenas devido aos foguetões que se dirigem a caminho do cosmos, à televisão ou às drogas miraculosas, mas também por aquilo que salta aos olhos e que ninguém vê, por *aquilo que é oculto e que ninguém quer saber*.

Durante 2.000 anos, os habitantes do Grand-Pressigny (Indre-et-Loire), a quinze quilômetros de La Roche-Posay, pisaram milhões de sílices cortados (grande número deles atingiam o tamanho de um pão de quilo) e indiscutivelmente trabalhados pelo homem. No entanto, ninguém pensara que esses enormes sílices, sobre os quais passavam as charruas, os cascos dos cavalos e os pés dos lavradores, eram instrumentos.

Ninguém — ou quase — o sabe ainda: os raspadores, os *nucléi* procurados pelos arqueólogos do mundo inteiro cobrem 4.000 hectares de campos. Podem ser apanhados com o auxílio de uma pá e de um carrinho de mão. Pode-se, no espaço de uma hora, constituir um pequeno museu. Quem se preocupa com isso?

Devem citar-se outros exemplos do nosso fantástico quotidiano. Perguntemos a dez pessoas de que forma está indicada a quarta hora no mostrador de algarismos romanos dos seus relógios. I-II-III... e em seguida? Em cada dez pessoas, nove enganar-se-ão¹⁸.

Mais espantoso ainda: Os passageiros do *Normandie* jamais souberam que durante a sua primeira viagem Havre-Nova Iorque, em Maio de 1935, o paquete chegou à América priticamente sem hélices. Tinham sido devoradas pelos ultra-sons¹⁹.

Em contrapartida, acham-se extraordinárias as experiências dos Americanos sobre os seus campos de aviação: o nevoeiro dissipado, condensado em chuva por poderosas emissões de ultra-sons.

Por vezes, também, o fantástico encontra uma explicação aceitável, como nos misteriosos acidentes sofridos por Pierre Michelin ou, até, pelo escritor Albert Camus.

As estradas com malefícios

A 4 de Janeiro de 1960, às 14:10 horas, Albert Camus encontra a morte ao embater num plátano ao quilómetro 88,4 da Estrada Nacional 5, entre Pont-sur-Yonne e Paris.

— Que coincidência — disse algumas horas mais tarde o condutor do carro mortuário de Villeblevin. — É o segundo habitante de Lourmarin que morre neste sítio e justamente contra o plátano do quilómetro 88,4!

Quarenta anos antes, alguns ciganos expulsos das ruínas do Castelo de Lourmarin (Vauclu-

14 Descartes: *Méditations Métaphysiques*.

15 Milton: *O Paraíso Perdido*.

16 *La Pluralité des Mondes Habites*, 1862.

17 *Le Matin des Magiciens* (Traduzido para português sob o título *O Despertar dos Mágicos*, ed. Bertrand).

18 A quarta hora, na maior parte dos mostradores com algarismos romanos, é indicada por 4 pauzinhos: IIII, e não pelo algarismo IV.

19 O professor Prudhomme, do Instituto Pasteur, estudou as razões dessa deterioração, identificou os ultra-sons como culpados e preconizou o uso de hélices com faces abauladas, que eliminaram esse inconveniente.

se) lançaram uma maldição sobre todos aqueles que viessem a morar nessa velha habitação. Entre 1925 e 1960, doze pessoas que faziam parte dos frequentadores habituais do castelo morreram subitamente ou de morte muito pouco natural. Albert Camus, que ria da maldição, foi a décima terceira vítima.

Na Alemanha, na estrada de Bremen a Bremerhafen, o marco 23,9 parece destinado ao mesmo papel. Perto dele, a 12 de Abril de 1931, o explorador Trintler e o seu motorista encontraram a morte. Como os acidentes mortais se repetissem no mesmo local, o marco foi retirado e transportado para o Museu de Bremen, sem que no entanto a maldição fosse conjurada: os automóveis continuaram a chocar no mesmo ponto ou a esmagarem-se contra as árvores da estrada.

Em 1949, o industrial Jean-Luc Michelin ia a cento e vinte quilómetros à hora sobre o troço largo, retilíneo, da Estrada Nacional 7, entre Briare e Montargis.

Não havia qualquer outra viatura à vista. De súbito, e sem qualquer razão aparente, o automóvel saiu da estrada e foi de encontro a uma árvore das que havia à beira da estrada, explodindo com fragor.

— É curioso — disse uma testemunha do acidente. — O automóvel ia depressa, mas o caminho estava livre. Durante dez anos, houve bem umas dez pessoas mortas neste sítio²⁰.

Deram-se em breve explicações incoerentes: existem locais malditos. É a vingança da estrada sobre os reis do pneu.

O acidente de Albert Camus, seja qual for o ângulo por que seja analisado, apresenta um aspecto misterioso: era matematicamente impossível — nem uma probabilidade em cem milhões — que dois habitantes de Lourmarin, no Vaucluse, pudessem encontrar a morte a seiscentos quilómetros de distância da sua aldeia, sobre a mesma árvore do Yonne.

No que se refere aos Michelin, uma explicação científica, insólita e no entanto verosímil, foi encontrada por um médico do Hospital Saint-Anne, de Paris. Essa explicação foi claramente formulada por um outro médico, o doutor Marcei Lapipe, laureado da Academia de Medicina:

Todo o indivíduo que recebe nos olhos dez relâmpagos por segundo entra em crise, se é predisposto à epilepsia. Quando o Sol se põe atrás da fileira de árvores da Estrada Nacional 7, um automobilista que vá a cento e vinte quilómetros à hora recebe o jogo de sombras e claridades, entre os troncos e as ramadas, exatamente dez flashes luminosos por segundo.

Pierre Michelin fora vítima desse perigoso fenómeno.

Aquilo que os olhos não podem ver e o espírito não quer compreender ultrapassa largamente o mistério da vida quotidiana. Elementos inexplicáveis penetram na História e na tradição, alterando os nossos hábitos de pensamento, o nosso bom senso.

O mais longe que os homens podem voltar atrás na sua gênese parece ser a época em que os antepassados que ainda mal pensavam, descendentes dos seus pais gorilas que habitavam em cima das árvores, talhavam os seus utensílios no sílex, lutavam corpo-a-corpo contra os ursos e ornamentavam as grutas com desenhos intensamente coloridos com significado mágico.

Mas esses rústicos serão de fato aqueles que deram origem à tradição da árvore, da maçã e da serpente?

Não fala a Bíblia em antepassados superiores?

Alguns textos revelados e as recentes descobertas iluminaram o céu desconhecido das eras geológicas, talvez até ao limite zero onde teve início a tradição.

²⁰ A família Michelin e seus aliados sofreram particularmente:

1937 — Pierre Michelin e quatro passageiros mortos entre Briare e Montargis.

1947 — Pierre Boulanger, presidente da Sociedade Michelin, escapa por pouco à morte entre Briare e Montargis.

1949 — Jean-Luc Michelin e três pessoas morrem entre Briare e Montargis.

Do seu estudo surgirá um passado inédito para o qual nós inventamos uma palavra completamente nova e refulgente de mistério: a Primi-História!

OS ANTEPASSADOS SUPERIORES

Não existiu *homo sapiens* — o homem sábio — para aquém do antepassado pré-histórico de Neanderthal ou de Cro-magnon, que apenas conhecia o sílex: eis o que nos diz a ciência clássica.

Mas com o avançar fulgurante dos homens da aventura cósmica, com a descoberta das mensagens de Tiahuanaco e de Piri Réis, temos agora a certeza de que a hora da humanidade ainda não soou nas grutas de além-Reno ou dos Eyzies.

Como se o homem, esse construtor nato, descendente, segundo dizem os pré-historiadores, do gorila da era terciária — que por seu lado constrói todos os dias a sua cabana de ramagens —, como se por conseguinte o homem tivesse habitado as cavernas!

É necessário em primeiro lugar opormo-nos a um certo número de noções estabelecidas.

Os homens pré-históricos sabiam construir casas de pedras, choupanas, fortificações. Em parte alguma se encontram grutas cavadas, preparadas, para virem a ser habitações mais confortáveis. Ora, é evidente que os homens do sílex não teriam deixado de as preparar caso lhes tivessem servido de casa.

As cavernas serviam, sim, de oficinas, de telheiros — como nos nossos dias — e, também como presentemente, podiam abrigar excepcionalmente alguns indivíduos pouco afortunados.

De fato, se os homens tivessem habitado as cavernas, onde os situáramos nesses feudos pré-históricos que deram o seu nome a épocas geológicas mundialmente conhecidas; o Tardenosiano, o Pressigniniano, o Acheuliano, o Cheliano, o Levalosiano? Onde encontrar cavernas como as de Fère-en-Tardenois, Saint-Acheul, no Pas-de-Calais, Chelles, Levallois-Perret?

O Grand-Pressigny (Indre-et-Loáre) orgulhou-se de possuir as mais vastas oficinas mundiais de corte de sílex: milhões de *nucléi*, de raspadores, de martelos, juncam quatro mil hectares de campos, atingindo um a dois metros de espessura. Não se encontra uma única gruta em tais paragens.

Em Charroux (Viena), erguiam-se na época pré-histórica oficinas tão importantes que se apanham machados a cada passo numa área de dez hectares de terras. Esse terreno — o segundo do globo — fica nas proximidades (quatro ou cinco quilômetros) de quarenta e nove cavernas que perfuram as vertentes do rio Charente. Nenhuma dessas cavernas, minuciosamente pesquisadas, apresenta vestígios de ter sido habitada.

Além disso, como admitir que o homem, que cobre o mundo de milhões de casas, de cercas e de castelos, não tenha sabido construir, desde a sua primeira aparição, da mesma maneira como a maior parte dos animais sabe construir, fiar, edificar e consertar?

Aliás, temos provas de que o homem pré-histórico sabia construir e de que foram utilizadas sutis perífrases para dissimular esse fato primordial.

No seu livro *Les Hommes de la Pierre Ancienne*, duas autoridades, o padre Breuil e o professor Lantier, escrevem textualmente: *As civilizações pré-históricas conheceram igualmente o forno de cozer: forno de pedras secas do Drachenloch, circular, forno de Noailles (Corrèze), de superfície retangular, feito de pedras sobrepostas, ligeiramente inclinadas para o interior e cujos espaços vazios entre os ângulos foram preenchidos com pedras mais pequenas, mantidas por uma mis-*

tura de argila, calcário e areia... Bela perífrase para dizer muito simplesmente: *pedras cimentadas*.

As incertezas da Pré-História

Por conseguinte, se os homens da Pré-História conheciam a argamassa, se sabiam cimentar, esses homens não podiam deixar de construir paredes de casas. É perfeitamente evidente.

E daí resulta uma consequência lógica: eles não habitavam grutas, eles mobiliavam as suas casas, eles trabalhavam a madeira¹ além dos ossos, o couro e o tecido; em suma, os homens pré-históricos saem irremediavelmente da noite onde pretendiam mergulhá-los e adquirem o seu verdadeiro aspecto.

Falam-nos numa Idade da Pedra Polida posterior à Idade da Pedra Lascada. Quer dizer, os homens teriam em primeiro lugar fendido o sílex para fazer ferramentas, depois, civilizando-se pouco a pouco, teriam atingido a época mais evoluída da pedra polida. Isto parece absolutamente discutível.

Em primeiro lugar, nunca existiu a Idade da Pedra Polida pela simples razão de que se encontram muito poucos instrumentos polidos: um único entre milhões de utensílios de sílex fendido.

Os machados polidos, de que tanto caso se faz, para nada servem: sendo redondos, não podem nem cortar, nem raspar, nem serrar senão muito dificilmente, ao passo que o menor sílex fendido é de um emprego fácil, imediato.

Esses machados polidos (pois noventa e nove vezes em cada cem trata-se de machados) são provavelmente machados votivos, armas de panóplias, de ornamento, presentes que se ofereciam ou que eram polidos por uma questão de arte, por recreio. Talvez igualmente uma moeda de câmbio.

Além disso, não existem campos de sílex polidos. Esses machados encontram-se nos campos de sílex fendido, misturados com as ferramentas lascadas.

Finalmente, há o bom senso.

Ao exprimirmos um dia a nossa ideia ao professor Nouvel, diretor do jardim zoológico de Vincennes e do Jardim das Plantas de Paris, ouvimo-lo exclamar:

— É insensato! Qualquer pessoa pode polir o sílex... mas ninguém o sabe fender!

Se houve uma Idade da Pedra Polida, ela é certamente anterior à do sílex trabalhado. Em França, existem apenas quatro ou cinco pessoas capazes de fender — muito mal — o sílex; mas, com um pouco de paciência, encontraríamos milhões de franceses capazes de polir um machado.

Além disso, a teoria que afirma que o homem descende do macaco, que diz que o homem é um ser obtuso na sua origem, não está de forma alguma demonstrada. Os pré-historiadores procuram desde há um século esqueletos de homens pré-históricos com a idade de um milhão de anos, susceptíveis de dar crédito à sua tese. Senão fizeram descobertas decisivas, em contrapartida arquitetaram um processo². Assim nasceram o procônsul, o homem de Grossetto, o zinjantropo, o pitecantropo, o atlantropo, o africanthropo, etc.

Resultado muito inferior, na verdade, que poderíamos resumir da seguinte forma: as tíbias do Grossetto, o maxilar do atlantropo; um pequenino monte de cinzas, é o zinjantropo; uma cúpula de

¹ Foram encontrados nas cavernas micrólitos misturados na argila. De que poderiam servir esses utensílios minúsculos? O mistério nunca foi esclarecido. Provavelmente, para trabalhar, cavar, decorar uma matéria abundante e muito utilizada, pois podem apañar-se os micrólitos aos milhões.

Logicamente, deve pensar-se que serviam para trabalhar a madeira e então impõe-se uma hipótese que, a nossos olhos, tem o valor de uma evidência: os homens pré-históricos, os homens do sílex, utilizavam em primeiro lugar a *madeira!* Indiscutivelmente, a madeira era a base da sua indústria.

² Mesmo admitindo que a Terra fosse extremamente pouco povoada, 100.000 homens em média e 100.000 animais selvagens (o que é ridiculamente baixo), a espessura das ossadas repartidas sobre a Terra durante um milhão de anos seria formada por mais de 600.000 esqueletos.

É impossível que se não desagreguem matérias orgânicas em cem vezes menos tempo, mas se qualquer coisa subsistisse seria uma verdadeira montanha de ossadas.

gesso do tamanho da palma da mão, é o sinantropo, de que infelizmente já não possuímos o original; fragmentos do australopiteco, migalhas do plesiantropo. Quanto ao homem de Piltdown, trata-se de uma fraude. No que respeita ao sinantropo, Marcellin Boule foi de opinião de que se tratava de um animal de caça³.

O volume da caixa craniana desses antepassados não ultrapassava 600 ou 700 centímetros cúbicos, ao passo que a caixa craniana do homem tem 1.500 a 1.600 centímetros cúbicos. Os nossos antepassados teriam apenas tido a inteligência e as capacidades do gorila.

Como é possível, apenas com uma mancha de ossadas, das quais uma é em gesso e as outras falsas ou contestadas, pretender edificar uma ciência exata?

Na verdade, essa ciência só se baseia em hipóteses discutíveis. Não existem esqueletos de homens pré-históricos que estabeleçam os elos entre o macaco e o homem. Apenas se encontram crânios com 1.100, 1.200, 1.300, 1.400 centímetros cúbicos, quer dizer, os crânios dos primatas mais próximos de nós, aqueles que, precisamente, deviam ser mais facilmente descobertos. Daí uma certa tendência para deturpar a Pré-História.

Finge-se ignorar que os homens do Paleolítico sabiam construir, habitavam cidades fortificadas, com ruas, artesãos, e sem dúvida até mesmo com cabeleireiros⁴. Chegam mesmo a sequestrar-se nos «infernos», museus, índices e provas.

Quanto às avaliações cronológicas, o empirismo do parecer dos peritos é resultante de pura e simples invenção.

Agitaram o famoso, o todo-poderoso carbono 14 para numerar a antiguidade de ossadas ou de matérias orgânicas. Ora, é absolutamente insustentável que o carbono 14 possa dar a menor indicação cronológica em relação à Pré-História.

A margem de erro cíclico do carbono 14 vai de cinquenta por cento até 5.568 anos; atinge oitenta por cento de 5.000 a 10.000 anos e, em seguida, o carbono pode também indicar 15.000 ou 50.000 à escolha ou segundo apetece.

Se o carbono 14 fosse eficaz, saber-se-ia, por exemplo, como calcular a idade exata das pinturas rupestres das grutas de Lascaux, onde foram encontradas ossadas.

Na América, o procedimento do carbono 14 é muitas vezes denunciado como um *bluff* e uma fraude. O doutor Morlet relata num dos seus trabalhos sobre a Pré-História todas as suas diligências junto dos sábios americanos, especialistas dessa técnica, para calcular a idade do terreno do Campo dos Mortos de Glozel.

Responderam-lhe que «estabelecer uma idade pelo método do carbono 14 não podia realizar-se propriamente sobre ossadas».

Jean Marechal, chefe do laboratório do Museu das Antiguidades Nacionais, esclarece, por outro lado, a quantidade de matéria necessária para uma peritagem:

Dentes — marfim — ossos = 2,200 kg.

Repare-se que determinaram a idade dos achados — sobretudo de pedaços de crânios — a partir de bocados com apenas alguns gramas, e que a descoberta toda por inteiro não excedia geralmente 300 gramas!

À exceção desse sistema, as avaliações fazem-se sem ter em conta uma quantidade de imponderáveis, tais como as condições climáticas de um local de que se ignora tudo.

Quanto a fixar uma data para o aparecimento do homem sobre a Terra, é um caso muito

³ Em *Les Hommes de la Pierre Ancienne*, de H. Breuil e R. Lantier, pode ler-se na página 149, a propósito do balanço a respeito do homem de Neanderthal: «No total, 1 esqueleto, 9 crânios, 5 maxilares e numerosos fragmentos de ossadas.»

Na página 150: «Os restos humanos europeus mais antigos são infinitamente mais raros. Apenas três podem ser conservados.» E entre esses «três» figura o crânio de Piltdown... que era uma brincadeira de estudantes!

⁴ O padre Breuil, na sua obra *Les Hommes de la Pierre Ancienne*, fala de cabelos cortados «à nubiana» ou «dispostos em dois pequenos tufos».

complicado. As avaliações oscilam entre 50.000 anos (Neanderthal e Aurinhacense) e dez milhões de anos.

Com um maxilar laminado como uma chapa de ferro (de uma criança de cinco a sete anos, supõe-se) incrustado num pedaço de carvão, o professor Johannes Hurzeler, do Museu de História Natural de Bâle, descobriu o homem mais velho do mundo! Um homem da Época Terciária. Ao mesmo tempo, Johannes Hurzeler nega o evolucionismo darwiniano e proclama:

— Não existe nem uma probabilidade em mil de o homem descender do macaco.

A Pré-História clássica imagina os nossos antepassados segundo esqueletos de indivíduos aparentemente degenerados que teriam habitado as cavernas, e segundo a qualidade do material encontrado a seu lado. Dentro de um milhão de anos (admitindo uma próxima destruição do nosso planeta) não se encontrarão os esqueletos de Becquerel, de Rodin, de Renoir, de Einstein, de Fermi, de Picasso reduzidos a cinzas impalpáveis, dissolvidos assim como o seu invólucro carnal e o caixão de carvalho maciço? Por acaso, numa caverna do Poitou, de Indre-et-Loire ou da Provença, viria a ser exumado o esqueleto de um mendigo ou de um bêbedo antigo troglodita (existem ainda aos milhares em França) que tivesse morrido dentro da sua caverna habitação.

O esqueleto, bem conservado com calcário seco, teria resistido ao tempo. Os pré-historiadores do ano 1.001.963 deduziriam gravemente:

— O homem do século XX depois de Cristo media 1,60 m. Era corcunda, tinha as pernas tortas, era escrofuloso. O seu volume craniano era de 1.500 centímetros cúbicos e o seu intelecto ligeiramente mais evoluído dos que o de um gorila. A sua civilização permitia-lhe conhecer o cântaro de barro. Tinha como abrigo pedras sobrepostas e não conhecia nem a habitação nem, por conseguinte, a porta, a janela, a chaminé.

Se o troglodita fosse um antigo soldado do 6.º Regimento de Engenharia, poderiam ser encontrados junto do seu esqueleto os dois sílices da praxe que devem figurar na mochila dos atiradores de 1.ª classe, para provocar uma explosão retardada.

Daí se deduziria ainda, devido a um raciocínio lógico, que o homem de 1963 ignorava o ferro e o bronze (irremediavelmente destruído em poucos milênios) e estava ainda na era do sílex.

Cidades inteiras, vastas como Nova Iorque, Londres ou Paris, desapareceriam sem deixar vestígios, sepultadas ou desagregadas ao fundo de imensos vales ou reduzidas a areia caso estivessem edificadas sobre planaltos ou nos flancos de montanhas⁵.

Sim, areia. Milhões de punhados de areia e de pó, seria tudo o que restaria dos nossos muros, das nossas casas, dos nossos vitrais, dos nossos metais e das nossas matérias plásticas.

E a areia dos mares, em parte, talvez seja apenas isso: cidades outrora esplendorosas, palácios, templos, objetos de luxo ou maravilhosamente trabalhados, vitrais de catedrais, vitrinas de grandes estabelecimentos...

Talvez subsistissem apenas as pedras preciosas, pelo menos durante um certo tempo; e com certeza os sílices, que permanecem nos campos ao passo que tudo o resto desapareceu⁶.

A ciência pré-histórica é lenta e difícil de progredir. O muito erudito representante do Ministério das Belas-Artes de um departamento muito próximo de Indre-et-Loire levou sete anos a decidir-se a dar uma pequena volta pelos prestigiosos campos de sílex do Grande-Pressigny.

Foram necessárias dezenas de anos para que fossem admitidas as pinturas rupestres de Altamira, em Espanha, e anos para que adquirisse crédito o Mas d'Azil e Rouffignac.

Em Savigné (Viena), ninguém se preocupa em reconhecer ou preservar a vasta necrópole

⁵ As antigas cidades de Babilônia e de Sabá são priticamente impossíveis de encontrar após 400 anos. Em França, já não sabemos situar Gergovie, Alésia e Vouillé.

⁶ As matérias orgânicas, os metais, os metaloides, exceto o sílex, o jaspe, o vidro e alguns compostos de silício, deterioraram-se em alguns milênios.

Num milhão de anos, tudo volta a ser pó. E não podemos deixar de nos maravilhar ao lembrar uma das verdades mais poderosas — e além disso verdade científica — expressa no Novo Testamento: «Lembra-te, ó homem, que és apenas pó e pó voltarás a ser.»

merovingiana, cujos sarcófagos são quebrados para empedrar estradas e construir muros.

Em Charroux, e ainda em Poitou, foram descobertos em 1962, campos de sílex onde se encontram com abundância machados esculpidos (foram apanhados, num mês, 500 a 600). Levados ao conhecimento do público por meio de todos os jornais regionais, com o apoio de fotografias, nenhum jornal oficial se preocupou com o assunto.

E, no entanto, o solo está juncado de machados numa área de 100 hectares e esse terreno é sem dúvida o mais rico do mundo.

Em Loir-et-Cher, situa-se um terreno miraculoso sobre uma antiga necrópole romana onde o doutor Filloux, de Contres, encontrou ânforas, olarias e vidros que fariam o orgulho dos museus de Paris, de Nova Iorque e de Londres. Esse terreno está ao abandono.

Atualmente, as possantes máquinas agrícolas trituram os utensílios de sílex esculpido que juncam os campos da Indre-et-Loire, de Viena, da Charente, da Dordonha, do Lot.

Já é tarde para reagir. Dentro de dois, três anos, será tarde demais, os sílex estarão reduzidos a pó. Toda a nossa herança pré-histórica ainda enterrada estará irremediavelmente perdida.

Foi a pequena sociedade arqueológica de Charroux (Viena) que provocou o alarme, lançando um apelo à Unesco, à Presidência da República, ao Museu do Homem e à Imprensa.

Eis a seguir um resumo do manifesto, publicado por *La Nouvelle République, Centre Presse e Aux Ecoutes*:

**SALVEM O NOSSO PATRIMÔNIO!
VAI SER COMETIDO UM CRIME IRREPARÁVEL**

As duas mais importantes oficinas da época pré-histórica situam-se no Grand-Pressigny, Indre-et-Loire (quatro mil hectares), e em Charroux, Viena (cem hectares)...

Desde há anos, os tratores com três relhas, os pulverizadores e os rotovators trituram a preciosa herança dos nossos antepassados. FAZEI QUALQUER COISA!

Nós amamos o nosso país. Não queremos que uma das suas mais preciosas riquezas seja destruída por indiferença, negligência ou incúria...

Pedimos que os campos oficinas do Grand-Pressigny e de Charroux sejam classificados e pesquisados a expensas do Estado e sob vigilância esclarecida.

As despesas não excederiam algumas centenas de milhares de francos (antigos).

De nada serviu.

Portanto, que crédito podemos dar às afirmações daqueles que nem sequer têm a preocupação de salvar o legado dos nossos antepassados? Não sacrificaram eles já os mais preciosos documentos legados pelas antigas civilizações; os tijolos de Glozel, nos quais os homens da Era Neolítica deixaram — em escrita alfabética linear — uma mensagem pré-histórica capital? E não apenas a mensagem escrita, mas também ossos gravados — os mais belos possíveis —, braceletes, colares, pratos; toda a expressão artística e já intelectual de um povo contemporâneo do sílex dotado de uma cultura que revoluciona todos os dados clássicos.

Glozel é autêntico

Glozel é incontestavelmente autêntico, reconhecido como tal pela imensa maioria dos pré-historiadores do mundo inteiro.

Glozel é um lugarejo de quatro casas na comuna de Ferrières (Allier), a cerca de vinte quilômetros ao sul de Vichy.

A questão principiou a 1 de Março de 1924, quando o jovem Emile Fradin e seu avô Claude encontraram ladrilhos, tábuas gravadas, dois trinchetes, dois pequenos machados e dois calhaus com inscrições. Trinta e três testemunhas, entre as quais Augustin Bert, professor em Ferrières, e o padre Naud, cura-deão da paróquia, atestaram a autenticidade da descoberta.

Durante o Verão (não há pressas nem curiosidade no meio pré-histórico), a Sociedade de Emulação (*sic*) do Bourbonnais dirigiu-se ao local, depois enviou fragmentos ao doutor Capitan, das Belas-Artes.

Capitan deixou os fragmentos esquecidos em qualquer parte, durante treze meses, e depois, um belo dia, dirigiu-se a Glozel e declarou ao doutor Morlet que resolvera tomar a direção das pesquisas:

— Tem aqui um terreno maravilhoso... Faça-me um relatório pormenorizado⁷.

Glozel fora reconhecido, supunha-se.

O mundo espantado iria descobrir uma civilização desconhecida e, bem entendido, todos aqueles que não tinham participado nessa descoberta recolheriam os louros, receberiam as palmas acadêmicas ou progrediriam em honrarias.

O doutor Morlet, pioneiro da descoberta, não foi da mesma opinião e, antes de enviar o seu relatório, publicou-o, a 23 de Setembro de 1925, sob o título de *Nouvelle Staticm Néolithique*.

Capitan, desiludido, furioso, pediu a Morlet que fosse a Paris.

— O senhor não é conhecido, o seu volume não se venderá. Ponha o meu nome em vez do nome de Fradin (testemunhado e publicado pelo cônego Cote).

O doutor Morlet recusou. E assim desapareceu Glozel: de um dia para o outro, o terreno foi contestado, ridicularizado.

Ainda mais, os Fradin foram julgados pelo tribunal correcional porque cobravam uma taxa a quem queria visitar o seu museu; fraude e aldrabice (exatamente, empresa pecuniária para mostrar os produtos de uma mistificação)!

No entanto, em 1926, o padre Breuil, depois de Capitan, declarou:

— Trata-se realmente do Neolítico. Agradeço-lhe muito, o senhor convenceu-me.

Mas após a recusa do doutor Morlet de ligar o nome de Capitan à magnífica descoberta, tentavam arruinar os Fradin e a sua descoberta. No seu corajoso livro *Glozel, Trent Ans Après*, o cônego Léon Cote afirma que essa reviravolta foi originada por motivos pessoais, devida em grande parte ao padre Breuil.

No meio científico era suficientemente conhecida a temível trindade Capitan, Breuil, Peyroni (conservador do Museu das Eyzies), que constituía uma firma exclusiva em Pré-História. Ora, a descoberta de Glozel apanhara os três homens desprevenidos, perturbando as suas teses, sem lhes dar tempo a preparar as suas reações.

Se ao menos essas descobertas tivessem sido feitas por um especialista com patente, com galões, com selo acadêmico, aceitariam! Mas o inventor era um profano, que se dizia independente. Recusara colocar-se sob o seu patronato, pretendendo passar por cavaleiro isolado e encolhia os ombros quando lhe propunham que o seu nome desconhecido figurasse modestamente atrás das suas assinaturas.

Todos os processos serviram: cartas anônimas, falsos telegramas, fraudes. Um dia o doutor Morlet apanhou a senhora Garrod, eminência parda do padre Breuil, em flagrante delito de falsificação, escavando o terreno, na altura em que operava a Comissão de Pesquisas.

— *Mademoiselle*, foi a senhora quem fez esse buraco! — exclamou o doutor Morlet que a vijava cuidadosamente.

— Não, não, não é verdade! — respondeu ela por duas vezes.

⁷ Léon Cote, *Glozel, Trente Ans Après*, Saint-Etienne, 1959.

— Olhe que tenho testemunhas...

— Pois bem, fui eu, sim!...

Um fotógrafo pôde fotografar a cena no próprio local. Vê-se a senhora Garrod de cabeça baixa enquanto Morlet, em presença das testemunhas Tricot-Royer e Mallat, explica à comissão o que acaba de passar-se⁸.

Em suma, para perder Glozel e desonrar pessoas honestas, tudo foi utilizado com tanta fúria e desonestidade que o conselho municipal de Ferrières e depois a Liga dos Direitos do Homem tiveram de intervir! Além disso, a justiça não seguiu os órgãos oficiais: em primeiro lugar no tribunal correcional, depois no recurso e no supremo ela destruiu todas as provas da acusação e proferiu uma decisão favorável aos Fradin.

Esse pequeno camponês de França ganhara contra os poderosos pontífices. Era, de fato, preciso ter razão!

Quando o honesto Claude Fradin morreu, em 1951, o padre Léon Cote dedicou-lhe o seguinte epitáfio tragicamente humorístico:

À MEMÓRIA DE CLAUDE FRADIN
CAMPONÊS DE FRANÇA
ARQUEÓLOGO INVOLUNTÁRIO
COMBATENTE DA GUERRA DOS TIJOLOS
E QUE MORREU

SEM TER PERGUNTADO A SI PRÓPRIO
SE A ARQUEOLOGIA DOS MANDARINS
NÃO SERIA UMA CIÊNCIA EM QUE SE BALBUCIA
AINDA MAIS DO QUE SE PESQUISA

L. C.

Eis portanto Glozel reabilitado, mas ainda sob a ameaça da calúnia.

No entanto a descoberta é prodigiosa⁹: uma biblioteca neolítica com mais de 100 tábuas com caracteres alfabéticos — o primeiro alfabeto conhecido —, utensílios de pedra fendida, maravilhosos calhaus gravados e desenhados, artigos de olaria absolutamente únicos. É em Glozel que a ciência e o mundo inteiro encontram o veio incontestável que liga a nossa civilização à dos nossos longínquos antepassados.

Numa época com cerca de 10.000 a 15.000 anos, o Madalenense, a acreditarmos nos pareceres dos peritos¹⁰, os homens fizeram ídolos e vasos de terra cozida, representando seres insólitos.

Sobre peças de olaria, sobre calhaus, joias e tábuas de argila cozida, escreveram signos misteriosos de entre os quais alguns têm a forma exata dos nossos V, W, L, H, T, I, K, O, C, J e X.

Esses signos têm um nítido caráter alfabético e estão dispostos em linhas, o que prova indiscutivelmente que os glozelianos conheciam a escrita além da moldagem e da escultura.

Esse conhecimento de artes superiores supõe *a priori* conhecimentos subalternos: alvenaria, construção de casas, marcenaria, carpintaria e ferragens.

8 Léon Cote, Glozel. *Trente Ans Après*, pág. 76 e 77.

9 Por que motivo pretendem encobrir que o mundo inteiro aceita «a autenticidade irrefutável» de Glozel e da escrita linear alfabética? Além de Salomon Reinach, Dépéret e Morlet, já citados, nós acrescentamos os nomes de E. Esperandien, membro do Instituto, J. Loth, membro do Instituto e professor no Colégio de França, Lucien Mayet, professor de Antropologia e de Pré-História na Universidade de Lião, Leite de Vasconcelos, conservador do Museu Etnográfico de Lisboa, Mendes Correia, decano da Faculdade de Ciências do Porto, Constantinescu-Iasi, professor de Arqueologia na Faculdade de Kichinef, V. Madsen, diretor do Serviço Geológico da Dinamarca, Birger Nerman, professor da Universidade de Estocolmo, etc. Todos afirmam «claramente a autenticidade da antiguidade pré-histórica» de Glozel e salientam a «única coisa surpreendente nesse caso: a teimosia dos sábios franceses adversários do doutor Morlet». «É necessário ser cego ou desonesto para negar a autenticidade de Glozel», escreve M. A. Bjorn, conservador do Museu da Universidade de Oslo.

É, portanto, indispensável que cesse a odiosa comédia e as criminosas manobras que tanto prejudicaram a Pré-História falseando um dado essencial do problema.

10 Glozel é incontestável, bem entendido, mas é possível que o situemos demasiado longe no tempo.

Sim, naturalmente: o conhecimento do ferro!

Evidentemente, não se encontra metal pré-histórico pela simples razão de que um instrumento de ferro não se pode conservar senão durante 1000 anos¹¹, mas um fato se mantém com valor de certeza: os homens não puderam inventar a escrita sem conhecer antecipadamente a fusão dos metais.

Outra verificação: se não se encontram — como é óbvio — utensílios de ferro nas oficinas de corte do sílex, também se não encontram utensílios de sílex nas regiões onde o ferro abunda (Alsácia e Lorena, especialmente), mesmo a título de objetos importados. Pode deduzir-se daí que, como nos nossos dias, houve então contemporaneidade do palácio e do casebre, do ferro e do sílex.

Na Idade Média, em França, as facas de sílex ainda eram utilizadas pelos camponeses pobres; os Celtas utilizavam conjuntamente utensílios de ferro, bronze, ouro e sílex.

Em 1912, havia ainda camponeses franceses que lavravam as suas terras com charruas com relhas de madeira. Em 1963, a Idade da Pedra ainda não está ultrapassada, da mesma maneira que há 20.000 anos a Idade do Ferro não estava generalizada. A coexistência foi portanto possível — e provável — nas épocas mais recuadas.

Não há a menor dúvida de que os nossos antepassados pré-históricos possuíam uma cultura mais avançada do que se imagina; a utilização do sílex cabia apenas às classes inferiores.

A ciência e as técnicas de fabricação transmitiam-se sem dúvida entre iniciados que tomavam conta do poder. O que estava gravado em escrita hierática sobre os tijolos de Glozel era absolutamente impenetrável ao vulgo.

Paralelamente à civilização de Glozel, é certo que outras civilizações, mais requintadas ainda, existiam noutros pontos do globo, principalmente em Tiahuanaco, na Bolívia.

Mas os homens evoluídos de Tiahuanaco e de Glozel viam-se impotentes para transmitir os seus conhecimentos à massa humana, da mesma forma que os nossos físicos e biólogos caso ensinassem os Zulus ou os Papuas.

Aliás, desejariam eles revelar o seu saber?

Transmitir a ciência sem ter o poder temporal absoluto teria sido para os iniciados o recomeço do crime ancestral de que tinham como missão preservar a humanidade.

Os conhecimentos superiores seriam um legado de civilizações terrestres muito antigas ou teriam uma origem extraterrena?

Guiam-nos duas quase certezas: a nossa época pré-histórica foi precedida por uma civilização muito avançada; a aventura cósmica que vamos viver foi vivida por outros seres humanos.

É absurdo, ilógico, raciocinar a partir de antepassados inferiores, ridículos, desprovidos de inteligência e mesmo de instinto¹².

11 Determinou-se a Idade do Bronze há 4000 anos e a do Ferro há 3000. É justamente o máximo de conservação possível desses metais.

O físico austríaco Gurlt teria descoberto, em 1886, num bloco de carvão datando da Era Terciária, um paralelepípedo de aço que medira 67 por 67 por 47 mm, com arestas visíveis muito regulares e com um peso de 785 gramas (*Science et Vie*, n.º 516).

O paralelepípedo estaria no Museu de Salzburgo (Áustria). Essa descoberta significaria que antepassados com a idade de dez milhões de anos teriam conhecido os metais, a forma de os trabalhar e por conseguinte uma alta civilização.

M. K. Willvonseder, diretor do Museu de Salzburgo, pensa que se trata de um erro e declara a informação desprovida de fundamento.

Não nos parece possível, por outro lado, que o aço possa ter subsistido durante milênios, portanto fazemos este relato com todas as reservas.

Passa-se o mesmo em relação aos pregos de aço de cabeça achatada descobertos por Charles Brewster num bloco gredoso da Era Secundária. A menos que os nossos antepassados superiores tenham descoberto o segredo de tornar certos metais inoxidáveis, o que não é absolutamente impossível, pois as tradições americanas dizem que 2000 anos antes de Jesus Cristo os índios fabricavam ferro que nunca enferrujava.

No átrio do Templo de Deli, na Índia, a Coluna de Kutub, que dizem ter 4000 anos e é feita de pedaços de ferro soldados ou colados em conjunto, embora exposta às intempéries não apresenta o menor vestígio de alteração ou de ferrugem.

12 Todos os animais têm uma inteligência e um instinto que, por exemplo, lhes provocam a ciência infusa da construção. Os mexilhões, as borboletas, as formigas, as lagartas, têm essa ciência em grau supremo. A Pré-História clássica recusa essas faculdades

A tradição e o bom senso militam a favor de antepassados superiores que tenham cumprido uma cadeia completa de evolução antes de soçobrar, devido a um cataclismo atômico que a ciência repudia, mas que é admitido pelos textos sagrados e pelas tradições.

O drama da Pré-História

Essa catástrofe nuclear não pode ser fixada nem calculada, pois falseou o processo natural de modificações celulares e provocou espontaneamente mutações que em condições normais de pressão e temperatura teriam exigido vários milhões de anos.

As avaliações são portanto falsas na maior parte dos casos, o que explica a incerteza dos pré-historiadores que, por exemplo, conforme lhes apetece, dão ao «primeiro antepassado» humano, o homem de Fontéchevade, 100.000, 400.000, 700.000, 800.000 anos de idade¹³!

A parábola do pecado original revelado pela Bíblia encontra o seu verdadeiro significado e uma relação evidente com a hipótese atômica e o receio ancestral, universal, milenário da fusão dos metais e mais particularmente do ferro.

O ferro sempre foi considerado como o «metal maldito», o metal do diabo e do vulcão. Todos os textos antigos, os Vedas, o Talmude, a Bíblia, os cronistas Hesíodo, Lucrécio, as tradições egípcias e romanas, chamam-lhe o metal vil e pernicioso, e a sua fusão é considerada como obra diabólica.

Outrora, os operários que o trabalhavam eram relegados para o último escalão da humanidade, e ainda nos nossos dias, os Haddades, do Saará, últimos artesãos-ferreiros cuja técnica remontaria ao ano 6000 antes de Cristo formam uma casta à parte, desprezada pelos outros nômadas e vivem em acampamentos afastados. Acontece o mesmo com os ciganos que praticam a fusão.

No entanto, exceptuando o ar, a água, a terra e o fogo, é o ferro o guia das civilizações, antes do ouro, do trigo, do tecido e, talvez, da madeira.

Nada do que constitui o orgulho dos sábios poderia existir sem ele: nem a eletricidade, nem o avião, nem o transatlântico, nem o foguetão sideral, nem a bomba atômica, nem as centrais de energia, nem as oficinas, nem a mais pequena oficina de artesão.

Pode dizer-se que, na fórmula estabelecida pela nossa civilização, o ferro se identifica com a ciência.

Então como explicar a universal maldição que o atacou sempre e em toda a parte senão pelo fato de um cataclismo de que ele foi o responsável?

Os próprios homens pré-históricos fugiam das regiões com minério ferroso, como possuídos de pânico, e fixavam-se sobre a boa terra-mãe, argilosa e calcária.

Ora, o homem pré-histórico — o *homo sapiens* —, se tivesse esse receio, se estivesse embrutecido, deteriorado... se tinha descido a escala evolutiva, não teria sido após um cataclismo ou um acidente a que o ferro estivera associado?

Era esse acidente que seria necessário identificar para compreender a Pré-História... o drama da Pré-História.

A hipótese de uma humanidade superior sujeita a uma explosão atômica há centenas de milhares de anos e, evidentemente, a intervenção de extraterrenos descobrem certos elos de verosimilhança que somos obrigados a levar em consideração: o incompreensível embrutecimento do homem pré-histórico; a maldição do ferro; as mensagens transmitidas pela maior parte das teologias; o mito do paraíso perdido; as tradições dispersas incluindo raças e continentes desaparecidos; as des-

criadoras ao homem.

130 homem de Fontéchevade (que não era mais do que um crânio) foi encontrado em Charente numa caverna hoje destruída, em terrenos argilosos e tão úmidos que toda a conservação aí seria impossível. Os pré-historiadores, por condescendência, atribuíram a esse crânio uma idade fabulosa: 500 a 800.000 anos. Nós retificamos: quando muito, ele pode ter 5000 anos!

cobertas insólitas, Tiahuanaco, Glozel; finalmente, esse destino que temos a íntima certeza de ter vivido.

Começamos a imaginar a gênese do Mundo desde que alguns sábios, ao produzirem energias consideráveis da ordem de 39 milhões de quilojoules, obtiveram corpúsculos com peso, o que demonstra que, com a energia, se criou matéria, que do nada se criou qualquer coisa.

Portanto, daqui em diante pensamos que o Mundo pode ter nascido graças a uma tempestade cósmica, primeiro sob a forma de corpúsculos que deram origem a células. A proliferação desenvolveu-se, sem dúvida, sob altas pressões e numa temperatura elevada — a «sopa quente» dos americanos — favorável às mutações.

Pode admitir-se a evolução biológica clássica indo dos ultravírus aos protozoários, dos peixes aos anfíbios e até ao homem, que uma mutação excepcional criou imediatamente apto, devido à sua inteligência e às suas faculdades, a desenvolver uma civilização certamente superior à dos animais mais dotados: formigas, abelhas, térmites¹⁴.

Depois, o homem procriou, espalhou o seu império sobre a natureza e dirigiu em direção ao futuro o prodigioso destino dos seres fora de série.

Há centenas de milhares, de milhões de anos, os homens da Terra possuíam uma civilização mais ou menos idêntica à nossa. Eles ergueram cidades poderosas e enormes fábricas. Através dos oceanos, as suas frotas asseguravam as trocas comerciais entre os continentes e, no céu, os seus foguetões estabeleciam ligações com os planetas vizinhos e talvez com as estrelas.

Esses antepassados, que conheciam a sua origem, utilizavam as telecomunicações, o rádio, a televisão e as suas fábricas atômicas proporcionavam-lhes um progresso requintado.

Em seguida, deu-se uma catástrofe brutal (explosão nuclear) ou uma lenta deterioração. O progresso voltava-se contra a sociedade. O infinitamente pequeno devorava o infinitamente presunçoso.

Num dia ou em dois séculos, a humanidade foi dizimada. Apenas sobreviveram alguns indivíduos: aqueles que tiveram a sorte de se exilar num planeta vizinho e, por outro lado, as exceções que confirmam a regra e que voltamos a encontrar hoje.

Era preciso recomeçar tudo sobre a Terra.

Apenas podemos supor o que aconteceu aos homens refugiados na Lua, em Marte, em Vênus ou em qualquer outro planeta ou estrela longínqua, mas os nossos atuais conhecimentos a respeito do problema da irradiação permitem-nos reconstituir em parte o drama dos que escaparam com vida e continuaram sobre a Terra.

Esses homens diminuídos, imaginamo-los com tanta maior facilidade quanto é certo que a sua desgraça prefigura o nosso próprio destino.

Portanto, sobrevivem sobre a Terra homens irradiados, mas quase todos perderam o seu instinto, a sua inteligência, após desastrosas mutações. O *homo sapiens* não torna a descer ao estádio original: mergulha nos abismos da inconsciência e da decadência, que o colocam ao mais baixo nível do reino animal. Torna-se fisicamente mais embrutecido, mais despojado que o macaco ou o inseto. No entanto, continua a ser um homem, e mantém no íntimo de si próprio a chama divina de onde pode brotar a regenerescência. Talvez ele se tenha transformado num homem de pele negra, talvez nunca tenha tido a pele branca.

Esse homem larvar, no decorrer dos milênios, torna a subir lentamente a encosta, reconquista um embrião de inteligência e a maior parte das suas qualidades superiores. O homem dos tempos irradiados inventa ou reinventa o utensílio em sílex fendido: constrói uma cabana, depois uma casa.

Da época gloriosa, nada subsistiu: as cidades, as fábricas desapareceram. Nada mais resta de

¹⁴A Igreja não proíbe a doutrina da evolução, tanto mais que ela investiga se o corpo humano foi extraído de uma matéria já com vida, pois a fé católica obriga-nos a admitir a imediata criação das almas por Deus. Encíclica *Humani Generis*, 12 de Agosto de 1950.

material, de tangível, nada exceto na consciência de alguns privilegiados, um pequeno lampejo de recordação e restos de saber disfarçado.

O porco 311

Os novos homens começam a repovoar a Terra e aqueles que conservam o saber agrupam-se quando podem.

No entanto, existiu, em breve digerido pelo magma, o sobrevivente único — senão vários —, e esta hipótese é apoiada pela espantosa aventura do porco 311, aquando da experiência atômica de Bikini¹⁵.

Entre todos os animais submetidos à irradiação, macacos, coelhos, cobaias, cabras, um porco com a matrícula 311, guardado dentro de um velho navio de guerra, foi projetado ao mar devido à explosão. Nadou até ao atol e, pouco depois, foi recolhido e submetido a um profundo exame.

Os outros animais estavam cheios de radiações, mortos ou sobreviventes por pouco tempo. De todos os animais testemunhas, apenas o porco 311 estava miraculosamente indene, sem que para tal houvesse uma explicação possível. O animal viveu durante muito tempo e procriou de forma perfeitamente normal.

A lenda da criação

Terão as nossas quatro grandes raças humanas um antepassado comum? É possível, mas a natureza, ao parecer dar-lhes uma espécie de hierarquia, perturba profundamente o nosso raciocínio.

Uma curiosa lenda, ao explicar a criação do homem, determina uma visão profética do futuro.

Ao princípio, não havia homem sobre a Terra e Deus entendeu por bem modelar um.

Fê-lo com barro, pondo toda a sua aplicação em concebê-lo harmoniosamente e diferente das outras criaturas terrestres. Depois meteu a estátua num forno e deixou-a cozer nove dias.

Quando a tirou, estava queimada, toda preta, e Deus disse:

— Bah! No fim de contas sempre será um homem.

A segunda fornada durou oito dias, mas a estátua fora apanhada pelo fogo e estava vermelha e Deus ficou aborrecido.

Fez uma terceira estátua e meteu-a no forno apenas durante seis dias.

Ficou toda branca, levemente cozida, e Deus disse:

— Ainda preciso de recomeçar!

Na última fornada, que fez cozer durante sete dias, a estátua saiu amarela, dourada como convinha.

—Este será o homem perfeito — disse Deus!

Certos etnólogos modernos pensam que a raça negra poderia ser a raça terrestre original, os verdadeiros homens do planeta Terra. Mas tanto podemos imaginar os negros como os brancos resultantes dos sobreviventes diversamente alterados da raça dos antepassados superiores.

A superioridade intelectual da raça branca é, por outro lado, interpretada de diversas formas:

1.º — Os homens brancos descenderiam de uma humanidade exterior ao nosso planeta. É a

¹⁵ Narrado por André Maurois: *Nouveaux Discours du Docteur O'Grady*.

tese de certos americanistas e daqueles que admitem a hipótese de Tiahuanaco-Atlântida.

2.º — Os homens brancos seriam os descendentes diretos, sem terem sofrido qualquer mutação notável, dos antepassados superiores da Primi-História. Neles teria sobrevivido e subsistido o instinto hereditário e a recordação da mensagem.

(Nesse caso, os homens negros, amarelos e vermelhos seriam descendentes que teriam sofrido uma radiação muito mais pronunciada.)

É atraente pensar que os Venusianos de Tiahuanaco eram antigos terrestres regressados ao planeta mãe após milênios de ausência. Como o nosso sistema solar não é o mais antigo do cosmos, é ainda possível que os primeiros habitantes da Terra e de Vênus fossem originários de uma outra galáxia.

Atualmente, está assente que quase toda a humanidade receia um próximo fim do mundo e prevê a colonização de um planeta onde poderiam refugiar-se os sobreviventes.

Dentro de três ou cem anos, os homens, provavelmente, fundarão um império no cosmos. Refletindo a opinião geral, os jornais já fixam um limite: os cosmonautas alunarão nos anos mais próximos.

Em 1955, o *Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano, anunciava: *A missa será celebrada sobre a Lua logo após a aterragem da primeira astronave. Alguns padres acompanharão as primeiras expedições interplanetárias, como aconteceu com as primeiras expedições terrestres. Uma nova era se abre para a igreja missionária.*

Outros cosmonautas pousarão sobre Vênus ou sobre Marte antes de 1890. Se três ou cem anos após esse êxodo extraterrestre a nossa humanidade periclitar e soçobrar, destruída por um cataclismo atômico, seria de fato o fim dos homens?

Uma resposta se apresenta imediatamente: os Terrestres, exilados sobre um planeta, regressariam para povoar a Terra. Terrestres, ou outros seres planetários.

Esta conjectura é atualmente perfeitamente admissível. No receio de um cataclismo atômico terrestre, algumas nações preocupam-se, enlouquecem¹⁶ e sentem os pródromos do grande medo do ano dois mil; já possuídos de pânico, alguns americanos suicidam-se ou constroem abrigos antiatômicos individuais, familiares e até mesmo para o gado¹⁷.

Os mais otimistas esperam que os homens, já feridos na procriação¹⁸ e nas suas faculdades de readaptação funcional, terão umas tréguas de 150 anos antes de estarem outra vez aptos a procriar.

Esses transformados, ou os exilados regressados à Terra, serão os homens dos tempos futuros? O futuro será uma imagem do passado e talvez o cosmos todo não seja mais do que um eterno recomeço.

Eis o que a tradição e as descobertas fortuitas confirmam. Elas, em todos os continentes, parecem querer impelir os homens para as hipóteses que eles tinham medo de formular.

16 Em Helsinque, no domingo, 3 de Dezembro de 1961, um violento temporal fez pensar no rebentar de uma bomba atômica. Os habitantes, tomados de pânico, telefonaram para os jornais e para o observatório; a multidão precipitou-se para as ruas, enquanto várias pessoas se encerravam em cavernas com receio das radiações atômicas.

17 Alguns americanos, muito impressionados, constroem durante a noite, nas suas propriedades, desde o Outono de 1961, trincheiras-abrigos individuais, de betão e providas de alimentos em conserva em embalagens de matéria plástica. No Nebraska (E.U.A.), Gordon Roberts, proprietário, construiu um abrigo antiatômico para as suas duzentas vacas e os seus três touros!

18 Estatística 1960: nove mulheres em cada dez dão à luz prematuramente, muitas vezes com um mês de antecipação. Na cidade, as fraturas ósseas necessitam de uma proteção em gesso de noventa dias (para uma perna) contra quarenta dias, em 1930. Frequentemente, a recalcificação exige *anos*; por vezes nem chega a fazer-se, sem que se trate de tuberculose. Tornou-se corrente nos hospitais enviar para Berck, Roscoff ou Quiberon feridos com uma simples fratura. A Segurança Social reconhece essas disposições. As razões dessas anomalias e dessa deterioração fisiológica são as psicoses, os produtos pasteurizados, os antibióticos, a quimioterapia exagerada, a radioatividade, a radioterapia, a televisão e, sem dúvida, também, os ultra-sons, a eletricidade, etc.

CAPÍTULO III

TIAHUANACO

Entre a primeira civilização e a nossa existem elos e, em primeiro lugar, as civilizações pré-incas da cordilheira dos Andes e de Glozel.

Já em 1876, o arqueólogo francês Wiener escrevia:

Um dia virá em que poderemos dizer a respeito das civilizações clássicas dos Egípcios, dos Caldeus, dos Bramas: estais catalogadas nos nossos livros como sendo das mais antigas, mas a ciência prova que a civilização pré-inca de Tiahuanaco é vários milhares de anos anterior a vossa.

As civilizações pré-incas interferirão com a História ou com o mito da Atlântida? Provavelmente. Platão já não é o único partidário da teoria dos antepassados superiores.

No seu livro *Un Roman de Tanger — La Guerre Nouvelle*¹, o arqueólogo e escritor René Gau concede a essa teoria da Atlântida e à origem extraplanetária dos Atlantes uma contribuição nova baseada na descoberta, em Ur, de chapas gravadas que estariam na posse dos serviços políticos americanos.

Essas chapas, provenientes das buscas arqueológicas efetuadas por Wooley, em 1927, se são autênticas, acrescentam ao estudo da Primi-História indícios que se adaptam curiosamente às hipóteses que formulamos juntamente com os sábios e historiadores de vanguarda: os russos Jirov e Agrest e os franceses Lucien Barnier, Louis Pauwels, Jacques Bergier e Jean Nocher.

Eis o que René Gau escreveu:

Ele descreveu toda a maravilhosa história da descoberta na Caldeia (Iraque) do célebre túmulo do Rei de Ur, feita por Wooley, em 1927. Na Primavera, as pesquisas metódicas que ele continuava a fazer iriam dar um resultado inesperado...

Desaterrando sempre, Wooley, por baixo de um cofre com vestuários, descobriu o poço que viria a conduzi-lo ao túmulo do rei.

Depois limpavam uma outra dependência, na qual estavam numerosos objetos de valor, entre os quais um estandarte onde figuravam desenhos de cenas de guerra. No meio dos outros objetos, um foi habilmente tirado por um trabalhador que conseguiu dissimulá-lo e levá-lo, no final do seu trabalho.

Absolutamente por acaso, o professor Gerboul (que suspeitamos tratar-se de René Gau), correspondente do Museu Britânico e de um organismo cultural de Nova Iorque, descobriu o cofre roubado a Wooley na loja de um antiquário, que o cedeu a troco de um preço excessivo que só os Americanos aceitaram pagar.

O conteúdo desse cofre era composto por pedras preciosas trabalhadas e joias gravadas com

¹ Tip. Hispano, Arabiga, Tânger, 1951.

signos intraduzíveis².

O professor Gerboulst guardou intencionalmente 12 folhas de ouro sobre as quais estavam desenhadas pictografias e uma estrela com sete braços de 12 centímetros de diâmetro.

A narrativa prossegue da seguinte forma:

Soube através da tradução dos textos gravados que as joias tinham um valor arqueológico muito maior do que comercial. Elas constituíam preciosos talismãs vindos dos Atlantes que os tinham obtido de seres ditos humanos, irmãos afastados das estrelas. Estes visitaram-nos um dia, vindos das profundezas intersiderais sobre um navio voador...

Essa descoberta viria a servir de base a outras pesquisas arqueológicas, visto que ela confirmava os dizeres de Platão, incluindo, além disso, a notícia espantosa da existência de irmãos da nossa humanidade terrestre, nitidamente superiores a nós, originários de outras galáxias...

Essa descoberta concorda com os novos conceitos imaginados pelos sábios, biólogos e homens da aventura interplanetária. Mas as revelações de Ur — se admitirmos a sua autenticidade, bastante duvidosa — não têm, nem de longe, o valor dos indícios que se encontram nos planaltos dos Andes.

A cidade mais antiga do Mundo

É pela Porta do Sol que se penetra no mundo ignorado de Tiahuanaco, que proclama o seu antigo esplendor na Bolívia, a 400 metros de altitude.

Em Maio de 1958, um francês, vindo de La Paz num pequeno comboio de montanha, descobriu, sobre uma imensa extensão arenosa, uma cidade em ruínas. As crianças que, na estação de caminho de ferro, vendiam estatuetas de grés, responderam à sua pergunta:

— É Tiahuanaco, a mais antiga cidade do Mundo.

Esse francês, o jornalista Roger Delorme, não desconhecia por completo a história inca e as tradições dos vales dos Andes. Já visitara Cuzco, Pachacamac, Ollantaytambo, Pisac e admirara as colossais construções de pedras gigantescas das quais algumas pesam várias toneladas.

Os antigos templos incas, Machu Pichu em particular, tinham-no impressionado profundamente devido a uma majestosa harmonia, apesar do seu gigantismo. Mas ali, em Tiahuanaco, perante as pedras e as estátuas dispersas sobre quilômetros, diante daquela Porta do Sol cinzelada como um bracelete mouro, sentiu-se dominado por uma sensação indefinível, uma espécie de magia que ultrapassava todas as emoções experimentadas sobre os altos locais do Peru.

Em Tiahuanaco, o deserto desolado era habitado por um segredo extraordinário, que o espírito não conseguia identificar.

Roger Delorme ficou várias semanas no planalto boliviano, subjugado pela Porta do Sol, interrogando o monólito partido ao centro (segundo a tradição, por uma pedra atirada do céu), interrogando os indígenas, tentando dar um sentido lógico e científico às parábolas, às imagens e aos petróglifos.

Esses petróglifos guardavam o seu mistério literal, mas não era necessário ser muito sábio

² René Gau escreveu a propósito dos signos criptográficos gravados sobre as placas de ouro: «A narração parecia completamente diferente da das chapas de Ur. Dir-se-ia, por assim dizer, um complemento explicativo; referia-se ao precedente cofrezinho e dois planos que aí estavam eram explicados. Um indicava a maneira de ir no Alto Egito ao hipogeu dos reis atlantes e o outro apresentava o plano em forma de estrela dos túmulos reunidos dos trinta últimos chefes atlantes, reis dos quais o primeiro e o trigésimo estavam colocados ao centro e nitidamente assinalados sobre a estrela chata. O local parece ter sido fixado um pouco aproximativamente, pois as indicações davam a entender que ele se encontrava entre vinte a trinta dias de marcha no Nilo. Era no entanto mencionado um ponto. As placas de ouro davam também a confirmação da vinda à Terra, na Atlântida, de seres humanos muito aperfeiçoados, desembarcados do céu, há cerca de 15.000 anos.»

para pressentir um estranho enigma, ainda indecifrável, talvez o segredo da origem dos homens.

Em redor, sobre o planalto, personagens monolíticas de grés, com grandes orelhas, as mãos com quatro dedos pousadas nos joelhos, numa atitude hierática, contemplavam com o seu olhar vazio o homem do século XX que tentava compreender a sua mensagem.

A origem de Tiahuanaco perde-se nos milênios. Os Incas, aquando da conquista do Peru por Fernando Pizarro, afirmaram que jamais tinham conhecido Tiahuanaco senão em ruínas. Os Aimaras, o povo mais antigo dos Andes, diziam que a cidade pertencia aos primeiros homens da Terra e que fora criada pelo deus Vira Cocha antes mesmo do nascimento do Sol e das estrelas.

Quando Roger Delorme regressou a França com um punhado de notas, falou-nos com entusiasmo do planalto da cordilheira dos Andes. Foi quase por acaso que despertou a nossa atenção. Foi, também, por casualidade que o capitão Tony Mangei, velho vagabundo dos mares, nos informou que fora entronizado *ambi* (padre), na América do Sul.

Ao mesmo tempo, o capitão punha-nos em contato com o enigmático renovador da religião do Sol inca: Beltran Garcia, biologista espanhol e descendente direto de Garcilaso de la Vega, o grande historiador da conquista.

Esses acasos viriam a provocar um surpreendente desenvolvimento da lenda e da história de Tiahuanaco.

Beltran Garcia tinha certos documentos inéditos relativos às tradições andícolas que tinham pertencido ao seu antepassado. A Porta do Sol não era mais do que um testemunho incompleto. As tradições andícolas, em si próprias, não passavam de uma fábula. Tudo isso, justaposto, conduzia às interpretações frágeis das mitologias e das tradições americanas, egípcias, gregas e até babilônicas, enfim, uma explicação aceitável.

A História, que se detinha nas últimas dinastias faraônicas, acabava de dar um salto ao passado e prolongava-se agora até ao décimo milênio antes da nossa era, senão mais longe.

Eis o que revelavam os documentos secretos de Garcilaso de la Vega, traduzidos e comentados por Beltran:

Os escritos pictográficos de Tiahuanaco dizem que na era dos tapires gigantes, seres humanos muito evoluídos, apalmados e de sangue diferente do nosso, vindos de um outro planeta, encontraram, conforme lhes convinha, o lago mais alto da Terra³.

No decorrer da sua viagem interplanetária, os pilotos lançaram os seus excrementos sem aterrar e deram ao lago a forma de um ser humano deitado de costas.

Não se esqueceram do umbigo, local onde pousaria a nossa primeira mãe, encarregada da inseminação da inteligência humana.

Ontem, essa lenda ter-nos-ia feito sorrir. Hoje, os nossos homens-rãs copiam artificialmente os dedos apalmados dos colonos de Tiahuanaco.

Indígenas andícolas vivem em altitudes onde o branco não se aclimataria, o que prova que pode existir um outro sangue (sic).

Com os seus poderosos telescópios, os visitantes siderais procuraram portanto uma altitude e um lago favoráveis ao seu organismo e à sua vida anfíbia.

A significação de «excrementos» pode ser: coisas oriundas da astronave para modificar os contornos do lago, talvez bombas atômicas?

De notar que para arruinar a tradição e desacreditar o lago no espírito dos andícolas, os mapas geográficos representaram-no, até 1912, com uma forma quase redonda. Ao nome legítimo do lago — Titi (lago do mistério e do Sol) —, acrescentaram o sufixo caca, que, em muitas línguas,

3 Tradução literal.

significa excremento.

A astronave do lago Titicaca

Desta forma, os documentos do descendente de Garcilaso de la Vega referiam-se a uma Eva de origem extraterrestre e a engenhos interplanetários.

E davam igualmente precisões espantosas.

Na Era Terciária (há cerca de 5 milhões de anos), quando ainda não existia qualquer ser humano sobre o nosso planeta, povoado apenas por animais fantásticos, uma astronave brilhante como o ouro pousou sobre a ilha do Sol do lago Titicaca.

Dessa astronave desceu uma mulher semelhante às mulheres atuais quanto ao corpo, dos pés até aos seios; mas tinha a cabeça em forma de cone, grandes orelhas⁴ e mãos apalmadas com quatro dedos.

O seu nome era Orejona (grandes orelhas) e vinha do planeta Vênus onde a atmosfera é mais ou menos análoga à Terra⁵.

As suas mãos indicavam que existia água em abundância sobre o seu planeta original e que representava um papel primordial na vida dos Venusianos.

Orejona caminhava verticalmente como nós, era dotada de inteligência e tinha, sem dúvida, a intenção de criar uma humanidade terrestre, pois teve relações com um tapir, animal rugidor, que andava a quatro patas. Ela gerou vários filhos.

Essa prole, oriunda de um cruzamento monstruoso, nascia com dois peitos e uma inteligência diminuta, mas os órgãos reprodutores mantinham-se os do tapir-porco. A raça estava fixada.

Um dia, terminada a sua missão, ou talvez cansada da Terra, e desejosa de voltar a Vênus, onde podia ter um marido à sua imagem, Orejona levantou de novo voo na sua astronave. Depois disso, os seus filhos procriaram, dedicando-se sobretudo ao destino de seu pai-tapir, mas na região de Titicaca uma tribo, que se mantinha fiel à memória de Orejona, desenvolveu a sua inteligência, manteve os seus ritos religiosos e foi o ponto de partida das civilizações pré-incas.

Eis o que se encontra escrito no frontão da Porta do Sol, em Tiahunaco.

Aqui está o que despertara tão vivamente a nossa curiosidade, provocando a seguir a nossa estupefação quando identificamos escafandros autônomos sobre os petróglifos, misteriosos engenhos a motor, aparelhos certamente siderais: tudo isso com uma nitidez singular.

Tão nítidos eram esses desenhos que imediatamente nos surgiu um pensamento: os antigos Aimaras ou aqueles que, cerca de 10.000 anos antes da nossa era gravaram essas figuras, tinham-nas certamente revestido e fortificado com uma preparação à base de silicone a fim de assegurar a conservação da sua mensagem (plastificação?).

O que subsiste sobre o enorme planalto permite imaginar uma antiga cidade (mas seria realmente uma cidade?) de dimensões consideráveis, com ruas, templos, parques públicos. As estátuas, as pedras gravadas, os objetos que se encontram nas areias mal os remexemos dão provas de uma técnica bastante rudimentar análoga à dos Aimaras, dos Incas ou dos Astecas. Não sabemos se se trata de uma arte primitiva ou de uma arte degenerada.

4 Os Grandes Orelhas (ou Orejones) formavam uma casta superior na América do Sul, e emigraram até à ilha de Páscoa. As estátuas gigantes de Páscoa e de Bamiyan têm todas grandes orelhas e é curioso notar que os Budas da Índia têm igualmente a mesma particularidade. Por outro lado, foram os Orejones que, segundo Garcilaso de la Vega e Cieza de Leon, ocultaram os tesouros dos Incas, cujos esconderijos jamais foram divulgados pelos iniciados.

5 No estado atual das observações astronômicas, pode admitir-se que o planeta Vênus é habitável, pelo menos nos sítios altos das suas montanhas.

Em contrapartida, a Porta do Sol resplandece nessa selva como uma autêntica joia.

À primeira vista, dir-se-ia que Tiahuanaco foi a cidade em que homens pouco evoluídos esculpíram os seus deuses e os seus tótemes, ao mesmo tempo que outros homens, infinitamente mais hábeis e cultivados, cinzelaram a sua mensagem nos frisos da Porta do Sol.

Mais tarde, segundo os geólogos, um cataclismo arruinou a cidade, derrubou os templos e as casas: Tiahuanaco transformou-se numa cidade morta. Talvez as leis naturais pretendam significar a um tempo o fim de um reinado e o desaparecimento de uma raça.

Não estamos completamente destituídos de documentação a respeito da cidade arruinada, sepultada ou submersa, e damos um certo crédito às revelações de Manuel Gonzales de la Rosa no seu opúsculo *Los Dos Tiahuanaco*⁶.

A linguagem dos cordõezinhos

Gonzales de la Rosa, que viveu muito tempo no Peru, refere as declarações do quipocamaio (intérprete dos quipós incas) Catari, que, tendo-se retirado para Cochachamba no século XVI, traduziu para os Jesuítas a linguagem dos enigmáticos cordõezinhos com nós.

O manuscrito da tradução foi entregue por volta de 1625 pelo cônego de Chuquisaca (Sucre), Bartolomé Cervantès, ao jesuíta A. Oliva⁷. A partir de então, o documento manteve-se secreto — na Biblioteca do Vaticano —, mas o essencial do seu conteúdo é conhecido.

Eis em resumo a tradução do velho Catari comentada por Gonzales de la Rosa:

O nome primitivo de Tiahuanaco era Chucara. A cidade era inteiramente subterrânea e o que existia à superfície era apenas a estância de corte de pedras e a aldeia dos operários.

A cidade subterrânea seria a chave de uma espantosa civilização que remonta aos tempos mais recuados.

Tinha-se acesso à cidade por várias entradas que foram vistas pelo grande naturalista francês Alcide d'Orbigny⁸ e pelos viajantes Tschudi, Castelnau e Squier, os quais falam em galerias sombrias e fétidas que desembocam na praça de Tiahuanaco.

Essa cidade subterrânea fora edificada para permitir que os habitantes ali encontrassem uma temperatura mais agradável, o que prova bem que a altitude nunca variou⁹.

Perto do lago Titicaca existia um palácio de que não restam vestígios, pois a sua construção deve remontar, segundo os textos, à época «da criação do mundo»¹⁰.

O primeiro senhor de Chucara, que quer dizer Casa do Sol, chamava-se Huyustus; ele dividiu o globo em vários reinos. Os últimos habitantes de Chucara não foram os Aimaras mas sim os Quéchas.

Em Tiahuanaco, os mortos eram enterrados deitados. Nas ilhas do lago vivia uma raça branca e barbuda¹¹.

⁶ *Los Dos Tiahuanaco*, por Manuel Gonzales de la Rosa, Wien, 1909.

⁷ Anello Oliva, cronista italiano da Ordem dos Jesuítas, autor de uma *História do Peru* particularmente documentada sobre a região do lago Titicaca.

⁸ Alcide d'Orbigny, célebre naturalista (1802-1857), explorou a América do Sul durante sete anos, de 1827 a 1834. É autor de numerosas obras muito conceituadas no mundo inteiro. A parte principal do seu livro *Voyage dans l'Amérique Méridionale* trata da Bolívia e foi traduzida em espanhol sob o título *Descripcion Geográfica, Histórica y Estadística de Bolivia*. Paris, 1846. Foi dessa obra que Gonzales de la Rosa extraiu a sua referência.

⁹ O quipocamaio Catari não disse explicitamente (segundo os cordõezinhos) que a raça de Tiahuanaco era de origem extraterrestre; no entanto, também aí é necessário notar a convergência das tradições descritas por Beltran, Gonzales de la Rosa e as descobertas dos sábios russos. Se os habitantes de Tiahuanaco tivessem sido autóctones, a necessidade de uma cidade subterrânea não se teria feito sentir.

¹⁰ Garcilaso de la Vega referiu-se a esse palácio.

¹¹ Mais um indício: os habitantes e, provavelmente, a casta superior das ilhas não eram de raça vermelha, mas branca. Sempre a

Para Gonzales de la Rosa, os antepassados dos Uros eram os fundadores de Tiahuanaco.

Essa tradição muito conhecida, mesmo dos americanistas, apoia a tese da origem estrangeira dos colonos instalados em redor do lago Titicaca. Aliás, todas as tradições asseguram que, precedendo de muitos milênios o advento dos Incas, se estabelecera nos Andes uma raça de homens brancos.

Garcilaso de la Vega escreve:

O Deus Sol, antepassado dos Incas, enviou-lhes nos tempos muito antigos um de seus filhos e uma de suas filhas para lhes transmitir o conhecimento, delegados que os homens reconheceram como divinos devido às suas palavras e à sua pele clara.

Pedro Pizarro, primo do conquistador, diz na sua crônica¹²:

As mulheres nobres são agradáveis de contemplar; sabem-se belas e são-no de fato. Os cabelos dos homens e das mulheres são loiros como o trigo e certos indivíduos têm a pele mais clara do que os espanhóis.

Nesse país vi uma mulher e uma criança cuja pele era de uma brancura fora do vulgar. Os índios pretendem que se tratava de descendentes dos ídolos (os deuses).

Esses ídolos que trouxeram com eles a ciência poderemos nós identificá-los como sendo os viajantes da astronave venusiana, habitantes dos cumes de Vênus, lá onde o gás carbônico dos vales dá lugar a um ar mais puro e mais aproximado do ar terrestre?

Os «homens azuis»

Uma outra tese, muito mais sedutora, surgiu na U. R. S. S. Ela assimila os *ídolos* aos misteriosos *homens de sangue azul* que, nos tempos longínquos, constituíam uma espécie de *elite*.

Em 1960, uma revista russa, apoiando-se nas decisões do historiador egípcio Manéthon, de Heródoto, e nas inscrições do papiro de Turim e da Pedra de Palermo, dava uma contribuição preciosa, simultaneamente quanto ao enigma da Atlântida e à vida de extraterrestres.

No seu número de Dezembro de 1960, a revista *Atlantis*¹³, sob a assinatura do arqueólogo Henry Bac, retomava a informação.

Os Russos punham a seguinte questão: «Teriam os Atlantes sido um povo azul?», recordando que Platão lhes atribuía uma origem diferente da dos homens terrenos e um sangue diferente.

«De acordo com certas tradições», revelava o documento, «os Atlantes teriam sido os fundadores da civilização egípcia. Os chefes mais antigos das dinastias divinas, doze mil anos antes da nossa era, eram atlantes de raça pura.»

Os Egípcios, prossegue Henry Bac, reproduziam muito cuidadosamente os objetos sobre os seus frescos e respeitavam-lhes o colorido. Ora, de que cor pintam eles os seus deuses?

Se Osíris era verde (deus da vegetação renascente), Thot era pigmentado, quer de verde, quer de azul-pálido; Ammon e Shou eram deuses azuis. Por que motivo essa cor fundamental seria o apanágio dos deuses egípcios? Uma única resposta nos parece possível: esses deuses seriam os descendentes de um povo de pele azul, ou considerado como tal.

indicação de uma raça exterior aos Andes.

¹² *Descubrimiento y Conquista de los Reinos del Peru*, 1571.

¹³ *Atlantis*, revista de arqueologia científica e tradicional, Rua da Marselhesa, 30, Vincennes, n.º 204, Novembro-Dezembro de 1960.

Osíris e Thot, tendo ido ao Egito e não encontrando lá as condições de vida de um país de altas montanhas, antes pelo contrário uma planície de clima quente e ensoalheirado, viram a sua tez alterada pela brisa que acabou por lhes dar uma pele azeitonada (azul + amarelo), representada pela cor verde nos desenhos dos primeiros egípcios.

Hipótese admissível se considerarmos que existem tribos de «índios azuis» sobre os altos planaltos dos Andes, cuja pigmentação é devida à falta de oxigênio no sangue. Os Guanches desaparecidos da ilha de Tenerife, nas Canárias, tinham uma pele azeitonada.

É biologicamente possível que a pele adquira um tom azul bastante vivo por incorporação de grãos de melanina, pigmento característico das peles negras. Esse fenômeno explica a presença dos tons azul-claro, azul-escuro e violeta na pele de certos macacos.

Existem «homens azuis» nos arredores de Goullémine, ao sul de Agadir, e os Pictos, da Escócia antiga, tinham o costume de pintar a pele de azul.

Finalmente, é curioso citar a noção bastante conhecida de «sangue azul» que se emprega a propósito da nobreza antiga. Notar-se-á que essa noção, muito antiga, é originária da Península Ibérica. Habitualmente, aliamos-la à estada efetuada na Espanha meridional pela tribo dos Vândalos, mas tal explicação não é satisfatória.

Quando se examinam todos esses fatos em relação à geografia, apercebemo-nos de que na maior parte dos casos a existência de tribos de pele azeitonada ou azul, natural ou pintada artificialmente, está ligada ao litoral atlântico.

Acabamos, portanto, por imaginar que os Atlantes, ao habitarem uma região de elevadas montanhas, constituíam uma população de pele azul, devido a condições biológicas de hereditariedade e de ambiente, raça já em vias de extinção que perdeu as suas características no momento do desaparecimento da Atlântida.

No entanto, como sinal de pertencerem à antiga raça, os descendentes da dinastia reinante da Atlântida usavam vestuários azuis por ocasião das festividades, ao passo que certos povos do litoral atlântico europeu e africano pintavam artificialmente a pele para se assemelharem aos poderosos atlantes. Hipótese que é reforçada por Platão ao revelar que por ocasião dos sacrifícios noturnos e para os tronos dos reis atlantes, estes envergavam, por motivo desconhecido, vestuários de uma cor azul céu muito escura.

É possível que a perda da pigmentação provenha, nos atlantes, de uma *migração ulterior* que teve como consequência obrigá-los a viver em regiões menos elevadas, circunstância que determina o desaparecimento da carência de oxigênio no sangue, assim como a da tez azul que daí resultava e que se mantivera estável durante milênios.

Henry Bac, ao analisar esta exposição soviética, acrescenta que a expressão «sangue azul» é ainda utilizada nos nossos dias na América do Sul; em certas regiões da costa do Pacífico, diz-se de uma pessoa descendente da união de um índio e de um europeu que ela é de «sangue azul».

Na Europa, essa expressão designa explicitamente indivíduos supostamente de alta e antiga nobreza.

Na Rússia, na Mongólia, os nobres eram reputados de sangue azul, o que, incontestavelmente, apoia a ideia de superioridade.

As declarações de Platão e a exposição russa adquirem um singular valor se as aplicarmos a seres extraterrestres vindos do planeta Vênus, onde o alto teor em gás carbônico explicaria uma pigmentação naturalmente azul.

Vênus, o planeta azul dos antigos, com as suas montanhas de 40.000 metros, a sua vegetação e a sua temperatura em certos sítios suportáveis para o homem, segundo os dados da sonda americana Mariner II, teria sido a pátria original dos homens azuis, dos atlantes, da raça de Tiahuanaco e de Glozel?

Talvez não seja inútil recordar que, numa época muito recuada, deram-se certos aconteci-

mentos extraordinários em Vênus, assinalados por astrônomos antigos. Conta Santo Agostinho, segundo Varron, que Castor, o Ródio, deixou escrita a narrativa de um prodígio espantoso que se teria operado em Vênus.

Esse planeta, que tinha vários satélites, teria mudado de cor, de tamanho, de aspecto e de curso.

Esse fato sem precedentes ter-se-ia dado na época do rei Ogygès¹⁴, conforme o atestam Adrastus, Cyzicenus e Dion, nobres matemáticos de Nápoles.

De que ordem era esse prodígio? Colisão? Explosão nuclear? Não podemos dizê-lo, mas é possível que, como «planeta irmão» provido de um ou vários satélites inúmeras vezes observados, Vênus esteja ligada à história da nossa humanidade.

Talvez não esteja longe o tempo em que esses satélites fantasmas se identifiquem com os engenhos espaciais dirigidos e talvez com a astronave «brilhante como ouro» que transportou para Terra desertores de Vênus obrigados a abandonar o seu planeta ameaçado.

É também curioso notar que os Russos, pioneiros da caminhada pelo cosmos — o regresso às origens? —, insistem em ligar o mistério de Vênus ao de Tiahuanaco.

O arqueólogo americano A. Posansky descobriu cinco civilizações sucessivas destruídas por catástrofes naturais, entre as quais duas inundações ou dilúvios, o que autenticaria a antiguidade de Tiahuanaco e daria crédito a certos cálculos da ordem de 15.000 a 40.000 anos¹⁵.

Certos americanistas, como Denis Saurat e Hoerbiger, explicaram essas catástrofes por meio de uma espantosa teoria em que a Lua, que descera até às proximidades da Terra, teria aspirado as águas oceânicas na zona sul-americana. Por conseguinte, os mares, abandonando o resto do mundo, ter-se-iam acumulado numa gigantesca bolha de água salgada em redor de Tiahuanaco, por ela tragada.

Saurat apoia esta hipótese na existência de uma linha de sedimentos marinhos com a extensão de 700 quilômetros.

«Essa linha», escreve ele¹⁶, «principia perto do lago Umayo, no Peru, a cerca de 100 metros de altitude acima do nível do lago Titicaca, passa ao sul desse lago, a 30 metros acima do nível da água, e termina inclinando-se cada vez mais para o lado sul... Existiu, portanto, ali um mar», explica ele, e prossegue algumas páginas mais adiante: «Os cais do porto de Tiahuanaco ainda existem e estão situados, não ao lado do lago desaparecido, mas sobre a linha de sedimentos...»

Por pouca sorte, a realidade está acima da ficção.

A altitude de Tiahuanaco é de 3825 metros, a do lago de 3812.

Como a linha sedimentária está situada entre 100 e 30 metros acima do nível do lago, o suposto «porto» de Tiahuanaco teria portanto sido o porto de uma cidade imersa a 87 metros debaixo de água! Não nos parece muito real.

Em contrapartida, entre outras hipóteses — e para não renunciar ao mito da Atlântida —, pode admitir-se que na altura em que as chuvas invadiram a Terra, na época do Dilúvio, a cidade subterrânea de Tiahuanaco foi tragada por avalanchas de água, de lamas e de terras diluídas, o que daria em particular um sentido a essa Porta do Sol que abre o vazio de uma residência ou de uma cidade inexistentes.

¹⁴Ogygès: Na mitologia grega, Ogygès tinha como pai Netuno e por mãe o Oceano. É dado como o mais antigo rei de África e o seu reinado foi assinalado por um dilúvio, numa época muito incerta visto que o adjetivo ogygios significa «fabuloso, precedendo todo o conhecimento histórico», e está também ligado à ideia de cataclismos antigos.

Ogygès seria o fundador de Tebas, e a sua existência é confirmada pela maior parte das tradições do antigo e do novo mundo. Na etimologia sanscrita, Ogygès (*aughaga*) significaria «nascido do dilúvio».

Eis, portanto, uma relação que associa, sob o signo de Ogygès, o dilúvio, o planeta Vênus, o oceano, o Egito, os homens azuis e o Tiahuanaco, o que não deixa de ser perturbador.

¹⁵Saurat: *L'Atlantide et le Règne des Géants* — Denöel, 1954. Saurat apoia quanto a isso as teorias de H. S. Bellamy e de Hoerbiger.

¹⁶*L'Atlantide et le Règne des Géants*, pág. 49, de Denis Saurat.

Os petróglifos da Porta do Sol reservaram grandes surpresas aos astrônomos e aos técnicos da astronáutica. Os desenhos talvez representem engenhos interplanetários assim como os descrevera o descendente de Garcilaso de la Vega:

O ideograma sobre a cabeça da personagem é uma astronave terrestre (cabeça de jaguar: força, vida terrestre; cones estilizados: cabinas, povoações; cabeça de condor: viagem, espaço).

Esta interpretação de Garcia Beltran concorda com a dos sábios no que se refere aos desenhos gravados sobre a personagem: escafandro interplanetário com motor atrás; no pássaro: motor a reação ou mais provavelmente a repulsão, a força motriz utilizada resultando sem dúvida «da decomposição dos raios solares, ou da sua desintegração nas suas duas polaridades, como se decompõem nas seis cores do espectro¹⁷».

O físico francês Jean Plantier estudou essa força íon solar, que, sem dúvida, em breve impulsionará os foguetões siderais, caso ainda o não faça¹⁸.

Por outro lado, o engenheiro soviético Alexandre Kazantsev identificou um calendário venusiano sobre a Porta do Sol, em Tiahuanaco.

— O mais antigo calendário da Terra — disse ele — com anos de 225 dias terrestres.

Se se trata apenas de uma coincidência, não deixa de ser espantosa!

E ao batizar de novo a Porta do Sol, o sábio russo faz uma interrogação:

— De que maneira os antepassados dos Incas puderam ter conhecimento do ano venusiano e por que motivo se interessavam particularmente por esse planeta?

Podemos portanto crer que essas hipóteses de sábios materialistas apoiam singularmente a tradição de Orejona, a Eva de Vênus, aparecida, talvez há milhões de anos, numa astronave sobre o nosso globo terrestre.

Evidentemente, a tradição de Orejona (assim como os desenhos da Porta do Sol) foi deformada. Os descendentes de venusianos — nossos antepassados? — tinham sem dúvida esquecido a técnica da viagem sideral, mas foram iniciados em certos conhecimentos científicos. Sentindo confusamente que a sua civilização degenerava, os últimos iniciados legaram às humanidades futuras a mensagem da Porta do Sol.

Esses antepassados americanos seriam os Atlantes? Tal hipótese explicaria a um tempo a revelação da Atlântida por Platão¹⁹, na *Timée* e no *Critias*, e a súbita, maravilhosa e incompreensível aparição da civilização egípcia.

Um exílio no Egito

Em todo o caso, é certo que a avançada civilização de Tiahuanaco se desenvolvia paralela-

17 É evidente que o espectro apenas comporta seis cores e não sete; as três cores fundamentais — azul, amarelo, vermelho — e as três secundárias que resultam da sua mistura duas a duas — verde, alaranjado e violeta. O anil, justaposição do violeta e do azul, é uma cor terciária... mas então há muitas outras!

18 Pelos Russos. O seu avanço técnico sobre os Americanos na caminhada pelo cosmos deve-se unicamente ao combustível desconhecido que eles utilizam para a propulsão dos seus foguetões.

19 Recordamos rapidamente a descrição de Platão: «Escuta, Sócrates», disse Critias, «uma história admirável mas *muito verdadeira* que conta Solon... segundo uma confidência dos padres de Sais», cujos livros sagrados continham a sua história durante um período de 8000 anos (em 400 a. C.).

«Antes do Dilúvio, o reino da Atlântida (no oceano Atlântico) era uma ilha mais extensa do que a Líbia e a Ásia reunidas (portanto um continente).

«Um terrível tremor de terra junto com um dilúvio e seguido de uma chuva torrencial e contínua durante um dia e uma noite, entreabriu a terra e a Atlântida desapareceu no mar.

«Tal é, Sócrates, o resumo daquilo que o meu bisavô dizia ter sabido por intermédio de Solon.

«Sócrates respondeu-lhe: “É importante que se ouça o que acabas de dizer não como uma fábula inventada por nós, mas como uma *história verdadeira*”...»

mente à época do Neolítico e sem dúvida do Paleolítico. Na América, habitavam então homens que desenhavam foguetões siderais, ao passo que na Europa, na Ásia e em África vegetavam homens muito menos evoluídos — talvez de uma outra origem —, apenas aptos a cortarem o sílex para fazer os seus utensílios.

Resta conhecer a natureza do cataclismo que interrompeu brutalmente a evolução dos Andinos, do Peru. Houve dilúvios, talvez erupções vulcânicas, mas esses flageles naturais não podem explicar a destruição do gênio. Tiahuanaco foi habitada por homens com conhecimentos científicos elevados, aos quais sucederam homens cada vez menos instruídos, e todos viveram como que num recipiente fechado sem que o resto da Terra se apercebesse do seu esplendor.

Essa raça andina foi sem dúvida vítima de um mal que atingiu as suas faculdades de reprodução após um estágio de enfraquecimento intelectual, tanto assim que desapareceu por não procriação. Pode imaginar-se o drama: a raça, no seu apogeu, é vítima de radiações por ter jogado com forças perigosas. Os sobreviventes sabem que estão condenados. Os últimos a manter um resto de conhecimento inscrevem a sua dolorosa mensagem sobre o friso da Porta do Sol.

Em seguida, a raça é destruída: Tiahuanaco nunca será terminada.

Uma segunda hipótese, paralela, é mais plausível e mais sedutora: seres do planeta Vênus trouxeram subitamente para o planalto andino uma civilização maravilhosa.

A sua colonização explicaria a presença, na época pré-histórica, desse enclave a quatro mil metros de altitude, desdenhando dos homens do Neolítico e incapaz talvez de encontrar possibilidades de vida a não ser em redor do lago Titicaca (voltamos à tradição).

Esses venusianos com quatro dedos mantêm trocas com o seu planeta original e iniciam a construção de Tiahuanaco. Mas a aclimação sobre a Terra é contrariada por uma excessiva modificação das condições biológicas naturais. A reprodução faz-se mal, a raça periclita e os últimos venusianos, incapazes de regressar ao seu planeta, transmitem a mensagem da Porta do Sol antes da sua completa extinção.

Se os seres terrenos forem em breve para Vênus ou para Marte também podemos rezear que o seu regresso seja impossível. Que será então feito desses colonos? Se o ambiente biológico de Marte ou de Vênus contraria a sua reprodução — o que é provável — esses colonos sofrerão exatamente o destino que imaginamos para os homens de Tiahuanaco.

Assim, enquanto no Grand-Pressigny, em Lussac-les-Châteaux, em Charroux, em Lascaux e nas Eyzies os verdadeiros habitantes da Terra caçavam o urso com fundas e a solha com arpão, outros homens, num outro ponto do globo, talvez utilizassem foguetões espaciais e motores ión solares²⁰.

Não terá havido qualquer contato entre essas duas humanidades?

Parece que os cosmonautas se arriscaram fora das zonas viáveis do planalto de Tiahuanaco.

Talvez eles tenham pago com a vida a audácia de descer aos vales ou de atravessar o oceano, mas tiveram essa audácia, particularmente após a submersão e a destruição da cidade, e a tradição grega legou-nos o comovente testemunho do fato.

O mistério de Prometeu

Prometeu²¹ era filho de Climene, a Oceânida de pés maravilhosos. Ele deu aos homens «um esplendoroso raio divino, iludindo uma segunda vez», diz Hesíodo, «a prudência do Senhor do Trovão». Júpiter, encolerizado, castigou cruelmente os mortais, devido a esse fogo.

A história de Prometeu²² surge então luminosa à claridade rosa e branca das bombas de Hi-

²⁰ O que ainda acontece no nosso século XX.

²¹ Hesíodo: *Théogonie e Des Travaux et des Jours*.

²² Hesíodo: Júpiter falou assim: «ó filho de Japet (Prometeu) que ninguém pode igualar em destreza, alegras-te agora por ter fur-

roshima, de Nagasaki, de Reggane.

Imaginemos, após uma certa aclimação, um cosmonauta venusiano abandonando Tiahuanaco, atravessando o Atlântico e abordando a África estéril e o Egito, onde a consciência dos homens já começa a libertar-se.

No Egito, o cosmonauta encontra um círculo de sacerdotes aos quais tenta comunicar a sua ciência. Para os Egípcios, o homem de além-Atlântico é um atlante — para os Gregos ele será Prometeu — e julgam que deve ter vindo do céu (quer dizer, de um planeta).

Ele conta o fim trágico de Tiahuanaco submersa e revela segredos extraordinários que os Egípcios jamais compreenderão inteiramente; alguns desses segredos explicarão, justificarão, o desabrochar miraculoso, rápido, da cultura egípcia.

O homem de Tiahuanaco traz consigo a ciência do cosmos, dos astros, da escrita, das artes, da arquitetura, da medicina; revela também o segredo do fogo.

Os sacerdotes egípcios recebem esses conhecimentos. Eles esquecem-nos, deformam-nos, desfiguram-nos, mas a sua inteligência começa a sair do limbo e em breve sabem o suficiente para estabelecer as primeiras leis de uma ciência que ultrapassa a sua época em vários milênios, esse saber que se materializará nos templos²³, nas Pirâmides e na civilização dos seus sucessores orientais e gregos.

Podemos presumir que o cosmonauta, o homem de Tiahuanaco, deve ter pago o tributo da sua inadaptação à atmosfera espessa, tórrida, das planícies arábicas. Então, referindo-se aos mapas que mais tarde Piri Réis descobriu, para além do mar Vermelho, dirigiu-se para o país dos picos cobertos de neve, espalhando pelo caminho — na Arábia, na Caldeia e na Assíria — pedaços do seu saber.

E pensamos ainda em Prometeu, iniciador dos homens, castigado por Júpiter e amarrado precisamente — segundo a tradição grega — no alto do Cáucaso, *a uma altitude que é exatamente a do planalto dos Andes*. A semelhança é perturbante entre Atlante, filho de Orejona, e Prometeu, filho da Oceânida de belos pés.

Seja como for, cerca de 10.000 anos antes da nossa era, Tiahuanaco entrava na noite do esquecimento e Abidos, Heliópolis, Tebas, Menfis, Carnac e Sais abriam para o mundo ocidental as primeiras páginas da *História Desconhecida dos Homens*.

tado o fogo celeste e por me teres enganado; mas um severo castigo espera-te a ti próprio e aos homens que hão de vir: *como preço do fogo que me foi furtado, enviar-lhes-ei um mal que a todos atingirá*: a Virgem Pandora... a Eva dos gregos, ornamentada com todas as seduções e detentora do pequeno cofre onde estavam guardados todos os flagelos do mundo... e também a Esperança, felizmente!»

Essa mensagem extraordinária, que se assemelha à mensagem bíblica do pecado original e de Lúcifer, anjo caído, vindo — ou a vir — do planeta Vênus, não podia de forma alguma ser compreendida pelos homens antes do dia 7 de Agosto de 1945 (bomba de Hiroshima).

23 Encontramos sob os traços do hipopótamo de Apet, deusa da fecundidade, a deusa grávida do planalto de Marcahuasi, no Peru, onde, por outro lado, foram esculpidas cabeças cuja cabeleira e a barba foram imitadas pelos faraós (Daniel Ruzo — *La Culture Marina*).

A CONJURAÇÃO DO SEGREDO

Não eram certamente numerosos aqueles que, no Egito, tinham inteligência suficiente para assimilar a mensagem do homem de Tiahuanaco. Esses, os sacerdotes, escreveram, sem dúvida por descrição alheia, o primeiro livro da *História Desconhecida dos Homens*. Nele desenharam as máquinas, os planos dos motores, o mapa do globo.

O homem de Tiahuanaco¹ conhecia a geografia por intermédio dos seus antepassados, que tinham sobrevoado a Terra antes de aterrizar sobre os Andes, e ensinara aos Egípcios que existia, para além do oceano, um continente de onde viera.

Esse continente, a que os sacerdotes deram logicamente o nome — com as palavras da época — de País de Além-Atlântico, podemos identificar com a Atlântida de Platão ou a América do Sul, que aliás podem ser o mesmo continente².

A Atlântida desaparecera, sem dúvida no decurso de um grande cataclismo que determinou o fim do Tiahuanaco.

Embora o seu estudo prático tenha durado anos, os sacerdotes não puderam compreender tudo. Aliás, o Atlante não podia ser um mestre em cada disciplina. Ele deve ter limitado o seu ensino ao essencial: a gênese, a astronomia, a medicina, a fusão dos metais, a levitação, e às aplicações práticas da electricidade, dos ultrassons e das forças ainda desconhecidas dos nossos dias.

Os sacerdotes tiveram a revelação de segredos demasiado úteis para eles, impossíveis de pôr em prática. Então, a necessidade do segredo impôs-se e, muito naturalmente, o *naos* dos santuários fechou-se sobre a ciência superior para apenas deixar passar a ciência possível.

De um só golpe, o Egito, um deserto, revela a mais fantástica civilização de todos os tempos: Heliópolis, Tebas, Busíris, Abidos, Mênfis, as Pirâmides e a Esfinge. São construídas estradas, canais, barragens e os sacerdotes esforçam-se por criar um corpo docente e por deixar o testemunho do seu saber não desvendado.

Estamos apenas no domínio das suposições, mas que outra maneira haverá de explicar a mensagem das Pirâmides, da Esfinge, da Arca da Aliança, do Templo e das descobertas arqueológicas efetuadas na Caldeia, na Assíria e noutros locais?

A Mensagem da Pirâmide de Quéops foi certamente falsificada, mas o documento mantém-se, tendo como corolários as outras pirâmides do México, da Pérsia e das Índias.

É impossível saber em que data elas foram edificadas; se Napoleão e os historiadores modernos calculam quarenta séculos quanto a Quéops, os autores antigos, talvez com razão, apresentam datas muito mais recuadas.

1 Entendamo-nos bem: o homem de Tiahuanaco existia em numerosos exemplares que se espalharam por todo o globo e principalmente em direção ao Egito, à Ásia Menor, ao Himalaia e à França.

2 Platão especificou bem que a Atlântida era um continente. O que afasta a ideia de América do Sul é a história de submersão por dilúvio. Mas é permitido supor que o continente americano podia, ao largo do Brasil ou da Venezuela, continuar no oceano. Essas terras submersas nos nossos dias seriam, nesse caso, a Atlântida, onde o homem de Tiahuanaco teria feito escala antes de ir para o Egito. Não há portanto incompatibilidade com a narrativa de Platão.

O segredo da Grande Pirâmide

Segundo o historiador árabe Abou-Zeyd-el-Balkhy, «a inscrição gravada sobre as Pirâmides foi traduzida para árabe. Ela revelava a época da construção; o tempo em que», diz ele, «a Lira fazia parte do signo de Câncer.»

Ao fazer o cálculo, encontramos duas vezes 36.000 anos solares antes da Hégira, ou seja, cerca de 73.300 anos. Cálculo exagerado?

Talvez; Heródoto afirma, no entanto, que os sacerdotes de Tebas lhe mostraram 341 estátuas de madeira, representando a sucessão de pais para filhos dos grandes sacerdotes que os tinham precedido há mais de 11.000 anos, o que prova a remota antiguidade do santuário³.

Eliphas Lévi, erudito racionalista do século XIX, pensa que o antigo Egito era um pentalfa dedicado a Hermes Trismegisto. Quanto mais os grandes sacerdotes se esforçavam por esconder a sua ciência, mais eles procuravam multiplicar-lhe os símbolos. Nesse sentido, as Pirâmides representavam a sua metafísica, baseada na ciência da natureza e nos segredos transmitidos desde há onze milênios.

As mais antigas, como a de Saccarah, no Djezer, tinham seis degraus segundo o princípio binitrinitário atlântico.

Pretenderam fazer crer — sobretudo quanto a Quéops — mil disparates inaceitáveis, mas no entanto está provado que esse monumento é um testemunho, «uma ampliação dos símbolos», como muito bem o compreendeu Eliphas Lévi, depois de Diderot e antes de Georges Barbarin⁴.

Segundo uma tradição copta, a Pirâmide foi construída 300 anos antes do Dilúvio, o que nos conduziria aos limites aceitáveis de 8.000 a 11.000 a. C. Georges Barbarin descreve o texto do escritor copta Masoudi (957 da nossa era) cujo manuscrito se encontra em Oxford:

Surid, um dos reis do Egito antes do Dilúvio, construiu as duas grandes pirâmides. Ele ordenou igualmente aos sacerdotes que colocassem no interior a soma da sua prudência e dos seus conhecimentos nas diferentes artes e ciências de aritmética e de geometria, de forma a ficar como testemunho para benefício daqueles que eventualmente pudessem compreendê-los...

Na pirâmide oriental (Quéops) foram gravadas as esferas celestes e as figuras representando as estrelas e os seus ciclos; e, ao mesmo tempo, a história e a crônica do tempo passado, do tempo futuro e de cada um dos acontecimentos futuros que virão a dar-se no Egito.

O manuscrito de Makrisi reforça essa revelação: «A primeira pirâmide foi consagrada à história e à astronomia; a segunda à ciência médica.»

De fato, são sobretudo dados astronômicos e matemáticos que se podem ver na Grande Pirâmide, a única exatamente orientada no sentido norte-sul, com um erro de 4' 35", aproximação que parece admirável sabendo-se que o Observatório de Paris apenas é orientado em direção ao norte cerca de 18°.

Um meridiano que passe por Gizeh divide exatamente em duas partes iguais os continentes e os oceanos (nós verificamo-lo), o que torna lamentável a escolha de Greenwich como meridiano internacional⁵.

A soma dos quatro lados da base (931,22 metros) dividida por duas vezes o eixo vertical (148,208 metros vezes dois) dá como resultado o número 3,14. A altura (148,208 metros) multiplicada por um milhão dá aproximadamente a distância da Terra ao Sol (149.400.000 quilômetros).

Podem ainda emprestar-se muitos outros significados à Grande Pirâmide, mas, cálculos sá-

³ Heródoto, *História*, II, 143.

⁴ Georges Barbarin — *Le Secret de la Grande Pyramide* — Adyar, 1955.

⁵ Esta coincidência não é resultante de qualquer ciência; é apenas o resultado de um acaso feliz e da deriva dos continentes.

bios ou coincidências, essas revelações estão longe de ser decisivas, sobretudo quando se aventuram no domínio da profecia.

O astrônomo inglês Piazzi Smyth (1819-1900), um dos ardentes turiferários de Quéops, consagrou um Inverno inteiro a medi-la nos seus mais ínfimos pormenores. Em 1864, declarou que essas medidas correspondiam a relações geométricas e proféticas precisas.

«Mas», conta Sir Flinders Petrie, «um dos seus discípulos ficou bastante desiludido quando um dia encontrou Smyth tentando limar a saliência granítica da antecâmara real, a fim de a reduzir às dimensões requeridas pela teoria⁶.»

É mais fácil apreciar as Pirâmides sob um ponto de vista estritamente arquitetural. Esse estudo prova que nenhum estado do século XX ousaria empreender, apesar dos poderosos processos técnicos modernos, um trabalho tão colossal, que necessitaria de 200 a 300.000 operários, vários milhões de metros cúbicos de pedra talhada e milhões e milhões de francos⁷.

Os peritos mais competentes calculam que o Egito da época das Pirâmides devia alimentar mais de cem milhões de habitantes e possuir máquinas de grande potência e de uma perfeição desconhecida ainda no nosso século, para que possa ter levado a bom termo trabalhos tão gigantescos⁸.

Todas as explicações, andaimes, aterros, planos inclinados, rampas de terra argilosa, não resistem ao exame.

Formulamos uma hipótese: talvez os egípcios tivessem um conhecimento ainda inimaginável do poder dos ultrassons e das forças antigravitacionais.

O som e a levitação

Nos nossos dias, no Instituto Pasteur de Paris, o professor Prudhomme pôde, com o auxílio de fracas potências ultra-sonoras, fazer levantar bolas de cortiça. Em Perpilhão, o doutor Marcei Pagès afirma ter descoberto a antigravitação. Mas não apresenta provas. O físico americano Hooper, em 1958, chegou a um resultado interessante ao libertar parcialmente do seu peso um anel de ferro que girava num campo magnético a mais de 15.000 voltas por minuto.

A diminuição de peso verificada era da ordem de um por cento: impossível ainda imaginar o tapete voador, a deslocação da Notre-Dame de Paris para o alto de Montmartre e da Basílica do Sacré-Coeur para a ilha da cidade!

Em França, o engenheiro Edgar Nazaré e uma equipe de técnicos estão prestes a realizar o que o doutor Pagès procurou em vão: a antigravitação, ou melhor, a agravitação, cujo princípio hipotético é o seguinte: fazer girar um campo eletrostático por um campo magnético à velocidade da luz, quer dizer o inverso do que realizou o americano Hooper.

Sobre essas bases revolucionárias, pela polarização dos campos de gravidade, torna-se teoricamente possível erguer e deslocar com facilidade blocos de pedra de várias toneladas.

Ainda lá não chegamos, mas a levitação das enormes pedras de Quéops, de Baalbek e do Peru⁹ já aí encontram um princípio de explicação.

⁶ *L'Egypte Secret* — Paul Brunton.

⁷ Quéops pesa seis milhões de toneladas. Bonaparte calculara que com as pedras dos três edifícios poderia rodear-se a França com um muro da altura de 1,50 m e com a espessura de um metro.

⁸ Existem mais de 180 pirâmides conhecidas no Egito e na Núbia.

⁹ É irrisório tentar explicar seja que milagre for devido a poderes ocultos não controláveis (magia negra) ou a hipóteses científicas sem base. Todavia, o desenvolvimento fantástico da ciência autoriza-nos a acreditar que os fracas resultados das ciências ocultas embrionárias, atualmente, serão nitidamente melhorados num futuro próximo. A levitação explicada por um poder sobrenatural talvez seja uma verdade, mas inaceitável na ordem dos conhecimentos adquiridos. A levitação explicada pelos ultrassons ou pela antigravitação é uma solução aceitável, visto que a antigravitação principia já a forçar as portas do futuro. E é certo que o futuro, nesse sentido, reservará surpresas consideráveis, tanto assim que o príncipe de Broglie, após uma primeira atitude reticente, acaba de mudar de opinião a propósito da energia local do vácuo, que está diretamente em relação com a gravitação, e declara: «O vácuo surge-nos como o centro de uma quantidade formidável de energia, ou seja: 1027 joules por centímetro cúbico», isto é, muito exatamente a energia de fusão do hidrogênio.

O automóvel de Cugnot andava a 10 quilômetros por hora; os nossos automóveis atingem 634 quilômetros por hora! O avião de Ader voava à velocidade dos passos de um homem; o X-15 dos americanos atravessa o antigo muro do som a 6500 quilômetros por hora.

A levitação por agravação ou por ultrassons realizará os mesmos prodígios; e se associamos os ultrassons à agravação é porque a tradição egípcia parece que no-lo permite.

O som, que talvez seja uma dimensão desconhecida, possui um poder que a ciência moderna estuda há pouco tempo. Falou-se numa bomba de ultrassons susceptível de destruir toda a vida animal no perímetro de uma grande cidade, sem deteriorar os monumentos e os objetos.

Em medicina, pode quebrar-se um osso produzindo ultrassons e provocar a morte por meio de uma vibração cervical sonora. Por outro lado, é certo que o simples ruído provocado pelos aviões supersônicos abala os nervos e pode ser mortal para as pessoas atacadas de doenças de coração. Com razão ou sem ela, passa por dificultar o choco dos faisões e chegou a provocar um incidente curioso em Noisiel (Seine-et-Marne), onde um coiteiro, subitamente furioso, disparou tiros de espingarda contra os aviões.

Os ocultistas afirmam que o som dos sinos é desagradável para as pessoas satânicas. Jean-Jacques Rousseau escreveu: «O som dos sinos sempre me afligiu extraordinariamente», o que foi ou é também o caso de Karl Marx, Maurice Thorez e um certo número de ateus militantes.

Uma lenda — mas será de fato uma lenda, pois foi contada pelas testemunhas da agonia do ditador russo — afirma que Stalin foi morto pelo tilintar súbito de um sino do Kremlin!

Seja como for, dos ultrassons que determinam a morte ou a levitação aos ultrassons, que talvez tenham feito desabar as muralhas de Jerico, existe uma desconhecida ciência que foi posta à prova na Antiguidade.

Abre-te, Sésamo!

Segundo os palimpsestos egípcios, os sacerdotes de Carnak, de Abidos e de Tebas tinham uma voz perfeita, forte e bela. Ao pronunciar uma palavra apenas, de determinada maneira, podiam fazer com que se abrissem de par em par as pesadas portas de um templo. Este fato várias vezes descrito — nas narrativas orientais abundam as portas mágicas que dão acesso a templos, criptas¹⁰, cavernas — pode ter sido provocado por estratégias engenhosas ou truques, mas a sua persistência e o mistério das pirâmides levam a acreditar numa explicação científica, simples ou extremamente sábia.

Simple: certos sons, a uma dada vibração, põem em movimento mecanismos com molas.

Sábia: os sons ou os ultrassons impressionam uma célula elétrica como o faria a luz¹¹.

A frase mágica muito conhecida «Abre-te, Sésamo!» não é uma invenção gratuita: a semente de sésamo, alojada numa cápsula, estoura por si própria quando está madura. Mas um som grave provoca igualmente a abertura prematura da casca. Este fenômeno não era ignorado pelos Egípcios, os Hebreus e os orientais e talvez nos seja permitido supor que os seus mais profundos conhecimentos científicos se baseavam num certo poder da voz. «Ao princípio era o verbo», dizem as escrituras sagradas, defendidas por Santo Justino, e é possível que o poder do verbo tenha sido mais exotérico do que supomos.

Não pretendemos alongar-nos no assunto, mas é igualmente certo que a vontade de poder de um organismo humano pode exprimir-se em joules (energia matéria), o que, ainda muito audaciosamente, poderia explicar as «materializações» na magia negra, a levitação de São Diego e o andar do Cristo sobre as águas.

Seja como for, verifica-se cada vez mais que a ciência dará uma explicação racional a todos os milagres dos contos de fadas: tapete voador, anel que se torna invisível, palavra que mata, palavra que faz desaparecer um gigante ou uma mesa ricamente posta.

¹⁰Uma corda de cânhamo seco entrançada, umedecida com vapor de água, ou, inversamente, uma corda úmida seca com um defumador é um truque utilizado nos nossos dias pelos feiticeiros negros (narrado por Henry de Monfreid).

¹¹Os Americanos constroem máquinas de escrever que escrevem por si próprias por meio do processo de células de ondas sonoras.

Tradicionalmente, a cólera de Deus exprime-se pelo raio ou pelo verbo tonitruante que fulmina. Dizem que nos longínquos tempos pré-históricos o homem era mudo ou, em todo o caso, privado de linguagem explícita. As circunstâncias que lhe concederam o império da natureza são pouco mais ou menos desconhecidas, mas existiu sempre um alto conceito quanto ao privilégio que a palavra lhe conferia. Nas primeiras eras, o verbo confundia-se com a sabedoria, com o poder e com a magia. O verbo era a glória do homem, acima da força, visto que uma palavra podia deter ou comandar o ato brutal, dominar, curvar, enternecer, perdoar.

É provável que o homem pré-histórico tenha sabido comandar os animais por meio da magia do som, mas o segredo perdeu-se no decorrer dos séculos ao mesmo tempo que uma outra ciência substituía as palavras miraculosas e que os feiticeiros eram queimados acusados de magia negra¹²

Todavia, no Egito, por revelação atlantiana, a ciência do som e da levitação, que permitira a construção das cidades ciclópicas da América, era, segundo a tradição descrita, particularmente honrada. A levitação não era mais de que um resultado científico, da mesma maneira que a antiga levitação ao abolir o peso. De fato, era necessário abolir o peso para transportar e colocar no devido lugar, talvez para serem cortados, esses enormes blocos de pedra de que eram formadas as Pirâmides.

É interessante assinalar que o sultão persa Melik al Aziz, em 1196, tendo tido a ideia estúpida de destruir as pirâmides, mobilizou dezenas de milhares de trabalhadores, sapadores e pedreiros e despendeu somas fantásticas, para no fim obter um resultado irrisório.

Os trabalhadores atacaram a Pirâmide Vermelha, a mais pequena das três; em cada dia, com muita dificuldade, retiravam uma ou duas pedras que oscilavam e se enterravam na areia de onde era então preciso retirá-las. Após oito meses de trabalho estafante, a demolição foi abandonada: a pequena pirâmide, de longe, não denunciava a menor arranhadela.

Um índice inquietante foi-nos descrito pelo biólogo espanhol Garcia Beltran, a quem se deve a descoberta de Tiahuanaco. Na sua opinião, as pirâmides do Egito constituíam réplicas das que existiam nos Andes.

A este propósito, é preciso notar que a mais antiga pirâmide egípcia é a de Saccarah, no Djezer, a 30 quilômetros do Cairo, e que o nome primitivo de Tiahuanaco era Chucara. Além disso, o monumento tem seis degraus como no país dos pré-incas. Segundo diz Beltran:

As Pirâmides tinham sido criadas, além do seu destino transcendente, com o objetivo prático de fazer chover.

Elas faiscavam a centenas de quilômetros, chamavam-lhes «As Luzes», pois eram cobertas por chapas de metal branco muito liso, que deve ter sido prata, mas que foi substituído por uma liga de metais, visto a prata ser muito rara no Egito.

Atualmente encontra-se esse metal, misturado a um revestimento calcário, sobre as paredes das mesquitas e especialmente sobre as da mesquita do Cairo, que têm um reflexo brilhante e prateado.

Os arqueólogos egípcios sabem que esse revestimento provém da pilhagem das placas de metal das Pirâmides.

Há 10.000 anos, esses monumentos, muito mais antigos do que se supõe, dominavam uma região verdejante e cultivada, irrigada com arte e que produzia colheitas abundantes.

Mênfis era então a cidade mais povoada do Mundo e a capital do Império. O campo era um verdadeiro jardim de verdura e de vida, pois a chuva era abundante.

De fato, o papel exotérico das Pirâmides era o de repercutir o verbo mágico, refletir a clareza lunar modificando-lhe a polaridade e propalar a atmosfera de forma a provocar a chuva em

¹²Os homens da Pré-História conheciam o fenômeno das vibrações, que lhes permitia cortar o sílex utilizando as ondas de choque. Conhecimento milenário de que tinham guardado uma parcela de recordação.

certas luas.

*Atualmente, assim como em Tiahuanaco, apenas se veem ruínas e o deserto, pois as Pirâmides foram destruídas ou deterioradas pelos adeptos de falsas e tenebrosas doutrinas*¹³.

Esta analogia, à primeira vista inacreditável, é na realidade a expressão literal de conhecimentos científicos profundos que podem escapar ao profano, mas também impressionar profundamente certos sábios.

As Pirâmides serviam para fazer chover? É possível.

Sobre os aeródromos dos Estados Unidos, o nevoeiro é dissipado pelas poderosas emissões ultrassonoras que condensam as gotas e as fazem cair transformadas em chuva. Em 1961, inaugurou-se em Saint-Nazaire (Loire-Atlântico) uma fonte «aérea» inventada por André Pasquet, que fornecia 300 litros de água por dia. Trata-se nesse caso de um monumento de metal liso, que condensa o vapor de água atmosférico! O seu inventor — que teria lido Garcilaso de la Vega — calcula atingir uma produção de 3000 litros em 24 horas.

Basta para isso utilizar o sistema ultrassonoro dos aeródromos americanos, que é ele próprio uma longínqua recordação da ciência secreta egípcia e pré-colombiana, pois, sempre segundo Garcilaso de la Vega, «os antigos Incas sabiam fabricar água com a atmosfera».

No entanto, a tradição — pelo menos a da América Central — não se refere a revestimentos metálicos sobre as pirâmides dos Maias, situadas, é um fato, em regiões extremamente chuvosas.

O homem de Tiahuanaco transmite, além das ciências físicas, o segredo da escrita, e não hieroglífica¹⁴, mas linear e alfabética, pois era indispensável que os segredos fossem transmitidos por um veículo perfeitamente explícito. Essa escrita, supõe-se, era semelhante à que nós utilizamos atualmente, escrita cuja origem fenícia não está estabelecida (a Fenícia não passou sem dúvida de uma etapa). Foi procurada no Egito que talvez não tenha passado de um depositário. Essa questão tem uma importância considerável, pois a civilização, se se exprime por realizações materiais, não pode transmitir-se senão por meio do verbo e da escrita.

Ora, se a tradição atlanto-egípcia foi sobretudo legada oralmente, temos a certeza que também existe, além dos mapas de Piri Réis e dos petróglifos da Porta do Sol, uma documentação escrita, ainda secreta, mas da qual possuímos alguns elementos. Esses elementos de escrita linear e alfabética, os mais antigos do Mundo, estão expostos no museu de Glozel e são contemporâneos da civilização madalenense, portanto, aproximativamente, da civilização de Tiahuanaco.

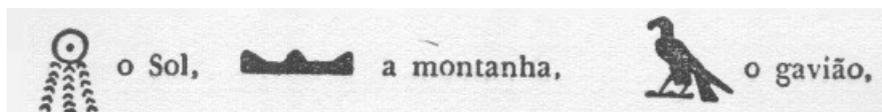
Encontramo-los em vários pontos do mundo neolítico, em Altamira, Balmori (Espanha), Alvão (Portugal), Seltsh (Boémia), Bautzen (Saxe), Puy-de-Lacan, Rochebertier, Laugerie-Basse, Saint-Germain-la-Rivière (França), etc.

O arqueólogo francês A. Morlet, de Vichy, ao abandonar deliberadamente os trilhos da Pré-História oficial, demonstrou claramente¹⁵ o caráter irrecusável dessa escrita pré-histórica alfabética, cuja existência já fora pressentida por numerosos investigadores.

Desde 1891, Estácio da Veiga, ao estudar em Alvão um pedaço de um vaso com signos lineares, escrevia:

13 M. O. I. Garcilaso de la Vega, documentos secretos.

14 Os supostos hieróglifos egípcios são, ao contrário de uma escrita sagrada, secreta, para uso exclusivo dos iniciados (*hiéros ghubhein*: escrita sagrada), uma escrita vulgar, que foi imposta aos Egípcios primitivos para substituir, devido ao seu sentido universal, as escritas dialetais inteligíveis apenas aos autóctones. Por exemplo:



são a expressão facilmente compreensível tanto para um homem de África ou da América. Seria errado relacionar estes signos com uma escrita sagrada.

15 *Origine de l'écriture*, Dr. Morlet, Montpellier, 1955.

Está demonstrado que, durante a última Idade da Pedra, existia na Península Ibérica uma linguagem escrita, figurada por caracteres gráficos.

Edouard Piette, que era uma autoridade na matéria, descobriu na gruta do Mas d'Azil «vasta escola onde se aprendia a ler, a contar e a escrever¹⁶», uns calhaus coloridos que são de fato os mais antigos documentos de escrita primária, humana, mas foi em Glozel que se encontraram os mais importantes documentos de escrita pré-histórica, quer sobre ossos de rena, quer na pedra, quer em tábuas de argila.

A escrita de Moisés

Os pré-historiadores do mundo inteiro reconhecem simultaneamente a autenticidade de Glozel, do seu silabário e da escrita pré-histórica, com cerca de 10.000 anos de existência.

Ora, a escrita é a expressão por excelência de uma civilização adiantada e é muito difícil atribuir a sua invenção aos homens do Glozel. A que fonte teriam eles ido buscar um tal segredo? Não podemos deixar de pensar em Tiahuanaco, único centro cultural conhecido dessa época. É por meio da fieira de Glozel que podemos imaginar a escrita utilizada pelos sacerdotes do antigo Egito e por Moisés.

Eis-nos talvez em posição de dar solução a um irritante problema contra o qual embatem a maior parte dos historiadores: a redação dos cinco livros do Pentateuco.

O racionalista Voltaire não deixou de se espantar com o caso no seu *Dicionário Filosófico*:

Em que língua terá Moisés escrito num deserto selvagem? Só poderia ter sido em egípcio, pois através desse mesmo livro verifica-se que Moisés e todo o seu povo tinham nascido no Egito. Mas os Egípcios ainda não utilizavam o papiro; os hieróglifos eram gravados sobre mármore e sobre madeira.

Diz-se mesmo que as tábuas dos mandamentos foram gravadas sobre pedra. Teria sido necessário gravar cinco volumes sobre pedras polidas, o que exigia esforços prodigiosos.

Ora, o papiro era conhecido na 18.^a dinastia faraônica, como o prova o *Ritual Funerário*, do Louvre, e não há a menor dúvida de que, se Moisés era um hábil físico-químico¹⁷, era igualmente um sábio tradutor, capaz de ler no texto a mensagem atlante, e de a transcrever tanto na linguagem dos Glozelianos como na dos Hebreus.

Incontestavelmente, ele assegurou a transmissão da mensagem e transcreveu-a em escrita da época.

Se ele escreveu o Pentateuco, não foi gravando-o sobre a pedra, mas sim traçando-o a tinta sobre uma superfície lisa, leve e durável, como o fizeram com os segredos atlantes que se transmitiram pelo menos até aos sacerdotes de Saís, mil anos mais tarde, e talvez até ao rabino Jechielé, no século XIII.

O cronista peruano Fernando de Montesinos, que consagrou quinze anos da sua vida a percorrer — em 1630 — as possessões espanholas da América do Sul, recolheu na própria origem as mais secretas tradições legadas pelos pré-Incas.

Montesinos¹⁸ soube procurar a sua cronologia até 103 gerações de soberanos anteriores a Atahualpa e assegurar que a história pré-Inca é mais antiga do que o Dilúvio, o que em seguida foi

¹⁶ *L'Anthropologie*, 1896, pág. 385.

¹⁷ Demonstrá-lo-emos no capítulo seguinte.

¹⁸ Montesinos-Capaccuna (Lista dos Reis). O reinado desses soberanos antediluvianos foi perturbado por enormes cataclismos naturais.

confirmado pelos petróglifos e as ruínas de Tiahuanaco.

Ora, Montesinos afirma que os pré-Incas conheciam *a escrita sobre folhas de bananeira, descoberta sob o reinado de Huayna Cauti Pirhua (terceiro imperador inca da dinastia antediluviana), mas que o seu uso fora proibido no reinado de Topu Cauti Pachacuti IV (63.º imperador inca)*¹⁹.

Tendo os adivinhos e agoureiros lido nas escrituras antigas que a região andina ia ser assolada pelas piores catástrofes (o que se revelou autêntico), Pachacuti IV ordenou que queimassem todas as folhas de bananeira que serviam de papel e proibiu a escrita sob pena de morte.

Tradições chinesas muito antigas narram um fato que liga curiosamente o Peru ao continente asiático: um imperador teria pretendido substituir os ideogramas pintados por um alfabeto em que as letras eram representadas por nós análogos aos quipós incas. Provavelmente, foi com o alfabeto de Glozel que foram transcritos os segredos e a tradição legados pelo homem de Tiahuanaco.

Como guardar um segredo

No decurso dos milênios, os papiros esboroados, desfeitos em pó, desapareceram, da mesma forma que se esborou a civilização egípcia, tanto assim que o segredo deteriorado, em parte perdido, jamais foi transmitido senão oralmente ou por intermédio das línguas predominantes, hebraico, grego, muçulmano.

Mas será possível que tais segredos tenham podido resistir durante vários milênios? Houve evasões, como ficara assente quanto ao homem de Tiahuanaco, quer dizer à medida que a consciência universal se afirmava; mas os grandes segredos não foram revelados.

Ainda nos nossos dias, a franco-maçonaria, por exemplo, só revela aos seus mais altos dignitários (os iniciados) os seus planos de evolução social; a Igreja age da mesma forma e, noutras esferas, as camarilhas, as *mafias*, os *gangs* têm os seus segredos cuidadosamente dissimulados.

Há sobretudo os segredos de Estado: pactos, tratados secretos, *dossiers* desconhecidos dos centros de informações e de espionagem (2.ª Repartição, Gestapo, G. P. U., F. B. I., Scotland Yard, etc.).

Esses segredos são muitas vezes miraculosamente guardados. Em 1941, na altura em que 320 foguetões Eresa (os *órgãos* de Stalin) espalharam a morte sobre as divisões Panzer alemãs da frente russa, o general Jeremko — no entanto classificado em terceiro lugar na hierarquia do Exército Vermelho — ignorava a existência dessa nova arma!

Os E.U.A. têm os seus planos secretos de ataque e de defesa e imaginamos sem dificuldade que os Russos pagariam a peso de ouro o segredo das bombas que lançam gases deletérios e que constituem a arma secreta dos seus inimigos. Inversamente, os Americanos dariam muitos bilhões para conhecerem o segredo do carburante dos foguetões russos.

Os papas, ou pelo menos os papas que foram iniciados, sempre guardaram segredos sem jamais os trair.

É mesmo possível que eles tenham tido o conhecimento de fatos históricos iminentes, guerras, perseguições, alterações políticas, sem tentarem opor-se ao desenrolar natural dos acontecimentos²⁰.

19 *Au Royaume des Incas*, Siefried Huber, Plon, 1956, pág. 282 (5).

20 Os papas estavam de posse dos presságios ditos «de Fátima», feitos, a 13 de Maio de 1917, a três crianças de Aljustrel (Portugal). Esses presságios, depois de lacrados, foram parcialmente tornados públicos, em 1942. Eles diziam (versão de Lúcia dos Santos, religiosa):

A guerra de 1914 está quase no fim. Mas, se não cessam de ofender o Senhor, sob o reino de Pio XI iniciar-se-á uma outra que será pior (anexação da Áustria, guerra 39-45). Quando virem uma noite iluminada por uma claridade desconhecida (noite de 24 para 25 de Janeiro de 1938. Essa claridade foi classificada de aurora boreal pelos astrónomos, o que talvez não seja verdadeira explicação), fiquem sabendo que é o grande sinal que Deus vos envia, indicando que vai castigar o mundo pelos seus crimes por meio da guerra, da fome e da perseguição contra a Igreja e o Santo Padre... Para o impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu

Os segredos de Tiahuanaco foram transmitidos por cooptação, portanto a iniciados considerados particularmente dignos de confiança, e que eram sem dúvida chefes religiosos. O *Livro dos Grandes Segredos* foi provavelmente várias vezes atualizado, quer dizer recopiado, retificado, no decorrer dos milênios. Todas as grandes religiões tiveram como base os preceitos de um exemplar do livro, o que explica os pontos, tradições e pormenores comuns às diversas teologias. A Bíblia, o Talmude, os Vedas, talvez, portanto, tenham sido uma consequência do *Livro dos Grandes Segredos*.

Os iniciados eram em princípio pessoas firmes, e pensamos em primeiro lugar em Moisés, Pitágoras, Platão, Numa, Jesus, Jechielé. Mas é espantoso pensar que, durante mais de duzentas gerações, existiram homens que tiveram como missão confiar a outros homens, sem jamais se enganarem, revelações fantásticas que não deviam ser tornadas públicas, e sem que jamais alguém exclamasse:

— Eu estou dentro dos grandes segredos. Vou revelá-los.

Proclamação, aliás, que provavelmente seria vã, pois acontece — e chega mesmo a ser uma astúcia dos serviços secretos — que a divulgação com grande barulho de nada serve. Ninguém presta atenção às verdades mais evidentes.

Por esse motivo, grandes armazéns nova-iorquinos puderam pôr à venda, impunemente, os modelos reduzidos dos submarinos atômicos dos E.U.A. Nem os serviços secretos americanos nem a G. P. U. russa deram atenção a esses brinquedos senão demasiado tarde!

Mais extraordinário ainda: em 1948, nós anunciamos e revelamos os princípios da bomba H num importante semanário parisiense, que nessa altura tinha grande tiragem. No entanto a bomba H só foi conhecida do grande público três anos mais tarde, em 1951.

A comunicação era apresentada num artigo de seis colunas, com grande relevo. Na página três a divulgação era corroborada por uma fotografia e uma entrevista de Paul Chanson, mestre de conferências na Escola Politécnica, diretor do Laboratório do Pic du Midi.

Depois de ter anunciado que os americanos trabalhavam numa «bomba superterrificante», de hidrogênio, dizíamos textualmente:

Nos Estados Unidos da América trabalham na bomba de hidrogênio comprimido, mas nada nos autoriza a dizer que esteja pronta para ser utilizada.

A bomba de hidrogênio (corpo ligeiro) será 50 vezes mais poderosa do que as de corpos pesados: urânio, etc.

...Sabe-se que a libertação da energia dos elementos pesados (urânio = bomba de Bikini) faz-se por meio de fratura ou rotura do núcleo.

Inversamente, a libertação nos elementos ligeiros (hidrogênio, lítio — bomba de hidrogênio?) deve fazer-se por concentração. Mas essa libertação é 50 vezes maior do que a do urânio...

Convém ter em conta uma indicação capital: os Estados Unidos não participaram na corrida aos jazigos urânicos do Antártico. Podemos ver nisso um indício válido tendente a provar que de futuro a bomba de hidrogênio, dita «superterrífica», suplantará nas suas pesquisas a rival de Bikini...

A despeito de explicações insuficientes e de prazos provavelmente errados, nem por isso é menos evidente que semelhante informação, em Abril de 1948, constituía uma divulgação de im-

Coração Imaculado. Se a minha súplica for ouvida, a Rússia converter-se-á e haverá paz. De contrário, a Rússia espalhará os seus erros pelo mundo, provocará guerras e perseguições contra a Igreja. Muitos homens serão martirizados, o Santo Padre sofrerá muito, muitas nações serão destruídas...

O final da mensagem, que esteve na posse de Pio XII, foi revelado pelo grande Papa João XXIII, em 1960, que não julgou oportuno — e com razão — dar crédito às divagações dos visionários.

portância capital, uma catástrofe para a América, uma sorte para a Rússia.

E, assim, a partir do dia 7 de Abril, Paul Chanson telefonou-nos, preocupadíssimo (certamente ele não previra nem desejara tal publicidade); em grande segredo, reuniu-se um conselho de ministros em Paris para estudar o assunto, mas as coisas ficaram por aí e é provável que ninguém tivesse tirado vantagens da indiscrição.

Foram feitas revelações semelhantes no decorrer dos séculos: o para-raios com Gerbert, no século XI, a aviação com Gusmão, em 1709, mas sabe-se que os homens não dão qualquer valor ao que lhes é gratuitamente oferecido.

Quando, por cooptação, as mensagens eram confiadas a um iniciado de outro país, de língua diferente, era necessário transcrever, traduzindo com a maior exatidão possível. As cópias mais fiéis estariam atualmente na posse de sacerdotes muçulmanos e particularmente nos de Fez. Uma parte desses manuscritos muçulmanos encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris, mas em tão mau estado que a tradução torna-se quase impossível.

Tudo isso leva a pensar que a mensagem cuja origem atribuímos ao homem de Tiahuanaco foi em grande parte alterada, falsificada, destruída, queimada.

O documento mais preciso, os petróglifos da Porta do Sol, que talvez revelem o segredo das máquinas estratosféricas, dos foguetões siderais, dos escafandros, foi ele próprio edulcorado pelos últimos descendentes de Orejona. Certamente os desenhos já não estão de acordo com a realidade. É verdade que eles representam engenhos e formas de propulsão ou de atracão que nos são certamente desconhecidos.

Segredos mais simples, mais imediatamente úteis, foram melhor compreendidos, tais como conhecimentos de medicina, de astronomia, de arquitetura. Expressar-se-ia a ciência antiga por meio da televisão, do cinema, da rádio, do telefone? Não podemos ir até aí. Os antepassados superiores devem ter legado os princípios, o átomo, as ondas hertzianas, as forças eletromagnéticas, ultrassônicas, a indução, mas apenas os princípios. No entanto, não é proibido imaginar que, em certos santuários, existem registos diretos do homem de Tiahuanaco.

Mas teriam os Venusianos concebido a sua civilização da mesma maneira que nós?

Com os mesmos princípios, podem atingir-se realizações muito diferentes da bicicleta, do automóvel e do avião a jato. Os últimos homens de Tiahuanaco só conheciam aquilo que revelaram: a forma de máquinas espaciais utilizadas pelos seus antepassados; mas o pormenor escapava-lhes.

E, aliás, como teriam eles transmitido planos pormenorizados, aquele, por exemplo, de um motor mesmo muito simples, com os seus eixos de transmissões, os seus cilindros, os seus êmbolos, as suas hélices, as suas tubuladuras, as suas válvulas, as suas engrenagens, os seus condensadores, as suas bobinas, os seus fusíveis? A humanidade, que não estava preparada para essas revelações, devia em primeiro lugar assimilar os princípios. Os iniciados da América, assim como os do Egito, copiaram um montão de conhecimentos que, na maior parte, não podiam compreender.

Nós reconstituímos a ciência experimental, mas da ciência parapsicológica ou supranormal só ficaram vagas e duvidosas parcelas. Só podemos deplorar simultaneamente o ostracismo de que os sábios dão provas a seu respeito e a inconcebível reticência daqueles que, na posse de alguns vislumbres, os dissimulam. Se os conjurados do segredo tinham como missão ocultar os conhecimentos perigosos ou prematuros, deviam no entanto assumir a responsabilidade da revelação razoável. O atlante Prometeu não foi o primeiro a dar o exemplo?

Herdeiro do seu saber e da sua missão, um outro grande iniciado, Moisés — o maior de todos na história conhecida —, deveria revelar aos homens o mistério da criação e da ciência experimental.

O LIVRO DOS SEGREDOS PERDIDOS

Tiahuanaco abre a porta de um universo pré-histórico que encontra um prolongamento na Proto-História egípcia.

Contudo, há já muito tempo, espíritos curiosos tinham suspeitado da aventura dos nossos antepassados e sublinhado o caráter insólito de certos fenômenos da Antiguidade.

Ligando esses fatos às hipóteses das civilizações primi-históricas, a aventura adquire um sentido coerente e desenvolve-se até à Era Atômica¹, sem solução de continuidade. Mesmo se essa cadeia dos tempos nos assusta, seria pueril e perigoso pô-la de lado sem um exame.

Os contemporâneos de São Luís não é verdade que sentiram um certo pavor quando viram, aliás sem compreender, a primeira lâmpada elétrica?

Na realidade, as máquinas elétricas existiam há muito tempo, visto que foram encontrados na Babilônia acumuladores análogos aos de Planté, com uma existência de 3000 a 4000 anos!

Remontando ainda mais longe, poderíamos supor que os construtores das pirâmides do Egito e que os pintores da gruta de Lascaux (14 a 25.000 anos a. C.) talvez se iluminassem com eletricidade para realizar os seus trabalhos², mas quanto a isto faltam-nos todos os indícios.

Uma lâmpada elétrica no reinado de São Luís

Em contrapartida, vários cronistas do século XII afirmam que Jechielé, rabino francês de rara erudição à qual o rei São Luís gostava de prestar homenagem, conhecia o segredo «de um candeeiro resplandecente que se iluminava espontaneamente»³.

Esse candeeiro não continha azeite nem torcida e por vezes o rabino colocava-o à janela, de noite, o que intrigava profundamente os seus contemporâneos. Embora gozasse de crédito junto do rei e chegasse a ser seu conselheiro em certas ocasiões, Jechielé jamais revelou o segredo desse candeeiro. Eletricidade? Sempre segundo os cronistas, o rabino tinha uma forma muito pessoal de desencorajar os importunos — ou mesmo os inimigos — que lhe iam bater à porta. «Carregava num prego colocado na parede do seu gabinete e imediatamente dele jorrava uma faísca crepitante e azulada. Desgraça para aquele que, nesse preciso momento, tocasse na aldraba de ferro da porta: o importuno dobrava-se, contorcia-se, berrava como se estivesse prestes a ser absorvido pela terra e finalmente fugia sem querer saber de mais nada...»

«Um dia, uma multidão hostil», escreve Eliphaz Lévi, «reuniu-se junto dessa porta com mur-

1 Os espiritualistas desejariam substituir essa designação pela de Era de Aquário, ou Era do Apocalipse, mas, quer queiramos quer não, os tempos iniciados em 1940 adquiriram uma designação definitiva no espírito dos povos: a Era Atômica.

2 As grutas pintadas de Montignac-Lascaux (Dordonha), primeira maravilha do globo, apresentam uma verdadeira exposição de pintura pré-histórica tão frescamente colorida, tão nítida, tão despojada de sujidade, que se torna impossível imaginar de que maneira os homens do Madalenense fizeram para iluminar toda a sucessão tenebrosa das cavernas. Archotes ou fogueiras teriam deixado vestígios. Foi encontrado um candeeiro contendo carvão, o que não deu qualquer solução a semelhante mistério.

3 Eliphaz Lévi, *Histoire de la Magie*, pág. 206: «Tudo o que se diz a respeito da lâmpada e do seu prego mágico prova que ele descobrira a eletricidade ou, pelo menos, que conhecia as suas principais aplicações; pois esse conhecimento, tão antigo como a magia, era transmitido como uma das chaves da alta iniciação.»

múrios e ameaças: os homens mantinham-se ligados uns aos outros pelos braços para resistir à comoção e ao suposto tremor de terra.

O mais corajoso agitou a aldraba com fúria.

Jechielé carregou no prego. No mesmo instante os assaltantes caíram uns por cima dos outros e largaram a fugir gritando como se estivessem queimados; tinham a certeza de ter sentido a terra abrir-se e submergi-los até aos joelhos; não sabiam de que forma tinham escapado; mas por nada neste mundo voltariam a fazer algazarra à porta do feiticeiro.

Jechielé conquistou desta forma a sua tranquilidade, por meio do terror que espalhava.»

É a melhor maneira de dizer que Jechielé inventara ou reinventara a lâmpada eléctrica e que, ao carregar num botão, provocava descargas eléctricas na aldraba de ferro da sua porta.

Incontestavelmente, o rabino estava iniciado num segredo científico que não achou oportuno divulgar à humanidade do século XIII.

A Arca da Aliança: um condensador eléctrico?

Atualmente, ainda ninguém conhece a natureza exata desse fenómeno chamado electricidade, no entanto velho como o Mundo a que talvez tenha dado origem, e que Moisés sabia subjugar na Arca da Aliança e Mesmer na sua célebre selha.

Maurice Denis-Papin⁴ (descendente do ilustre inventor) supõe que a Arca da Aliança, que continha, diz-se, as Tábuas da Lei, a Vara de Aaron e uma bacia cheia de maná do deserto, era uma espécie de cofre eléctrico capaz de produzir descargas poderosas, sem dúvida da ordem dos 500 a 700 volts.

Sabe-se (Bíblia, capítulo XXV do Êxodo) que a arca fora encomendada «segundo uma forma muito exata» pelo Senhor e executada sob as ordens de Moisés.

Era feita de madeira de *sétin* reforçada a ouro por dentro e por fora (o mesmo princípio dos condensadores eléctricos: dois condutores separados por um isolante), e rodeada por uma coroa de ouro. A arca permanecia numa região seca, onde o campo magnético natural atinge normalmente 500 a 600 volts por metro vertical. Talvez ela contivesse pilhas análogas às que foram encontradas no Museu de Bagdad e nesse caso a coroa de ouro teria servido para carregar as pilhas ou o condensador.

A guarda da arca era confiada aos levitas, únicos com direito de lhe tocar; para a deslocarem «enfiavam dois bastões cobertos de ouro nos anéis», de tal forma que da coroa até ao solo a condução fazia-se com uma tomada de terra natural.

O condensador (ou pilha) descarregava-se portanto sem perigo para os transportadores. Uma vez isolada, a arca por vezes aureolava-se de faíscas incandescentes, de raios eléctricos e se algum imprudente lhe tocasse provocava temíveis estremeções (descargas eléctricas), verdadeiramente aterradores para os profanos. Funcionava exactamente como uma garrafa de Leyde.

Quando David pretendeu transportá-la da casa de Abinadab para o seu palácio, deu-se um acidente miraculoso: a arca estava colocada sobre um carro de quatro rodas completamente novo, conduzido por Oza, filho de Abinadab; como os bois que o puxavam escoinharam «ao chegar perto da eira de Nachon, Oza colocou a mão sobre a Arca de Deus», para a segurar, pois estava perigosamente inclinada.

E caiu fulminado.

Não é absurdo atribuir a Moisés conhecimentos superiores. Os Atos dos Apóstolos especificam que foi instruído na sabedoria dos Egípcios, o que significa que recebeu a educação científica

⁴ Maurice Denis-Papin, *Cours Élémentaire d'Electricité Générale*, Paris, 1948.

reservada às classes sacerdotais. Ora, esses conhecimentos científicos eram extremamente extensos.

Particularmente, em arquitetura, astronomia, medicina⁵ os Egípcios poderiam muitas vezes ter rivalizado com os nossos sábios modernos e por vezes talvez ultrapassá-los.

A tradição, a Bíblia e os cronistas, Clemente de Alexandria, Platão, José, referem-se a essa ciência relatando aquilo a que chamam «milagres»:

«Moisés pronunciou o nome de Jeová de tal forma que o rei do Egito caiu com uma síncope;
Moisés tornou a água potável atirando-lhe madeira;

Moisés comandou a multidão de rãs que o seguia e se espalhava pela cidade do Faraó, depois legiões de percevejos, de pulgas e de gafanhotos (sem dúvida por meio da ciência dos sons ou dos ultrassons que os entomologistas sabem utilizar para chamar os insetos);

Moisés provocou necroses que podem explicar os surtos epidêmicos;

Moisés fez brotar água de um rochedo batendo-lhe com a sua chibata;

Moisés construiu a Arca da Aliança que fulminava quem lhe tocava;

Moisés, sobre o Monte Sinai, promulgou a lei ao som da trovoadas e à claridade dos relâmpagos.»

Algumas pessoas pretendem ver nestas narrativas uma sucessão manifesta de «milagres», mas à luz dos nossos conhecimentos atuais parece mais razoável, se aceitamos os fatos, procurar para eles uma explicação racional. Moisés tinha profundos conhecimentos de física (ultrassons e eletricidade), de química, de geologia e de meteorologia.

O físico Laplace escreveu a este respeito:

«É de admirar que os Egípcios não tenham querido comunicar-nos as suas observações e a sua ciência em astronomia.

«Todavia, é bem conhecida a reputação dos seus sacerdotes, que ensinaram Tales, Pitágoras, Eurodoxo e Platão.»

Segundo parece, deve deduzir-se daí que os segredos foram bem guardados pelos iniciados, exceção feita para as revelações de caráter social ou susceptíveis de ser largamente assimiladas pelos sábios da escola profana.

Os Egípcios conheciam a precessão dos equinócios, os graus do meridiano terrestre, as vinte e quatro horas do dia, o segredo de uma tinta para tecidos superior aos nossos produtos modernos, a prótese dentária, a operação do trépano e a ciência química do embalsamamento.

Um anuário astrológico encontrado por Champollion no túmulo de Ramsés IX prova que 1500 anos antes de Jesus Cristo os Egípcios sabiam que além do seu movimento alternado do sul para o norte e do norte para o sul, o Sol é igualmente transportado do Ocidente para o Oriente entre as estrelas, dando portanto a volta ao céu no espaço de um ano.

Os sacerdotes, segundo Heródoto, sabiam que as conchas fósseis encontradas nas areias eram de origem marítima.

Censuraram esses sacerdotes por utilizarem às vezes ímanes, eletricidade, máquinas a vapor, ultrassons e diversos mecanismos para criar falsos milagres destinados a provar, junto das multidões, o poder dos seus deuses.

É verdade que esses milagres nada tinham de divinos e utilizavam segredos científicos então impenetráveis, mas nem por isso é menos evidente que o conhecimento da máquina a vapor, dos ultrassons, da eletricidade, prova a existência de uma ciência absolutamente fantástica para a época.

⁵ Encontraram-se no Vale dos Reis, soldados aos maxilares de algumas múmias, aparelhos absolutamente semelhantes aos utilizados pela moderna prótese dentária.

A escala do tempo conhecido, o condensador elétrico precedeu nitidamente a prótese dentária.

As máquinas de Heron

Estes conhecimentos extraídos dos livros secretos pelos hierofantes foram parcialmente comunicados a dois mecânicos e físicos de extrema habilidade, Ctesibius e Heron, sendo-lhes ordenado, no entanto, que o seu trabalho seria apenas para proveito dos templos.

Walters Kiaulehn⁶ analisa da seguinte forma os milagres realizados pelas máquinas de Heron:

Com os seus autômatos a vapor, ele transformava os templos em locais de mistério.

Depois de as chamas sagradas terem sido acesas sobre o altar, uma trombeta de pedra dava um sinal e os fiéis acorriam.

Eles podiam ver as grandes portas abrirem-se por si próprias e, depois de terem penetrado no santuário, fazendo girar as rodas de bronze que se encontravam no átrio de entrada, caía uma pequena chuva perfumada, enquanto aves de metal abriam os seus bicos e faziam ouvir um cântico sobrenatural.

No final do officio religioso, escorria uma chuva miudinha que apagava a chama.

Nos santuários podiam admirar-se imagens metálicas de deuses que se erguiam lentamente em direção às abóbadas, estátuas com o peso de várias toneladas que ficavam suspensas no ar, pesadas portas que se abriam e fechavam ao som de uma voz de comando e sacerdotes em levitação.

Muitas vezes, a ciência mágica ultrapassava a ciência experimental — aliás ambas estavam indissolúvelmente ligadas — e os hierofantes sabiam fazer aparecer fantasmas, profetizar e lançar terríveis maldições contra os profanadores ou os descrentes.

«Conforme lhes apetece», escreve Eliphas Lévi, «o templo fica rodeado de nuvens ou brilha com uma claridade sobre-humana; por vezes as trevas acontecem durante o dia; por vezes, também, a noite ilumina-se, as lâmpadas acendem-se sozinhas, os deuses resplandecem, ouve-se o ribombar do trovão e desgraçado do ímpio que tenha atraído sobre a sua pessoa a maldição dos iniciados.»

Esses fenômenos miraculosos, realizados pelos sacerdotes tendo como base a ciência e a magia, são classificados pelos autores profanos como intrujice. Não é esse o nosso ponto de vista.

Haverá intrujice quando um Caravelle a jato levanta voo em direção ao céu, quando uma porta com célula fotoelétrica se abre diante do visitante, quando uma reação química ou um motor congela a água de um refrigerador?

Os hierofantes, há 2000, 4000 e sem dúvida também 10.000 anos, eram os doutores da fé e da ciência, os químicos, os físicos, os biólogos, os iniciados, enfim, no conhecimento, o qual não inclui apenas a metafísica, mas o conjunto dos problemas humanos.

Eles deram ao mundo do seu tempo o máximo de ciência permitida, guardando para si «o castigo do Céu, o demônio do vapor e o poder divino do Verbo».

Mas é certo que eles autorizaram Heron a fabricar a eolípila, a fonte jorrando água sob pressão, a ventosa, a bomba de incêndio, esse maravilhoso relógio que foi a clepsidra e até o taxímetro para medir a distância percorrida.

Mais iniciado ainda do que os hierofantes do tempo de Heron, por estar mais próximo dos mistérios de Tiahuanaco, cuja recordação ia diminuindo, Moisés deu a medida dos segredos dissimulados.

Segundo René Pique, químico e técnico militar de explosivos⁷, «as misturas deflagrantes não deviam ser desconhecidas no Egito, e Moisés, recolhido e adotado por Thermutis, filha de Ramsés

⁶ *Die Eisernen Engel (Os Anjos de Metal)*, Ullsyein, 1935, segundo *Le Livre des Merveilles*, de Gustave Buscher. Denôel, 1957.

⁷ Narrado por Maurice Mercier: *Le Feu Grégeois*.

II, aprofundara todos os segredos da ciência egípcia e teria utilizado esses produtos deflagrantes, especialmente contra Coré, Dathan e Ahiron, quando estes últimos se revoltaram contra ele, com 250 homens».

Moisés faz explodir uma mina

De fato, na Bíblia (Números XVI — 1 e 2 —) pode ler-se:

28 — *Então Moisés disse ao povo: E assim reconheceréis que foi o Senhor que me enviou para fazer tudo aquilo que vos é dado ver e que não saiu da minha cabeça.*

29 — *Se estas gentes morrerem de morte natural e forem atacadas por uma praga que também costuma atacar os outros, então não é o Senhor que me envia.*

30 — *Mas se o Senhor fizer um novo prodígio entre abrindo a terra para os submergir com tudo o que lhes pertence e eles descerem vivos ao inferno, sabereis então que eles blasfemaram contra o Senhor.*

31 — *Imediatamente após ele ter falado, a terra rompeu-se aos seus pés.*

32 — *E ao abrir-se, ela devorou-os com as suas tendas e tudo o que lhes pertencia.*

33 — *Eles desceram vivos ao inferno, todos cobertos de terra, e desapareceram de entre o povo.*

34 — *O povo todo de Israel, que estava ao redor, fugiu ao ouvir os gritos dos moribundos, dizendo: receamos que a terra nos devore juntamente com eles.*

35 — *Ao mesmo tempo, o Senhor fez brotar um raio que matou 250 homens que ofereciam incenso.*

Depois de semelhante exposição bíblica, perfeitamente edificante na opinião de René Pique, e após os pareceres expressos por Maurice Denis-Papin, Georges Barbarin e Walter Kiaulehn, será possível recusar a Moisés os seus diplomas de electricista e de pirotécnico? E aos sacerdotes egípcios o título de doutores em ciências?

Pelo seu lado, Moisés deu provas noutras ocasiões dos seus talentos e particularmente contra Nadab e Abiu, filhos de Aaron, que morreram «como que fulminados por um trovão».

Os dois irmãos, de fato, tinham cometido o sacrilégio de ofertar ao Senhor, no defumador de incenso, um «fogo estranho e proibido» (Lev. X, 1), o que motivou um castigo cuja responsabilidade, em certa medida, deve ter pertencido a Moisés.

«Um fogo saiu do Senhor», quer dizer da Arca, e fulminou os culpados, sem lhes consumir os corpos, nem mesmo os vestuários. Caíram no próprio local em que ofereciam o incenso desconhecido, provavelmente à entrada do Tabernáculo (Lev. X, 2).

A Bíblia revela, por outro lado, a existência de grandes segredos científicos, que chegam, no dizer de certos comentadores, até à bomba atômica.

Não podemos censurar Moisés por ter criado um ascendente sobre o seu povo recorrendo às fontes da pirotecnia e da electricidade, e agradecemos-lhe que tenha tido a prudência de calar esses perigosos segredos cuja revelação teria certamente precipitado o mundo nos tempos do Apocalipse, dois mil anos antes da nossa época.

Moisés e Numa não eram os únicos a conhecer as propriedades da pólvora e do fluido eléctrico; segundo Apolônio de Tiana, os brâmanes possuíam um segredo que lhes permitia lançar relâmpagos e trovões sobre os seus inimigos. Salomé, filha de Herodes, sabia imitar o trovão e o relâmpago, segundo *Fabularum Liber*, de Higino.

Isaac Vossius⁸ diz que os Chineses, no ano 85 da nossa era, sob o reinado de Vi-Tey, teriam utilizado a pólvora e armas de fogo contra os Tártaros.

⁸ *Varia: Observat.* XIV, pág. 83.

Segundo os textos hindus, nas guerras muito antigas, «eram lançados archotes e depois naves aéreas sobre os exércitos inimigos; esses archotes explodiam ao saltar e provocavam consideráveis prejuízos».

Agatias⁹ assinala que Antémios de Trales, arquiteto de Santa Sofia, destruiu a casa do seu vizinho, o retórico Zénon, lançando-lhe o raio e o trovão, quer dizer um foguete explosivo.

A ciência dos antigos povos

Os Antigos conheciam o fogo líquido que queima as muralhas, e o tubo revestido de bronze que da proa dos navios lança aos inimigos o fogo de artifício mortífero.

As tábuas bramânicas asseguram que foi de Vênus, no ano 18.617.841 a. C. (que precisão na data!), que veio a primeira nave do espaço e diz a lenda que o imperador Tam, da 10.^a dinastia, se fez transportar com o seu séquito até Yam Cheu «sobre nuvens brancas, com a forma de carros e de tronos, puxadas por cisnes».

Muito mais verosímil é a existência do carrinho magnético chinês, que transportava uma estatueta com uma pedra magnética incrustada de tal forma que o braço da figurinha indicava sempre o sul.

As tradições e os livros do Tibete¹⁰ e da Índia¹¹ formigam de máquinas voadoras — as «Pérolas do Céu» — e de aeronaves pré-históricas impelidas na parte de trás pelo ar, pelo fogo e pelo mercúrio, o que demonstra, senão uma técnica perfeita, pelo menos os rudimentos de uma ciência perdida de vista.

W. Scott Elliot¹² fala de uma «nave aérea utilizada pela raça cujos descendentes nos legaram as pirâmides do México e do Egito e as pedras de Tiahuanaco e de Baalbek».

Assurbanípal, rei da Assíria, possuía, há 2500 anos, uma biblioteca considerável que diziam ser antediluviana.

Um dia, tendo reunido no seu palácio uma plêiade de sábios cujos estudos gostava de encorajar e orientar, apontou um dedo para o deserto e disse:

Num tempo muito antigo, havia além cidades muito poderosas cujos muros desapareceram, mas possuímos a língua dos seus habitantes sobre tabuinhas gravadas.

Essas tabuinhas, milhares e milhares delas (não se conhece o seu número exato) retiradas das ruínas de Nínive, foram parcialmente traduzidas, mas a maior parte voltou à letargia dos museus onde ninguém se preocupa estudá-las.

O historiador tradicionalista Gérard Heym pensa que elas dissimulam importantes segredos científicos, mas até agora apenas confiaram dados matemáticos, para dizer a verdade, bastante extraordinários: numeração por meio de pauzinhos, adição, tabelas empíricas de multiplicações e de divisões, lista de quadrados e de cubos de números¹³, etc.

Talvez da mesma forma que as Pirâmides, o Templo de Salomão representava uma soma de conhecimentos entre os quais, como sabemos, o segredo do para-raios.

O Templo desapareceu, destruído por Nabucodonosor, por Grassus e depois por Titus, que, por ignorância, fizeram assim desaparecer um dos mais preciosos documentos do gênio humano.

9 *Vida de Justiniano*, por Agatias.

10 O *Tantjua* e o *Kantjua*.

11 O *Ramayana* e o *Mahabharata*.

12 *The Story of Atlantes*.

13 O teorema do quadrado da hipotenusa, que passa por ter sido inventado por Pitágoras 15.000 anos mais tarde, era conhecido dos Sumérios (*Histoire de la Science*, Pierre Rousseau, Ed. Fayard).

A escritura relata que Salomão mandara colocar diante da fachada duas colunas da madeira proveniente de sucessivas estacas da árvore da ciência que existia no paraíso (um terceiro pedaço dessa madeira servia de frontão no Templo). As colunas eram cobertas de placas de bronze; representavam o homem e a mulher e tinham nomes: Jakin e Boaz (o forte e o fraco), constituindo assim um verdadeiro hieróglifo de que só os iniciados podiam compreender o sentido. No Templo, os profetas hebraicos aprenderam a ciência secreta que por vezes nos parece confundir-se com a magia.

Nos subterrâneos, criavam-se feras para serem utilizadas nas provas de iniciação. Quando Daniel foi acusado de magia, de impostura e entregue aos leões, ele não teve qualquer dificuldade em criar um ascendente sobre as feras, como faziam os hierofantes egípcios e como ainda seriam capazes de o fazer certos iniciados. (Os domadores ao falar com os animais recuperam, em certa medida, o poder do verbo.)

Assim como os Hebraicos, os Gregos herdaram uma parcela da ciência dos Egípcios. O relógio de sol com engrenagens, de Antikytera, provava um alto conhecimento do mundo celeste; o astrônomo Eratóstenes, da escola de Alexandria, calculou, em 250 a. C., a inclinação do meridiano terrestre, cujo grau avaliou em 59' 30" (60' segundos os cálculos atuais).

O engenheiro Eupalinos dirigiu os trabalhos de perfuração do túnel de Samos, que mandou iniciar pelos dois extremos; tinha o comprimento de 900 metros, mas as equipas de operários encontraram-se com grande exatidão e o túnel é absolutamente retilíneo. Para realizar um trabalho análogo, os italianos e os franceses, que perfuraram o monte Branco, dispuseram de instrumentos eletrônicos de medida, de radares, de detectores magnéticos e de ultrassons. Ora, segundo se diz, Eupalinos nem sequer dispunha de uma bússola.

Tibério e o vidro inquebrável

Aristóteles utilizava uma pena de metal fendido para escrever; Platão construiu uma clepsidra despertador. As Termas de Bizâncio, construídas por Séptimo Severo, eram aquecidas com petróleo transportado por animais desde as margens do mar Cáspio. Nero tinha no seu palácio um ascensor que servia os vários andares até uma altura de 40 metros.

Segundo Plínio, Petrônio, Diocássio e Isidoro de Sevilha, o vidro inquebrável (matéria plástica?) era conhecido dos Romanos e gozava de tal voga que Tibério mandou destruir a fábrica, com receio de que essa invenção diminuísse o valor do ouro e da prata.

D'Israeli pensa que os Romanos inventaram igualmente a arte de imprimir, mas conservaram o segredo a fim de manter o monopólio do conhecimento. Essas invenções caíram em seguida no esquecimento, assim como a máquina de ceifar galo-romana.

Nos meados do século XV, perto da Via Ápia, em Roma, foi descoberto um túmulo onde jazia o corpo de uma rapariga mergulhado num licor não identificado. As suas feições estavam tão serenas que parecia dormir; uma argola de ouro segurava-lhe os cabelos louros e a seus pés, maravilhosamente belos, ardia suavemente uma chama. Uma inscrição revelou que morrera há mais de 1500 anos e que se chamava Túlia, filha de Cícero.

Pouco depois da abertura do sepulcro, a chama extinguiu-se, e ninguém percebeu como pudera brilhar durante tanto tempo.

Da mesma forma não é possível compreender por que motivo, no tempo de Carlos Magno, uma brusca epidemia, que podemos aparentar à recente mania dos discos voadores, fez com que o povo comesse a ver coisas extraordinárias. Não pretendemos dizer que *todas* as visões tenham sido alucinações e, pelo contrário, pensamos que a primeira, pelo menos, podia corresponder a uma realidade inexplicável, um disco voador por exemplo; mas quando a multidão acredita no milagre, vê-o por toda a parte e há sempre magos e feiticeiros para aumentar o delírio.

Segundo o conde de Gabalis, o cabalista Zedéquias sentiu-se um dia inspirado e convocou

«os seres aéreos» para uma grande demonstração.

«Eles realizaram-na com grande suntuosidade, aparecendo no espaço sobre naves maravilhosamente construídas que se manobravam facilmente.»

Tratava-se sem dúvida de alucinações coletivas perigosas e, com grande prudência, Carlos Magno proibiu essas proezas satânicas.

As invenções do monge Gerbert

Antes de ser eleito papa, sob o nome de Silvestre II, o monge francês Gerbert recebeu a iniciação de mestres árabes em Sevilha e Córdoba.

Já no ano de 970, ele inventara os órgãos a vapor, o primeiro relógio movido por um peso, um aparelho comportando três esferas com o auxílio das quais ele descrevia o movimento dos planetas e regras de cálculos de números inteiros e fracionários análogas ao sistema atual.

O seu gênio ultrapassava de tal forma as capacidades dos seus contemporâneos que renunciou a ensinar-lhes os segredos da mecânica, das matemáticas e da astronomia (em particular a rotundidade da Terra, da qual dava provas com as suas esferas).

As poucas verdades que ele divulgou foram esquecidas imediatamente após terem sido ouvidas.

Embora conhecendo muito bem o para-raios, Gerbert limitou-se a dizer aos seus amigos que «era possível afastar o raio cravando no solo grandes varas terminadas por ferros de lança muito agudos».

No século X, ninguém quis interessar-se pela ciência, saber que o relógio iria destronar a clepsidra, que a Terra era redonda, que o raio não era um flagelo inevitável.

Da mesma forma, é bastante conhecido que Roger Bacon, o Doutor Admirável, descobriu nos manuscritos árabes segredos com que não pôde beneficiar o século XIII, tão reticente em relação à ciência experimental como o século de Silvestre II.

Esse monge genial não citou as suas fontes, mas a sua aventura é edificante e prova simultaneamente que a Antiguidade conhecia maravilhosas invenções e que cada revelação deve vir a seu tempo¹⁴.

Roger Bacon — nascido em 1214, em Ilchester, na Inglaterra, e falecido em 1294 — foi de tal forma superior ao seu século que Alexandre de Humboldt considerou-o como «a mais importante aparição da Idade Média».

Um dos seus maiores méritos foi o de ter sido o primeiro a propor a reforma do calendário juliano.

«Os defeitos desse calendário», escreveu ele ao Papa Clemente IV, «tornaram-se intoleráveis. Os filósofos infieis, árabes ou hebraicos, e os gregos que vivem em conjunto com os cristãos têm horror à estupidez de que os cristãos dão provas na sua cronologia e na celebração das suas solenidades. E, no entanto, os cristãos têm atualmente suficientes conhecimentos astronômicos para poderem apoiar-se numa base certa¹⁵.»

Em óptica, Bacon é o precursor de Galileu e de Newton. Ele conhece os fenômenos de propagação, de reflexão e de refração da luz e afirma, contrariamente a Aristóteles, que não é instantânea. Certas passagens curiosas do seu *Tratado de Óptica ou de Perspectivas* demonstram que era bem possível, em 1250, fabricar microscópios e telescópios:

¹⁴ É da maior importância notar que Gerbert e Bacon extraíram os seus conhecimentos dos manuscritos árabes. A maior parte dos sábios antigos fizeram a mesma coisa. Parece que a quase totalidade da ciência tradicional foi recolhida pelos Muçulmanos.

¹⁵ Eis o que não deixa qualquer dúvida a respeito dos sentimentos de Bacon: ele dá a primazia em ciência aos sábios muçulmanos.

Se um homem olhar as letras ou outros objetos pequenos através de um cristal, um vidro ou qualquer outra objectiva colocada sobre as letras, se essa objectiva tiver a forma de uma porção de esfera cuja convexidade estiver voltada para os olhos e se os olhos estiverem por cima, esse homem verá muito melhor as letras, que lhe parecerão maiores. E, por esse motivo, esse instrumento é útil para os velhos e para aqueles que tenham a vista fraca, pois podem ver com nitidez os mais pequenos caracteres.

Teríamos muito a dizer em relação à «visão alterada», pois as maiores coisas podem parecer pequenas, e reciprocamente objetos muito afastados podem parecer muito aproximados. Pois podemos talhar os vidros de tal forma e dispô-los de uma maneira em relação à nossa vista e aos objetos exteriores que veremos um objeto aproximado ou afastado sob o ângulo que quisermos. E, assim, à distância mais inacreditável, poderíamos ler as letras mais diminutas, contaríamos os grãos de areia e de poeira, pois a distância nada faz diretamente por ela própria, mas apenas segundo a grandeza do ângulo.

Pode duvidar-se de que o monge de Oxford jamais tenha possuído e utilizado um instrumento semelhante ao telescópio, mas é certo que a aplicação dos seus conhecimentos e dos seus princípios teria diretamente originado, em primeiro lugar, a fabricação dos óculos astronômicos, conhecidos na China desde tempos antiquíssimos e construídos pelo holandês Metius, em 1609, em seguida ao microscópio inventado por Zachari Jansen, em 1590. Esses mesmos conhecimentos teriam igualmente permitido confeccionar um telescópio quatro séculos antes de Newton.

Por outro lado, encontra-se nos escritos de Bacon a fórmula da pólvora para canhão.

Bacon era alquimista no problema da transmutação dos metais, mas verdadeiro químico experimental moderno na forma de resolver esse problema.

Perseguido, preso, incompreendido, esse grande iniciado teve, no final da sua vida, estas palavras amargas:

Arrependo-me de ter feito tão grandes sacrifícios no interesse da ciência.

Quando ele morreu, os monges do seu convento pregaram nas paredes todas as suas obras e os seus manuscritos, como se se tratasse de infames trabalhos de feitiçaria!

O Castiçal dos Andes

Na cordilheira dos Andes, ao sul de Lima, na baía de Pisco que está mais ou menos situada na latitude de Cuzco, um estranho desenho gravado na vertente vermelha de uma falésia a pique provoca um enigma difícil de resolver.

O desenho representa uma espécie de tridente ou de castiçal, que se distingue a mais de 20 quilômetros no mar e cuja altura é de cerca de 250 metros.

Talhado em profundos sulcos no próprio rochedo, o petróglifo que os conquistadores do século XVI viram foi em primeiro lugar por eles designado como o «sinal miraculoso das três cruzes», ali colocado pelo Deus dos cristãos para santificar a conquista das Índias Ocidentais. Mas espíritos mais realistas não se contentaram com essa explicação.

O desenho tem a forma de um castiçal com três braços cujas duas hastes laterais terminam com motivos esculpidos de figuração humana. É geralmente denominado o Tridente dos Andes.

Filamentos encontrados na coluna central fazem crer, segundo parece com razão, que esse tridente era utilizado pelos Incas, e sem dúvida muito antes deles, para fins científicos muito precisos.

Beltran Garcia escreve a este respeito:

Seria o Castiçal dos Andes um calculador de marés?

É provável, mas a sua altura acima do oceano Pacífico prova que tinha outras funções. Na coluna central, havia uma corda muito comprida que servia de pêndulo vertical e nos braços exteriores passavam pêndulos horizontais.

Em suma, o sistema, provido de contrapesos, de escalas graduadas e de cordas enroladas em roldanas, constituía um gigantesco sismógrafo de precisão, que poderia registrar as ondas tectônicas e os abalos sísmicos provenientes não apenas do Peru, mas de todo o planeta.

Esta hipótese de Beltran Garcia parece tanto mais verosímil quanto é certo que o Peru é uma das regiões do globo mais frequentemente perturbada pelos tremores de terra.

Mas então, que homens, em tempos recuados, inventaram esse aparelho científico?

Investigadores desconhecidos

A confiar nos relatos históricos, podemos acreditar que os Antigos conheciam o cobre temperado, inoxidável e elástico como o aço. Nós perdemos um processo de soldadura do ouro, como o testemunham as coroas góticas do tesouro de Guarazzar expostas no Museu de Cluny, e o próprio Benvenuto Cellini foi incapaz de descobrir o segredo do processo de trabalhar o ouro dos Etruscos.

No reinado de Luís XIII, um inventor, De Meuves, utilizava um produto misterioso para friccionar pedaços de ferro que, em seguida, quebrava como se fossem de vidro. Na mesma época, um certo Luís Leroux, conseguira um alvará que lhe permitia «transformar o ferro em aço, com a maior facilidade».

Segundo Lemontey (*Histoire de la Regence*), a condessa de Bonneval, tendo sem dúvida recuperado o alvará, propôs, a 20 de Dezembro de 1720, ao regente, «a revelação de um segredo químico para converter anualmente 20 milhões de libras de ferro em excelente aço, sem outras despesas além de 3 francos o quintal». Pelo segredo, a condessa pedia um milhão e meio de francos e uma pensão de cem mil libras.

Inúmeros inventores infelizes viram as suas descobertas, que por vezes poderiam ter ativado a evolução científica, afundadas na incompreensão ou no desprezo.

Voltaire encontrou um dia um desses investigadores que lhe revelou a maneira de converter o tomboque (imitação do ouro) em fios tão delgados que serviriam para fabricar tecidos. O filósofo pensou, por momentos, criar uma nova indústria, mas abandonou o projeto.

Na China, no final do século XIV, o fenômeno que impressionara os contemporâneos de Zedéguas deve ter-se dado novamente — estamos ainda a pensar nos discos voadores —, mas as descrições podem ser mais claramente estudadas.

Certos desenhos da época representam carros voadores munidos de rodas com parafusos cujo princípio motor poderia muito bem ser uma espécie de eletromagnetismo¹⁶.

Uma gravura descrita por B. Laufer¹⁷ mostra dois viajantes voando numa espécie de carro com rodas que giravam sobre um eixo perpendicular à linha de marcha. Que princípio se poderia esconder atrás desse esboço de máquina voadora?

Será necessário, igualmente, ver uma simples invenção mecânica na famosa «mosca voadora de Regiomontanus»?

¹⁶ Segundo Jules Duhem, *Histoire des Idées Aéronautiques*.

¹⁷ B. Laufer, *The Prehistory of Aviation*, Chicago, 1928.

Os brinquedos mecânicos

Se os cronistas relataram os fatos aumentando-os desmesuradamente, nós quedamo-nos no domínio da física experimental; mas se as narrações são exatas, então é necessário ver nisso mais alguma coisa, quer dizer a expressão de uma ciência que ainda nos é desconhecida.

O brinquedo, que o é de fato, de Regiomontanus, consistia numa mosca de metal que o seu inventor gostava de fazer mover diante dos seus amigos. A mosca saía da sua mão, por exemplo, durante um banquete, girava zumbindo à volta dos convivas sem jamais encalhar nas paredes, depois voltava ajuizadamente para a mão que a lançara.

Mais extraordinária ainda era a águia mecânica, de tamanho natural, que fez uma demonstração extraordinária por ocasião da entrada solene do imperador Maximiliano I em Nuremberg.

A águia foi lançada do alto das muralhas e voou para longe ao encontro do soberano. Ao chegar perto dele, deu meia volta e precedeu-o, batendo as asas, até à porta da cidade.

A partir desse dia, a fama de Nuremberg no fabrico de brinquedos mecânicos e articulados espalhou-se pelo mundo inteiro e certas pessoas supõem que a razão desse êxito foi, de início, a revelação de um grande segredo científico.

No Museu de Bruxelas, pode ver-se uma extraordinária pintura de Hyeronimus Bosch, representando a tentação de Santo Antônio tal como era concebida no século XV. O demônio, para tentar o bom santo, utiliza todas as seduções terrestres mais conhecidas acrescentando-lhes, *além disso*, pequenos elementos voadores.

Ora, uma das máquinas voadoras mergulha o espectador moderno numa certa perplexidade. Ela representa uma aeronave em forma de pássaro, que um navegador conduz por meio de um cabo enrolado numa argola. A aeronave é coberta, tem mastros, cabos como um veleiro de mar alto, e até aí nada de extraordinário, mas pode ver-se, sem ilusão possível, uma antena sair do mastro e um aparelho de medida de ângulos que não pode ser senão o goniômetro, inventado três séculos mais tarde pelo físico Caregeot.

Jules Duhem, do C. N. R. S. francês, escreveu a esse respeito:

«Os fios esticados no mastro fazem tão claramente o papel de antena que é de supor que Bosch realmente imaginou, por volta de 1516, a possibilidade de captar e emitir as ondas eletromagnéticas, da mesma forma que representou, para a medida dos ângulos, um aparelho com mostrador que é o arquétipo dos goniômetros de precisão.»

No capítulo dos fatos miraculosos não provados, encontra-se também uma espantosa invenção, felizmente mantida secreta, que se situa a meio do século XVI.

O duque de Alba fazia cerco a uma cidade holandesa e não conseguia tomá-la de assalto.

Tendo ouvido louvar a ciência de um homem que diziam pertencer aos Rosa-Cruz, mandou-o comparecer no seu quartel-general e perguntou-lhe se podia quebrar as muralhas da cidade.

O homem afirmou ser capaz de o fazer.

O desconhecido trazia uma caixa bastante pequena, munida de uma abertura que ele apontou na direção dos sitiados, e quase imediatamente viram as muralhas estalar e desmoronar-se com enorme fragor.

Os espanhóis tomaram conta da cidade.

O duque de Alba disse então ao rosa-cruz:

— Muito bem, meu amigo! Aqui tem uma bolsa com ouro, mas se utilizar novamente essa máquina mandá-lo-ei enforcar.

A bomba atômica de Luís XV

É infinitamente provável que o raio da morte do pseudo-rosa-cruciano jamais tenha existido, pois a experiência realizada perante milhares de testemunhas teria produzido grande barulho na História.

No entanto, uma espécie de bomba atômica foi efetivamente experimentada no século de Luís XV e passou quase despercebida. Eis a forma como o *Paris-Presse*, do dia 21 de Maio de 1957, apresenta os fatos:

«Luís XV, embora falecido há 183 anos, encontra-se atualmente ligado à controvérsia que opõe partidários e adversários do prosseguimento das experiências atômicas.»

Num artigo em que se ergue contra essas experiências, o jornalista inglês James Cameron, do *New Chronicle*, evoca o grande exemplo de prudência dado por Luís XV, caso se acredite pelo menos na seguinte passagem, extraída de uma crônica inglesa do século passado, o *Livre des Jours*, de Chambers:

Luís XV, embora nem sempre tenha tido uma vida privada exemplar, não deixava de possuir certas virtudes, sempre apreciáveis quando existem em alto grau...

Um nativo do Dauphiné, chamado Dupré, que passara a vida a fazer experiências de química, declarou ter descoberto uma espécie de fogo tão rápido e tão devastador que não podia ser nem evitado nem combatido, e que a água ativava o seu poder em vez de destruí-lo.

No canal de Versalhes, na presença do rei, e no pátio do arsenal de Paris, Dupré fez experiências e o resultado consternou os assistentes. Quando ficou claramente demonstrado que um homem na posse desse segredo podia queimar uma frota, ou destruir uma cidade apesar de toda a resistência, Luís XV proibiu que a invenção fosse tornada pública.

Embora nessa altura ele estivesse muito preocupado devido a uma guerra contra os Ingleses, cuja frota seria de grande vantagem destruir, recusou utilizar a dita invenção a qual, pelo contrário, mandou suprimir para bem da humanidade.

Dupré morreu algum tempo depois, e o seu segredo foi com ele para o túmulo. Semelhante história parece inacreditável; todavia, não parece impossível, dado o progresso da ciência, que um dia seja inventado um fogo capaz de efeitos tão formidáveis que a guerra se transformaria num absurdo e ao mesmo tempo impusesse a organização de uma política geral das nações destinada a impedir os países de entrarem em hostilidade uns contra os outros.

Este texto foi redigido no final do século passado. O jornalista inglês publica-o sem comentários. Temos de concordar que são desnecessários!

Segredo científico? Segredo mágico?

Para Eliphaz Lévi, os segredos da ciência antiga são «a luz astral toda inteira, ... o elemento da eletricidade e do raio que pode ser colocado ao serviço da vontade humana».

E o que é necessário para adquirir esse formidável poder? Zoroastro diz: «Devem-se tornar conhecidas as leis misteriosas do equilíbrio que subjagam ao império do bem os próprios poderes do mal. É preciso ter lutado contra os fantasmas da alucinação e ter agarrado corpo a corpo a luz como Jacob na sua luta contra o anjo... Mas se não somos perfeitamente puros, queimamo-nos nos fogos que acendemos, somos presa da serpente (a eletricidade) que enfurecemos e morreremos fulminados como Túlio Hostílio.»

O bom Eliphaz Lévi via longe — em 1860 — e sem dúvida com exatidão. Ele tem a certeza de que os nossos sábios não souberam dominar e subjugar as forças da serpente com *os devidos meios*.

Os homens entenderam por bem — por curiosidade atávica e amor por Satanás — tentar a

aventura que os conduziu à conquista da América muito antes de Cristóvão Colombo¹⁸, à construção de aeronaves muito antes dos irmãos Montgolfier¹⁹, à fusão dos metais muito antes da Idade do Bronze²⁰, à fabricação das bombas atômicas antes dos nossos sábios modernos²¹.

Como é evidente, a ciência extraviada vai terminar da pior maneira: a bomba atômica, sonhada desde há milênios pelos empíricos e o químico Dupré.

Pois os empíricos são igualmente discípulos de Satanás. A origem da sua arte, que se perde na Primi-História, teve todavia a ciência de Tiahuanaco como ponto de partida.

Aconteceu, por pouca sorte, que os missionários do segredo transmitido por cooptação nem sempre encontraram iniciados válidos a quem confiá-los.

Produziram-se erros e deteriorações, confidentes indignos destruíram o legado e dele extraíram uma releiteiçaria, esse ocultismo, enfim, que ordena em vez de pedir e que pretende saber devido a um ignorado prodígio do diabo.

Assim nasceu o ocultismo, que se pode pressupor infernal: o das videntes, cartomantes, radiestesistas, astrólogos, os que leem a sina, feiticeiros e magos, que provoca um prejuízo considerável no esoterismo.

Os conhecimentos inferiores propagaram-se entre os Hindus, os Árabes e os negros de África e talvez também por esses continentes e reinos, na sua maior parte desaparecidos (como punidos por uma maldição divina), que têm por nome Terra de Mu, Terra de Gond, Reino de Pount (de que Zimbábue teria sido a capital), país dos Hiperbóreos, reino subterrâneo da Agartha, no Tibete.

Lenda, esses reinos de que fala a tradição?

Que importa! O que é preciso, é recolhê-la e deixá-la por nossa vez como mensagem às raças futuras.

Pouco a pouco, no decorrer dos séculos, ela esclarecer-se-á e tornar-se-á transparente como os homens hiperbóreos.

18 Björn Asbrandson, Leif Ericson, Gudleif Gudlangson e até mesmo navegadores russos, segundo o jornal *Leningradskaya Pravda*, 23 de Novembro de 1961.

19 O português Bartolomeu de Gusmão.

20 O Smithsonian Institute e o U. S. A. Bureau of Standards descobriram vestígios de metalurgia com mais de 7000 anos, o que demonstra que então se sabia fabricar aço em fornalhas de 9000° (G. Ketman, *Science et Vie*, n.º 516).

21 Destruição de Sodoma e de Gomorra, segundo o físico russo Agrest, explosão sobre a taiga, etc.

OS CONTINENTES DESAPARECIDOS

O desvio dos continentes postulado por Alfred Wegener no início deste século, a elevação repentina dos fundos marinhos e a derrocada, não menos súbita, das terras emersas levam a pensar que a configuração da Terra foi muitas vezes alterada no decorrer dos séculos.

Heródoto relata que os sacerdotes egípcios de Tebas lhe contaram que, durante os milênios precedentes, *o sol nascera quatro vezes contrariamente ao seu hábito, e pusera-se duas vezes no local onde agora nasce.*

Teria a Terra girado em sentido inverso?

O *Papyrus Magique Harris*, a propósito de perturbações cósmicas, afirma que *o sul se transformou em norte* e que *a Terra deu uma volta.*

Numerosos manuscritos antigos, tais como os *Papyrus Ermitage* e o *Ipuwer*, referem-se aos mesmos fenômenos empregando exatamente as mesmas expressões.

Na memória humana, e num estádio felizmente menor, o nosso planeta conheceu frequentes saltos de humor. Em 1883, foi a submersão parcial da ilha Cracatoa, na Malásia: dois terços das terras emersas aluíram num abismo marítimo com a profundidade de 300 metros.

No mar da China e no Atlântico, no espaço de um dia, apareceram e desapareceram ilhas. Há 30.000 anos, a Mancha era uma terra emersa que ligava a Inglaterra à França. A 2 de Outubro de 1957, uma ilha vulcânica surgiu perto da do Faial, nos Açores. A partir do século XVII, surgiram — pelo menos sobre os mapas marítimos — e desapareceram ou sofreram alteração de coordenadas a Isla Grande, as ilhas Aurora, as ilhas Saxemburgo, Thompson e Lindsay, no Atlântico, as ilhas da Companhia Real, Esmeralda, Dougherty e o arquipélago Nemrod, no Pacífico; quer dizer, desde há 2000 anos, mais de 200 ilhas, após efêmeras emersões, mergulharam nos abismos.

A tradição, por vezes a memória, guardaram a recordação dessas alterações geológicas, por vezes amplificando, acrescentando, inventando mesmo planetas por conta da nossa galáxia, visto que no tempo de Pitágoras se acreditava na existência duma Antiterra, gravitando em redor do Sol, exatamente em oposição, tanto assim que o astro-rei a dissimulava sempre.

Todavia, uma ou duas vezes por ano, segundo diziam, era possível ver o contorno dessa Antiterra, que, ainda hoje, tem os seus partidários.

O país dos Hiperbóreos (Hiperbórea)

A Atlântida de Platão, que nós situamos entre a América do Sul e o trópico de Câncer, é sem dúvida o mais célebre dos continentes desaparecidos. Na mesma ordem de ideias, desde a Antiguidade (Heródoto, Diodoro, Plínio, Virgílio), os homens acreditaram numa outra ilha sem dúvida lendária: o país dos Hiperbóreos, situado na zona ártica.

É certo que numa época geológica muito recuada, o equador e os polos mudaram de lugar, tanto assim que as regiões polares gozaram de um clima tropical e de uma flora luxuriante: será este gênero de recordação primi-histórica que os homens transmitiram uns aos outros?

A verdade é que a tradição fala de uma ilha de gelo rodeada por altas montanhas onde viviam homens quase transparentes: os Hiperbóreos. Navegadores gregos e babilônios teriam visto a ilha circundada pela sua corola diamantina, visão tão maravilhosa que eles ajoelharam e rezaram aos seus deuses.

O fulgor, sobre o gelo, provocava uma claridade irreal e no interior do país reinava um calor doce, propício a uma vegetação verdejante. Não parecia existir o menor contato entre a ilha e o resto do mundo; no entanto, uma passagem secreta (subterrânea?) conduziria até à Alemanha do Sul. As mulheres hiperbóreas eram de uma beleza inigualável e as que tinham nascido em quinto lugar em cada família possuíam extraordinários dons de clarividência.

Quando a ilha se tornou inabitável «devido ao resfriamento dos polos», escreve Sylvain Bailly, os seus habitantes emigraram para a Europa e América e — sempre segundo a tradição — as hiperbóreas conservaram os seus dons hereditários de beleza e vidência, escolheram maridos de alto valor e engendraram uma descendência feminina de *elite*, que ainda atualmente seria reconhecível pela sua excepcional inteligência, aliada a uma grande beleza.

Phérecyde de Scyros, iniciador de Pitágoras, teria sido um descendente de hiperbóreos.

Convém assinalar também que, numa segunda-feira, 13 de Junho de 1961, partiu de Cuxhaven uma expedição arqueológica para procurar no fundo do mar, nas águas de Helgoland, os vestígios da Atlântida.

Era uma estranha ideia essa de procurar a Atlântida sob o paralelo 54 (seria mais plausível a Hiperbórea), mas o chefe da expedição, o pastor Jurgen Spanuth, estava certo do fato por ter decidido, dizia, inscrições hieroglíficas no Alto Egito, as quais mencionavam que o império fora submerso nesse local.

Já em 1953, Jurgen Spanuth julgara distinguir, sob as águas, os alicerces de uma cidade da qual chegara a tirar fotografias. O egiptólogo francês Emile Briollay, cinco homens-rãs e doze escafandristas formavam o grupo que trabalhou em vão durante várias semanas: a Atlântida — ou Hiperbórea — não foi encontrada.

O continente de Gondwara ou Terra de Gond, no Antártico, é o pendente da lendária ilha nórdica. É um continente copiado, decalcado sobre o mito hiperbóreo. Segundo certos tradicionalistas, nos nossos liceus e nas nossas grandes escolas encontra-se sempre um descendente de uma família de Gondwara: o aluno mais brilhante.

A Terra de Mu

Outro pendente lendário, mas desta vez da Atlântida, é a Lemúria ou Terra de Mu, que se situava no oceano Índico.

O misterioso continente de Mu estendia-se sobre a quase totalidade do oceano Pacífico, do estreito de Bering à Austrália, da Índia à Califórnia.

Na verdade, a sua existência baseia-se apenas em afirmações não confirmadas e nas tabuinhas do coronel inglês James Churchward, as quais ninguém jamais viu.

Por volta de 1868, o coronel, encontrando-se nas Índias, tornou-se assistente do grande sacerdote de um templo colégio e estudou febrilmente as inscrições de um baixo-relevo antigo. Em busca de qualquer criptografia, ele descobriu que os arquivos secretos do templo continham tabuinhas de argila, redigidas pelos Naacals (irmãos santos) na terra-mãe desaparecida, chamada Mu. As tabuinhas estavam empacotadas e jamais deviam ser lidas, mas o coronel serviu-se de um estratagema para satisfazer a sua curiosidade.

— Seria prudente — disse ele — verificar duas das embalagens para ver qual o grau de conservação das mensagens.

O grande sacerdote, que também desejava ardentemente ver as tabuinhas, não precisou de

ser instado. Retirou duas tabuinhas dos seus invólucros de tecido.

Impossível então deixar de ver os caracteres gravados na argila. Impossível não comprovar imediatamente a sua identidade com as inscrições do baixo-relevo! Em suma, as duas tabuinhas foram traduzidas e, em seguida todas as outras que constituíam o inviolável depósito. Elas continham a gênese do Mundo e a história da submersão de Mu, 12.000 anos antes da nossa era.

Tendo o geólogo William Niven encontrado no México tabuinhas indecifráveis, Churchward apoiou nelas a sua descoberta, afirmando que os caracteres hindus e mexicanos que se viam nas tabuinhas eram idênticos. Afirmou também que, graças à chave hindu, traduzira os dois célebres textos maias: o *Codex Cortesianus* e o manuscrito *Troano*!

Infatigável, o coronel resolveu percorrer o Mundo em busca de confirmações; tanto zelo inspira simpatia, diremos mesmo confiança.

O povo de Mu, que teria colonizado o Mundo inteiro, chamava-se Uighur e a sua capital situava-se na Ásia, ali onde o professor Koslov descobriu — no deserto de Gobi —, a 50 pés de profundidade sob as ruínas de Khara-Khota, um túmulo pintado com cerca de 18.000 anos.

O sarcófago continha os despojos de uma rainha e de um rei ostentando (segundo Churchward) os emblemas de Mu: um M, o Tau e um círculo atravessado verticalmente por um diâmetro.

Um manuscrito descoberto num velho templo budista de Lassa, no Tibete, conta igualmente o fim de Mu, e as cerâmicas pré-históricas encontradas em Glozel, em 1925, reproduziam os signos e a escrita dos Uighurs.

O apogeu de Mu dataria de 75.000 anos, mas o império remontaria a 150.000 anos ou mais.

Nos nossos dias, uma seita americana de Ramona (Califórnia) perpetua as teorias de Churchward e, por uma curiosa coincidência com as tradições de Tiahuanaco, estuda o caráter venusiano da civilização da Terra de Mu.

O coronel inglês nunca forneceu provas da existência das tabuinhas hindus. Todavia podemos sentir-nos impressionados por dois fatos significativos:

1.º — Churchward, honestamente, pode muito bem ter-se sugestionado por traduções fantasistas, mas certamente não inventou a existência das tabuinhas.

2.º — Toda a teoria que ele arquitetou, e que era incoerente há oitenta anos, encontra-se seriamente fortificada pelas descobertas de Tiahuanaco e de Glozel.

Na realidade, nós temos a certeza de que existem bibliotecas secretas na Índia e também na Europa, no Vaticano, no Escorial e até em França¹. Nessas condições, compreende-se muito bem que Churchward jamais tenha querido revelar onde lera as tabuinhas e via-se, evidentemente, na impossibilidade de reproduzi-las.

Outro ponto a favor do coronel: ele despendeu a sua fortuna e o resto dos seus anos a percorrer o Mundo em busca de confirmações, o que não pode ser considerado apenas como uma forma de divertimento.

A identidade ou a analogia das escritas das tabuinhas hindus, mexicanas e glozelianas inscreve-se muito bem na nossa hipótese de indivíduos atlantianos que se tenham dispersado pelo Mundo.

Não foram encontradas tabuinhas em Tiahuanaco — onde ninguém se preocupou em procurá-las —, mas a tradição é formal: existia uma escrita antidiluviana na América do Sul, escrita destruída por ordem de Pachacuti IV, 63.º imperador inca.

Não se supunha que os antigos mexicanos pré-maias tivessem escrito, e no entanto o geólogo

¹ No Vaticano: uma autêntica biblioteca secreta. No Escorial: os manuscritos muçulmanos encontrados aquando da queda de Granada. Em França: em Paris e em Aix.

Niven descobriu tabuinhas!

Não se acreditava na escrita pré-histórica, mas, no entanto, ela existe em Glozel!

E eis que Churchward e os seus sucessores atestam que as escritas de todas as tabuinhas são semelhantes e provêm de uma origem comum!

Aventurosamente, determina-se essa origem: é extraterrestre, vem de Vênus, como a Orejona de Tiahuanaco!

Os homens voadores de Zimbabwé

No domínio do controlável, as ruínas de Zimbabwé, na Rodésia, se atestam a existência de uma antiga civilização na África austral, levantam todavia um enigma.

Zimbabwé, descoberta em 1868 por Adam Renders, é uma cidade ciclópica cuja edificação remonta ao século XVI, segundo alguns historiadores, e à época pré-histórica, segundo outros.

Situada num país rico em minério aurífero, chegou a ser identificada com a misteriosa Ophir, onde as naus de Hiram e de Salomão iam procurar o ouro de que a Bíblia fala.

Ao redor, e em toda a África do Sul, não parece que outrora as civilizações se tenham desenvolvido, tanto assim que Zimbabwé constitui uma espécie de ilha onde viveu um povo misterioso.

Entre as ruínas, mas ainda em muito bom estado, notam-se — como em Machu Pichu, no Peru — altas torres ovais, espécie de retortas sem qualquer abertura lateral, encontrando-se o único acesso possível no alto da construção, como se os habitantes dessas estranhas casas fossem munidos de asas ou pudessem voar! Em Machu Pichu chamam a essas retortas «os quartos dos homens voadores».

Não estamos a pensar em seres providos de asas, mas em criaturas humanas possuindo o segredo científico da gravidade ou da deslocação no espaço, segredo não divulgado, mas transmitido pelas tradições, tanto na América como na África e na Ásia.

Homens voadores, sempre os houve em todos os tempos segundo a crônica, desde os Incas dos discos voadores, ícaro e os santos em levitação, até aos homens do «rocket belt» modernos, ou seja, providos de cinto a jato (ou cinto voador).

Não nos devemos precipitar a julgar a tradição. É possível que Zimbabwé e que Machu Pichu tenham outrora sido habitadas por homens iniciados numa ciência que ainda não imaginamos.

Quem construiu Zimbabwé?

Assim como Serge Hutin², pensamos nos Egípcios e, pela nossa parte, mais precisamente ainda em missionários de Tiahuanaco ou, o que sem dúvida vem a dar no mesmo, nos Atlantes expulsos do seu continente destruído ou da sua ilha submersa.

O exame geofísico dos peritos dá atualmente uma explicação nova e um sentido mais razoável às teorias de Platão. Tudo provém da teoria de Wegener sobre a derivação dos continentes, confirmada pelas descobertas do professor Stuart Blackett, Prêmio Nobel de Física³, que declarou recentemente:

É muito provável que as massas continentais se tenham afastado umas das outras a partir do Paleozoico. Por exemplo, eu creio que durante os 440 milhões de anos que precederam a Época Quaternária, a América do Norte afastou-se cerca de 3000 milhas do velho continente.

O que equivale a dizer que, na Época Terciária, as Américas estavam ligadas à Europa e à África.

² *Les Civilisations Inconnues*, pág. 216, Ed. Fayard.

³ Transmitido por Hilaire Cuny, *Horizons*, Março de 1961.

Podemos não concordar com o professor Blackett a respeito do cálculo cronológico das épocas geológicas, as quais são verdadeiramente avançadas «no cálculo», pois 400 milhões de anos podem muito bem dar lugar a 4 milhões, ou mesmo a 400.000 anos — a Pré-História não é mesquinha em semelhantes aproximações —, mas as derivações continentais constituem uma hipótese aceitável.

O globo terrestre — grosso modo — é constituído por um núcleo central, o *nife* (NÍquel e FERro) rodeado por uma polpa, o *sima*, constituído principalmente por Silicatos de MAGnésio.

O *sima* é plástico viscoso, é uma massa que vai endurecendo até à crosta terrestre propriamente dita, que nós conhecemos: o *sial* (SÍlica e ALumínio).

Os continentes seriam, em suma, espécies de ilhas duras flutuando sobre o *sial* viscoso.

«De início», diz Wegener, «devia existir uma única massa continental que a rotação da Terra teve tendência em repartir sobre o conjunto do globo: a América derivou para o oeste, a Austrália para o leste, o Antártico para o sul e a Gronelândia para o norte.»

Sir Stuart Blackett calculou que a Grã-Bretanha derivava em direção a nordeste à razão de seis metros por século; sabe-se que a Gronelândia progride para o oeste a uma velocidade de 90 centímetros por ano, e, em breve, os satélites americanos e russos, ao calcularem exatamente as distâncias intercontinentais (ainda aproximativas), permitirão medir metro a metro a deriva da América em relação ao velho continente.

É provável que essas derivações não sejam constantes e possam sofrer diminuições de atividade ou acelerações bruscas e acidentais, tanto assim que a tradição do continente da Atlântida pode ser examinada sob um novo aspecto.

A Atlântida de Platão teria sido a América, então ancorada no oceano Atlântico, muito perto das costas de África e da Europa; uma derivação brutal teria provocado um cataclismo e um desmoronamento ou uma submersão parcial.

Bem entendido, tudo isto não passa de uma hipótese, mas «altamente possível», sobretudo se considerarmos o desvio do continente americano, particularmente intenso sobre a linha equatorial, no local onde a rotação terrestre se faz sentir ao máximo.

Esta hipótese, sem lhes dar um crédito formal, empresta no entanto uma certa verosimilhança às tradições da Atlântida, de Mu, da Lemúria e das ilhas árticas, Gronelândia, Islândia, Spitzberg, separadas da terra firme.

Um único obstáculo: os geólogos e os pré-historiadores calculam milhões de anos, desafiando a memória humana. E se esses cálculos fossem consideravelmente exagerados?

As formas de calcular a idade por meio dos métodos de desintegração, de transmutação e do carbono 14 são notoriamente sujeitas a grandes erros. Atualmente, os sábios americanos que efetuam sondagens no fundo das fossas do Pacífico e do Atlântico, no quadro do Projeto Mohole, são dessa opinião.

Em particular o calor, derivado, quer de uma massa interna em super fusão, quer da radioatividade natural das rochas, não corresponde às definições do grau geométrico dos geólogos.

Da mesma forma, a espessura dos sedimentos atravessados pelas sondas antes que estas atinjam as camadas duras da crosta terrestre, não corresponde à idade admitida dos oceanos.

Supunha-se que tinham um bilhão de anos.

Ora, teriam sido suficientes 90 milhões de anos para constituir os 550 metros de depósitos médios que existem atualmente⁴.

⁴ *Aux Ecoutes de la Science*, 5 de Janeiro de 1962.

É evidente: sobre a avaliação da idade dos oceanos, os sábios cometeram um ligeiro erro: um bilhão de anos em vez de 90 milhões, quer dizer que o globo seria sem dúvida 20 vezes menos antigo do que o previsto!

Os astrônomos não estão em melhores condições: os técnicos do Observatório do Monte Palomar, na América, admitem 100 a 200 por cento de erro nos seus cálculos relativos às medidas do Universo. Por exemplo, a nossa galáxia teria mais 60.000 anos-luz, ou mesmo 60 milhões, do que supomos!

As fantasias de Hoerbiger

É evidente que a tradição não oferece melhores garantias, mas não é despropositado imaginar que a América-Atlântida ou ainda uma grande ilha atualmente imersa, em redor das Bermudas ou sob o mar das Caraíbas, tenha existido na Atlântida há 20.000 anos.

As teorias do iluminista alemão Hans Hoerbiger, retomadas pelo francês Denis Saurat⁵, põem deliberadamente de parte qualquer dado científico e alteram a distribuição dos continentes e dos mares.

Em suma, para Hoerbiger, o cosmos é regido por uma luta incessante entre o frio e o calor, entre o gelo e o sol. Há luas aproximando-se e afastando-se da Terra, atraindo mais ou menos os oceanos, que engolem montanhas e enxugam fundos marinhos.

Nesse complexo cosmo-filosófico, o homem está intimamente associado à evolução da natureza e, segundo a influência lunar, sofre alterações desordenadas. Tanto é atacado de gigantismo (quando a Lua próxima exerce uma atracção redobrada), como é esmagado por um peso de chumbo.

Segundo esses dados, a nossa humanidade, proveniente de gigantes loiros, de pele branqueada pela aura das neves eternas, ressuscita o velho mito ancestral do país hiperbóreo, dos seus homens superiores e das suas encantadoras mulheres pitonisas.

Uma tal hipótese era feita para seduzir Adolf Hitler que necessitava, para refazer o globo, de uma nova mitologia.

Ora, Hans Hoerbiger fornecia-lhe isso e ainda mais: uma ciência exaltada, muito diferente dos velhos princípios que estabeleciam outras normas de física, de química, de literatura e de arqueologia. Essa concepção político-romântica do mundo futuro, decalcada pela reconstituição espetacular do passado tradicional, poderia ter fornecido à humanidade uma ciência diametralmente oposta aos conceitos clássicos.

O fantástico sonhado por Hoerbiger e Hitler não era nem mais falso nem mais louco do que o fantástico de Einstein-Kennedy-Khruchtchev.

Invasões lunares

Em França, a hipótese do primi-historiador Marcei Boscher, muito pessoal, aproxima-se das teorias de Hoerbiger, de Bellamy e de Saurat. A Lua representa aí o papel principal.

Ela pode igualmente sugerir analogias com a Terra de Mu.

Segundo essa teoria, a Lua teria determinado uma resultante mecânica e social: resultante mecânica pelo fato dos cataclismos provocados; social, pela conquista militar de um povo lunar.

Esta hipótese utiliza um vasto e surpreendente conjunto cosmogônico, metafísico e físico, afastando-se deliberadamente da ciência racional.

Ela parte de um postulado: tudo é energia-matéria indissociável, diferenciando-se apenas

⁵ *L'Atlantide et le Règne des Géants*, Denôel.

pelo potencial para a energia e pela massa para a matéria. O princípio mecânico do Mundo é a gravitação e a atracção produzida pela energia-matéria.

Uma diferença constante de potencial magnético equilibra o alimento motor da célula viva: o oxigênio. Em suma, a vida e a evolução humanas são condicionadas por esse potencial magnético e pelo oxigênio.

O homem original, vivendo num ambiente perfeitamente equilibrado, era uma espécie de deus cujas células se regeneravam por si próprias na totalidade. Ele não conhecia nem o sofrimento nem a morte e tinha a percepção de todas as coisas — o conhecimento — devido a faculdades psíquicas desenvolvidas que lhe permitiam passar sem o progresso técnico e agiam à maneira dos postos emissores e receptores de televisão. A sua estatura era de cerca de três metros e o gigantismo era vulgar nos reinos vegetal e animal.

Dir-se-ia que se nos depara aqui o estado de graça e o paraíso dos tempos bíblicos. A queda, o pecado original, não foram provocados por Eva, mas pela mecânica celeste, de Deus, poderíamos dizer.

Ignora-se que espécie de desordem cósmica — ou perturbação desejada pela Providência — motivou as deambulações do planeta Lua; o caso é que ela começou a errar pelo cosmos, até colocar a sua órbita sobre o plano da eclíptica terrestre.

Anteriormente, ela evoluía muito mais perto do Sol e a sua humanidade, submetida a uma duração de vida relativamente curta devido ao seu fraco diâmetro, destruíra as etapas do conhecimento e situava-se ao nível que atingiremos no ano 2000.

Sem dar referências, nem situar o acontecimento no tempo, Boscher crê que nessa altura os Selenitas estavam em perigo, pois a atmosfera do seu planeta principiava a rarefazer-se e o solo a secar em razão direta do fenómeno.

A aproximação da Terra foi portanto uma sorte inesperada de salvação e os habitantes da Lua prepararam a invasão do nosso globo.

A satelização da Lua fez-se num lapso de tempo bastante considerável — alguns séculos — e teve consequências desastrosas para os Terrestres.

Como o equilíbrio magnético estava quebrado, a atmosfera terrestre tornou-se muito menos rica em oxigênio, devido à diminuição da pressão atmosférica, e a gravidade aumentou em proporções consideráveis.

Como que pregados ao solo, os homens depressa perderam as suas melhores faculdades e a insensibilização do complexo nervoso (circuito magnético) dos seus corpos.

Eles conheceram a dor e a morte.

Ao colocar-se a Lua sobre órbitas constantemente mais aproximadas, a Terra sofreu violentas agitações marítimas, erupções vulcânicas e depois uma grande catástrofe provocada pela oscilação dos polos, o que teve também como resultado imprimir uma maior velocidade de gravitação e aumentar as forças de atracção.

O oxigênio atmosférico tornou-se mais raro e a gravidade tornou a aumentar, tanto assim que os habitantes da Lua, ao aterrarem, encontraram uma humanidade diminuída, que não foi capaz de defender-se senão com processos primários análogos aos dos antigos Persas, Assírios e Caldeus.

Os invasores, de estatura gigantesca, providos de um armamento atômico, não tiveram qualquer dificuldade em vencer os Terrestres e passaram a seus olhos por deuses descidos dos céus!

A raça terrestre modificou-se ao ritmo das flutuações cósmicas e geofísicas, pois o globo sofrerá uma profunda modificação.

Alguns continentes tinham sido absorvidos, outros emergiam dos oceanos. O equador, que outrora passava pela Sibéria, fixava-se abaixo da Ásia.

Todavia, não houve dilúvio nem período glaciário e a Terra aproximou-se do Sol, aquecendo

a sua atmosfera, estabilizando-se pouco a pouco sobre a sua área atual e recuperando igualmente o seu potencial magnético e o seu conteúdo de oxigênio.

Durante essa evolução natural, os autóctones terrestres e os seus conquistadores fundiram-se numa raça comum cujas características teriam sido conservadas principalmente pelos amarelos.

Tal é a Primi-História concebida e elaborada por Marcel Boscher.

Ela escapa, evidentemente, ao nosso sentido crítico, mas apresenta elementos de estudo completamente novos que não devem ser recusados *a priori*.

Boscher imagina igualmente que as forças colossais libertadas pelo átomo poderiam um dia permitir diminuir a velocidade de gravitação da Terra, o que teria como resultado aumentar a pressão atmosférica e, com isso, a riqueza do ar em oxigênio. Ver-se-ia então renascer, pensa o autor, o equilíbrio original, desaparecer o desgaste das células e regressarem as faculdades psíquicas dos nossos antepassados superiores⁶.

Na origem em parte extraterrestre da nossa humanidade, proposta por Boscher, os amarelos, descendentes diminuídos dos gigantes lunares, teriam acaso podido povoar a Terra de Mu? Teria a Lua podido transportar de Vênus — ou de Marte — emigrados, como autêntico veículo cósmico ou foguetão sideral?

Derivação de continentes, cataclismos naturais, tremores de terra, dilúvios, erupções vulcânicas, quedas de corpos celestes, continentes desaparecidos e invasão de planetários: já a história, a tradição e certas imaginações se conjugam para dar um rosto ao desconhecido.

Os segredos destruídos

Tiahuanaco, as Pirâmides, Baalbek começam a projetar alguns clarões sobre o velho enigma e os santuários secretos não estão longe de abrir as suas portas.

Alguns testemunhos foram destruídos. Júlio César suporta a pesada responsabilidade do primeiro incêndio da biblioteca de Alexandria, onde o letrado Ptolomeu Soter reunira 700.000 volumes, que então constituíam a totalidade da tradição transmitida e do saber humano.

Quatro séculos mais tarde, um segundo incêndio provocado por hordas indisciplinadas devastou essa mesma biblioteca, que foi definitivamente queimada em 641 por ordem do califa Ornar.

Conta-se que, consultado pelos seus capitães a respeito do destino a dar aos livros, o chefe muçulmano respondeu:

— Se aquilo que eles relatam está no Corão, tornam-se inúteis e podeis queimá-los. Se aquilo que eles relatam não está no Corão, então é necessário destruí-los como sendo prejudiciais e ímpios.

Os preciosos manuscritos serviram durante vários meses de combustível às caldeiras dos estabelecimentos de banhos de Alexandria. Apenas alguns escaparam ao fogo.

Um auto de fé semelhante, no ano 240 a. C., foi obra do imperador chinês Tsin Che Hoang, que mandou destruir todos os livros de história, de astronomia e de filosofia existentes no seu império.

No século III, em Roma, Diocleciano mandou procurar e destruir todos os livros que contivessem fórmulas para fazer ouro, a pretexto de que a arte da transmutação poderia permitir comprar impérios.

O Novo Testamento (Atos dos Apóstolos) revela que São Paulo reuniu em Éfeso todos os livros que tratavam de «coisas curiosas» e queimou-os publicamente.

⁶ O doutor Siegel, do Union Carbide Research Institute, preconiza a oxigenação artificial dos tecidos celulares para aumento da longevidade.

Conta Jacques Weiss⁷ que certos monges da Irlanda, ignorantes, mandaram queimar 10.000 manuscritos rúnicos sobre casca de bétula, os quais continham todas as tradições e todos os anais da raça céltica.

Sempre no apaixonante trabalho de Jacques Weiss, pode ler-se:

Savary, nas suas Cartas sobre o Egito, relata os conceitos expressos no final do século XVIII pelo padre Sicard nas suas Cartas Edificantes:

«Dizem-me que existia nesta aldeia (o pequeno porto egípcio de Ouardan) um pombal cheio de papiros cobertos de caracteres mágicos, comprados a alguns religiosos coptas e cismáticos.

Sem resistência fiz deles a prática que era devida (um auto de fé) e no seu lugar coloquei uma cruz de Jerusalém que os coptas reverenciam com muita devoção.»

Já no século XVI o fanatismo religioso, aliado a uma ignorância criminosa, lançara às chamas os manuscritos do Iucatã, no México:

Os bispos espanhóis, no século XVI, mandaram queimar quantidades enormes e foi a intervenção de um franciscano francês, Jacques de Testera, que deteve a destruição dos últimos desses preciosos documentos. Os conquistadores cometeram, aliás, crueldades incriveis em relação à população, todavia calma e submissa dessas regiões, cortando as mãos, os braços e as pernas, cortando os seios das mulheres, espancando com cajados as crianças, a tal ponto que a raça foi quase por completo exterminada⁸.

O vice-rei do Peru, Francesco Toledo, por volta de 1566, fala nos seus relatórios de tecidos incas e de tabuinhas pintadas de uma grande riqueza narrativa: história, ciências, profecias, etc.

Ele mandou lançar tudo às chamas. A existência dessa escrita inca é certificada por José d'Acosta⁹, Balboa e o padre Cobo.

Felizmente, os Jesuítas e os papas salvaram uma parte do patrimônio tradicional.

Os livros de Garcilaso de la Vega e alguns manuscritos descrevendo os mais preciosos dados da mitologia sul-americana foram queimados em Espanha, no século XVI, mas a Biblioteca do Vaticano e Garcia Beltran, descendente de Garcilaso, guardam o essencial da tradição sobre manuscritos inéditos de que fomos informados.

As pedras de Bamiyan

Foram deixadas mensagens, testemunhos públicos em quase todas as partes do globo, a fim de conjurar os malefícios do tempo e dos cataclismos. No Afeganistão, a odisseia e as metamorfoses do homem seriam contadas pelas estátuas de pedra e pelas esculturas de Bamiyan.

Bamiyan é uma cidade arruinada da província do Kapisa, a nordeste de Cabul, onde existem 12.000 casas cavadas na rocha. É a antiga Djuldjul (a Tebas do Oriente), que foi pilhada e demolida, em 1221, por Gengis Khan.

Todo o vale onde ela se encontra está cheio de cavernas e de grutas onde viveram durante séculos monges budistas, reunindo testemunhos que se dizem extraordinariamente antigos.

Atualmente, três estátuas colossais, esculpidas em plena rocha, são os guardas das ruínas. Há pouco tempo, os monólitos eram ainda em número de cinco. A estátua maior media 53 metros de al-

⁷ *La Synarchie*, Ed. Adyar.

⁸ Paul Le Cour, *A La Recherche d'Un Monde Perdu*, 1931.

⁹ *Historia Natural y Moral de las indias*, Sevilha, 1590.

tura, mais sete do que a Estátua da Liberdade, em Nova Iorque; a segunda, 35 metros; a terceira, 10 metros; as outras eram de menor importância, tendo a mais pequena a estatura aproximada de um homem.

Segundo a tradição, elas são as «testemunhas imorredouras» da doutrina secreta deixada por atlantes refugiados na Ásia.

Os monges cobriram-nas de gesso para as transformar em Budas, mas é fácil descobrir o logro.

Bem entendido: os arqueólogos oficiais não estão de acordo a este respeito com os tradicionalistas, a quem todavia um fato singular parece dever dar razão: esses falsos Budas não têm rosto.

Ao passo que o corpo das estátuas foi relativamente respeitado — e adulterado, como já dissemos — as faces sofreram uma delapidação sistemática: não existe a fronte, nem o nariz, nem os olhos, nem os lábios. Da fronte até ao queixo as faces foram reduzidas a um plano vertical.

Essa mutilação, que parece voluntária, talvez tenha pretendido evitar a identificação.

As estátuas não teriam portanto a efigie de Buda, mas de qualquer outra misteriosa personagem cuja existência teriam tentado dissimular.

Um deus, um gigante?

A cosmografia gravada na gruta do Kohistan e que representa o planeta Vênus ligado à Terra por uma espécie de comunicação sideral, apresentará um índice válido?

As estátuas teriam sido feitas à imagem de venusianos ou de seres vindos das estrelas?

Segundo uma tradição, elas seriam as únicas recordações materiais das duas primeiras raças que tiveram um corpo etéreo; as estátuas da ilha de Páscoa, com a altura de trinta a quarenta pés e construídas por desertores do continente americano, representariam a terceira raça, a primeira cujo corpo era físico (reproduzimos interpretações resolutamente ocultistas)¹⁰.

A estátua dedicada aos Atlantes, embora gigantesca, aproxima-se nas suas dimensões do homem atual.

Um dos templos de Bamiyan era suficientemente vasto para servir de refúgio a um exército inteiro.

Há 10.000 anos, a Ásia estava colonizada pela raça negra expulsa da Europa, e uma das suas duas metrópole era Bamiyan¹¹.

Na Europa, a raça branca estava sob o império das sacerdotisas que oficiavam na ilha de Sein. Os Celtas tinham-se revoltado contra elas e as maquiavélicas pitonisas divulgaram uma pavorosa superstição para dizimar os revoltosos.

Os Celtas tinham fama de uma coragem impossível de igualar. Jogando com o seu orgulho e desprezo pela morte, as sacerdotisas decidiram enviar para o «país situado do outro lado da Vida» os homens mais nobres e os mais bravos, a fim de levarem uma mensagem aos antepassados.

E viu-se esta coisa abominável: a *elite* dos Celtas infligir a si própria a morte ou enfrentá-la de cabeça erguida em cada solstício e festa religiosa, tanto assim que todos os chefes desapareceram em poucos anos sem que um só ousasse fugir a esse sacrifício voluntário.

Foi então que Ram, o reformador, surgiu e foi igualmente condenado à morte pelo Sínodo das Sacerdotisas de Sein. Para salvar a raça, Ram exilou-se com o seu povo em direção a leste, deixando à sua passagem e na história, inúmeros toponímicos: Hiram, Ram, Iran, Ramayana.

A idade de ouro de Ram na Ásia durou 3500 anos.

A tradição ariana relatada pelos Upanishads aparentemente não conduz aos antepassados extraplanetários, cuja existência pode ser verificada pela ciência de amanhã e pelos foguetões espaciais.

¹⁰ A nossa civilização ainda não pensou em deixar para os milênios futuros um testemunho concreto da sua existência. Em menos de 20.000 anos, se o Mundo ainda existir, a expressão do nosso gênio atual estará totalmente destruída.

¹¹ *La Synarchie*, Jacques Weiss.

ais, mas está averiguado que essa tradição apenas foi transmitida sob o seu aspecto metafísico.

Historicamente, o fato é devido à iniciativa de Buda, que, no seu tempo, pretendeu revelar todos os mistérios sagrados. Os sacerdotes e os brâmanes opuseram-se a essa divulgação, que foi considerada sacrílega, da mesma forma que a predição de Jesus pelos doutores da Sinagoga.

Por conseguinte, os brâmanes mutilaram voluntariamente os seus próprios escritos para limitar a expansão do fato, guardando para eles o essencial e deixando o exoterismo para os profanos¹².

Assim falam os defensores da arqueologia tradicional.

Não somos de opinião que se deva dar um crédito total a essas interpretações e à tradição oculta relatada pelos autores antigos e os modernos Fabre d'Olivet, Schuré, Saint-Yves d'Alveydre, René Guenon, Ossendowski, Rudolf Steiner, G. Trarieux d'Egmond, Jacques Weiss e senhora Blavatzky.

Na ausência de qualquer prova científica e formalmente escrita, é necessário tentar reconstituir o *puzzle* do passado, mas é um pouco fácil demais ressuscitá-lo por meio da vidência ou da revelação divina, ou por uma documentação mantida secreta à maneira do coronel Churchward.

Inversamente, seria pueril reduzirmo-nos aos falsos testemunhos científicos dos pré-historiadores e desonesto repudiar em bloco a tradição.

O arqueólogo Schliemann partiu do princípio de que os livros de Homero não eram fábulas, mas sim narrativas de acontecimentos históricos; e descobriu a cidade de Troia.

12 G. Trarieux d'Egmond, *Prométhée ou le Mystère de l'Homme*, Adyar.

OS EXTRATERRESTRES DESCERAM À TERRA

Quando acabou de traduzir as tábuas astronômicas trazidas das Índias por missionários, Jean-Sylvain Bailly, presidente da Câmara de Paris, em 1778, eminente sábio e astrônomo do rei, ficou profundamente admirado.

Essas tábuas, provavelmente com vários milênios de existência, utilizavam uma cifra incluindo dez caracteres, tendo cada um deles simultaneamente um valor absoluto e um valor de posição equivalente, mas com uma outra forma gráfica, aos algarismos romanos de zero a nove que formam a base da nossa aritmética. Estamos de tal forma habituados a esses algarismos que não imaginamos o milagroso mecanismo a que obedecemos.

Ao examinar essas tábuas, o astrônomo real achou-as falsas; falsas ao supor que tinham sido elaboradas nas Índias, assim como seria falso um mapa celeste feito em Paris e que mencionasse, por exemplo, a constelação do Cruzeiro do Sul, visível apenas no hemisfério austral.

Em contrapartida, estariam certas caso tivessem sido elaboradas perto do grau 49 de latitude norte.

Bailly concluiu portanto que os Brâmanes tinham herdado esses mapas de um povo muito antigo do deserto de Gobi¹.

Levando um pouco longe a sua especulação, Bailly asseverou a teoria de uma civilização desconhecida que fora brutalmente destruída por um cataclismo.

Ter-lhe-ia sucedido uma longa época de ignorância, uma espécie de trincheira entre a primeira astronomia destruída e a astronomia renovada pela escola de Alexandria.

Bailly deu a esse povo o nome de Atlantes e situou a Atlântida no grau 49 de latitude norte. Desta forma deslocava-se para leste, quase nos antípodas, o continente revelado por Platão, a menos que se se tratasse do país dos Hiperbóreos ou da Lemúria. A Lemúria, na tradição oculta, estende-se do Himalaia à Austrália; o país dos Hiperbóreos reunia ilhas situadas mais ao norte, para além do deserto de Gobi, que então era um oceano.

Um cataclismo, 700.000 anos antes da Época Terciária, destruíra esses continentes. Tal é pelo menos a aventurosa hipótese que se espalhou nos meios ocultistas.

De qualquer forma, era certo que uma civilização muito antiga florescera outrora na Ásia e mais precisamente em Pequim, no Tibete, nas Índias e no Afeganistão.

Para dizer a verdade, a crença nessa civilização hipotética não assenta em bases tão sólidas como as dos Andes e do Egito. Os documentos transmitidos — tabuinhas, pergaminhos, petróglifos — jamais foram situados no tempo, mesmo de forma aproximativa. Todavia, a Índia e o Tibete, especialmente, exercem desde há um século uma irresistível atração sobre os discípulos do espiritualismo, da teosofia e da magia negra.

O aparecimento do comunismo no Tibete, a fuga do Dalai-Lama, a inanidade demonstrada pelas famosas «muralhas magnéticas» que defendiam o Potala, nada foi capaz de abalar a fé cega dos orientalistas a todo o preço; fé sustentada, temos de reconhecê-lo, pelo incontestável domínio

¹ Histoire de l' Astronomie Ancienne, J.-S. Bailly, 1781.

mágico dos Tibetanos e dos iogas hindus.

De fato, há apenas uma única certeza habilmente explorada pelos charlatães: o Tibete é o centro mundial da magia negra. Talvez o seja igualmente da magia branca, conforme o afirmam certos iniciados.

O mistério da Agartha

Uma curiosa lenda diz que Lassa é o polo branco do Mundo, situando-se o polo negro nos antípodas, na ilha de Páscoa. As estátuas pascoanas seriam monólitos gigantes captando as ondas malélicas do mundo para delas preservar o polo inverso: Lassa. Elas seriam de certa maneira «a entidade mineral» dos círculos mágicos, recebendo choques em troca quando os malefícios lançados pelos feiticeiros não atingem a pessoa visada.

Em todo o caso, existe um mistério do Extremo Oriente, mantido pela fabulosa Agartha.

Agartha, que foi revelada por Saint-Yves d'Alveydre, René Guenon e F. Ossendowski, seria um santuário subterrâneo escondido sob a cadeia do Himalaia, no qual oficiariam os mestres do mundo.

Eis aqui, segundo Saint-Yves d'Alveydre, brilhantemente comentada por Jacques Weiss², uma reportagem (condensada) a respeito desse misterioso reino, na existência do qual temos de acreditar apenas segundo informações:

A Agartha é a grande universidade iniciadora da Ásia, e o seu chefe, o Mahatma, representa — sem o usurpar — o papel de soberano pontífice universal.

Esse papel é essencialmente educativo e pacífico, embora Agartha possua o conhecimento de uma ciência física que lhe permitiria fazer explodir o nosso planeta e a sua ciência psíquica esteja em proporção.

Ela quis que a sua existência se mantivesse ignorada até ao século XIX.

Por que motivo os pontífices dissimularam a sua universidade dos olhares do público? Porque a sua ciência, assim como a nossa, teria sublevado contra a humanidade o mal, o Antideus e o governo-geral da anarquia.

Os mistérios só serão revogados se as promessas de Moisés e de Jesus forem mantidas pelos cristãos, quer dizer, se a anarquia do mundo der lugar à sinarquia³.

Onde se encontra Agartha?

Não convém dar aqui outras referências além das seguintes:

Antes de Ram, o seu centro, que era em Ayodhya, a Cidade Solar, passou para um outro ponto; depois, em 1880 a. C., o santuário fixou-se no Himalaia num local conhecido de vários milhões de asiáticos.

Não haverá entre eles um único traidor que revele o local das suas novas instalações⁴.

O território sagrado da Agartha tem uma população de 20.000 milhões de almas⁵; não exis-

² *La Synarchie*, Adyar.

³ É curioso notar que estes termos são mais ou menos idênticos aos da profecia de Fátima: «Se o meu pedido for atendido, a Rússia converter-se-á e teremos a paz.»

⁴ Nós conhecemos pessoalmente o «Cristo-Rei», Serge Raynaud de la Ferrière, soberano pontífice da Igreja Universal, regente supremo de Agartha, diretor do Gabinete Mundial Permanente das Questões Culturais, etc., e que fixava as entradas da Agartha na região do Mosteiro de Chigatzé e de Kwen Lun.

Nós conhecemos também perfeitamente o príncipe Cherenzii Lind Maha Chohan, regente supremo, igualmente (dizia ele), de Agartha, que nos conduziu ao santuário subterrâneo situado ao norte de Lassa, e tivemos mesmo a honra de ter sido condenado à morte por Agartha, por sacrilégio!

(*Point-de-Vue — Images du Monde*, de 20 de Novembro de 1947; *Le Club du Faubourg*, Novembro de 1947; *Le Monde et la Vie*, n.º 100, Setembro de 1961.)

⁵ Segundo Maha Chohan, São Paulo Evangelista oficiaria no Grande Conselho.

te prisão; a pena de morte não é aplicada, a Polícia é constituída pelos pais de família.

Milhões de dwijas (duas vezes nascidos) e de iogas (unidos em Deus) habitam os bairros simetricamente divididos de Agartha e repartem-se por construções principalmente subterrâneas.

Acima deles: 5000 pundits (sábios), 365 bagwandas (cardeais), depois os doze membros da Iniciação Suprema.

As bibliotecas, que contêm há 55.700 anos a verdadeira síntese de todas as artes e de todas as ciências, são inacessíveis aos profanos. Estão situadas nas entranhas da Terra.

Os verdadeiros arquivos da Paradesa (universidade) ocupam milhares de quilômetros. No dia em que a Europa tiver feito suceder a sinarquia trinitária ao seu governo-geral anárquico todas essas maravilhas se tornarão acessíveis.

Daqui até lá, desgraçados dos imprudentes que resolvessem rebuscar a terra. Nela não encontrariam mais do que uma desventura certa e uma morte inevitável.

Apenas o soberano pontífice da Agartha, com os seus principais assessores, possui o total conhecimento do catálogo dessa biblioteca planetária. Os faquires são na sua maior parte antigos alunos de Agartha que suspenderam os seus estudos antes dos altos graus. Ninguém pode levar de Agartha os textos originais dos seus livros de estudo, apenas a memória os pode manter gravados.

Foi assim que no século VI a.C. Cakya Mouni (Buda), regressando à sua cela após uma excursão, soltou um grito terrível ao verificar a ausência dos cadernos de estudo, com os quais contava para realizar o seu movimento revolucionário secretamente preparado.

Em vão correu ao Templo Central onde está o Brahatmah; as portas mantiveram-se impiedosamente cerradas.

Em vão pôs em ação durante uma noite inteira a totalidade das suas noções de magia. A hierarquia superior tinha previsto tudo e sabia tudo.

O fundador do budismo teve de fugir e ditar apressadamente aos seus primeiros discípulos aquilo que a sua memória fora capaz de reter.

Evidentemente, não podemos deixar de pôr em dúvida esta narrativa rocambolesca, sonhada pelo bom Saint-Yves d'Alveydre, ou que lhe foi contada por um faquir mitômano; todavia, o reino subterrâneo de Agartha faz parte da tradição. Não pode ter sido totalmente inventado.

Resta discernir a verdade que se dissimula sob a moralidade da fábula. Que, numa época muito recuada, iniciados ou os homens de unidades planetárias, constituídos em seitas secretas, tenham escolhido as grutas do Himalaia, do Kohistan ou de Bamiyan para se retirarem do mundo ignorante, não impressiona o bom senso.

Nós temos, pelo contrário, mil provas da existência de núcleos ocultos na América (Tiahuanaco, Tacarigua), na Europa (Glozel), em África (Mênfis e Zimbabwé), na Ásia Menor e na Ásia Central.

A lenda de Agartha ter-se-á desenvolvido sobre essas bases mal conhecidas e parcimoniosamente reveladas? É possível.

O arqueólogo tradicionalista Michel Carguèse apresenta uma outra hipótese aventurosa, mas que não pode ser rebatida pelos cosmonautas que se preparam para colonizar a Lua, enfronhando-se como toupeiras no solo do nosso satélite no interior de máquinas que agirão como perfuradoras:

É provável que seres vindos doutros planetas, incapazes de suportar durante muito tempo a atmosfera terrestre, tenham penetrado no solo, deixando à superfície o incompreensível rastro da sua passagem.

Incompreensível para nós, mas não para os da sua raça. Antepassados superiores teriam portanto habitado Agartha aí penetrando através do Dólmen de Do-King (Tibete), assim como teri-

am penetrado noutros centros subterrâneos da Palestina e das Índias, quer dizer nos pontos do globo onde abundam os dólmenes ou as grutas.

Neste sentido, os alinhamentos de Carnac, em França, adquirem um significado fantástico, que foi mencionado pela mitologia dos Celtas, e é interessante notar que os extraplanetários dos Andes, antes de emigrarem para o Egito, se enfronharam na cidade subterrânea de Tiahuanaco, o que pelo menos é uma coincidência exagerada...

Segundo uma crença americana, existiria no polo norte uma passagem que permitia atingir um mundo subterrâneo.

Retomando o mito de Agartha, G. Trarieux d'Egmond, a propósito de ciência antiga, escreve, associando o experimental ao oculto:

«Esses cálculos (os números) ainda são conservados, assim como todas as ciências sagradas, na subterrânea Agartha.

Eles foram legados pela Atlântida ao Egito, assim como o seu símbolo: a Esfinge.

O estudo das energias da natureza foi, por sua vez, mais aprofundado do que fora até ali. Não apenas as conquistas modernas — se assim as podemos chamar —, a invenção das aeronaves, dos gases asfíxiantes e das bombas foram do conhecimento desses povos antigos, mas igualmente outras forças para nós desconhecidas, tais como as energias do éter.»

Portanto, entre os ocultistas, perpetua-se a tradição atlantidiana misturada à confusão da invenção hindu.

Em 1947, um aventureiro que se dizia chamar príncipe Cherenzii Lind, Maha Chohan (grande chefe) e regente supremo do reino de Agartha, foi a França encontrar-se com o irmão Michal Ivanoff, grande mestre da Fraternidade Branca Universal de Sèvres.

Maha Chohan

A descrição da visita dessa alta personalidade espiritual foi dada por uma revista⁶, de que reproduzimos as seguintes passagens:

SERÁ ESTE HOMEM UM DEUS OU UM IMPOSTOR? O PRÍNCIPE CHERENZII LIND, MULTIMILIONÁRIO EPICURIANO, AFIRMA-SE MESTRE DE UM REINO SUBTERRÂNEO E SALVADOR DO MUNDO.

O Maha Chohan ou Kut-Humi apresenta-se como grande chefe dos iniciados de Agartha e também como diretor da Grande Fraternidade Branca Universal, união espiritualista, cujo objetivo confessado é o de salvar o mundo.

A minha primeira entrevista com ele deixou-me encantado: as suas palavras eram lógicas e sensatas.

Estava rodeado por duas novas adeptas que, em poucas horas, tinham sabido tornar-se indispensáveis: uma morena argentina, rica e influente no seu país, e a célebre Lydie Bastien!

É um homem de 45 anos, de tipo nitidamente europeu: julgá-lo-íamos belga, não sem algumas razões.

Os seus cabelos e o seu pequeno bigode são negros, a fronte inteligente e os olhos habitualmente autoritários.

Quando do nosso encontro, recebeu-me na Rua Lesueur, vestido com um dhoti azul-escuro,

⁶ *Point de Vue*, n.º 140, 20 de Novembro de 1947.

que envergara sobre o seu traje de cidade, e amachucava entre os dedos as bolas de madeira esculpida de um grande rosário tibetano, no qual cada conta, segundo dizem, tem um valor simbólico. Eis os termos da conversa:

«—É de origem tibetana?

— Nasci em Darjiling, nas Índias, mas sou tibetano, pois no momento do meu nascimento, em 1902, Darjiling ainda não fora usurpado ao Tibete pelos Ingleses e reunido ao império hindu.

— É descendente de Gengis Khan?

— Descendente direto.

(O Maha usa no dedo anelar esquerdo um grande anel de ouro que seria herança do antigo conquistador.)

— Tem algum parentesco com o Kut Humi que, no século passado, fundou a Sociedade Teosófica?

— Eu sou ele próprio numa nova reencarnação.

— É o mestre do mundo ou o messias anunciado?

— Os meus ensinamentos falarão por mim.

— Quem lhe outorgou o título de Maha Chohan?

— O Grande Conselho de Agartha, reunido em congresso: quer dizer, o conjunto dos sábios e dos grandes instrutores, cuja sede central é apenas no Tibete. Mas os sábios habitam o mundo inteiro. Há-os também em Paris e a Europa conta cerca de 4000 iniciados em diversos graus.

Na América há muito mais. Há três ocidentais atualmente em Agartha, entre os quais um francês. (É possível que este último seja Daniélou, filho do antigo ministro da III República).

— Quem fundou Agartha?

— É muito antiga. Praticamente, a sua origem remonta a 56.000 anos, mas é preciso não esquecer que outrora os anos eram muito mais longos do que agora.

— Acaso existe um reino subterrâneo no Tibete? A descrição desse reino, feita por Ossendowski, será exata?

— Existe de fato um reino subterrâneo no Tibete. Quase todos os mosteiros comunicam por meio de imensas galerias que, por vezes, atingem 800 quilômetros de extensão. Nessas galerias há cavernas tão grandes que a Notre-Dame de Paris caberia lá à vontade.

— Isso situa-se entre o Tibete do Norte e a Mongólia?

— Sim, habitam aí seres humanos e igualmente Jinas, seres dotados de uma grande inteligência, mas que não possuem corpo físico.

Os Jinas habitam nas entranhas da Terra e jamais sobem à superfície do globo. Estão armados de compridas garras e providos de asas análogas às dos morcegos.

São espíritos maus, no entanto não tão maus como os homens, pois nada há pior do que estes.

Transformar-se-ão mais tarde em homens ao evoluírem: são os gnomos, os silfos e os duendes das vossas lendas.

— Existe de fato uma civilização desconhecida no reino de Agartha? Existirão máquinas mais aperfeiçoadas do que a nossa bomba atômica e os nossos aviões a jato?

— A civilização de Agartha é unicamente espiritual e mental. Nós não possuímos máquinas, mas sim bibliotecas que nem podeis imaginar, pinturas, esculturas, e, em geral, um desenvolvimento artístico que vos pareceria prodigioso. O mundo inteiro será obrigado a reconhecê-lo quando eu permitir aos jornalistas e aos operadores cinematográficos que vão filmar as maravilhas que lá

existem. Organizarei, de fato, uma expedição em Agosto de 1948⁷. Abrirei então as portas de todos os santuários.

— Quem financiará a expedição?

— Eu próprio.

(O príncipe Cherenzii Lind teria dezesseis bilhões bloqueados no Japão. Ele próprio me disse ser proprietário de 56.000 hectares de terras em Cuba e de 350.000 hectares no Panamá.)

— Há escuridão nesse reino subterrâneo; os cineastas deverão portanto munir-se de grupos eletrogêneos?

— Não! Não existe iluminação, mas os seres e as coisas de Agartha são luminosos.

(No entanto, para fotografar o Maha Chohan, na Rua Lesueur, foi necessário utilizar um flash. Pessoalmente, esse grande iniciado não emite qualquer claridade sensível, no sentido literal da palavra.)

— Afirmam que fala dezenove línguas?

— Conheço o mongol, o tatar, o sânscrito, o hindu, o bengali, o chinês shensi, o francês, o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano...

— É um átomo de hélio que está incrustado no seu anel? Suponho que os nossos sábios ainda não estão aptos a isolar dessa forma uma parcela atômica de tão pequenas dimensões?

— Eu explicarei ao senhor Joliot-Curie como se deve proceder.

— Como sabe, mestre, essas revelações encontrarão muitos céticos. Sabe bem que outrora, quando era o primeiro Kut-Humi, fez diversos milagres, projetando a sua escrita à distância. Os Franceses, que possuem um terrível espírito crítico, provavelmente só se inclinarão perante provas tangíveis. Não pensa fazer um milagre para celebrar a sua vinda a Paris... e assim auxiliar a sua missão pacífica?

— Se fizer um milagre, serei obrigado a fazer outros... e depois outros...

Eu insisti com veemência e finalmente o Maha Chohan, antes de terminar a nossa conversa, anunciou-me, pesando bem as palavras:

— Farei um milagre antes de deixar Paris.

— Um verdadeiro milagre? Material? Como por exemplo o de fazer surgir uma jarra de flores sobre esta mesa? (E aponteí uma mesa vazia.)

— Milagres como esse, faço-os eu todos os dias... Sim, farei um verdadeiro milagre, simultaneamente material e espiritual.

(Esta promessa foi feita perante várias pessoas que podem testemunhá-lo.)

Faço uma última pergunta relativa à lenda segundo a qual São João (o Evangelista), que continua vivo, aguarda no Tibete o regresso do Cristo-Rei.

— Quem lhe disse coisas semelhantes? É pouco mais ou menos exato: São João fazia parte de Agartha, mas morreu no Tibete no século XII.»

Nota da redação:

Assim terminaram as declarações do Maha Chohan. Mas como, no decurso da entrevista, este manifestara o desejo de se encontrar com sábios franceses para com eles discutir questões relativas à energia nuclear, o nosso repórter organizou-lhe uma entrevista com algumas sumidades científicas. Tudo estava preparado. As Atualidades tinham sido convocadas para filmar o encontro, mas o mestre de Agartha não compareceu. Os sábios, inutilmente incomodados, zangaram-se e falaram em impostura.

⁷ Será necessário afirmar que essa expedição não passou duma promessa apenas?

O nosso repórter voltou à Rua Lesueur, onde lhe disseram que o Maha Chohan estava em viagem. O milagre prometido não se efetuou. Um inquérito junto dos íntimos da casa permitiu igualmente verificar que o mestre do mundo jamais recebia correspondência do Tibete.

Por outro lado, a atitude do Maha Chohan, na pequena casa de Sèvres, onde o seu «embai-xador» em França, irmão Michael Ivanof, lhe dava hospitalidade, discordava de forma estranha do comportamento habitual dos grandes iniciados. O Maha Chohan afirmava que jejuava constantemente. O nosso repórter pôde verificar que ele tinha um fraco pelo frango à la financière e pelo vinho de Borgonha. Fazia um consumo espantoso de charutos da melhor marca e passava as noites na companhia da famosa Lydie Bastien, ex-amante do surrealista Gengenbach. Dizia-se que, no decorrer dessas noites, o champanhe corria a jorros sobre os pés brancos da bela Lydie e era imediatamente recolhido pelas bocas ávidas dos seus adoradores.

Tais aventuras, que se repetirão todos os anos pelo mundo inteiro junto dos crédulos aderentes de sociedades espiritualistas, não são de molde a acrescentar qualquer crédito à lenda de Agartha, dos seus chefes supremos e das suas «bibliotecas», onde se amontoam os arquivos terrestres de 55.770 anos de civilização!

Os livros secretos

Em todos os tempos, foram transmitidas fórmulas secretas, oralmente ou por escrito.

Foi sem dúvida o caso — se jamais ele existiu — do *Enchiridion*, pequeno livro que continha os mais belos pensamentos cristãos e os maiores segredos da Cabala, escrito, dizem, pelo Papa Leão III, que o ofereceu a Carlos Magno «como sendo o mais raro de todos os presentes».

Segundo Eliphaz Lévi, «o soberano proprietário desse livro e que dele soubesse servir-se dignamente» podia ser o mestre do mundo.

Essa tradição supõe, acrescenta Eliphaz Lévi:

- 1.º — A existência de uma revelação primitiva e universal que explicaria todos os segredos da natureza e da ciência.
- 2.º — A necessidade de apenas confiar esses segredos a iniciados.
- 3.º — A certeza de uma tradição, reservando para os soberanos pontífices e para os mestres temporais do mundo o conhecimento dos mistérios.
- 4.º — A perpetuidade de certos signos, ou pentalfas, exprimindo esses mistérios e conhecidos apenas dos iniciados.

Terá Carlos Magno tirado vantagens do *Enchiridion*? É muito provável. Não é verdade que constou que o ilustre imperador não sabia escrever?

Portanto, Leão III, como outrora os padres de Elêusis, deve ter-lhe murmurado ao ouvido a fórmula enigmática ritual *Knox om pax*, cuja tradução seria, segundo Paul le Cour: «Que aquele que possa compreender compreenda!»

Nem tudo deve ser tomado em sentido literal na tradição. Mas nem tudo pode ser gratuito ou falso. Estamos a pensar na argola de Cygès, nos pós mágicos dos alquimistas, nas transmutações físicas que atualmente encontram realizações científicas, nas lendas de Homero que foram reconhecidas como verdadeiras, no tesouro do marquês de Carabas que é perfeitamente autêntico⁸.

As imaginações mais desordenadas baseiam-se por vezes em recordações verdadeiras.

⁸ A despeito do seu nome lendário, esse tesouro é histórico: Claude Gouffier, grande escudeiro de Francisco I, em 1546, e que usava o título de conde de Caravaz, morreu deixando uma enorme fortuna que não foi encontrada.

Dizia-se que ela devia estar enterrada no seu castelo de Oiron, perto de Airvault (Deux-Sèvres). O conde de Caravaz serviu de padrão a Perrault para o seu marquês de Carabas.

Ao certo, o que representa Agatha? Uma alucinação de oculistas ou uma dessas centrais de verdade que nos teriam sido legadas por exilados venusianos⁹?

Se o planeta Vênus suscita hoje as hipóteses fantásticas da nossa própria evasão, ele foi, desde a mais remota antiguidade conhecida, um pretexto para mistérios. Há dezoito milhões de anos, segundo uma lenda da Índia e do Afeganistão, Marte, Vênus e a Terra estavam em estreita comunicação.

Sobre a via magnética que ligava esses planetas vogava uma imensa nau resplandecente, de uma potência e de uma beleza extraordinárias. Ela conduziu para a Terra «três vezes trinta e cinco seres humanos perfeitos», que constituíram a primeira humanidade terrestre.

Vênus, planeta ancestral

Apoiando essa narrativa, uma cosmografia gravada sobre a parede rochosa de uma gruta do Kohistan representa Vênus e a Terra ligados por traços que simbolizam um caminho espacial.

Ora essa origem dos homens, expressa pelo Oriente, pertence igualmente à cosmologia cristã, e produz uma claridade singular sobre a nossa Primi-História, contada pelo Antigo Testamento.

Literalmente, ou quase, a Bíblia relata da seguinte forma a criação do Mundo:

«Ao princípio Deus criou o Céu e depois a Terra.

Adão e Eva viviam no paraíso terrestre (que se situava sobre o planeta Vênus).

Após o pecado original... após a grave falta que lhes fez perder a divina proteção, eles foram expulsos (do planeta Vênus) e tiveram de exilar-se na Terra...»

Eis talvez aquilo que em linguagem clara dizem os textos sagrados e que as tradições e o profeta Isaías defendem (examinaremos no capítulo XIX a evidente intervenção dos extraplanetários na aventura bíblica).

A chave do hieróglifo — além de Tiahuanaco e Prometeu — é-nos dada por Lúcifer, cujo sentido etimológico já é revelador: *lux*, luz; *fero*, eu trago!

Lúcifer, que cometem o grande erro de confundir com Satanás, é na realidade um Anjo do Céu, mas um anjo que caiu por ter, assim como Prometeu, concedido aos homens a luz da ciência divina.

Ele simboliza igualmente, *desde sempre*, o planeta Vênus, luciferiano pela sua claridade excepcional.

Por outro lado, a tradição afirma: Lúcifer veio do céu, portador de uma «pedra negra». Por menor insólito que se encontra em qualquer aparição de extraterrestres!

Segundo a tradição cristã, a queda de Lúcifer precedeu a criação do Mundo, ao passo que o profeta Isaías declara que essa queda se produzirá *no futuro*, contradição essa que muito embaraça os teólogos!

Quem falou verdade, a tradição ortodoxa ou o não menos ortodoxo Isaías?

O homem de Vênus desceu à Terra, ou a ela virá em breve, anunciado pelo cortejo dos discos voadores já vislumbrados por certos iluminados?

Neste sentido, Lúcifer, oriundo de Vênus, teria povoado a Terra com a sua «primeira humanidade», conforme o afirmam os Hindus e como o podemos interpretar através da Bíblia. E é a caminho de Vênus — inevitável regresso à pátria original — que os cosmonautas querem tentar as suas grandes incursões espaciais, com tantas maiores razões inconscientes e conscientes que sobre o planeta de Lúcifer as probabilidades de uma vida análoga à vida terrestre parecem maiores do que

⁹ O Observatório de Meudon pôde verificar, a 7 de Julho de 1959, que o planeta Vênus possuía uma atmosfera de 20 a 40 quilómetros de espessura. A travessia dessa massa gasosa durou mais de dois segundos. (Calculada pela passagem de Régulus.)

Segundo a tradição, Vênus seria coberto por um imenso oceano.

em qualquer outro sítio.

Eis, portanto, convergindo a caminho de Vênus, um feixe prodigioso, uma cadeia de probabilidades cujos elos nascem das mais profundas das nossas eras!

De Tiahuanaco, de Glozel, das Índias, do Egito, da Ásia Menor etc, o segredo traído da tradição clama mais do que uma assombrosa hipótese!

A ciência clássica não dá qualquer prova, o menor índice da origem terrestre dos homens. Em contrapartida, a tradição, com uma veemência milenária, sustenta essa tese, que, de dia para dia, recolhe novas adesões.

Ela apresenta também — como o viajante que regressa de uma longínqua expedição — as marcas e os testemunhos dessa aventura, os misteriosos motores da Porta do Sol, os tijolos gravados de Glozel, as gravuras rupestres do Kohistan, as enigmáticas e fascinantes «pedras negras» de Prometeu, de Lúcifer e de Maomé.

Será essa toda a insólita herança dos nossos longínquos antepassados?

Não veio à ideia dos partidários de uma imigração planetária, Flammarion, Richter, Kelvin, Robert Tocquet, procurar na nossa civilização, na nossa ciência, na nossa arquitetura ou na nossa indústria, o que parecia estranho ao gênio terrestre. No entanto, encontramos à nossa volta curiosos indícios.

As «pedras negras»

Por exemplo, seria precioso possuir utensílios inexplicáveis que não correspondessem a qualquer utilização possível, objetos não identificáveis feitos de matéria desconhecida, animais ou esqueletos de animais que não pudessem ter subsistido na nossa atmosfera.

Se é fácil distinguir uma matéria desconhecida, é muito mais difícil fazer uma escolha quanto ao resto, e existem nos nossos museus objetos cujo emprego é impossível explicar. A tradição inca diz que quando Orejona aterrou sobre a Pedra Sagrada da ilha do Sol, no lago Titicaca, ela trouxe do seu planeta vegetais, animais e «outras coisas».

É difícil descobrir, após as mutações que eles devem ter sofrido, caracteres insólitos nos vegetais e nos animais; mas existem no globo umas rochas, muito raras, que intrigam os mineralogistas: as tectites ou «pedras negras».

De acordo com a lenda pré-colombiana, o deus Tvira mandou erigir em honra de Orejona, sobre o local do rochedo sagrado, um templo onde estavam guardadas várias «pedras negras».

Essas pedras, chamadas *Kala* e associadas ao Deus-Sol de forma misteriosa, desapareceram do lago Titicaca.

Essas *Kala*, em número de três, serão as que atualmente se veneram na *Kaaba* de Meca ou estarão encerradas na parede¹⁰?

Assim como a pedra de Lúcifer e as «pedras negras» dos Andes, as da Arábia teriam uma origem celeste: teriam vindo do Céu, como dádiva do anjo Gabriel a Abraão em recompensa da vitória do Patriarca sobre o demônio; uma outra tradição afirma que teriam caído de Vênus.

Na origem, dizem os Muçulmanos, essas pedras eram brancas, mas como tinham a propriedade de absorver pelo contato todos os pecados humanos, os peregrinos foram durante milênios beijá-las e colocar as suas frentes sobre elas, a tal ponto que se tornaram negras como o pecado.

Para os sábios, seriam aerólitos caídos sobre a Terra numa época muito anterior ao islamismo.

Segundo Garcia Beltran, as «pedras negras» da Kaaba foram trabalhadas por mão de homem

¹⁰ De notar que os Cátaros eram tidos como os possuidores do Graal e também da «pedra negra» caída do Céu, que deveria servir para edificar na Terra o templo de Deus.

e, por conseguinte, não vieram sozinhas do Céu. O biólogo espanhol pensa que as *Kala* foram trazidas de Titicaca, «umbigo do mundo» dos Incas, até à Kaaba, «umbigo do mundo» dos Muçulmanos.

«Se Orejona as tivesse abandonado nos Andes», declara ele, «é porque não tinham qualquer interesse, não passando sem dúvida de resíduos análogos à matéria interior de uma pilha gasta. Essas «pedras negras» talvez tenham servido para a «propulsão astral» das aeronaves venusianas. Elas não contêm nem urânio nem rádio e outrora eram antimagnéticas, com uma polaridade suscetível de suprimir o fenômeno da gravidade...»

Essa hipótese de Beltran baseia-se no fato de que, na tradição andina, a «pedra negra» de Titicaca tinha o nome de «pedra do puma com olhos de carbúnculo, aliado ao condor».

Em íntima correlação com a interpretação dos engenhos espaciais gravados sobre a Porta do Sol, encontramos aqui o puma, representando o poder, o condor, que significa viagem, voo, e o carbúnculo, que simboliza as forças minerais misteriosas e o seu esplendor.

Sejam quais forem as nossas ideias, as «pedras negras» dos Andes e da Arábia parecem ligadas a um fenômeno celeste.

As outras «pedras negras» — ou tectites — que se encontram disseminadas pelo globo, principalmente nas Índias, na Austrália, em redor de Baalbek e em Lessac (Charente), seriam igualmente os resíduos de carburantes de engenhos extraterrestres.

Os geólogos não se sentem capazes de explicar a presença sobre a Terra dessas tectites, que são, afirmam eles, minerais (alumínio e glicínio) ricos em isótopos cuja deterioração avaliamos. Eles teriam suportado altas temperaturas e poderosos bombardeamentos radioativos há menos de um milhão de anos.

Para Labeyrie e a sua equipe de especialistas atômicos de Gif-sur-Yvette, seriam estilhaços projetados sobre a Terra, resultantes da percussão de meteoros sobre a superfície lunar.

O arqueólogo Danguy de Lessac, que encontrou numerosas tectites na Charente, mandou-as derreter a uma temperatura de 400° C. Supõe que se trata de resíduos vidrosos muito fúseis e que, portanto, não poderiam ser provenientes da Lua sem se terem volatilizado.

Na realidade, essas explicações, que se contradizem, não têm qualquer aspecto definitivo.

Nós encontramos pessoalmente tectites numa gruta do vale da Charente, ao nível do Paleolítico antigo, o que, pelo menos, prova que os homens pré-históricos as conheciam mas não tentavam trabalhá-las, o que poderiam ter feito facilmente e com vantagem. Deveremos deduzir daí que lhes tinham uma espécie de respeito, de receio ou de veneração?

Outra foram de legado extraplanetário: certas mensagens meteoríticas que humanidades venusianas, marcianas ou mercurianas nos dirigem, talvez com o auxílio de sinais luminosos ou hertzianos.

Mas como devemos identificar essas mensagens e interpretar-lhes o sentido?

Seremos nós insensíveis ou impenetráveis a um fantástico que impressiona o nosso espírito burguês e os nossos preconceitos ultrapassados?

Se os legados extraterrestres existem à nossa vista e ao nosso alcance, é necessário tentar percebê-los, e nesse sentido aventureiro, mas necessário, organizamos um inventário de tudo o que é insólito ou nos pareceu estranho à nossa civilização terrestre.

O que de insólito existe na Terra

A grafite da caverna do Kohistan, nas Índias, com a idade de 14.000 anos e que representa a Terra ligada a Vênus por um caminho de traços;

A raça desconhecida de Glozel, que conhecia a escrita e o fabrico do vidro na época pré-his-

tórica do sílex;

A escrita pré-histórica de Glozel;

Os barros de Glozel, que parecem reproduzir uma cabeça de cosmonauta e um animal-disco voador;

Os discos voadores (se existem);

O oricalco dos Atlantes, metal mencionado nos textos antigos, mas que jamais foi identificado;

O gigante com seis metros dos frescos do Tassali (caso sejam autênticos) que parece vestir um escafandro. O arqueólogo Henri Lhote chama-lhe: o Marciano;

Em Tiahuanaco: desenhos de máquinas estranhas supostas espaciais;

O calendário venusiano da Porta do Sol;

Os homens com quatro dedos das pictografias e das estátuas do Tiahuanaco primário;

As máquinas voadoras cilíndricas, subindo para o céu, gravadas no Yunan sobre pirâmides surgidas das águas após um tremor de terra. Nessa região e no lago Kunming, os vestígios de uma civilização desconhecida e de alta expressão ascenderiam a 45.000 anos, segundo o professor Tchi Pen-Lao. Essas máquinas voadoras e essas pirâmides, que tinham a altura de 900 pés, estão ligadas à mitologia extraterrestre de Tiahuanaco e de Tebas;

A criação do Mundo explicada por Moisés no Pentateuco 4000 anos antes dos cosmólogos modernos;

A ciência secreta de Moisés e do Egito antigo;

O transporte para o céu de Elias e de Enoch. A sua descrição de viagens através do cosmos;

O mito de Prometeu, cuja aventura extraterrestre é idêntica à do homem de Tiahuanaco;

O mito de Lúcifer, o venusiano portador da «pedra negra», que se identifica muito intimamente ao do homem de Tiahuanaco;

A descrição de guerras atômicas no Mahabharata;

A utilização do mercúrio nos aviões a jato descrito nos textos sânscritos;

As pilhas de Bagdad, com vários milênios de existência e cientificamente fabricadas com elétrodos de ferro e de cobre e um eletrólito desconhecido;

Baalbeck — A Grande Pirâmide — Ollantaytambo — Machu Pichu: uma técnica desconhecida de construção;

O segredo da levitação;

A cidade petrificada do coronel W. Walker;

As «câmaras de homens voadores» na África e na América;

O ouro de fraca densidade utilizado pelos Incas;

A descrição dos dois satélites de Marte feita por Jonathan Swift (*As Viagens de Gulliver*) cento e cinquenta anos antes da sua descoberta científica, e com esta precisão alucinante: um dos dois satélites viaja duas vezes mais depressa do que o outro. O que foi controlado em 1877;

O ferro inalterável (com enxofre manganês e fósforo) do antigo pilar de Deli;

As «pedras negras» (*adjar eleswad*) da Kaaba e de Titicaca, vindas de Vênus segundo as tradições muçulmanas e andinas. As «pedras negras» de Lúcifer e dos Cátaros, que teriam a mesma origem;

As tectites da Ásia Menor, da Austrália e da Aquitânia, em França;

O Castiçal dos Andes, sismógrafo de precisão, com a altura de 250 metros, gravado numa superfície rochosa da baía de Pisco;

O objeto aéreo de magnésio com cem por cento de pureza (percentagem impossível de atin-

gir pela técnica atual) que explodiu sobre a praia de Ubatuba, no Brasil, em 1957 (não controlado);

A argola de metal com mil pés de circunferência que rodeia o alto de uma montanha da Suécia, onde cresce uma vegetação diferente de toda a vegetação terrestre (não controlado);

As descrições na Bíblia, e nas tradições de todos os países, da conquista da Terra por seres vindos de algures e especialmente de Vênus e da Lua;

A destruição de Sodoma e de Gomorra (interpretação dos *Manuscritos do Mar Morto*, pelo professor Agrest);

A explosão sobre a taiga, em 1908;

As folhas de ouro descobertas em Ur, revelando que as joias do achado eram provenientes dos Atlantes, os quais as tinham recebido de seres humanos vindos das estrelas sobre um navio voador (não controlado);

A revelação de Platão afirmando que os Atlantes não eram de origem terrestre;

Os «homens azuis»: Atlantes, raça de Tiahuanaco e deuses do Egito;

Os homens com crânio chato (mesmo os fetos têm essa particularidade insólita), cujos esqueletos foram descobertos perto do lago Tacarigua, na Venezuela, pelo professor Requena;

O crânio do homem pré-histórico de Glozel, cuja espessura não corresponde às normas do homem terrestre;

Os mapas de Piri Réis, copiados sobre um atlas, que só podia ser executado por vista aérea, numa época anteglaciária.

A este breve catálogo do insólito, que não passa de uma hipótese de trabalho, talvez pudéssemos acrescentar a magia negra, a parapsicologia e os segredos dos sacerdotes egípcios e hindus.

As cidades ciclópicas

De todos os mistérios que se nos oferecem, o da construção das Pirâmides é o mais irritante.

As pedras de Quéops são enormes, colossais; a maior parte delas pesam de 15 a 100 toneladas e estão ajustadas a um centésimo de polegada, ao passo que nas construções modernas as pedras de cantaria, de calcário brando, 300 vezes menos pesadas, estão ajustadas apenas a um décimo.

No quarto do rei, o teto é formado por blocos de granito vermelho com o peso de 70.000 quilogramas. De que forma foram essas pedras transportadas, talhadas, içadas e postas no seu lugar?

Nos nossos dias, semelhantes resultados só seriam possíveis se se construíssem à volta das Pirâmides, sobre a areia, terraços de cimento armado que suportassem carris unidos e vagões com 40 rodas. Em suma, uma proeza extraordinariamente difícil.

O obelisco que ornamenta a Praça da Concórdia, em Paris, é um monólito frágil, de peso relativamente pequeno. Em 1835, em Luxor, nas margens do Nilo, foram necessários dois meses de trabalhos intensos para efetuar o seu transporte, do templo para o brigue ancorado no rio. E o próprio engenheiro Lebas foi obrigado, para o efeito, a inventar um material completo de transporte!

Ora, se o obelisco de Luxor é um pigmeu comparado com as enormes pedras das Pirâmides, estas são minúsculas junto das colossais pedras de cantaria e das «sayaucas» peruanas de Sacsahuaman, de Machu Pichu e de Ollantaytambo, pedras ajustadas, por vezes com o comprimento de seis metros, com a espessura de três e «reunidas sem argamassa nem ganchos de ferro com uma precisão tal *que sentimos dificuldade em crer que se trata de obra humana*», escreve Siegfried Huber¹¹. Então? Técnica estrangeira?

E os monólitos colossais do Peru também são de tamanho medíocre em relação às lajes colocadas em Baalbek!

¹¹ *Au Royaume des Incas*, Plon.

A antiga cidade (em ruínas) dos santuários gigantescos, no Líbano, é obra misteriosa de um povo que sabia transportar, cortar e içar pedras com 750.000 quilos, enquanto o mundo, nessa mesma época, ignorava o carrinho de mão, os fechos de abóbada e o cimento armado.

Algumas lajes da parte inferior dos edifícios medem 25 metros de comprimento e 4,60 de espessura e de largura.

Na pedreira donde elas provêm, situada a cerca de 1 quilômetro da cidade, pode ainda ver-se a maior pedra talhada do Mundo, chamada Hadjar el Gouble (a Pedra do Sul). Ela pesa dois milhões de quilogramas. Parece impossível acreditar que homens terrestres tenham podido, em tempos recuados, transportar e içar essas pedras colossais.

Estará ali o testemunho da indústria extraplanetária de seres vindos para o nosso globo com segredos desconhecidos?

Mas, nesse caso, de que natureza era o conhecimento científico que permitia aos homens vencer o peso dos enormes monólitos?

Denis Saurat torneou a dificuldade admitindo a existência de uma raça de gigantes. O professor russo Agrest, na *Literatournaia Gazeta*, reportando-se a dados arqueológicos e a antigos textos essenianos, referiu-se francamente a uma ciência desconhecida, revelada por astronautas pré-históricos.

Esses visitantes teriam vindo à Terra há um milhão de anos, e haviam pousado o seu foguetão — ou o seu disco voador — na região do Médio Oriente.

Agrest, matemático e físico afamado na U. R. S. S. (no entanto não aderimos a todas as suas teorias aventurosas), apoia a sua hipótese numa citação dos *Manuscritos do Mar Morto: Vieram homens do Céu e outros homens foram arrebatados à Terra e levados para o Céu. Os homens caídos do Céu conservaram-se sobre a Terra muito tempo após a vinda do Filho de Deus.*

Na Bíblia ele realça o que se refere à destruição de Sodoma e de Gomorra: *Foge se queres salvar-te e não te voltes para trás. Não pares. Corre até ao fim desta planície e dirige-te à montanha, se não queres morrer.*

E Loth respondeu: *Não poderei atingir a montanha, porque o mal penetrará o meu corpo e matar-me-á.*

Analisando esta passagem da Bíblia, Agrest afirma:

«É evidente que se trata de uma explosão nuclear, como parece prová-lo o resto do texto.»

De fato, pode ler-se:

Ergueu-se uma coluna de fumo e de poeira, que parecia ter brotado do coração da Terra.

E entornou uma chuva de enxofre e de ferro sobre Sodoma e Gomorra e destruiu a cidade, a planície inteira, todos os habitantes e a vegetação.

Se pusermos à parte a data de um milhão de anos, que não tem probabilidades de verosimilhança, a teoria não é absurda. Agrest prossegue expondo as razões dessa atomização, na qual substitui os astronautas pelos anjos exterminadores.

«Os visitantes planetários», diz ele, «antes de abandonarem a Terra, quiseram destruir o seu stock nuclear, mas recomendaram previamente aos habitantes da região que não continuassem na cidade nem em terreno descoberto, que se escondessem debaixo da terra e não olhassem para a explosão. A deflagração foi acompanhada pela característica coluna de fumo (o cogumelo atômico) e as partículas radioativas que caíram mataram a vegetação e as pessoas.

«Os sobreviventes, como Loth e suas filhas, que tinham procurado abrigo nas cavernas, tive-

ram de fugir para mais longe ainda¹².»

Agrest pensa igualmente que o grande terraço interior do Templo de Baalbek, que mede 134 metros de comprimento e 113 de largura, era um campo de aterragem para discos voadores, especialmente preparado pelos astronautas aquando da sua estada terrestre.

Esta explicação do físico russo era ousada em 1959, mas adquiriu uma certa força após as descobertas dos seus compatriotas: os professores Jirov, que identificou o calendário venusiano de Tiahuanaco, e Kazantsev, que estudou o desenho dos engenhos espaciais gravados no friso.

Quanto à data de um milhão de anos calculada por Agrest, é resultante da análise das tectites que se encontram no Líbano.

Tudo isto, que é muito hipotético, não dá qualquer solução ao enigma dos monólitos gigantes do Líbano e do Egito, que, no entanto, devem ser relacionados com os mistérios do Peru e de Tiahuanaco.

Outros índices militam a favor da vinda para a Terra de homens desconhecidos, esquecidos ou extraplanetários, que utilizaram a desintegração atômica. Em 1850, um homem extraordinário, que foi conquistador da Nicarágua, o coronel W. Walker, ao explorar, na América Ocidental, toda a região compreendida entre a Gila e San Juan, descobriu várias cidades em ruínas.

Ele escreveu a esse respeito:

Vê-se nesse local um edifício central imponente em redor do qual jazem os restos de uma cidade com cerca de uma milha de comprimento.

Veem-se aí os vestígios de erupção vulcânica com blocos carbonizados ou vitrificados atestando a passagem de um terrível flagelo.

Ao centro dessa cidade, verdadeira Pompeia americana, ergue-se um rochedo de 20 a 30 pés de altura, ainda com vestígios de construções ciclópicas.

A extremidade sul desse edifício parece sair de uma fornalha e o próprio rochedo que o suportava tem indícios de fusão.

É curioso que os índios não tenham conservado a menor tradição relativamente às sociedades outrora estabelecidas nessa região.

Ao considerarem esses tristes resquícios, sentem-se invadidos por um religioso pavor, mas nada sabem em relação à sua história.

O local, perto do deserto de Mohava, é chamado o Vale da Morte.

Dessa descrição sobressaem vários pontos importantes que, no século XIX, não podiam sugerir as conclusões a que chegamos nos nossos dias.

O coronel Walker, na ignorância em que estava a respeito de ciência nuclear, atribuiu a uma erupção vulcânica o antigo cataclismo do Vale da Morte; ora, tendo em consideração Herculano, Pompeia e São Pedro da Martinica, é incontestável que nem uma erupção vulcânica, nem um tremor de terra, nem um incêndio poderiam ter vitrificado as areias e derretido os rochedos.

Outro pormenor: esse Vale da Morte, onde outrora se erguia uma cidade, com espaços de verdura e árvores, é agora estéril. Fica situado no deserto do Nevada, onde, coisa curiosa, explodem atualmente as bombas atômicas americanas.

Estranha predestinação dos locais!

A explosão sobre a taiga

12 *Paris Presse*, 12 de Fevereiro de 1960.

A 30 de Junho de 1908, às sete horas da manhã, os habitantes da região de Kansk, na Sibéria, viram um rasto fulgurante iluminar o céu e perder-se ao longe na estepe. Ouviu-se uma formidável explosão. No mundo inteiro, os sismógrafos registaram uma nítida sacudidela, cujo epicentro se situava a nordeste do lago Baikal.

A Academia das Ciências de Moscou enviou para o local o professor Kulik, que registou, entre a tribo nômada dos Evenk, espantosas declarações:

Estávamos a 80 verstas (85 quilômetros) de Tugunsska e vimos o fogo.

O calor era tão intenso que nos deitamos no chão.

Eu, disse uma testemunha, tive medo que o fogo se pegasse à minha blusa.

Numa aldeia do distrito da Podkaménnaia Tunguska, morreram repentinamente 1500 renas...

Os nômadas acreditaram que se tratava do fim do Mundo, prova de que o cataclismo, todavia tão afastado deles como Chartres de Paris, era de uma intensidade sem precedentes.

Nas noites que se seguiram, produziram-se estranhos fenômenos na Europa setentrional. O céu foi invadido por nuvens fosforescentes que iluminaram como em pleno dia Berlim, Copenhague e Londres.

No entanto, o professor Kulik concluiu simplesmente que se tratava da queda de um enorme meteoro.

O caso não devia ficar por ali: em 1958, a Sociedade Russa de Astronomia e de Geodesia, ao examinar de novo o problema, declarou formalmente que a 30 de Junho de 1908 nenhum meteoro caíra sobre a taiga, e que a explosão se produzira não ao contato com a Terra, mas no espaço.

Em 1959, o professor Gucorgui Piekhanov e, em 1962, o professor Ziegler anunciavam por sua vez:

Sobre o local do cataclismo, a cratera não se assemelha de forma alguma a uma cratera de meteoro e captamos no dito local uma radioatividade intensa.

Tudo nos leva a crer que se trata de uma explosão nuclear produzida a certa altitude na atmosfera, ou ainda da desintegração de um bloco antimatéria¹³.

Admitiu-se então uma outra hipótese: desintegração de uma nave espacial.

Lucien Barnier, especialista francês das questões científicas, que fez inquéritos a respeito da «Hiroshima de 1908», tomou resolutamente partido por esta explicação:

«Numerosas testemunhas», escreve ele, «descreveram o estranho engenho sob a forma de um tubo ou de uma acha. Já alguma vez se viram meteoros cilíndricos?»

E, no capítulo dos fatos curiosos, acrescentou em subtítulo ao seu artigo: «Um cogumelo com 80 quilômetros de altura... três dias sem noite em Londres e em Tóquio... e de há cinquenta e dois anos para cá a erva não voltou a nascer...»

¹³ No plano teórico, a antimatéria seria simetricamente o inverso da matéria. Mas a antimatéria praticamente não é realizável, pois se um dia existisse integraria imediatamente núcleos positivos que determinariam uma colossal libertação de energia. Todavia, pode criar-se um electrão negativo fazendo interferir energias da ordem de 400 a 500.000 electrões-volts, mas esse electrão desaparece assim que é criado.

Os sábios têm tendência atualmente para imaginar forças inversas às existentes: antiprotões, antigravitação, antimatéria... como outrora imaginavam a antiterra.

Se o nosso universo-matéria encontrasse um universo-antimatéria com constituição inversa, a explosão que daí resultaria destruiria o cosmos.

Guerras atômicas nas Índias

Nos livros sagrados hindus, o *Mahabharata* e o *Ramayana*, trata-se de invasores, oriundos de outros planetas, visto que são designados sob o nome de «filhos da Lua e do Sol»; denominação perturbadora quando se sabe que várias tradições se referem à vinda para a Terra de conquistadores ou de deuses do Céu.

Claro, era lógico que a Lua impressionasse a imaginação dos povos antigos; no entanto, é também necessário notar que um satélite pode constituir para um povo do espaço um meio ideal de locomoção. Terá a Lua sido, na origem, um engenho espacial, um super-Sputnik habitado por astronautas que fugiam de um planeta em perigo a caminho de um outro mundo mais hospitaleiro?

A hipótese merece ser fixada, tanto mais que a tradição menciona a existência e o desaparecimento de várias luas.

Referindo-se à ciência nuclear primi-histórica, os textos hindus relatam com espantosa precisão uma guerra atômica semelhante àquela que se poderia dar nos nossos dias.

Essas revelações e as que podem encontrar-se noutros documentos em sânscrito (*Ramatcharitra*, *Mahavira*, *Drona Parva*, *Rasernava*, *Kiratarjuniya*), nada impressionaram os homens de 1939, que, com uma lamentável falta de imaginação, se limitaram a compará-los às lendas de Homero e às aventuras do barão de Crac. Os investigadores atuais, habituados às maravilhas da física e aos milagres da microbiologia, aperceberam-se de que as guerras atômicas que opunham os antigos reis asiáticos se assemelhavam ponto por ponto aos nossos futuros conflitos, tal como os podemos imaginar. Tratar-se-iam de reportagens efetuadas ao vivo por jornalistas sinceros mas não iniciados?

Supõe-se antes que as narrativas dos textos védicos, que datam de há 3000 anos, se referem a uma guerra atômica que se teria desenrolado 10.000 ou 20.000 anos antes. Guerra atômica entre antagonistas de culturas diferentes, um — que será vencido — empreendendo a luta com elefantes, cavalos, carros de madeira, o outro — o clã dos vencedores, dos deuses vindos do Céu, portanto sem dúvida extraplanetários — utilizando bombas atômicas, a irradiação e os engenhos voadores.

Pode ler-se no *Ramayana* e no *Drona Parva*:

As máquinas voadoras, vimanas, tinham a forma de uma esfera e navegavam no espaço devido ao mercúrio, que provocava um grande vento propulsor.

Desta forma, os homens alojados nos vimanas, podiam percorrer enormes distâncias num tempo maravilhosamente limitado.

Os vimanas eram conduzidos segundo a vontade do piloto, voando de baixo para cima, para a frente ou para trás, segundo a disposição do motor e a sua inclinação.

Tratava-se portanto de engenhos a jato propulsados nos ares devido ao mercúrio ou «rasa». E já sobre este ponto a atualidade nos oferece uma interessante coincidência: L. Gérardin, engenheiro da Sociedade Thompson-Houston, no decorrer do Congresso Internacional do Espaço, realizado em Paris, no mês de Junho de 1959, preconizou para a propulsão dos foguetões espaciais o motor *ion-mercúrio*.

Em 1962, a sociedade francesa de estudos e pesquisas sobre a propulsão a jato anunciava que no Projeto Phaëton a França se propunha lançar, em 1966, um satélite cujo motor seria «um forno solar a mercúrio»!

Eis agora em relação à guerra atômica:

O fogo dessa arma (utilizada pelo herói Râma) destruía as cidades produzindo uma luz mais

intensa que 100.000 sóis.

O vento então levanta-se e o fogo da terrível arma queimava os elefantes, os soldados, os carros e os cavalos sem que pudesse ser visto, pois era invisível.

Esse fogo fazia cair as unhas e os cabelos dos homens, esbranquiçava as penas das aves, coloria-lhes as patas de vermelho e entortava-as.

Para conjurar esse fogo, os soldados corriam a lançar-se nas ribeiras para aí se lavarem e lavar tudo aquilo em que deviam tocar...

Evidentemente, é preciso desconfiar da imaginação dos orientais, mas é também necessário confessar que um homem do ano 1000 a. C., ao falar de fatos muito antigos, mas *contados certamente por documentos escritos, pois não se encontra o menor erro, nem a menor incoerência*, temos que confessar, portanto, que esse homem não poderia empregar nem outras palavras, nem outras imagens, para dizer que uma bomba atômica destruía as cidades, queimando tudo e provocando mutações, característica relativamente pouco conhecida das radiações atômicas. Caso se trate de uma coincidência, não será de fato um pouco excessiva?

Na *Mahavira*, do poeta Bhavabhonti (século VIII), Râma utiliza armas absolutamente análogas às armas secretas dos E.U.A. experimentadas em 1961, no Maryland: armas farma-codinâmicas ainda mantidas sob segredo de Estado e a respeito das quais os Russos, pelo seu lado, não deixam filtrar qualquer informação.

Eis esse texto:

O sábio entregou-lhe, confiando-lhe todos os segredos do seu manejo, armas da maior potência, produzindo o adormecimento (djrimbhaka) e espalhando igualmente um profundo sono (prasvâpana) e uma arma de fogo capaz de reduzir a cinzas o grande exército de Koumbhakarna¹⁴.

Mais uma exagerada coincidência com os «nevoeiros» secretos dos americanos, que produzem igualmente, no inimigo, o *djrimbhaka* e o *prasvâpana*.

Os textos sânscritos relatam portanto *certamente* uma guerra verdadeira, que pôs em ação um material pertencente a uma raça tão evoluída como a nossa.

Um carro aéreo, o «Poushpaca», transporta várias pessoas para a antiga capital de Ayodhyâ. O céu está coberto de espantosas máquinas voadoras, negras como a escuridão, que expõem clarões amarelados.

Esta insistência em descrever os engenhos e os aviões de uma guerra atômica não poderia deixar insensível o leitor do século XX. Segundo o seu espírito crítico, cada um verá no fato uma invenção, uma prefiguração, um índice ou uma prova absoluta da existência de uma alta civilização primi-histórica.

Na *Mahavira*, quinto ato, Râma esclarece que a natureza das suas armas não faz parte do nosso ciclo.

Eis o texto:

Râma:

Essas armas, que são lançadas e retiradas por meio de um segredo mágico, só podem ser manejadas por tradição. Tendo cumprido penitências a favor do avanço da ciência sagrada, duran-

¹⁴ *A Mahavira*, de Bhavabhonti, Sexto ato.

te mais de 1000 anos, os antigos sábios, Brama e os outros, viram numa aparição essas armas e a sua glória, frutos das suas austeridades.

Kriçaçva transmitiu o conhecimento secreto (upanishad) da ciência completa dos Mantras (fórmulas de um poder misterioso que servem para o emprego das armas divinas e para a suspensão instantânea dos seus efeitos) a Viçvâmitra, que me transmitiu.

Eis-nos, portanto, de novo na conjuração do segredo e numa civilização de antepassados superiores que possuíam todos os conhecimentos da nossa ciência experimental e talvez também dos poderes supranormais aos quais Râma faz alusão ao falar das «austeridades» que permitiram o estudo.

Antes da era cristã, o *Yogasutra* índio enumerava já as proezas (*aiçvarya*) que o homem estava à altura de pretender realizar:

Redução ou aumento do corpo segundo se quiser (*ammã*); Diminuição do peso e levitação (*laghimâ*);

Alcançar todas as coisas, como, por exemplo, tocar a Lua (*prâpte*);

Irresistibilidade da vontade. Exemplo: mergulhar na terra como na água (*prâkâmya*);

Domínio da produção, da desapareição e da transformação das coisas (*içitrtva*);

Entrar no espírito ou no corpo de outra pessoa; Invisibilidade.

O *Yogasutra* (III-44) esclarecia que esses poderes eram obtidos por meio da ascese ou do Samadhi, ato essencial do ioga, «mas se os deuses têm esse privilégio desde o seu nascimento, os Titãs e mesmo os homens vulgares são suscetíveis de os adquirir graças às plantas».

Os textos sânscritos permitem-nos escolher entre dois métodos: a ascese e as drogas milagrosas capazes de fazerem eclodir as virtualidades ainda desconhecidas do cérebro humano, de um dia apreender o incompreensível, de penetrar talvez num universo insólito e paralelo ao nosso. Essa taurmurgia parece de fato pertencer a uma magia estranha à expressão do gênio terrestre, e sem dúvida conforme à evolução científica de um povo do espaço que se tivesse instalado entre nós.

Sem dúvida, esses poderes, estranhos à nossa civilização, estão incluídos na definição do insólito terrestre que nós procuramos.

A ciência de Tiahuanaco — quer dizer, talvez, de Vênus — parecendo a princípio experimental, faz-nos pensar, simples hipótese de trabalho, nos Lunares de Marcel Boscher, que, na sua opinião, tinham precisamente invadido o Continente Amarelo.

Sem dúvida a Lua nem sempre foi um astro sem vida.

Na tradição, na mitologia, e também na vida social, a Lua ocupa um lugar excepcional. Em breve os astronautas alunarão e poderão controlar se ela de fato não passa de um imenso globo desértico, calcinado, virgem, ou se pôde outrora dar vida a uma raça desaparecida, ou se a hipótese do satélite-nave-espacial assenta sobre qualquer verosimilhança. Em todo o caso, é certo que em breve os Terrestres realizarão no sentido inverso a hipótese de Marcel Boscher. Talvez então a ciência humana esteja apta a realizar uma viagem pelo cosmos num planeta pilotado como um foguetão!

Os gigantes

Por outro lado, o nosso satélite, que determina o crescimento dos vegetais fora ou dentro da Terra (além de muitos outros fenômenos ainda pouco conhecidos), tem qualquer coisa a ver com a existência daqueles gigantes de que a tradição fala com uma curiosa insistência.

Uma, duas e talvez três luas satelizaram-se outrora em redor da Terra, em órbitas cuja posição ignoramos.

Veículos ou planetas, essas luas aproximaram-se sem dúvida da Terra e dessa vizinhança

brotou uma atração cujo efeito imaginamos ao inverso da teoria de Boscher. Foi a época do gigantismo da natureza: árvores com 100 metros de altura, animais enormes e desmedidos, pesando 50.000 quilogramas e tendo a cabeça mais de 10 metros de altura.

É dificilmente concebível, nas atuais condições de peso, que animais como o *brachiosaurus altithorax* tenham podido desenvolver-se e subsistir.

É claro, daí em diante o gigantismo tornou-se uma anomalia e acabou por desaparecer quase totalmente, mas o simples fato da sua aparição permite-nos supor que existiu outrora uma menor gravidade ou uma atração intensa — a da Lua por exemplo, autorizando o gigantismo da raça humana que os antigos textos constantemente nos assinalam.

É evidente — sem apelar para os poderes ocultos mencionados pelo *Yogasutra* — que o equilíbrio pode ter sido quebrado por outras razões mecânicas.

Numerosos autores imaginaram essas razões, chegando alguns ao ponto de explicar simultaneamente o caráter ciclópico de certas construções, as estátuas gigantes da ilha de Páscoa, do Peru, de Bamiyan, e o mistério do transporte e da colocação das enormes pedras de Baalbeck e das Pirâmides.

É sem dúvida ir longe demais no que se refere a este último ponto, mas admite-se que a hipótese de uma raça humana gigantesca é perfeitamente defensável: raça autóctone ou raça emigrada de um planeta em perigo.

A hipótese de gigantes primi-históricos baseia-se em dados científicos que apenas têm um caráter de probabilidade.

Michel Cargèse escreve a este respeito:

«Os telescópios gigantes e os satélites artificiais cumprem com eficácia as suas funções de detetives do espaço.

Eles acabam de confirmar recentemente uma lei de mecânica celeste descoberta pelo francês Roche, em 1850: o satélite natural de um planeta não pode, sem perigo, aproximar-se dele a menos de dois raios e três quartos do seu diâmetro.

Pode verificar-se o fato por meio de um asteroide que girava em redor de Mercúrio, e pode profetizar-se certamente que os satélites de Marte vivem os seus últimos momentos, visto estarem a cerca de 2,767 raios do planeta.

A nossa Lua tem ainda uma linha de vida bastante longa, por se encontrar a 170 raios da Terra, mas Danjon, diretor do Observatório de Paris, pensa todavia que ela corre o risco (ou antes, faz-nos correr a nós!) de um dia se despedaçar contra a Terra ou de desaparecer no espaço.

De fato, a sua órbita é quase redonda e não oferece a margem de segurança que têm os planetas ou cometas com elipse muito longa.

Os nossos longínquos antepassados, segundo a tradição, sofreram cataclismos resultantes do esmagamento de um satélite sobre a Terra.

Esse satélite girava apenas a alguns raios de distância, exercendo uma considerável atração e provocando o gigantismo da natureza e do homem, cuja estatura atingia cerca de quatro metros.

Pelo fato de a lei da gravidade ser relativamente fraca, os objetos eram muito menos pesados, o ritmo sanguíneo facilitado, a fadiga menor para todo o organismo e o homem gozava então de uma longevidade extraordinária. Ele tinha o cérebro desenvolvido e faculdades que o fizeram adquirir um saber diferente do nosso.

A edificação de cidades gigantes e o transporte de monólitos com o peso de milhares de toneladas — em Machu Pichu, em Baalbeck, em Gizeh, etc. — encontram uma explicação, a um tempo na força titanesca dos homens e na utilização dos seus conhecimentos científicos.

As estátuas de sete metros e mais, que se encontram em certas partes do Mundo — Peru, ilha de Páscoa, arquipélago dos Marqueses, Bamiyan, etc. —, poderiam portanto ser obras em tamanho

natural, ou pelo menos a homenagem quase nada exagerada de populações diminuídas aos seus antepassados gigantes.

Claro que a ciência oficial é reticente sobre este ponto mal esclarecido da nossa Primi-História a despeito das descobertas que foi obrigada a ter em conta.

Em Gargayan, na província norte das Filipinas, foi descoberto o esqueleto de um gigante que não media menos de 5,18 metros. Os seus incisivos tinham 7,5 centímetros de comprimento e 5 centímetros de largura.

Foram descobertas no sudoeste da China ossadas pertencentes a outros seres humanos com três metros de altura. O doutor Pei Wen Chung, paleontologista de fama mundial, afirma que esses restos datam de há 300.000 anos.

Na província de Agadir, o capitão Lafenechère descobriu igualmente uma oficina de utensílios pré-históricos também com 3000 séculos de existência. Entre outros objetos, havia bifaces utilizados manualmente. Ora esses bifaces pesam oito quilos e o seu manejo exige um afastamento dos dedos apenas possível a um gigante com pelo menos quatro metros.

É de notar que os bifaces vulgares pesam cerca de 400 gramas. Lafenechère encontrou cerca de 500, pesando cada um deles vinte vezes mais.

Não é portanto temerário concluir, de acordo com a Bíblia e as mitologias, que a Terra foi de fato pisada por uma raça de gigantes e que, segundo o cálculo dos técnicos, a sua existência remonta de há 300.000 anos.

Tudo leva a crer que foi uma lua anterior à nossa que provocou o aparecimento desses titãs. Aliviados do seu peso pela atração do satélite, desenvolveram-se segundo as normas que podiam suportar.

Houve em seguida um cataclismo pavoroso quando a Lua, demasiado próxima se esmagou contra a Terra, destruindo sem dúvida um continente, alterando os polos e toda a geografia terrestre...

Os gigantes que sobreviveram, enfraquecidos, degenerados, já não podendo suportar o seu excessivo peso de carne, desapareceram por meio de seleção natural, dando lugar a homens mais pequenos, melhor adaptados às condições de existência sobre uma Terra sem Lua ou dotada de um pequeno satélite que apenas exercia uma atração atenuada: a Lua atual.»

Segundo outras hipóteses, a raça dos gigantes primi-históricos seria de origem extraterrestre.

Os sábios, cada vez mais, acreditam na pluralidade dos mundos habitados e um deles o professor Robert Tocquet, exprime a sua opinião, geralmente aceite, nestes termos¹⁵:

«Quando pensarmos que a nossa galáxia não passa de uma espiral entre os 100 biliões de universos-ilhas e que cada um deles contém vários bilhões de estrelas, seremos levados a admitir que em redor dos trilhões, quadrilhões, quintilhões de sóis, as probabilidades e possibilidades de vida são imensas¹⁶.»

Já no século XV o cardeal Cusa dava provas de uma extraordinária largueza de ideias fazendo previsões a respeito da aventura interplanetária:

«Sendo a máquina do mundo como se tivesse o seu centro em toda a parte e a sua circunferência em parte alguma — visto que o centro e a circunferência do mundo é Deus, que está em toda a parte e em parte alguma —, toda a região estelar deve ser habitada por espécies humanas de natu-

¹⁵ *La Vie sur les Planètes*, de Robert Tocquet, Ed. du Seuil.

¹⁶ Três sábios americanos da Universidade de Fordham analisaram um meteorito carbunculoso caído a 18 de Maio de 1864, em Orgueil (Tarn-et-Garonne), atualmente no Museu de Montauban. Eles detectaram nesse meteorito, por meio de análises espectroscópicas, bombardeamentos de electrões e um estudo da difração dos raios X, a presença de compostos orgânicos e de hidrocarbonetos reveladores da vida. Eles viram ao microscópio micróbios fósseis de estranhas células, mas análogos aos micróbios terrestres. A vida celular é portanto uma certeza sobre o planeta de onde veio esse meteorito, mas que no entanto não foi identificado.

O mesmo fenómeno pode ser observado sobre todos os meteoritos carbunculosos, para dizer a verdade muito raros: vinte no Mundo, dos quais cinco na França.

reza e capacidades diferentes.»

O professor Tocquet, prevendo a possibilidade da existência de seres pensantes sobre o planeta Marte, escreveu ainda:

«Se eles existem, devem ter-se protegido contra o desaparecimento progressivo da água e do oxigênio, que foram provavelmente abundantes numa época recuada¹⁷, construindo cidades subterráneas que beneficiavam de uma pressão atmosférica, de uma umidade e de uma temperatura convenientes.

É possível, por outro lado, que eles tenham podido adaptar-se parcial ou completamente à rarefação da atmosfera graças a uma estrutura e a um desenvolvimento apropriados aos seus aparelhos respiratório e circulatório.»

O astrônomo soviético Chklowski apoia a hipótese da Lua engenho espacial, afirmando que os dois satélites de Marte, Phobos e Déimos, são astros artificiais ociosos, mais leves do que a atmosfera; talvez mesmo engenhos espaciais fixados em redor de Marte, mas não desprovidos de autonomia, visto que foi notado que Phobos avançara sobre a sua órbita dois graus e meio.

Portanto, não é despropositado — e sê-lo-á ainda menos amanhã — supor que seres extraplanetários puderam, numa época recuada, vir fixar-se sobre a Terra, trazendo consigo uma ciência da qual uma parcela — a gravitação, a levitação e a parapsicologia — foi em seguida completamente esquecida ou mantida secreta.

Se os descendentes de Orejona, a Venusiana, não tivessem revelado aos pré-americanos esse triplo segredo insólito e fundamentalmente estranho ao nosso planeta, os Templos do Peru, do Egito e da Síria não teriam podido ser edificadas.

O ouro leve dos Incas

No século XVI¹⁸, os ourives de Lima tiveram nas suas mãos lingotes de ouro inca — ouro puro —, sob todos os pontos semelhante ao ouro puro habitual, apenas com a particularidade de que a sua densidade era duas vezes menor do que a normal de 19,3.

Esses ourives derreteram joias incas à temperatura de 1100 graus, mais ou menos, o que é lógico, e obtiveram lingotes de densidade oito a nove.

Esse mistério jamais foi esclarecido, mas parece que está ligado a um fenômeno de agravidade realizado por processos científicos.

Por outro lado, se alguns santos e outras personagens estiveram de fato «suspensos no ar» em estado de levitação, o que foi descrito por dezenas de cronistas honestos, temos de admitir que a agravitação antiga deve ser tomada em consideração.

Mas a levitação, tão vulgar outrora, parece totalmente desconhecida nos nossos dias. Teria havido intrujice, mentira? Talvez.

Os pombos-correios, há apenas cinquenta anos, possuíam um dom tão misterioso como a levitação: mesmos soltos a milhares de quilômetros, regressavam com um instinto infalível ao pombal natal desde que este estivesse situado na direção do norte¹⁹, sem nunca se perderem.

Não é necessário provar essa particularidade, atestada pela existência ainda recente de companhias columbófilas nos corpos do exército.

¹⁷ Os Marcianos teriam, portanto, podido desenvolver a sua civilização há milhares ou milhões de anos. No entanto, a partir de dada altura, tornando-se as suas necessidades mais imperiosas e já não encontrando suficientes condições de vida sobre o seu planeta, é permitido supor que eles tivessem desaparecido no cosmos. Para onde?

Os Terrestres encontram um planeta irmão em Marte. O inverso é também lógico. Segundo esta hipótese, poderíamos ter entre os nossos antepassados homens do planeta Marte aclimatados ao nosso complexo biológico.

¹⁸ Segundo Garcilaso de la Vega. Notas manuscritas, propriedade de Garcia Beltran.

¹⁹ É o norte magnético que guia os pombos. Eles reencontram sempre o seu caminho no sentido sul-norte. Jamais noutra sentido.

Ora, a partir de 1950, os pombos-correios já não são capazes de encontrar o seu caminho. Uma recente largada (1961) de 8000 pombos deu um resultado impressionante: 7950 jamais regressaram à base!

Foi explicado que as estações emissoras de rádio e de televisão, que as ondas hertzianas, que as centrais elétricas perturbavam, destruíam, o instinto das aves.

Por que motivo essas perturbações, provocadas pelo mundo moderno, não terão destruído o antigo poder de levitação?

A LEVITAÇÃO

O padre Francisco Álvares, secretário da Embaixada de Portugal na Etiópia — em 1515 —, nem acreditava no que via: ali, na sua frente, ao alcance da mão, uma vara dourada flutuava no ar, magicamente suspensa e a nada de material agarrada, exceto à atmosfera tranquila do mosteiro de Bizan.

Nunca até ali, pelo menos que ele o soubesse, o ar pudera suportar um corpo pesado! Ora a vara devia pesar perto de um quilograma e, de fato, incontestavelmente, ela flutuava, como uma bolha de sabão, mas sem o menor movimento.

O padre Francisco Álvares tinha bons olhos, mas a rigor o objeto poderia estar seguro por um fio; assim, preferiu verificar o fato com as suas próprias mãos. Passeou-as portanto em redor da vara, que continuava imóvel, cortando o espaço sob todos os ângulos, por cima, por baixo, nas extremidades e dos lados.

— É um prodígio!—acabou por dizer.

Antes dele, milhares de peregrinos tinham admirado a célebre «varinha voadora» de Bizan, que, durante vários séculos, desafiou as leis da gravidade e as explicações dos homens.

O padre Álvares ficou tão perturbado com o que vira que fez uma longa narrativa do fato nos seus relatórios.

Duzentos anos mais tarde, o médico francês Jacques Poncet, estabelecido no Cairo, quis também ver com os seus próprios olhos o prodígio e empreendeu a viagem a Bizan.

O seu testemunho é formal¹:

Muito perto da Epístola (lado direito da igreja em relação aos fiéis e assim chamado porque a Epístola se lê nesse local), flutuava, à altura de um homem, uma varinha com o comprimento de quatro pés, redonda e da grossura de um bordão grande.

Na suposição de que existisse qualquer artifício que não fosse visível, recebi autorização do sacerdote para inspecionar à minha vontade; passei uma vara pela parte de cima, pela de baixo, por todos os lados e verifiquei que não havia dúvida de que a varinha estava de fato suspensa.

Senti um espanto inacreditável, pois não via qualquer causa natural para um efeito tão prodigioso.

Não se sabe de que forma desapareceu a varinha voadora.

No Tibete, a três léguas de Lassa, sobre a montanha da Beatitude Celeste, ergue-se o velho convento de lamas de Khaldan.

Também ali, durante séculos, foram milhões e milhões de peregrinos rezar diante do corpo embalsamado de Tsong Kaba, o santo reformador tibetano, «suspenso um pouco acima do solo por

¹ *Lettres Édifiantes et Curieuses, Écrites des Missions Étrangères*, Paris, 1717-1776.

um prodígio contínuo, sem estar seguro, nem agarrado fosse ao que fosse²». Em 1845, os missionários lazaristas Huc e Gabet receberam os testemunhos desse caso de levitação que durava desde o século XIV, mas não o verificaram pessoalmente³.

Por que motivo os fenômenos de levitação, tão correntes outrora, desapareceram quase por completo?

Não se pede negar, tantas são as descrições, da realidade das levitações antigas, não apenas aplicadas aos homens — a maior parte das vezes santos —, mas também aos objetos inanimados, o que levaria a pensar no conhecimento da agravitação.

Os escritores Desmond Leslie e Georges Adamski⁴ referem-se — sem citar as fontes — «a conhecimentos que permitiam aos primeiros membros da família solar conduzir as suas aeronaves, fazer levantar grandes pesos, comandar forças sobrenaturais».

As efígies egípcias

As tradições da América do Sul afirmam de fato que «nos tempos antigos todos os homens tinham o poder de voar. Grandes blocos de pedra podiam ser deslocados sem esforço». No Egito, o sacerdote autêntico era reconhecido pelo dom que possuía de se elevar no espaço quando o desejava.

Segundo os Árabes⁵, os Egípcios tinham um segredo para construir os seus templos e as suas pirâmides: «Eles colocavam por baixo das pedras papiros nos quais estavam escritas palavras mágicas e batiam nas pedras com uma varinha. Os blocos erguiam-se então no ar e percorriam a distância de uma flecha. Dessa forma, iam para as Pirâmides.»

Esta explicação faz-nos sorrir. No entanto, Jacques Weiss⁶ afirma igualmente que os iniciados egípcios praticaram a levitação para construir as Pirâmides:

«Os enormes blocos de pedra com o peso, por vezes, de 600 toneladas são ligeiramente convexos em certas faces, para se ajustarem perfeitamente à concavidade dos blocos contíguos e formar um conjunto de uma solidez a toda a prova. Eles devem ter sido transportados por meio de levitação e colocados no seu lugar com extrema facilidade.»

A lei da gravidade é um fenômeno misterioso; sabe-se, desde há pouco tempo, que ela não é uniforme a uma dada latitude e depende da densidade da crosta terrestre, pois está ligada ao fenômeno da isostasia. Por exemplo, a igual altitude, a gravidade é menor sobre a terra do que no mar.

Por outro lado, o princípio da própria gravidade é posto em dúvida.

Segundo Maxwell, as radiações calóricas, luminosas e outras exercem sobre os corpos que encontram uma autêntica pressão; outros físicos — e é o caso do doutor Pagès, de Perpignan — acham que o efeito dito de gravidade é na realidade uma força de pressão exercida pelo cosmos. O que vem a dar no mesmo!

Nós acreditamos que efetivamente Cristo caminhou sobre as águas. Acreditamo-lo porque é certo que o efeito de gravidade não é unicamente função das leis físicas, mas que pode ser modificado por leis desconhecidas; pois é igualmente certo que os seres transfigurados não caminham com o mesmo peso que os seres normais, porque as expressões populares «ele não andava, voava», o «medo (ou a alegria) dá asas», correspondem a qualquer coisa de preciso.

Um ser transfigurado pede adquirir uma vivacidade, uma inteligência, uma irradiação, uma destreza, uma ligeireza absolutamente espantosas e atualmente inexplicáveis.

2 Jules Duhem, *Histoire des Idées Aéronautiques avant Montgolfier*, Paris, 1943.

3 Padre Huc, *Souvenir d'un Voyage dans la Tartarie, Le Thibet et la Chine*, Paris, 1853.

4 *Les Soucoupes Volantes ont Atteri*, La Colombe, 1954.

5 Kingsland, *The Great Pyramid in Fact and Theory*.

6 *La Synarchie*, pág. 43.

As levitações místicas não pedem ser negadas, assim como não se pode pôr em dúvida a varinha voadora de Bizan, a levitação póstuma de Tsong Kaba e a das aves que voam a grandes alturas, suspendendo repentinamente a velocidade para planar, imóveis, *como se tivessem esquecido que a gravidade existia*.

No referente ao caso dos pássaros, Galien acha que o fenômeno traduz o equilíbrio exato de duas forças antagônicas, a gravidade e uma poderosa tensão simultaneamente muscular e física, tensão revelada pelo calor interno da ave.

Plínio⁷ fala de certas levitações prodigiosas que os Egípcios sabiam fazer e diz que o arquiteto Dinocrates resolvera abobadar o Templo de Arsinoé com pedras de ímã para aí mostrar efigies suspensas no ar.

Os sacerdotes do Egito conheciam muito bem a arte dos artificios, que se baseava em fenômenos científicos.

Uma das suas maiores proezas era a ascensão de um disco de metal representando o Sol, no Grande Templo de Serapis, perto de Alexandria⁸.

Rufino, o monge de Aquiles, que o viu com os seus próprios olhos, pensa no magnetismo, que seria o resultado de vários ímãs escondidos e capazes de manter o ídolo num ponto de equilíbrio no espaço.

Lucien, de natureza muito incrédula, afirma ter visto os sacerdotes sírios colocar publicamente a efigie do seu Deus em ascensão ou em suspensão no ar, graças sem dúvida a uma engenhosa utilização do ímã!

Cassiodoro fala de um cupido de ferro que se mantinha suspenso no Templo de Diana sem tocar em nada, exatamente com as efigies do Egito.

Sabeis que o cofre com as relíquias de Maomé estava outrora agarrado ao teto da Mesquita de Medina, sem nada de visível para o atrair ou segurar? Chalcondyle pensa que também nesse caso se tratava de uma questão de ímã.

Se nos nossos dias as levitações já não existem, é também necessário sublinhar que a nossa ciência, que as nossas imensas oficinas elétricas, não nos permitiriam realizar com ímãs, com a eletricidade ou de outro modo o fenômeno da varinha voadora, da levitação de Tsong Kaba, nem mesmo da estátua de ferro suspensa no Templo de Diana!

Quanto a este último caso, a experiência seria possível, mas pondo em ação energias tais que tornar-se-ia necessário uma autêntica central elétrica para as produzir. O que quer dizer que no século XX a ciência não pode realizar esses subterfúgios.

«O que os Antigos realmente conheceram dessas forças», afirma um cronista, «e que dizia respeito à eletricidade e ao magnetismo utilizados para vencer a gravidade, é quase impossível de esclarecer devido ao mistério religioso que rodeava, sobretudo no Egito, as operações dos iniciados.»

Todavia, o padre Leurechon⁹ afirma que, no seu tempo, era ainda conhecido o segredo de submeter os corpos ao efeito magnético, de forma a mantê-los suspensos no ar, sem contato de qualquer espécie, como outrora as efigies do Egito, as relíquias de Maomé, em Medina, e a varinha de Bizan.

«Nada de mais fácil para provocar o espanto», acrescenta ele, «do que ver uma enorme massa de ferro suspensa no ar no centro de um edifício, sem que nada no mundo lhe toque exceto o ar.»

Pois bem, apesar da advertência do padre Leurechon, nós supomos que no século XVII os

⁷ *Naturalis Historia*, livro XXXIV, cap. XIV.

⁸ A nossa documentação a respeito da levitação baseia-se principalmente na magistral obra de Jules Duhem, encarregado de pesquisas no Centro Nacional de Investigação Científica: *Historie des Idees Aéronautiques avant Montgolfier*, François Juste, livreiro em Lião, 1943.

⁹ Jean Leurechon, *Récréations Mathématiques*, Paris, 1626, pág. 181-183.

segredos antigos de levitação estavam há muito tempo perdidos, pelo menos quanto aos objetos inertes. Em contrapartida, as levitações humanas proliferaram durante os séculos de fé cristã.

A levitação dos sardos

Na Igreja de Saint-Dominique, em Nápoles, é ainda mostrado o local em que São Tomás de Aquino se manteve em êxtase, a três pés da terra, diante de um crucifixo.

Em Espanha, Santa Teresa de Ávila, na verdade sujeita a todas as manifestações do misticismo, elevou-se várias vezes no espaço diante das carmelitas do seu convento. No livro que ela escreveu — *Libro de su Vita* — por ordem dos seus superiores, ela explica da seguinte forma o êxtase:

Ele surge como um choque rápido e brusco antes que possamos reagir e defendermo-nos de qualquer forma. Vêmo-lo e sentimo-lo como uma nuvem ou uma águia robusta que levanta voo a caminho do céu e nos transporta sobre as suas asas...

Isto é de tal forma assustador que muitas vezes tentei resistir, sobretudo quando o êxtase se produzia em público...

Por vezes, à custa de enormes esforços, sentia-me capaz de opor uma certa resistência, mas em seguida ficava exausta como se tivesse lutado contra um poderoso gigante. Outras vezes, todos os meus esforços eram vãos; a minha alma era arrastada e, quase sempre, com ela a minha cabeça... e por vezes todo o meu corpo também, a tal ponto que era levantada da terra.

Um dia em que ela conversava no locutório do seu convento com João da Cruz, uma religiosa que assistia ao encontro viu os dois futuros santos elevarem-se do solo e planar em êxtase.

São José de Copertino, monge italiano que viveu no século XVII, deixava a terra quando queria e exagerava a proeza até ao ponto de levar passageiros... e bagagens. Quando o porteiro do seu convento desejava dirigir-se a Assise, pedia a José que lhe servisse de montada!

O bom santo elevou-se um dia no espaço diante do duque Frederico de Brünswick-Lünebourg, luterano desconfiado, que, no entanto, foi obrigado a admitir o prodígio.

Denunciado à Inquisição, a tal ponto os seus transportes — no sentido literal — pareciam poluídos de feitiçaria, São José de Copertino foi declarado inocente, mas para evitar dar pasto à curiosidade popular, foi transferido para um outro convento, onde o fenómeno recomeçou ainda com maior intensidade.

Entre os franciscanos de Osimo, ele foi erguido da terra até junto da pequena estátua de cera de Jesus, cujos pés pretendia beijar. Essa levitação levou-o até cerca de dois metros do solo. O santo tomou então a estátua entre os seus braços e passeou-a pela sala diante dos seus companheiros.

Entre as numerosas testemunhas, das quais muitas depuseram sob juramento, cita-se o duque Frederico, Maria, infanta de Saboia, e o rei Casimiro, da Polónia. Aquando da beatificação do santo, o grande canonista Prosper Lambertini, que veio a ser mais tarde o Papa Bento XIV, teve de examinar esse caso de levitação na qualidade de *promotor fidei*.

Isabel, da Baviera, Santa Margarida, da Hungria, São Bernardo e São Francisco Xavier estavam muitas vezes em estado de levitação. Pedro de Alcântara, outro especialista, manteve-se um dia mais de três horas no ar. O franciscano João de Jesus fazia circuitos aéreos, o que também aconteceu ao jesuíta Inácio de Azevedo, que transpunha voando as águas dos rios. Em presença do rei Filipe II, São Domingos de Jesus abandonou o solo, em Madrid, e ficou suspenso no ar.

Na remota antiguidade, a levitação era praticada, mas, segundo parece, sob a forma de prova de magia.

Jules Duhem conta que os heróis de *Ramayana* sabiam voar praticando a austeridade, e os

feiticeiros Marind, da Nova Guiné, por meio de uma dieta rigorosa. Segundo Estrabão¹⁰, o jejum dava o mesmo poder aos Capnobatos da Trácia Oriental; os lamas do Tibete utilizavam como força motriz uma tensão sobre-humana de energia psíquica.

Simão, o Mágico, levantou voo diante de Nero do alto do Capitólio.

A partir da era cristã houve uma espécie de transição entre a agravação antiga e a levitação mística.

Diz-se que no ano 250, 400 arqueiros furiosos viram os seus dardos detidos e suspensos quando atacavam o Bem-Aventurado São Cristóvão.

Em 1290, um judeu da Rua dos Jardins, em Paris, teria pretendido profanar uma hóstia consagrada que se ergueu e se manteve no ar «diante do povo, perante o furor do qual ela designou o profanador¹¹».

No século XVI, o feiticeiro de Poitiers Jean Bonnevault, acusado de ter tido contatos com o diabo, compareceu perante os seus juízes.

«Tendo invocado o diabo», diz o cronista, «ele foi de súbito erguido no ar a uma altura de cerca de cinco pés, depois caiu de novo sobre o ladrilho sem o menor ruído, embora tivesse peias e cadeias de ferro nos artelhos.»

«Tendo-lhe os juízes perguntado qual o motivo do incidente, ele respondeu que fora o diabo que tentara raptá-lo, mas que fora capaz de resistir-lhe, pois estavam quebrados todos os elos entre eles desde que prestara juramento perante a justiça.»

Claro, podemos argumentar — pelo menos em relação à Europa civilizada — que os fenômenos de levitação foram diminuindo à medida que a ciência experimental se desenvolvia. É autêntico e é perturbador.

Todavia, em 1731, desenrolou-se em França o processo de uma mulher, Cadière, que, embora bem contra sua vontade, estava sujeita ao misterioso poder. O padre Girard, que a interrogou, censurou-a por resistir, agarrando-se a uma cadeira, «um dia em que estava prestes a elevar-se no ar».

Três anos mais tarde, houve o caso de uma pobre criada, Anne Neel, de Bayeux, a qual, por vezes, não conseguia andar e se via obrigada, depois de suspensa no ar, a ir numa espécie de voo de um compartimento para o outro.

Os médicos da Sorbonne, Nicolas Andry e Winslow, que a examinaram, concluíram que a sua levitação não era provocada por «forças naturais»!

No entanto, tudo se passa como se, no decorrer dos séculos, a levitação se tivesse deteriorado até ao ponto de se ter transformado num simples fenômeno com tendência a amesquinhar o efeito da gravidade.

Quedas milagrosas

A 25 de Maio de 1951, deu-se um acidente curioso em Saintes-Maries-de-la-Mer. Uma criança caiu do alto da torre da igreja e pousou suavemente no solo sem qualquer escoriação. Velhas descrições dizem que sua mãe invocou as Santas no momento do perigo. Nesse caso não houve levitação, mas anulação da gravidade.

Não podemos colocar no mesmo plano esses curiosos acidentes que acontecem — raramente, aliás — aos aviadores ejetados dos seus aparelhos e que, em vez de caírem no solo, são arrastados para o alto com o seu paraquedas, sem dúvida devido a poderosas correntes ascendentes. Outros casos desconcertam a compreensão e desesperam a análise.

¹⁰ *Geografia*, livro VII, cap. III.

¹¹ Jacob P.-L., *Curiosités de l'Histoire des Croyances Populaires au Moyen Age*, Paris, 1859.

A 17 de Outubro de 1950, um Dakota britânico foi esmagar-se num jardim do arrabalde de Mill Hill, perto de Londres. Havia 29 pessoas a bordo; 28 morreram. O único sobrevivente, o despenseiro Mac Kissick, foi projetado fora do aparelho e, após uma queda livre de 100 metros, caiu no solo sem um único osso quebrado¹².

A 21 de Março de 1961, em Bobigny, Rua de Angora, Patrícia (quatro anos) cai do quarto andar e fica sem o mínimo arranhão.

A 9 de Abril de 1961, em Saint-Germain-en-Laye, após uma queda de 12 metros, Jean-Claude (cinco anos) fica indene.

Mas o acidente mais extraordinário foi o que aconteceu ao pequeno Roland E. (seis anos e meio), na quinta-feira 5 de Outubro de 1961.

O garoto, fechado no apartamento de seus pais, no oitavo andar de um prédio novo (Bulevar Serrurier, Paris, 19), quis olhar pela janela; ao inclinar-se caiu e «aterrou» são e salvo à beira da relva que rodeava a construção.

Não tinha qualquer arranhadela, não dava provas da menor comoção e largou a correr para junto da mãe, que chegava nesse momento!

A senhora Paulette E., não podendo acreditar no milagre, levou Roland ao Hospital de São Luís, onde a princípio os médicos não deram crédito às suas declarações. Os jornais fizeram uma descrição do acontecimento e publicaram fotografias.

Como explicar essas quedas milagrosas? Dizer que a maior parte das vezes se trata de crianças e, por isso, relativamente leves?

O despenseiro Mac Kissick não era uma criança e as leis da gravidade exercem-se em princípio sobre todos os corpos que tombam em queda livre.

Não pode ser dada qualquer explicação no quadro da física experimental: Mac Kissick, Patrícia, Jean-Claude e Roland normalmente deviam ter morrido ou ficado gravemente feridos.

Normalmente. Mas existe sem dúvida uma física supra-normal de que não fazemos atualmente a menor ideia. É por esses domínios desconhecidos que enveredam os defensores da agravitação.

No seu livro *La Synarchie*, Jacques Weiss escreve a este respeito:

Aquando da minha estada nos Estados Unidos, durante o Inverno de 1947-1948, um engenheiro garantiu-me que a General Electric conseguira precisamente realizar essa experiência (a levitação) nos seus laboratórios.

Um cubo de pedra com cerca de dois pés de lado manteve-se a um metro do solo durante três ou quatro semanas, depois reaproximou-se pouco a pouco do chão à medida que o efeito eletrônico se atenuava.

A ciência nova já começa a dar um princípio de solução ao mistério de Baalbeck, de Gizeh, de Machu Pichu e de Tiahuanaco. Na América, essa nova ciência tem uma protagonista na célebre etnóloga Margaret Mead, que, após o voto do orçamento para as despesas culturais dos E.U.A. (23 bilhões e 400 milhões de dólares, para 1962), pediu a substituição da cadeira de História do Passado pela de História do Futuro.

Margaret Mead tem razão em preparar o futuro, mas faz mal em subestimar o passado, pois as «cadeiras do futuro» conduzirão os sábios a caminhos que os nossos antepassados já marcaram com as pegadas dos seus passos.

A explicação da levitação antiga está, supõe-se, desde há milênios, inclusa no *secretum* da Biblioteca do Vaticano.

¹² *France-Soir*, 19 de Outubro de 1950.

O segredo da aviação estava lá guardado quando os irmãos Montgolfier reinventaram o aeróstato, em 1783, mas o Vaticano calou-se e o seu silêncio não tinha razão de ser.

O avião de Gusmão, em 1709

A Inquisição lançou um anátema sobre a primeira máquina voadora de que a memória do homem se lembre, a do jesuíta Gusmão, que fora buscar os seus conhecimentos a boa fonte, na América do Sul.

Quando Bartolomeu Lourenço de Gusmão, da Companhia de Jesus, voltou a Lisboa, em 1708, estava bem decidido a iniciar a construção de uma espécie de avião de que possuía o segredo.

Na Bolívia — domínio dos Incas — tivera ele a revelação da ciência desconhecida de um povo americano muito antigo, cuja origem se perdia na noite dos tempos.

Os Jesuítas, com a inteligência e o espírito de investigação que os caracteriza, compreenderam imediatamente que os autóctones das Índias Ocidentais poderiam trazer-lhes, além do ouro, das esmeraldas e do cobre, os rudimentos de um conhecimento ignorado da Europa. E assim aprenderam a fórmula medicinal mais célebre de todos os tempos, a do quinino.

Com grande espanto, Gusmão descobrira o segredo de engenhos para erguer no ar, para destruir, para voar, o segredo de naves que serviam para viajar de um planeta para um outro planeta, mas apenas retivera, como realizável nesse princípio do século XVIII, a máquina voadora.

O jesuíta começou em primeiro lugar por se pôr de acordo com Deus e com o poder temporal, dirigindo um relatório e um pedido de autorização ao rei D. João V. Fazia a análise das vantagens que a sua máquina poderia proporcionar à coroa de Portugal: efetuar pelo ar viagens mais longas e mais rápidas do que por terra, atravessar os mares e as montanhas para além de 200 léguas por dia; dirigir os exércitos, socorrer os locais sitiados; explorar o Mundo até aos polos; transportar as mercadorias; finalmente, honrar a nação portuguesa e proporcionar-lhe no ar a supremacia que ela outrora tivera sobre os oceanos.

A 17 de Abril de 1709, o rei deu uma resposta favorável¹³ e, melhor ainda, uma pensão de 600.000 réis que permitiu a Gusmão lançar-se imediatamente ao trabalho.

Escreveu-se muito a respeito desse engenho, que foi admirado por milhares de pessoas. Na realidade, o jesuíta defendeu ciosamente o seu segredo e apenas a Biblioteca do Vaticano possui os planos exatos. Tratava-se, segundo cremos, de um avião provido de tubos horizontais que serviam de aberturas ou de foles que provocavam uma corrente de ar numa vela disposta em posição de bolso invertido.

A máquina assemelhava-se a um pássaro com uma cabeça, uma cauda de direção e umas asas oscilantes.

Um segundo mecanismo, apoiado num efeito magnético provocado por bolas de âmbar e esferas atrativas colocadas por cima da vela, parece ter representado um papel bastante misterioso. O padre Manuel Antônio Gomes, físico jesuíta, refere-se a balõezinhos cheios com hidrogênio e a uma geradora de gás!

Seja como for, a 5 de Agosto, Gusmão fez voar o seu aparelho diante do rei e de toda a corte até uma altura de 20 palmeiras, mas declarou-se fogo a bordo, a nau aérea tornou a descer e tiveram grande dificuldade em extinguir o incêndio.

Na quinta-feira 30 de Outubro, nova experiência coroada de êxito na cerca da Casa da Índia: o aparelho subiu muito alto e desceu intacto.

A invenção provocou entusiasmo, foi-lhe dado um nome, a Passarola ou Gôndola Voadora, e Gusmão, promovido a acadêmico e capelão real, foi denominado «O Voador».

¹³ Jules Duhem, já citado, e Julien Turgan, *Les Ballons*, Paris, 1851.

Em seguida, subitamente, o silêncio.

A Inquisição julgara a invenção perigosa, talvez satânica, e Bartolomeu Lourenço de Gusmão foi obrigado a suspender as suas experiências e a queimar os seus planos. O primeiro avião, mal nascera, fora interdito e Gusmão, obediente, jamais revelou o segredo do mecanismo.

OS DISCOS VOADORES

Se a levitação está ligada aos segredos científicos dos extraplanetários, que dizer dos discos voadores?

Desde 1947, eles invadem em certas épocas o céu de diferentes países e está longe de haver um acordo a propósito desse fenômeno: autêntico ou alucinatório?

Todavia, há um ponto sobre o qual as opiniões concordam: se existem, os discos voadores vêm de um outro planeta, que seria Marte ou Vênus. Recentemente, M. Layne, de San Diego, especialista americano do assunto, revelou um fato que, caso fosse provado — o que é muito duvidoso! —, faria parte dos arquivos secretos americanos. Em 1951, aterrou um disco voador no aeródromo militar norte-americano de Muroc. Dele desceram dois homens e disseram que queriam ver imediatamente o presidente Eisenhower.

Eis como M. Layne descreve o caso:

Dado o caráter fantástico da visita, telefonaram para Washington.

O avião do presidente levou quatro horas a atingir a Base Aérea de Muroc. Houve uma entrevista entre os astronautas, Eisenhower, um alto funcionário do Governo e duas personalidades militares.

Um destes últimos era um jovem oficial da base.

Quando a entrevista terminou, os homens partiram no seu disco e o presidente regressou a Washington.

Um jovem americano meu conhecido, posto ao corrente da aventura, dirigiu-se a toda a pressa à Base Aérea de Muroc e teve o prazer de poder contactar com o oficial que fora testemunha da entrevista.

Este último, a princípio foi muito reticente, depois, vendo que o seu interlocutor insistia e se preparava para divulgar o assunto, concordou em responder a uma pergunta contra a promessa de que nada seria revelado durante o espaço de dez anos.

As suas palavras exatas são as seguintes:

«Os dois homens que desceram do disco voador falavam inglês e disseram ter vindo de um planeta vizinho de Bételgeuse¹.

As condições de vida sobre esse planeta seriam idênticas às da Terra.

É tudo o que posso dizer-lhe.»

Foi impossível fazer com que o oficial acrescentasse mais qualquer coisa a respeito do caso, mas pensa-se atualmente que o Governo americano pretendeu manter silêncio sobre um assunto que engloba um segredo militar.

¹ Bételgeuse: estrela de primeira grandeza da Constelação de Orion. Tem uma cor alaranjada e um diâmetro colossal.

Os astronautas de Bételgeuse terão concluído um pacto com a América? Seriam os primeiros emissários de uma potência extraterrestre desejosa de estabelecer relações com os Terrestres?

De qualquer maneira, como Bételgeuse parece situar-se a milhares de anos-luz da Terra, a sequência desse primeiro contato só poderia realizar-se dentro de um prazo muito longo, por assim dizer nunca mais, no atual grau dos nossos conhecimentos astronômicos.

Todavia, homens ainda jovens teriam chegado junto de nós após uma viagem que, em princípio, teria durado bilhões de anos!

Mas em princípio apenas, pois é quase certo que as distâncias astronômicas são igualmente aleatórias.

Aquilo que é calculado em 40 milhões de anos-luz (é evidente que semelhante dimensão está fora da compreensão humana) talvez o seja amanhã em 40 anos, ou até mesmo em 40 segundos. A verdade é que Einstein previu esta alucinante hipótese: se a luz se propaga em linha curva, quanto mais os nossos telescópios são poderosos, mais eles nos enganam a respeito das distâncias. O que equivale a dizer que a imagem de uma estrela pode propagar-se no universo curvo numa espiral que nos dá a ilusão da distância, pois a imagem roda um número infinito de vezes pelo cosmos antes de voltar suficientemente perto do seu ponto de partida.

Os astronautas da antiga China já tinham entrevisto essa possibilidade — que para eles era uma certeza — ao dizerem: «Com um telescópio bastante poderoso, um homem poderia ver o seu traseiro.»

E, visto que nos referimos a Einstein, podemos assegurar que pouco tempo antes da sua morte ele teve uma espantosa conversa com um amigo íntimo:

Einstein — Os discos voadores existem e o povo que os possui são seres humanos que abandonaram a Terra há 20.000 anos.

O amigo — Por que vêm eles cá?

Einstein — Gostam de voltar à Terra para estarem ao corrente da história dos homens. É o regresso às origens...

Estas declarações de um sábio que, até ali, não escondera a sua indiferença em relação aos discos voadores, merecem ser analisadas.

A discomania

É preciso reconhecê-lo: a maioria dos homens não acredita na existência desses engenhos, interplanetários ou não. Essa reticência é apoiada, na verdade, nos duvidosos artigos inúmeras vezes reproduzidos pela imprensa, que abusaram dos sábios e dos investigadores honestos.

O caso do disco de Nouatré (Viena, 1954) é típico: um operário que estava a trabalhar numa pedreira viu o engenho aterrar a seu lado e os ocupantes — Marcianos, supunha-se — tiveram a imprudência de o atacar.

Para voltar ao caso de Nouatré, ao investigarmos em Viena, país de que conhecíamos particularmente o espírito rabelaisiano, a malícia e a fecunda imaginação, não tivemos a menor dificuldade, no decurso de uma boa refeição, em fazer falar o visionário, que rapidamente nos confessou a verdade com inúmeras piscadelas de olhos e cotoveladas. Evidentemente que se tratava de uma brincadeira e os autores — em número de cinco — hão-de rir o resto da vida da partida que pregaram.

Uma das primeiras aparições francesas, os discos dos Mureaux, foi igualmente uma brincadeira inteiramente imaginada pela encantadora comedianta Liliane Ernoult.

Em suma, é evidente que essas afrontas impressionaram profundamente a credulidade popular, mas seria injusto e absurdo negar pura e simplesmente a existência dos discos voadores.

Claro, o nosso atavismo cristão, impressionado pela criação bíblica de um universo dominado pelo homem, incita-nos à reticência. A força do hábito, que refreia a imaginação, e a incrível limitação de certos espíritos são elementos que jogam contra a adoção de qualquer ideia nova.

Todavia, «quando o homem é incapaz de garantir a sua salvação, espera que ela venha do Céu», dizia Jung, e, tão limitada como os detratores, uma humanidade crédula lançou-se sem discernimento na aventura dos discos voadores.

Foi um engenho dessa espécie que explodiu sobre a taiga siberiana, em 1908; a grande praça de Baalbek era um campo de partida para os engenhos interplanetários, segundo afirmam!

Negação e afirmação sistemáticas desagradam aos espíritos esclarecidos. Na realidade, não podemos admitir que a Terra seja uma ilha espacial, sem ligação, sem comunicação possível com o resto do universo.

A cadeia do tempo é demasiado imensamente longa para apenas se reconhecer civilização científica aos ínfimos milênios que nos pertencem, ao minúsculo ponto que representam sobre essa cadeia os períodos historicamente conhecidos.

Ora se um dia vierem extraplanetários — ou já vieram — para a Terra, temos de imaginar que se farão transportar em astronaves mais extraordinárias do que os nossos Sputniks ou os nossos foguetões, certamente com engenhos desconhecidos, inacreditáveis... Talvez discos voadores?

Segundo dizem, esses discos são «silenciosos, resplandecentes de luz», tais como afinal os descrevia Garcilaso de la Vega, pois eles não surgiram bruscamente na nossa história. Os Egípcios e os Romanos, que os conheciam, chamavam-lhes os «escudos luminosos». Eles deixaram, desde tempos imemoriais, uma recordação e também uma lenda — disfarce de uma verdade primitiva — em particular nessa América do Sul para que somos constantemente arrastados, como que por uma força obscura.

Os «pratos de ouro» voadores dos índios

Outrora os índios sabiam deslocar-se transportando-se sobre «pratos de ouro» de diferentes tamanhos e tonalidades estudadas, pois ao agitarem-se ressoavam como sinos².

Esses pratos lendários — que fazem pensar nos tapetes voadores dos orientais — eram fundidos com o ouro inteiramente puro dos Incas, um ouro trabalhado cuja densidade era menor do que a normal. Devido ao seu conjunto e ao seu peso, eles mantinham-se naturalmente no solo, mas se lhes tocavam (*batiam*, segundo a lenda) de forma a fazê-los vibrar a um certo diapasão, imediatamente levantavam voo com a sua carga enquanto durasse a vibração do metal. Os «pratos de ouro» efetuavam portanto um salto.

Os engenhos voadores eram fundidos em várias dimensões segundo o peso que teriam de transportar e é provável que o cálculo da sua superfície e da sua tonalidade fosse determinado por medidas análogas aos diapasões dos fundidores de sinos, que indicam o peso, a espessura e as dimensões que convém dar ao bronze.

Podemos imaginar que os antepassados superiores colocavam sobre os seus «pratos de ouro» voadores baterias «etéricas» de que os seus descendentes incas esqueceram a natureza para apenas conservarem a recordação fascinante da lenda.

Segundo os espiritualistas, «uma carga etérica destrói os efeitos da gravitação» e talvez seja necessário depreender daí que os Antigos sabiam captar forças no cosmos; forças existentes, incommensuráveis, como as resultantes dos recentes estudos que lhes consagra o príncipe De Broglie, forças já assinaladas pelo doutor Pagès a propósito da sua antigravitação.

² Comunicado por D. Leslie e G. Adamski: *Flying Saucers have Landed*.

Uma lenda andina diz que os «pratos de ouro» recebiam uma carga de força estudada a fim de que, por exemplo, uma criança não pudesse ser levada para muito longe sem a possibilidade de controlar o voo.

Era por esse motivo que os pratos tinham diferentes tamanhos, portanto diferentes capacidades de acumulação de energia, sendo essa acumulação calculada no limite da gravitação e da agravitação.

Uma outra lenda diz que os «pratos de ouro» voadores deviam ser constantemente «batidos» durante o percurso, o que implicava a continuidade de vibrações sonoras para assegurar um voo contínuo.

Os «pratos de ouro» do Peru têm certamente uma estreita correlação com o transporte das gigantescas pedras de Baalbek, das Pirâmides, com a levitação dos sacerdotes iniciados de Tebas e de Mênfis e com a ciência ultrassônica que aparece na maior parte dos mistérios egípcios.

Na Idade Média, as «naves aéreas» tiveram, como têm hoje os discos voadores, a sua hora de celebridade. Eliphas Lévi escreve:

Sob o reinado de Pepino, o Breve, apresentaram-se publicamente em França fenômenos muito curiosos.

A atmosfera estava repleta de figuras humanas, o céu refletia miragens de palácios, de jardins, de ondas agitadas, de naus com as velas ao vento e de exércitos preparados para a batalha. A atmosfera assemelhava-se a um sonho imenso. Toda a gente podia ver e distinguir os pormenores desses fantásticos quadros. Seria uma epidemia que atacava os órgãos da visão ou uma perturbação atmosférica que projetava miragens no ar condensado?

As imaginações estavam cheias dessas maravilhosas fábulas quando surgiram as miragens do céu e as figuras humanas entre as nuvens. Confundiram-se os sonhos com a vigília e várias pessoas julgaram-se arrebatadas por seres aéreos; só se falava nas viagens ao país dos silfos, como entre nós se fala de móveis animados e de manifestações magnéticas. A loucura apoderou-se dos espíritos mais sensatos e finalmente foi necessário que a Igreja interviesse.

É uma psicose semelhante que nos nossos dias provoca a maior parte dos fenômenos atribuídos aos discos voadores.

Merry King, esposa do promotor da Sociedade do Éter, cuja sede é em Londres, afirma que uma noite teve um encontro com um marciano que lhe fez as honras do seu disco e a levou, em excursão, ao planeta Marte. Claro que todos os membros da seita estão persuadidos da autenticidade desta aventura.

Os Americanos estariam convencidos da existência dos discos voadores pela simples razão de que também os lançam; pois nem todos eles seriam originários de outros planetas! Desgrandchamps, professor da Escola Nacional Superior francesa, declarou em Março de 1950:

«Os discos voadores são fabricados por uma nação possuidora de um grande avanço técnico. Detentora desses engenhos, ela necessita de experimentá-los e, como é óbvio, faz parte do seu jogo, a fim de preservar o mais tempo possível o seu segredo, o fato de fazer crer que todos os discos voadores são de origem extraplanetária.»

Charles Garreau, especialista no assunto, fez notar que os discos voadores tinham sido vistos sucessivamente em França, Inglaterra, Escandinávia, depois para os lados do México, América do Sul e Antártico. Aimé Michel fixa-lhes uma tática de marcha, tudo se passando como se procedessem a uma determinação topográfica. Dessa forma, regressamos aos engenhos interplanetários cuja existência não oferece qualquer dúvida aos técnicos.

Spence Jones, diretor do Observatório de Greenwich, crê que os discos voadores não podem

vir do planeta Marte, porque, afirma ele, houve vida e talvez vida humana em Marte, mas em tempos muito antigos, antes que a água e a atmosfera tivessem praticamente desaparecido.

Mas então, iniciarão eles o seu voo de Vênus, de Mercúrio ou dos confins do cosmos, de Bételgeuse? E que viriam procurar no nosso céu homens de um outro mundo?

A esta pergunta, pode responder-se o seguinte: aquilo que nós pretendemos fazer, nós os Terrestres, sobre a Lua e Vênus, quer dizer, tomar contato, confrontar duas civilizações, satisfazer uma curiosidade eterna e universal.

Pretenderiam os extraplanetários colonizar-nos? Não está fora de causa que a proliferação dos Chineses nos obrigue, num futuro próximo, a exilar populações para mundos virgens.

Sendo o inverso igualmente lógico, que se passaria, por exemplo, se os Venusianos atacassem a Terra?

Essa eventualidade é pouco provável, pois, seja qual for o poder ofensivo do assaltante, ser-lhe-ia necessário enfrentar nações extraordinariamente armadas, condições de vida quase desconhecidas e armas biológicas — por exemplo uma guerra microbiana — contra as quais lhes seria difícil reagir. *A priori*, um ataque extraplanetário não deveria suscitar o nosso receio.

Todavia, o que é inquietante é o fato de que os discos voadores, *com o conhecimento dos povos*, nunca desembarcaram cosmonautas, que, no entanto, teriam sido recebidos com as maiores honras³. A menos que alguns comandos extraplanetários, após o estudo topográfico dos locais, tenham aterrado secretamente em qualquer zona escolhida e deserta do globo.

Os Venusianos do monte Shasta

Temos certos motivos para o pensar. No seu livro *Les Civilisations Inconnues*⁴, Serge Hutin escreve:

Sobre as montanhas da Califórnia, assinala-se de tempos a tempos uma estranha luz ofuscante como o flash de um fotógrafo e que seria produzida por homens misteriosos.

Conta-se toda a espécie de outras narrativas lendárias, que são vulgarmente descritas como decorridas no monte Shasta, na extremidade norte do maciço montanhoso da Serra Nevada.

O majestoso monte Shasta, de difícil acesso, é um antigo vulcão que ainda dá periodicamente ligeiros sinais de atividade. Em todo esse distrito, ainda pouco conhecido, assinalam-se homens «estranhos» por vezes surgidos das florestas (onde em geral se escondem cuidadosamente) para fazerem trocas com os habitantes das montanhas.

Esses homens são altos, graciosos, ágeis e têm a testa muito alta; usam um penteado especial de que uma extremidade inferior cai sobre o alto do nariz.

Até aqui nada de extraordinário: pode muito bem tratar-se de uma inofensiva tribo indígena que tivesse conseguido fazer finca-pé numa região montanhosa pouco frequentada pelos representantes da autoridade.

Mas o mistério adensa-se: de tempos a tempos, são celebradas misteriosas cerimônias em redor de grandes fogueiras; mas a aproximação é impossível; as testemunhas são imobilizadas por vibrações que parecem pregá-las ao solo.

Desde que os «objetos voadores não identificados» começaram a alimentar as crônicas, os misteriosos acontecimentos do distrito californiano são de boa vontade atribuídos aos Venusianos. A ideia de um povo ignorado que ali se tivesse estabelecido, numa cidade subterrânea, pode basear-

³ Existem centenas de testemunhas que relatam semelhantes contatos, mas não podem ser tomadas a sério.

⁴ Arthème Fayard, 1961.

se em fatos curiosos: um astrônomo americano, o professor Edgar-Lucien Larkin, antigo diretor do observatório do monte Lowe, pôde distinguir de longe, por meio de um telescópio, um zimbório dourado metálico, rodeado de estranhas construções. Serge Hutin prossegue:

Automobilistas que circulavam por estradas florestais afastadas encontraram de improviso homens de uma raça desconhecida, vestidos de branco, de longos cabelos encaracolados, estatura majestosamente elevada e que desapareciam à menor tentativa feita para entrar em contato com eles.

Muito antes da moda da «discomania», testemunhas dignas de crédito puderam observar estranhas «naves aéreas» desse formato especial, aliás mais para o lado norte, em direção das ilhas Aleutas e do Alasca, e todos esses engenhos voavam sem o menor ruído (característica dos famosos discos).

Uma tradição californiana afirma que existe um túnel sob a base oriental do monte Shasta, que conduz a um local misterioso onde há uma cidade com casas estranhas; o fumo que sai periodicamente da velha cratera seria proveniente não de fenômenos plutônicos, mas dessa misteriosa cidade perdida...

Que pensar desta sedutora hipótese?

Grandes autoridades do mundo aeronáutico parecem dispostas a dar-lhe crédito. Keyhoe, antigo chefe da Seção de Informações da aviação americana, Repartição Comercial, afirma que os discos voadores não são mais do que veículos interplanetários graças aos quais os habitantes de outros planetas se aproximam da Terra e nela aterraram para nos observarem.

Em França, o tenente-coronel M., chefe da Seção de «Objetos Voadores Não Identificados», do Ministério do Ar, disse:

«Os «Uranianos» (estranhos à Terra) viriam ao nosso globo à procura de qualquer coisa de banal para nós, mas de infinitamente precioso para eles. Quanto a nós... estão-se nas tintas!»

Se é esse o objetivo dos «Venusianos» do monte Shasta, que poderão eles procurar na Califórnia? Ouro, cobre, mercúrio?

É pouco provável. Todos os metais devem existir sobre os outros planetas, ou podem ser criados por transmutação.

Então? Qualquer coisa de banal para nós? Estacas de árvores, por exemplo. É certo que uma humanidade tem necessidade de florestas⁵, mais ainda do que de minas de ouro ou de mercúrio. Os homens do Neolítico provam-no.

Se, no processo evolutivo, as árvores não tivessem existido, a nossa formação biológica teria sido completamente diferente. Em suma (e é-nos permitido perguntar porquê), os homens estão muito mais persuadidos de que encontrarão outros homens sobre os planetas do que carvalhos, palmeiras ou pinheiros.

Podem ainda ser encaradas outras hipóteses acerca dos «Uranianos» do monte Shasta, além das que se referem à sua existência (pois voltará sem dúvida o tempo da marcianomania e da venusianomania): esses seres, se provêm de outro planeta, talvez se sintam incapazes de regressar e estejam praticamente prisioneiros da Terra. É o que acontecerá aos primeiros Terrestres que pousarem na Lua ou em Vênus.

É de fato aquilo que já aconteceu na Lua, onde apodrecem algumas carcaças de homens terrestres desconhecidos, que os Americanos dizem ser russos.

⁵ Se existe vida em Vênus, só pode ser sob a forma de vegetais inferiores, mas é possível que a decomposição através das plantas do gás carbônico da atmosfera venusiana já tenha principiado. Nesse caso, os primeiros estádios da vida animal podem ter surgido sobre o planeta. (*La Vie sur les Planètes*, Robert Tocquet, pág. 169, Ed. du Seuil.)

A imprensa dos Estados Unidos refere-se a cinco cosmonautas, dos quais um homem e uma mulher, passageiros de um foguetão lançado a 17 de Maio de 1961, que, depois de ter sido seguido pelas estações de Turin, Meudon, Bochum e Jodrell Bank, desapareceu por completo.

Segundo o escritor Henry Ward⁶:

O primeiro satélite russo que conseguiu deixar a nossa órbita e lançar-se em direção ao infinito do espaço saiu da base de partida de Usun-Bulak, situada a cerca de 150 milhas da margem direita do rio Tarim, ao norte do deserto de Taklamakan, nas fronteiras do Turquestão Oriental e da província de Peshan, no Sinqiã, China Oriental, a 2 de Março de 1956, às 0 h 17 m 40 s — tempo universal. Feito sem comparação possível com os que acabo de assinalar, este satélite tinha a bordo três homens de equipagem.

Ignoramos se os pormenores são exatos, mas sabemos de fonte segura que os Russos, efetivamente, enviaram homens para a Lua e talvez para Vênus.

O Cavaleiro Negro

Por outro lado, é sabido, nos meios de astronomia e astronáutica, que *se passam coisas misteriosas na região do monte Shasta, na América, e no Sinqiã chinês.*

Por fim, astrônomos americanos, russos, italianos e, sem dúvida, também, franceses sabem que, desde o dia 26 de Novembro de 1958, portanto um ano após o primeiro «Sputnik» (o «Sputnik I» foi lançado a 4 de Outubro de 1957), um satélite desconhecido, emitindo em fonia numa língua não identificada, muitas vezes captada em Itália, gira e viaja em redor da Terra. Esse satélite, à falta de qualquer informação precisa, recebeu o nome de Cavaleiro Negro.

Os sábios da base russa do Sinqiã deslocar-se-iam a bordo desse satélite, que regressa periodicamente à base.

Não se deve acreditar em tudo a respeito dos discos voadores, mas pode considerar-se como certo que os encarregados dos radares de Orly, na noite de 19 de Fevereiro de 1956, não foram vítimas de alucinação ao observarem *durante 4 horas* «objetos não identificados», ora imóveis no céu, ora evoluindo a mais de 3000 quilômetros por hora.

Contudo, objetam alguns técnicos reputados competentes, as velocidades, as acelerações dos discos voadores são cientificamente insuportáveis a um organismo humano! Era o que se afirmava antes de Gagarine, Titov e Sheppard terem girado em redor da Terra a quase 40.000 quilômetros por hora. E quem pode afirmar que os engenhos extraplanetários navegam em estado de corpos sólidos?

As questões de velocidade, de aquecimento dos metais e de aceleração não constituirão obstáculos na astronáutica de amanhã, quando em poucas horas, em algumas fracções de segundo, ou *instantaneamente*, os cosmonautas terrestres atingirem estrelas à distância de 10 milhões de anos-luz.

O problema dos O.V.N.I. (objeto voadores não identificados) deve ser estudado e encarado com a maior seriedade, pois mesmo que eles não existam atualmente, é provável que os discos voadores venham a existir em breve e que já tenham existido. Uma correspondente de Calvados coleciona todas as informações mundiais referentes aos U.F.O. (*Unidentified Flying Objects*) — ou O.V.N.I — e efetua por meio de um telescópio observações extremamente interessantes. As informações e observações são relatadas em pequenos opúsculos datilografados, a maior parte das vezes sem a

⁶ *L'Enfer est dans le Ciel*, Ed. Dei Duca, Paris.

menor interpretação, de forma a manter-se fiel ao fato na sua versão simples.

Eis o que viu e relatou a nossa correspondente ao observar a Lua:

A 17 de Novembro de 1959, vi durante dez minutos um arco luminoso sobre a Cratera Platão; após o que a luz desapareceu.

A 5 de Novembro do mesmo ano, vi uma luz intermitente na Cratera Aristarco e, depois, à noite, dois objetos redondos, luminosos, abandonarem a Lua a toda a velocidade.

Em 1960, vi o lado sombrio da Cratera Vitello ser completamente iluminado durante cinco minutos. Após o que a iluminação desapareceu.

A 19 de Abril de 1961, vi piscadelas luminosas na Cratera Aristarco. Cinco objetos abandonaram a Lua, do lado este, com cerca de 15 segundos de intervalo.

Observando a Lua

O doutor John Kraus, diretor do Observatório do Estado de Ohio, nos E.U.A., devido aos sinais inúmeras vezes recebidos, pensa que poderia existir uma estação transmissora de rádio em Vênus.

Frank Halstaed, curador do Observatório de Duluth (Minnesota), supõe que Marte constitui uma base para discos voadores vindos de um outro sistema solar além do nosso.

Segundo essa hipótese, as observações da nossa correspondente deixariam supor que a Lua seria igualmente uma base para «objetos não identificados», quer base de partida (Lua habitada), quer base de etapas ou paragens.

Desde há mais de um século, os astrónomos observaram misteriosos fenómenos sobre a Lua. Em 1822, o astrónomo alemão Gruithuisen fez saber que identificara as ruínas de uma cidade e que lhe distinguia perfeitamente os muros. O local é agora chamado *Gruithuisen City*.

Esta observação teria uma importância considerável, se desde o século XIX não tivesse sido dada uma hipótese explicativa do fenómeno: quando a Lua está cendrada, seria possível que ela pudesse refletir imagens terrestres.

Por exemplo, um observador colocado à noite na Europa, poderia ver na Lua imagens virtuais do continente americano, então iluminado pelo Sol.

Desta forma a imagem de São Francisco, com os seus arranha-céus, seria susceptível, por efeito de projeção ou de refração, de se inscrever sobre os lados do nosso satélite de forma a iludir a visão do observador europeu.

Nesse sentido, *Gruithuisen City* seria não uma cidade lunar mas uma espécie de miragem.

A 11 de Dezembro de 1947, o inglês Hodgson viu pontos luminosos sobre a parte obscura do nosso satélite.

Numerosos astrónomos notaram, em épocas diferentes, importantes fontes luminosas na Cratera Aristarco, um X na Cratera Eratóstenes, a letra y (Gama) na Cratera Littrow e uma superfície quadriculada na Cratera Platão. Deveremos nós concluir daí que essas crateras lunares são frequentadas, quer por autóctones, quer por extraplanetários?

Esta eventualidade não deverá ser posta de parte, especialmente no referente à Cratera Platão, onde se multiplicam as luzes e os sinais misteriosos, particularmente nas épocas em que o planeta Marte está mais próximo da Terra.

A 23 de Novembro de 1920, viram sobre um lado da Lua uma mancha tão luminosa que uma parte da Cratera Funério ficou iluminada.

A 12 de Agosto de 1944, foi observado na Cratera Platão «qualquer coisa que refletia com grande intensidade a luz solar».

Uma revista americana faz revelações interessantes.

Referindo-se sem dúvida à questão da Base Aérea de Muroc, essa revista mostra-se admirada pelo fato de Eisenhower, «agora que é um cidadão particular», não revelar o que sabe a respeito dos discos voadores. E faz outras perguntas, para dizer a verdade, um pouco absurdas:

— Por que motivo o quartel-general da Força Aérea para investigação a respeito dos U. F. O. é em Wright-Patterson e não no Pentágono? Será por ser mais cômodo pôr em segurança sob os hangares da base Patterson os S. V. «salvos»? (*salvage* é traduzido por salvos, mas talvez fosse conveniente interpretar por apanhados, recuperados).

— Por que motivo não é o público informado da existência, no alto de uma montanha da Suécia, de uma cinta metálica, com a largura de 1003 pés, no interior da qual cresce uma vegetação diferente de toda a vegetação terrestre?

A revista americana, entre outras revelações de caráter fantástico (e muito aventuroso, incontestavelmente), assevera que dois *top cientists* e *pelo menos* duas personalidades oficiais do Governo americano (entre as quais o presidente Eisenhower) tiveram contatos pessoais e físicos com homens do espaço (*space people*).

Ela relata igualmente que uma fotografia da Cratera Gassendi, existente na Lua, que foi tirada com o telescópio de 200 polegadas do monte Palomar, mostra edifícios em forma de zimbórios. Essas construções seriam a prova irrefutável de que vivem seres extraterrestres no nosso satélite. Os edifícios seriam edificadas à entrada de cidades subterrâneas e teriam pipas (tubos) sobre a superfície a fim de reter a pressão interna.

Foram assinalados traços (ou linhas), há trinta anos, na Cratera Gassendi, em total conformidade com as fotografias do monte Palomar.

Essas descrições, esses fatos, se fossem reconhecidos, transformariam, evidentemente, a ordem social terrena e demonstrariam que seres extraterrestres vigiam o nosso planeta, visitam-nos de tempos a tempos ou talvez já se tenham imiscuído na nossa atividade.

Representando em certa medida o papel de advogado do diabo, é-nos forçoso confessar que *nada* prova, que *nada* fornece sequer um índice válido de semelhante intervenção. Pelo contrário, *tudo* prova ou parece provar que a hipótese dos partidários dos U.F. O. é pelo menos prematura, e por vezes incoerente.

Se, de fato, seres extraterrestres enviassem sinais, estabelecessem bases em redor da Terra, viessem sobrevoar-nos ou aterrar sobre o nosso globo, tudo isso implicaria o desejo de entrar em contato conosco, e por conseguinte de maneira direta, efetiva e ostensiva.

Então, por que motivo desde há séculos, desde há milênios, esses extraterrestres não se teriam manifestado de outra forma além de aparições duvidosas e energicamente discutidas?

Como admitir que os Russos, que os Americanos sobretudo, estejam ainda na época do foguetão de Confúcio e das experiências de lançamento das quais em 10 falham 5, se existem seres extraplanetários que estão em contato com os seus Governos e lhes confiam protótipos?

Reticências? Precauções tomadas pelos homens do espaço? Longas observações? Todas estas explicações são difíceis de admitir.

Conspiração de silêncio dos Americanos e dos Russos? Um segredo à escala governamental, sobretudo dessa importância, é difícil de manter. E o antagonismo leste-oeste, que envenena o mundo, não parece de forma alguma implicar uma direção extraterrestre.

Por outro lado, a história dos discos voadores assemelha-se perigosamente à dos fantasmas, das aparições, das comunicações com o além: fala-se muito nisso. Inúmeras pessoas (8000 testemunhas, diz-se, quanto aos S. V., e bilhões de declarações quanto aos fantasmas) declaram tê-los visto ou ouvido, mas, *fato ainda mais extraordinário que essas fantásticas manifestações*, jamais foi dada qualquer prova da sua realidade! É certo que os iluminados, os pantomineiros e os loucos, que confundem sonho, alucinação e criação imaginativa com a verdade objetiva e tangível, causam grande

prejuízo às manifestações fantásticas ou supranormais.

Todavia os discos voadores têm uma explicação.

Antes de mais nada, é conveniente notar que cerca de 100 vezes em cada 100, eles têm uma forma de disco, de círculo, de charuto ou de linha reta, o que corresponde a um disco de diferentes ângulos.

Eles nunca são quadrados, retangulares, trapezoidais ou irregulares, o que viria a opor-se à nossa explicação.

Se um aerólito for acidentalmente dotado de uma velocidade de rotação de 31 quilômetros por segundo — o que é, matematicamente, o caso de centenas de aerólitos entre os bilhões que fazem parte do cosmos —, ele adquire obrigatoriamente a forma de um disco nas proximidades do nosso planeta, e numa atmosfera mesmo muito rarefeita, pelo efeito de fricção e em virtude da força centrífuga.

A sua rotação de 31 quilômetros por segundo liberta-os das leis de gravidade terrestre, e se a sua velocidade inicial se aproxima de 108.000 quilômetros por hora (velocidade da Terra em redor do Sol), então o disco pode planar imóvel no céu, ou evolucionar lentamente a uma velocidade considerável segundo essa velocidade inicial.

Talvez não seja impossível que os campos magnéticos que ele cria ou que outras energias, magnéticas ou não, que nós desconhecemos exerçam sobre ele forças susceptíveis de modificar a sua marcha, de fazê-lo voltar atrás, de o abandonar subitamente, etc.

Essas forças elétricas desconhecidas que o maltratam devem ser admitidas pelo menos a título de hipótese.

Se não é provável que seres extraterrestres nos espiem e naveguem em discos voadores, em contrapartida é absolutamente certo que forças desconhecidas, elétricas ou não, existem no cosmos.

Em suma, o fenômeno que imaginamos assemelha-se grandemente à «bola de fogo», que, durante os temporais, cai do céu e se diverte a rodopiar à volta dos homens apavorados.

Para passar em revista todas as suposições possíveis, os discos voadores são meteoritos, meteoros ou fenômenos no gênero da «bola de fogo». Por conseguinte, deveremos nós negar a sua existência e a intervenção de extraterrestres? Abster-nos-emos de o fazer, pois aquilo que parece sensato não é forçosamente a expressão da verdade.

Mesmo se os discos voadores constituem uma aberração, uma miragem, uma alucinação, eles devem ser tomados a sério, estudados e considerados como «possivelmente ou teoricamente verdadeiros». Por outro lado, a hipótese da sua realidade suscita uma outra hipótese, que explicaria a sua não intervenção nas questões humanas.

Disse-se que os astronautas dos discos voadores receavam os homens. É pouco provável, mas em compensação pode conjecturar-se que o condicionamento biológico terrestre, ou outros imperativos, podem explicar um atraso na tomada de contato.

No nosso conceito do tempo, esse atraso, essa prorrogação, incidindo sobre séculos ou alguns milênios, parece inadmissível, mas nós ignoramos certamente o que representa o tempo e a duração para os extraterrestres. Para seres vindos de estrelas distantes vários anos-luz, para seres que resolveram o problema do espaço e venceram o muro da duração, por meio de uma instantaneidade relativa, uma contração, ou uma elongação infinita do tempo, dois milênios talvez sejam o equivalente a alguns segundos terrestres.

O problema da entidade do tempo na aventura cósmica é para nós demasiado imperceptível para que possamos avaliá-lo com as nossas medidas arbitrárias. Por outras palavras, a explicação dos U.F.O. é sem dúvida incompatível com os dados da nossa ciência experimental.

Finalmente, não é impossível imaginar outras explicações.

A mais fantástica de todas, mas que não seria possível repudiar deliberadamente e que talvez

um dia venha a ser verdadeira, assim como se tornaram verdadeiras a transmissão da palavra e da imagem através do espaço e a desintegração e a reintegração do som e da luz, a mais fantástica explicação é sem dúvida a seguinte: os extraterrestres estão entre nós. Nós conhecemo-los sem os reconhecermos.

A vitória sobre o espaço e o tempo pressupõe entre os homens do espaço um conhecimento, uma ciência de que apenas temos uma ideia aproximada e na qual podemos incluir o segredo da viagem no tempo por desintegração e reintegração. Segundo essa hipótese, os viajantes do cosmos poderiam reintegrar-se por substituição, quer dizer poderiam vir habitar um corpo ou um espírito de ser terreno, sem modificação sensível do aspecto exterior deste último.

Hipótese ousada, mas que é mais razoável, na sua extravagância, que a tentativa de revestir os extraterrestres de uma personalidade semelhante à nossa.

Neste caso, os viajantes do cosmos, mesmo na ignorância da personalidade física que eles habitam, talvez estejam instalados nas alavancas de comando dos nossos Governos, cujos destinos dirigem.

Engenhos irrisórios

O problema dos discos voadores obriga-nos a examinar o dos engenhos espaciais que alimentam as crônicas dos jornais.

Os Vostoks e outros foguetões espaciais, sob certos aspectos, não passam de «charruas» do espaço, de aeroplanos tão ultrapassados como os biplanos de 1914, com motores de êmbolos.

É inconcebível que Governos progressistas como os da U.R.S.S. e dos Estados Unidos tenham perdido tanto dinheiro e tanto tempo a experimentar foguetões idênticos aos que eram lançados no tempo de Confúcio, ligeiramente mais poderosos. É verdade que esses mesmos Governos empregam tudo o que podem num material de guerra atômico, que, como é evidente, não poderá ser utilizado como tal.

Há 2500 anos, partiam foguetões da Terra em direção ao céu a uma velocidade de 100 quilômetros por hora e atingiam cerca de 100 metros de altitude, senão mais. Segundo o mesmo princípio, os Vostoks, utilizando um carburante mais poderoso, voam 380 vezes mais depressa e 2500 vezes mais alto, não no cosmos, conforme se diz por condescendência, mas no céu terrestre, exatamente como os aviões que avançam com rapidez sete vezes menor e três vezes menos alto!

À escala do cosmos imprudentemente invocado, o foguetão de Confúcio, o Vostok soviético e o foguetão americano são engenhos que rasam o chão, dotados da mesma velocidade insignificante, irrisória.

A solução do problema não pode evoluir favoravelmente enquanto não forem estudados engenhos de fato científicos, engenhos que nada tenham de comum com o velho sistema da bala de canhão e que terão provavelmente início com os discos agravitacionais terrestres, chamados a suceder aos foguetões a jato.

A navegação no cosmos supõe, de fato, se desejamos que ela se desenvolva, deslocções de uma duração da ordem de vários milhares ou milhões de anos-luz. Pode daí concluir-se que a nossa ciência experimental, de futuro, deverá transformar-se numa ciência supranormal, talvez interferindo com a ciência pressentida pelos ocultistas.

Desintegração do tempo, do espaço, dos corpos sólidos? Anabiose? Prestidigitação milagrosa com as fórmulas matemáticas? A ciência de amanhã permitir-nos-á entrar a fundo na magia já anunciada pela próxima agravitação. Se existe um mistério gravidade, há um outro mistério mais impenetrável ainda e que fascina os homens desde a sua criação, o fabuloso mistério do tempo.

A MÁQUINA PARA VIAJAR NO TEMPO

E difícil mantermo-nos sensatos quando penetramos no mistério do tempo. Alguém disse: o tempo é Deus, pois é infinito, eterno, desconhecido e todo-poderoso. As dimensões, as noções, tudo o que é material e tudo o que o não é, tudo pode desaparecer, exceto o tempo, que desafia o próprio nada. O tempo azul ou negro, indestrutível e paciente, urdido de silêncio e de inacessibilidade, indomável.

No domínio científico, o tempo é um desconhecido que se interpreta e acomoda, mas sempre, no fim de contas, com um erro inevitável.

Nós ignoramos totalmente em que ano vivemos. 1965-1966-1967 são aproximações apoiadas numa incerteza maior: a data de nascimento de Cristo.

Conta-se uma anedota curiosa da qual o tempo, o diabo e um alquimista são os heróis. O alquimista, para conseguir o segredo da transmutação, assinara um pacto com o diabo a 5 de Outubro, festa de São Francisco de Assis, no ano da graça de 1573. Tratava-se de um contrato 3-6-9¹ que o arrendatário assinou com o próprio sangue, comprometendo-se a entregar a alma no vencimento do prazo, ou seja, ao fim de nove anos, exatamente. Ele tinha a possibilidade de anulá-lo todos os três anos, mas o diabo sabia com quem lidava e portanto não se preocupava.

No primeiro ano, revelou o segredo do ouro e o alquimista tornou-se muito rico; no terceiro ano, revelou o segredo do poder e o alquimista transformou-se numa personalidade importante; no sexto ano, para evitar a anulação revelou o segredo da juventude e o alquimista cessou de envelhecer.

Mas chegou o nono ano, e o diabo, a 4 de Outubro, ao anoitecer, foi bater à porta do predeterminado para o inferno.

A porta foi-lhe aberta por lacaios que o precederam numa sumtuosa sala onde estava a mesa posta com dois lugares: pratos de ouro e tigelas de esmalte, vinhos franceses e iguarias suculentas, frutas maduras e sobremesas das ilhas.

— Posto isto — disse o diabo —, creio, compadre, que desejas abandonar este mundo no meio de grande júbilo?

— Eu aguardava-vos, mestre Satanás, e convido-vos a jantar comigo!

Eram apenas dez horas da noite e o diabo pensou que lhe seria agradável festejar enquanto esperava pela hora de receber a mercadoria, à noite.

Sentou-se portanto diante do alquimista e comeu tanto como ele, lançando de vez em quando uma olhadela ao relógio de parede, pois nada é mais importante para o coração de um diabo do que a posse de uma alma de cristão. Por fim, os ponteiros marcaram meia noite menos dois minutos e Satanás não pôde conter-se.

— Compadre, tem de se preparar para me seguir. Daqui a dois minutos já estaremos no dia 5. Contratos são contratos!

¹ Antigo contrato ainda em vigor, feito por nove anos, mas que pode ser anulado pelos intervenientes todos os três anos.

— Quer então dizer...? — perguntou o alquimista.

— Quer dizer que a 5 de Outubro de 1573 assinaste um pacto comigo, no qual te compromete a entregar-me a tua alma exatamente nove anos depois. Um pacto é um pacto, e ninguém pode dizer o contrário!

— E quando deverei portanto dar-vos a minha alma, mestre Satanás?

— A 5 de Outubro... ou seja dentro de um minuto e trinta segundos exatamente.

— É assim tão urgente, mestre Satanás?

— O pacto fala no dia 5 de Outubro e não em qualquer outro dia. Portanto... agora é dentro de um minuto.

— Dizeis de fato 5 de Outubro?

— Sim, digo 5 de Outubro... Nem quatro, nem seis, mas justamente cinco e vou resolver o assunto.

— Um segundo, por favor, mestre!

Assim que acabou de proferir esta frase, o alquimista bateu palmas e entraram na sala dois frades leigos.

— Perdeste, compadre — troçou o diabo. — Os irmãos leigos nada podem fazer, o que está assinado está assinado e...

O relógio deu as doze badaladas da meia noite no meio de um silêncio solene e o demônio prosseguiu:

— Agora estamos no dia 5 de Outubro e a tua alma pertence-me!

— Enganai-vos! — exclamou o suposto danado. — Enganai-vos, mestre Satanás! Perguntai-o então a estes irmãos! Eles devem dizer a verdade e, se estamos no dia 5 de Outubro, a minha alma pertencer-vos-á!

— Pois bem — disse Satanás dirigindo-se aos irmãos — em que dia estamos nós?

— Este dia é o 15 de Outubro do ano da graça, pode dizer-se, de 1582, por decisão de Sua Santidade Gregório XIII que acaba de reformar o calendário Juliano. Em todos os estados católicos do Mundo, este é o dia 15 de Outubro!

— Podeis jurá-lo? — perguntou Satanás.

— Juramo-lo perante Deus — disseram os irmãos leigos.

Houve um grande turbilhão de chamas e de fumo, um nauseabundo cheiro a enxofre e o diabo desapareceu.

Era verdade: no dia 5 de Outubro de 1582, o tempo dera um salto de gato para pôr no seu lugar o equinócio da Primavera, que retrocedera dez dias por causa do calendário de Júlio César.

E o papa ordenara que esse dia 5 de Outubro ficaria a ser 15.

O alquimista chamava-se o conde de Saint-Germain.

Ainda nesse dia, a 15 de Outubro de 1582, justamente a meio da noite, a Lua enviou com destino à flecha da Catedral de Paris, a 300.000 quilômetros por segundo, raios de luz que levaram 10 dias e 1,3 segundos a atingir o seu objetivo. E eis a maneira como, pela primeira vez na história, os homens fizeram uma viagem no tempo — a caminho do futuro —, ultrapassando em velocidade, em menos de um segundo, as 240 horas de uma década.

A viagem no tempo faz parte de certas necessidades míticas, como o amor, o sonho, o desejo de voar pelo espaço, de governar o mundo, de castigar os maus e de recompensar os bons.

De todos estes velhos desejos, ele é o mais tenaz e o mais consolidado em todos os tempos, passados, presentes e futuros, e nunca existiu, nem existe ou existirá jamais um homem que não aspire a um retorno na cadeia da vida.

Voltar a ser jovem, voltar apenas durante uma hora, um minuto atrás, milagre a que se agarra o desgraçado que cai num precipício, que vê aproximar-se o automóvel assassino ou tombar, ferido de morte, o amigo que poderia ter salvo.

A viagem do tempo é possível, mas, e é isso que prova o seu caráter absolutamente excepcional, ela é possível praticamente e impossível em teoria. Por meio do cinema, do disco, do pensamento, do sonho, o homem pode, senão projetar-se no futuro, pelo menos reencontrar-se ou andar pelo passado. Mas trata-se apenas de evasões espirituais ou sensoriais das quais o nosso corpo não participa.

Apenas o sonho oferece a ilusão da viagem real, com sensações físicas perfeitamente imitadas (e muitas vezes perfeitamente reais): a rosa exala o seu perfume, o tiro de canhão é ensurdecedor, o café é amargo ou delicioso, a mulher que admiramos é adoravelmente bela, a volúpia que sentimos é materialmente verdadeira.

O nosso subconsciente conhece portanto um mecanismo científico para se deslocar no tempo, ao passo que a ciência experimental, no estado de vigília, só conhece um outro mecanismo, longe de ser tão dinâmico. Mas o mecanismo do subconsciente, a viagem no tempo do sonho, não pode ser realizada de encomenda, ela é fortuita. Não passa igualmente de uma ilusão e apenas ressuscita a verdade do passado através de fantasmas e de aparências. No sonho, tudo é falso, arbitrário, medidas de distâncias, tempo, opacidade, gravidade, sentido lógico.

Apenas três verdades são absolutas: o riso, as lágrimas e o prazer², e é por esse motivo que o sonho é, apesar de tudo, imperfeito e que a necessidade da viagem no tempo no estado de vigília sempre obcecou os homens.

Percorrer a cadeia do tempo apresenta, de momento, grandes impossibilidades técnicas e também teóricas, as quais os próprios autores de ficção científica não foram capazes de resolver.

Todavia, a ciência há de resolver esse problema — talvez o tenha resolvido outrora —, pois a contração do tempo pela velocidade já permite projetar hipóteses cada vez menos inverosímeis.

A viagem no tempo não está apenas ligada à curiosidade dos homens, está igualmente ligada à conquista espacial.

A estrela mais próxima da Terra, Alfa do Centauro, fica de fato a 4,5 anos-luz, o que, à velocidade de 36.000 quilômetros por hora, representa já uma viagem de 130.000 anos (2600 anos a 1 800.000 quilômetros por hora). Ou seja, uma impossibilidade prática.

No entanto, dá a impressão de que os astronautas dos discos voadores, se acaso existem, encontraram a solução do problema, quer contraindo o tempo, quer contraindo o espaço.

Atualmente, nenhum dado científico permite imaginar semelhante hipótese, mas temos a premonição, a certeza mesmo, de que o tempo e o espaço de viagem hão de ser um dia vencidos e de que os homens serão capazes de ir numa fração de segundo até às longínquas fronteiras do cosmos. Talvez por meio de uma operação matemática, talvez por desintegração e transmissão da personalidade à velocidade do pensamento, que é infinitamente maior do que a da luz, quer dizer à velocidade zero.

O engenheiro Émile Drouet

Na expectativa desse longínquo acontecimento, apenas uma experiência séria foi tentada por um francês, o engenheiro astrônomo Émile Drouet. Durante anos — a contar de 1946 — participamos, juntamente com uma química, Lucile Berthelot (parenta de Marcelin Berthelot), e um tenente do Exército do Ar, nos trabalhos de Émile Drouet.

² Há outras verdades absolutas, mas determinadas pelo comportamento fisiológico «desperto». O riso, as lágrimas, a volúpia têm resultantes físicas provocadas unicamente pela emoção do sonho. O que poderia provar uma espécie de convivência entre o estado de vigília e o estado de sonho.

Um quadro sinóptico pregado na parede do nosso gabinete recordava-nos as bases de partida:

$$\begin{aligned} \text{Velocidade zero} &= \text{eternidade} \\ 300.000 + X &= \text{passado} \\ \text{Zero} - X &= \text{futuro} \end{aligned}$$

Em breve o problema de $300.000 + X$ se transformara em aparente contrassenso.

Imaginemos um canhão apontado contra o nosso peito. Introduz-se no canhão uma granada que será (sempre a hipótese) impelida a uma velocidade maior do que 300.000 quilômetros por segundo. O que irá passar-se? Iremos ser trespassados, volatilizados, desintegrados?

Não. Ultrapassando a velocidade da luz, a granada regressará ao passado, quer dizer que regressará às mãos do servente da peça de artilharia, ao arsenal, à oficina, à mina. Ela jamais abandonará o local de partida (o cano) e nós ficaremos sãos e salvos.

Mas de que forma conceber essa partida da granada a 300.000 quilômetros por segundo?

Na «realidade teórica», as coisas não se passam assim, mas, de qualquer forma, era tecnicamente impossível, de 1946 a 1951, imaginar um objeto sólido atingindo ou ultrapassando a velocidade da luz. E mais impossível ainda — se o podemos dizer — ir à velocidade zero e mais lentamente que zero à hora.

Eis como Émile Drouet fez em primeiro lugar o seu projeto e em seguida uma maquete.

Em suma, a Terra gira em redor de si própria e em redor do Sol. O conjunto gira em espiral no cosmos com destino ao monte de Hércules, onde a nossa galáxia irá despedaçar-se dentro de X milhões ou bilhões de anos. (Ver o mapa explicativo da viagem no tempo; terceira página do segundo caderno de extratextos.)

Sintetizando até ao extremo, a Terra encaminha-se da nebulosa original para o monte de Hércules.

O tempo, bem entendido, é imutável³ e somos nós que passamos, nós, o globo, as montanhas, os oceanos, as cidades, as casas, os homens, como se, sobre uma cadeia vibratória, surgisse e se extinguisse sem cessar uma sucessão de imagens. Essa cadeia vibratória, infinita, parece deslizar como uma paisagem vista de um comboio, quando, na verdade, apenas o viajante é que se desloca.

Sobre o trajeto nebulosa-monte de Hércules, ou, por outras palavras, Ponex-Apex, a Terra situa-se por exemplo na contagem do ano 1000 em relação ao século do grande medo, 1789 quanto à Revolução, 1914 quanto à Grande Guerra.

Admitamos que resolvíamos viajar pelo passado até ao ano mil. Que irá acontecer? Devemos abandonar o nosso século XX a bordo de um foguetão espacial muito rápido, perpendicularmente ao plano da eclíptica em direção do Ponex até ao ponto teórico onde se encontrava a Terra no ano mil.

Mas não a veremos. De fato, estamos em harmonia sobre uma duração onda-tempo em desenvolvimento contínuo e apenas nos apercebemos dos seres e objetos em harmonia com essa duração de onda.

Por exemplo, o homem $H = 29 - I - 1963 - 23h 52m 24s 18/100$ só se pode integrar no universo-tempo de igual valor.

E ele muda continuamente de universo a um certo ritmo desconhecido de períodos-segundo (1/15 quanto à percepção retiniana) que o faz morrer X vezes por segundo e ressuscitar outras tantas.

³ Para Deus eterno todos os tempos são presentes. Não seria possível admitir a eternidade fixando-lhe um princípio e um fim, um passado e um futuro.

Chama-se a isso envelhecer.

Portanto, estamos no Ponex, às portas do ano mil de que é necessário agarrar a duração onda-tempo. Uma segunda nave espacial que seguiu a nossa possui a bordo um radar com modulações de frequência que nos põe de acordo com essa duração de onda-tempo do ano mil (ou com um harmônico). Imediatamente, nós deixamos o nosso século XX, perdemo-lo de vista e avistaremos o reino francês do rei Roberto, o Piedoso, onde o nosso foguetão, que sofreu a mesma transformação que nós, poderá pousar.

Eis o primeiro estágio da viagem no tempo, explicado de uma forma algo romanesca, pois os *dossiers* do engenheiro Drouet não são dirigidos a um público amplo:

O aparelho é libertado, no próprio local, da gravidade por meio de uma dupla rotação que origina a aceleração centrífuga composta pelo efeito de Coriolis, a qual é perpendicular aos eixos horizontais de uma bateria de giroscópios dispostos no interior. É necessário, mas basta que essa força centrífuga seja idêntica à gravidade.

Condição realizável por aplicação da fórmula:

$$J_c = \frac{m(2 \omega r \sin a V_r)^2}{R}$$

na qual J_c é a aceleração composta, m a massa dos corpos, ou seja $P = 0,1$, ao passo que $2 \omega r$ exprime a velocidade angular de rotação do corpo, donde se deduz...

Este curto trecho não passa da prefiguração mais sumária de uma exposição que preenche 200 páginas de papel quadriculado!

Esta viagem pelo passado era uma viagem sem regresso. O projeto definitivo previa um toro astronáutico, antepassado e pai dos discos voadores, já realizado em maquete, em 1946, conforme o testemunham diversos jornais⁴.

Esse toro, impelido do equador pela força centrífuga da Terra, era um engenho perfeitamente realizável, infinitamente mais racional, mais «inteligente», mais científico do que os Sputniks russos e os foguetões americanos.

A bordo do toro de Émile Drouet, encontrava-se o radar com modulação de frequência que formava um todo com o engenho, que se adaptava a ele, permitindo incursões em direção ao Apex ou ao Ponex sem necessidade de regressar a uma base.

A única base fixa, obrigatória, imóvel no tempo e no cosmos, era a energia do vácuo — como na gravitação —, que tanto existia no ano +1000 como no ano -250 000.

Poupar-vos-emos aos pormenores técnicos que foram estudados por James Forrestal, para um projeto de satélite americano, e pelo Centro de Investigações Científicas de Meudon.

Compreender-se-á a importância da descoberta do engenheiro Drouet ao saber que o seu toro astronáutico de 200 metros de diâmetro (talvez fosse esse o obstáculo, embora a resistência dos materiais tivesse sido severamente calculada), esse toro, portanto, provido de giroscópios, girava sobre um lago equatorial e era impelido pela força centrífuga terrestre à velocidade inicial de 108.000 quilômetros por hora, *sem aceleração*.

Esses 108.000 quilômetros por hora são exatamente a velocidade de rotação da Terra em redor do Sol. Adaptamo-nos perfeitamente a isso.

⁴ Como, por exemplo, *Jeudi-Magazine*, n.º 19, de 10 de Outubro de 1946.

Desta forma se achava resolvido, teoricamente, o problema da viagem no tempo.

O milionário Williamson, rei do diamante, foi contactado para a realização do Projeto Drouet. O seu custo, em 1946, era de dois bilhões de francos e, não podemos deixar de reconhecê-lo, com imensos riscos de prejuízos que apavoraram Williamson. Um tal empreendimento não podia ser encarado senão à escala de uma grande nação.

A vitória de Waterloo

A maquete do toro astronáutico apenas conheceu uma hora de glória: sobre a superfície aquática de um areeiro em Vigneux-sur-Seine, em honra dos fotógrafos. Para dizer a verdade, essa solução da viagem no tempo deixava subsistir numerosos pontos obscuros.

Voltemos à nossa hipótese: os viajantes do tempo vão à Terra do ano de 1815, em Waterloo, conduzem Grouchy até ao campo de batalha, derrotam Blücher e dão a vitória a Napoleão. Vamos ainda mais longe: os nossos viajantes dirigem-se ao ano 1796 e assassinam Bonaparte, ainda criança; Napoleão jamais existirá!

De que maneira conciliar o inconciliável, o que existiu com o que não existiu? Napoleão victorioso ainda que tenha sido batido?

O engenheiro Drouet não queria ouvir falar dessa evidência absurda e encerrava-se no seu papel de engenheiro astrônomo.

— Falam-me de filosofia — dizia ele — e eu não sou um filósofo!

Tanto assim que para se manter dentro da lógica e levar até ao extremo a experiência, tivemos de arquitetar uma teoria fascinante: as harmônicas da cadeia vibratória de vida.

A história dos homens, a vida dos homens, desenrolar-se-ia sobre uma cadeia vibratória de vida ou *cadeia principal*.

Sobre essa cadeia — para encarar o caso de Napoleão — encontramos o golpe de estado do dia 18 Brumário, Bonaparte Primeiro-Cônsul, coroado imperador, a vitória de Austerlitz, a abdicação de 1814, Waterloo, em 1815, e a morte em Santa Helena, em 1821.

Recordemos os antigos postos radiofônicos — os de 1927 — tão pouco seletivos que apanhávamos uma emissão simultaneamente sobre o comprimento de onda de 522 metros e sobre todas as harmônicas de 522: ou seja 696 metros, 870 metros e 1044 metros, etc. Mantendo-nos nos 1044 metros, podíamos ouvir, ao mesmo tempo, um poema, nos 1044 metros, música espanhola, nos 870 metros, e uma cantora de Ópera, nos 522 metros.

Todavia, a igual potência de emissão, era o poema que dominava as outras percepções, a música e o canto formavam apenas uma espécie de fundo sonoro.

Ora, é justamente o que se produz com as vibrações: elas têm todas as harmônicas e a cadeia de vida tem harmônicas em que Napoleão nasce, ganha batalhas, perde outras e morre em Santa Helena.

Os viajantes que se desloquem no tempo aterrarão matematicamente sobre uma das harmônicas, as quais são em número infinito. Sobre essa harmônica, tudo se passou como sobre a cadeia principal, mas em ponteadado, se assim se pode dizer, ou ainda de maneira revolucionária, pois de fato trata-se apenas de uma indução. Se fizermos passar uma corrente própria a essa harmônica, essa corrente é que vencerá.

Sobre a harmônica número um, os viajantes do tempo poderão, portanto, fazer ganhar Napoleão em Waterloo e, em 1821, ele será o senhor do mundo.

Sobre uma harmônica número dois, Bonaparte falhará o seu golpe de estado, será condenado à morte, perdoado e enviado para o exílio.

Sobre uma harmônica número três, ele falhará ainda no dia 18 Brumário, fugirá e acabará os

seus dias num mosteiro.

Sobre uma harmônica número quatro, os viajantes transportaram com eles um vírus gripal e Bonaparte morre aos oito anos. Napoleão jamais existirá.

Eis, talvez, resolvido um problema que detém todos os teóricos; regressar no tempo, modificar o desenrolar da história e todavia manter a verdade histórica vivida.

Também aí, os *dossiers* do engenheiro Drouet e as nossas próprias notas não se adaptam exatamente — bem pelo contrário — ao vocabulário deste livro.

Tratava-se de verdade absoluta, de verdades relativas e de verdades em projeção.

«Admitamos», escrevia o engenheiro astrônomo, «a simultaneidade dos contrários e o princípio das harmônicas da cadeia da vida, perceptíveis no espaço astral sobre o *écran* de um radar com modulação de frequência...»

A viagem no tempo — passado e futuro — segundo o projeto de Émile Drouet, compunha-se de uma primeira parte tecnicamente realizável (ou que o será num futuro próximo): a viagem em direção ao Ponex e ao Apex com o toro astronáutico. De uma segunda parte incerta: o acordo com o radar com modulação de frequência. De uma terceira parte hipotética: a teoria das harmônicas.

Alguns serão de opinião que essa viagem no tempo faz apenas parte da ficção científica. É parcialmente verdade, mas, no entanto, o toro astronáutico de Émile Drouet parece-nos cientificamente mais válido do que os foguetões dos Americanos e dos Russos. É um princípio análogo que, um dia, destronará o sistema bala de canhão e, então, talvez pensemos em estudar e realizar um conciliador de ondas-tempo.

E se *já* estivessem entre nós viajantes do tempo? Se eles se dissimulassem no interior do monte Shasta?

É curioso assinalar, quanto mais não fosse para os arquivos dos tempos futuros, que alguns teóricos admitem a seguinte hipótese:

*Pode admitir-se que dentro de vários séculos, ou mesmo vários milênios, a viagem no tempo será uma realidade e uma possibilidade prática*⁵.

Ora, se, por exemplo, no ano 5000 os homens puderem regressar ao passado ou percorrer o futuro, torna-se admissível pensar que eles sentiram o desejo ou a curiosidade de se integrar na nossa época.

Os discos voadores serão talvez os meios de locomoção desses piratas do tempo? Os nossos sábios, os magnates do capitalismo, do marxismo e de todo o poder social ou político talvez sejam viajantes do tempo. Eles agiriam quer com objetivos lucrativos, quer como condutores esclarecidos. Como sabê-lo?

Semelhantes a Moisés, a Gerbert, a Jechielé, a todos os grandes iniciados da história (que talvez fossem homens dos anos 5000, 10.000 ou 100.000 d. C.), eles manteriam secreto o seu caráter, a sua natureza, os seus conhecimentos superiores de biologia e de física transcendente, conhecimentos que lhes permitiam usurpar por sugestão psíquica (habitando o intelecto consciente ou o subconsciente) a personalidade própria dos dirigentes das principais nações, contra vontade, bem entendido, dos seres aos quais profanam o «eu» e dirigem a ação. De qualquer forma, indução ou encarnação, a sua identidade física seria indecifrável. A viagem no tempo, realidade de amanhã, dá-nos a certeza de que os viajantes do futuro estão entre nós.

Identificando-se à conquista do Cosmos, a viagem no tempo, enquanto não for resolvida, constituirá o muro de defesa que forças superiores parecem ter edificado entre o homem e os conhe-

⁵ *Notes sur la Voyage dans le Temps*, manuscrito não publicado de Émile Drouet. De notar que, em 1926, o astrônomo russo Kozyrev escreveu que «a técnica humana permitiria em breve *manipular* o tempo».

cimentos sacrílegos. Mas o homem não tem medo de nada, nem sequer do seu destino trágico, e, mesmo que tenha de perder uma segunda vez a sua parte de paraíso, forçará a porta proibida.

OS TEMPOS DO APOCALIPSE

Ouviu-se em primeiro lugar no céu como que um grave acorde de harpa, melodioso, depois a música dos anjos amplificou-se e rasgou as nuvens com um rugido de louco. Finalmente, surgiu uma luz ofuscante, arroxeadada, e, sobre a superfície do globo, a galopada fantástica de ondas de choque que desintegravam os seres e as coisas, arrancando o coração aos vivos antes de os matar. O que fora já não existia e a morte instaurava-se no silêncio do tempo. Será a descrição de um próximo fim do mundo?

Os homens têm a consciência disso e resignam-se. Os mais ousados sonham evadir-se no cosmos, os outros cobrindo-se já de terra ou pensando criminosamente em preparar o Apocalipse. A psicose do fim do mundo está de tal forma propagada que os próprios Governos estão absolutamente convencidos do fato.

A 29 de Setembro de 1961, ao falar pela televisão, Sudreau, ministro francês da Construção, declarou:

Construímos para um período de 40 ou 50 anos, pois não sabemos o que será a vida nessa época.

Os Russos, no 22.º Congresso do Partido Comunista, em Outubro de 1961, previram *a criação, por meio de um desenvolvimento intensivo da educação, de um homem soviético novo, suscetível de adaptar-se a um sistema social que exija uma disciplina maior, uma abnegação total e um sentido absoluto do dever cívico.*

Será para o paraíso terrestre que os Soviéticos preparam esse *robot* disciplinado até à «abnegação total e absoluta»? A que gênero de morte pretendem eles habituá-lo? Pois não parecia haver no espírito do senhor Khruchtchev a preocupação de salvar o seu povo, mas apenas a convicção de que restariam alguns *sobreviventes eventuais*, que é também a preocupação e única esperança dos outros Governos.

Os Americanos já disseminaram pelos seus Estados depósitos subterrâneos nos quais acumulam dólares em notas, que seriam postos em circulação no caso de os outros estarem poluídos.

O professor Herman Muller — Prêmio Nobel de Biologia — preconiza a criação de um banco onde seriam armazenados, em câmaras frigoríficas, espermatozoides selecionados que assegurariam a perenidade da raça. Os semanários dos Estados Unidos publicam frequentemente anúncios deste gênero:

Pensai nos vossos filhos bem-amados.

Haveis preparado a sua sobrevivência?

Não deveis esperar nem mais um dia, encomendai...

Uma firma muito importante propõe ao comprador desejoso de vencer o cabo do fim do mundo «abrigos pré-fabricados, de aço, por 3500 francos, mais 600 francos para o sistema de ventilação».

O Conselho Municipal de Livermore (Califórnia) mandou edificar sete abrigos gigantescos podendo conter 17.000 pessoas. O Centro Rockefeller, em Nova Iorque, prepara os seus subsolos e armazena reservas alimentares para os seus 38.000 inquilinos.

O Governo inglês constrói abrigos atômicos, não para salvar toda a população, mas apenas 15.000 indivíduos privilegiados, recenseados, que já efetuaram manobras de sobrevivência, a 14 de Outubro de 1961, em Maidstone, capital do Kent, teoricamente destruída por setenta bombas atômicas. As operações eram dirigidas pelo capitão Rusby, que comandava o Royal Observer Corps, e por Raymond Firth, subsecretário de Estado do Interior, chefe da Proteção Civil no Sul da Inglaterra.

Quanto aos Chineses, uma perigosa filosofia (denunciada por Lucien Bodard¹) prepara-os para a catástrofe final, e eles supõem que a lei do maior número — os trinta e oito por cento da população do globo — agirá em seu favor a fim de deixar entre os sobreviventes uma maioria de amarelos.

Está absolutamente previsto que a humanidade há de ser destruída à excepção dos espécimes seleccionados, postos em segurança ou de conserva; mas se, por acaso, o fim do mundo atingisse as populações inteiras então o caso do porco 311 reproduziria o milagre de Bikini, e alguns homens manter-se-iam sãos e salvos.

Cada raça calcula as suas probabilidades de figurar entre os sobreviventes que repovoariam a Terra. Ora, o fim do mundo não é fatal, pelo menos na data prevista pelos biólogos (cerca do ano 2100), e as possibilidades de esperança são maiores do que se supõe. Alguns sábios tomaram subitamente consciência das suas responsabilidades e procuram orientar o destino do globo, acima das contingências políticas. Todavia, a aparição dessas forças consideradas benéficas ainda não é um fato concreto e os feiticeiros negros continuam a agir.

A nova era principiou incontestavelmente com a guerra de 1939/1945, que estabeleceu os dados do problema.

O aviso dos biólogos

Os políticos que, em 1945, tiveram como missão reconstituir uma sociedade desmantelada imaginaram uma solução catastrófica. Nas mãos desses aprendizes de feiticeiros, o mundo adquiriu o seu rosto de morte.

Eles preconizaram soluções insensatas: desenvolvimento da ciência atômica militar, encorajamento dos nascimentos, luta de classes, competições de *standig* e de prestígio, ao passo que a verdadeira solução era apesar de tudo uma união para proteção da humanidade.

Contra as suas manobras e especialmente contra as explosões nucleares, dois sábios tomaram consciência do perigo e lançaram um aviso: Albert Einstein e Léo Szilard.

Os físicos japoneses, particularmente bem colocados para o avaliar, revelaram, em 1962, que 200.000 nascimentos de crianças anormais eram atribuídos às experiências atômicas, dos quais 15.000 à superbomba dos Russos.

O cézio 137 resultante dessas explosões é profundamente teratogênico e provoca a criação de crianças com quatro ou dez dedos, mãos palmadas ou diretamente ligadas aos ombros.

O Papa João XXIII e o doutor Albert Schweitzer denunciaram claramente o perigo, mas grandes sábios, tais como Jean Rostand, o doutor Delaunay (França) e o professor Muller, Prêmio Nobel de Biologia (E.U.A.), acharam necessário, acima dos discursos pontificais e das irrisórias re-

¹ La Chine du Couchemar, Lucien Bodard, 1961, Ed. Gallimard.

soluções da O.N.U., colocar o mundo abertamente perante o seu destino.

Outros biólogos de nomeada mundial, os professores Fujii (Japão), Pomerat, Paul Weiss (E.U.A.), Dalq (Bélgica), Verne (França) e outras personalidades diversas², como filósofos, economistas, eclesiásticos, reagiram no mesmo sentido, tendo à cabeça François de Clermont-Tonnerre e o professor Maurice Marois.

A 4 de Fevereiro de 1962, na O.E.C.E., no Castelo de Muette, em Paris, produziu-se um fato capital: reuniram-se os maiores biólogos do mundo. E imediatamente, essa *elite*, esses homens que o seu saber e a sua alta competência colocavam no primeiro escalão da raça humana, lançaram uma mensagem retumbante: *Alerta! Morrereis todos vítimas das radiações, se...*

Para impressionar a opinião pública, a conjuração dos salvadores tomou um título cujo próprio enunciado exprimia a iminência do perigo: *Instituto da Vida*.

Com o seu entusiasmo de apóstolo, Jean Rostand, «o número um dos homens de coração de França», denunciara os tempos do Apocalipse que vivemos, a degradação da espécie, o fim inelutável e próximo da humanidade se não fossem construídas poderosas barreiras, tendo dito inclusivamente:

As partículas radioativas são um verdadeiro pólen de morte, responsáveis por um excedente de mutações. Pode afirmar-se que esse excedente é a causa do aumento do número de surdos-mudos, idiotas, tarados...

As gêneses de toda a geração futura poderiam estar contidas num volume semelhante ao de um comprimido de aspirina. Esse comprimido é o tesouro mais precioso do mundo.

Eu creio na pluralidade dos mundos habitados, mas não estou certo de que haja sobre um outro planeta qualquer coisa de tão válido como o homo sapiens.

Destruindo as gêneses, fazemos pior do que provocando a morte: cria-se uma vida má.

Por outro lado, as indústrias atômica e química acrescentam poderosamente os seus efeitos aos das explosões nucleares e constituem mesmo atualmente as principais fontes das radiações.

O perigo apresentado pelos raios X, assim como o demonstraram especialistas americanos, é seis vezes maior do que o devido às explosões de bombas atômicas.

E quantas mutações são causadas pelos medicamentos que se compram nas farmácias!

A medicina cultiva a doença e a terapêutica desenvolve as taras e multiplica os homens que devem recorrer a ela.

Não existe um abrigo seguro, não existem pequenas doses.

Sobre este ponto particular, o professor Lhéritier já havia declarado:

Toda a dose de radiação, por muito fraca que seja, tem probabilidades de produzir mutações. Toda a mutação é hereditária.

O mesmo é dizer que todo o indivíduo radiografado, nem que seja uma só vez na vida, já não pode produzir um filho absolutamente normal. Haverá automaticamente mutação, por muito imperceptível que seja, e sempre no sentido do bem para o mal.

Ora, radiações devidas às radiografias, aos medicamentos, à televisão, etc., acumular-se-ão irreversivelmente durante anos, sem possibilidades atualmente conhecidas de as neutralizar³.

² A senhora Nina Kruchtchev, que certamente não agiu contra vontade de seu marido, lançou um S. O. S. pela rádio no dia 18 de Fevereiro de 1962: *Lancemos todas as bombas atômicas ao mar!*

³ O doutor Robert Wilson, membro da Comissão Americana da Energia Atômica, declarou em Columbus, perante uma reunião

É por esse motivo que os resíduos radioativos das fábricas atômicas *não podem ser destruídos*, mesmo se forem atirados para fossas oceânicas. Arquitetou-se um processo de libertar o globo desses produtos: enviá-los para o cosmos!

De qualquer forma, 75 por cento dos habitantes do nosso planeta já estão sob o efeito das radiações nucleares. Na opinião dos biólogos, a espécie humana estará mais tarde ou mais cedo condenada. Denunciando todo o processo evolutivo e cultural determinado pelos nossos mestres gregos e mais particularmente ainda pelo século das grandes invenções, Jean Rostand proclama com veemência:

Em Hiroshima, a ciência embrenhou-se deliberadamente no crime.

Os efeitos genéticos na civilização são deploráveis. Por conseguinte, o Instituto de Vida deve transformar-se no quartel-general da defesa do homo sapiens...

Ninguém, ou quase, ouviu falar nessa reunião de sábios. Com uma maravilhosa sincronização, os jornais, a rádio, a televisão e as atualidades cinematográficas nada disseram acerca dela. Os jornais melhor intencionados consagraram-lhe uma coluna na primeira página e um pequeno artigo no interior. A maior parte nem sequer nisso falou.

Alguns — entre os que publicaram algumas linhas — chegaram a tomar partido contra os biólogos e inclusivamente contra Jean Rostand cujo «perigoso pessimismo» denunciaram...

Claro, a corajosa iniciativa dos sábios do Instituto de Vida não deixará de ter futuro e, cada vez mais e melhor, há de desenvolver-se, até porque a proliferação de nascimentos monstruosos se torna inquietante, particularmente nos países em que a eletrônica e as indústrias anexas do átomo estão profundamente desenvolvidas.

Recentemente, uma campanha sabiamente organizada atribuiu a responsabilidade desses nascimentos anormais a um tranquilizante americano, a talidomida (contergandistaval, softenon, talimol, etc.).

Depois acusaram-se outros medicamentos: a premudina foi proibida em Itália, e o doutor Clarke Fraser, da Universidade McGill, de Montreal, denunciou a cortisona e... a aspirina! Mas não deixou de haver um esclarecimento efetuado pelo professor Giroud, na Academia de Medicina: «Em França, onde a talidomida é interdita, as crianças monstruosas são cada vez em maior número», mas ninguém lhe prestou atenção.

Trata-se de uma conspiração deliberada destinada a esconder uma verdade atroz: as crianças monstruosas nascem em maior quantidade do que outrora, por culpa das radiações.

Outra consequência menor, mas não de desprezar: nos hospitais onde se fazem radiografias a torto e a direito, a cicatrização das fraturas ósseas normais faz-se atualmente em 90 dias, em vez dos 40 de há trinta anos. Por vezes mesmo, e sem que se trate de tuberculose, a soldadura e ossificação exigem quatro a cinco meses.

Torna-se normal enviar em convalescença para Berck ou Roscoff um ferido que quebrou uma perna. A Segurança Nacional reconhece a necessidade dessa convalescença, o que quer dizer tudo. As mulheres, numa proporção de sete para dez, dão à luz antes do prazo.

As populações da fronteira do México foram atingidas, em Setembro de 1960, por estranhas perturbações: as pessoas tinham intoleráveis sensações de calor, a pele tornava-se rubra como sob o efeito de uma queimadura. Presumiu-se que a água da chuva que bebiam se tornara radioativa devido às explosões nucleares americanas do Nevada.

Após as explosões russas na Mongólia e no Pacífico, os habitantes da cidade de El Peten, na

de sábios e industriais, que os postos de televisão emitem mais radiações do que as experiências nucleares americanas e russas produziram até aqui.

Guatemala, ficaram quase todos doentes. Houve numerosos mortos. Como se as nuvens tivessem transportado o pólen da morte através dos continentes e dos mares! E fora de fato o que acontecera.

Sabe-se que existem correntes poderosas e rápidas na alta atmosfera, as *jet-streams*. Elas são muito conhecidas dos aviadores e pedem fazê-los ganhar uma hora em trajetos de 3 a 4000 quilômetros.

Essas *jet-streams* servem-se com certa regularidade dos corredores aéreos que se transformam em autênticos «vales da morte» quando estão carregados de partículas radioativas.

As *jet-streams* depositam o seu pólen irradiado sempre nos mesmos locais do globo.

Parece que a cidade de El Peten se encontra num término de um desses vales da morte, que os Japoneses, durante a guerra, em 1944, utilizaram para enviar para os Estados Unidos baldezinhos incendiários que caíram nos pontos previstos — na Califórnia —, mas sem provocar prejuízos consideráveis.

Essas deteriorações das condições biológicas naturais e a ameaça que pesa sobre a nossa descendência, sem parecer preocupar os poderes públicos, são os indícios clínicos da psicose de resignação que pulula atualmente, como se o fim do mundo fosse para amanhã. Jean Rostand tem, apesar de tudo, esperança na ciência, «que sempre deu mais do que dela se esperava».

Anedotas a respeito do fim do mundo

Existem outros indícios dos tempos do Apocalipse.

Reunindo-se, para além de dez séculos, ao grande medo da Idade Média, o do ano 2000 principia e os homens começam a deliberar. Os falsos profetas vão de novo manifestar-se, assim como os casos de histeria coletiva.

Tomarão os Governos medidas para deter a campanha de alarme que vai surgir? É provável, e podemos esperar uma proibição, dentro de pouco tempo, das profissões de adivinhos, videntes e cartomantes.

Claro que, no decorrer dos tempos, o fim do mundo foi anunciado milhares de vezes e no século XVI chegou a dar lugar a uma divertida anedota:

Retomando o cálculo das efemérides de Regiomontanus, seu mestre, o alemão Stoeffler anunciou o prognóstico astrológico de um dilúvio universal na data de 20 de Fevereiro de 1524.

À notícia dessa predição, a Europa ficou consternada e em Toulouse o presidente Auriol, qual novo Noé, resolveu construir uma arca.

Por uma maliciosa ironia do destino, a 21 de Fevereiro de 1524, o tempo esteve extraordinariamente seco!

Em 1680, produziu-se um fenômeno notável: apareceu um soberbo planeta, que impressionou profundamente as populações:

«O terror é grande na cidade», diziam as *Chroniques de l'Oeil-de-Boeuf*⁴, «os espíritos timoratos veem no fato o sinal de um novo dilúvio, dado que, dizem eles, a água é sempre anunciada pelo fogo.»

Não era apenas o povo a estar emocionado: o matemático Jacques Bernoulli viu no cometa o símbolo da cólera divina.

As próprias galinhas foram da mesma opinião. Flammarion conta que encontrou um desenho da época com a seguinte legenda; *Prodígio extraordinário: a maneira como em Roma uma galinha pôs um ovo que tinha gravada na casca a imagem do cometa.*

Em Julho de 1960, um estoura-vergas italiano, chamado Elio Bianca — frei Eman, na sua re-

⁴ *Chroniques de l'Oeil-de-Boeuf*, por Touchard-Lafosse, 1829-1833.

ligião —, pretendeu fazer-se passar por profeta. Ex-médico pediatra da Companhia de Eletricidade de Milão, Elio Bianca, despedido por causa das suas excentricidades, fundara uma seita de iluminados. Dizia-se em comunicação direta com «a classe do absoluto» e anunciou o fim do mundo segundo uma profecia de Isaías: «Na época das calamidades, o homem encontrará refúgio num pavilhão.»

— Apenas 12 milhões de seres humanos escaparão ao cataclismo — esclarecia ele.

Homens e mulheres acreditaram-no. Em Hokkaído, no Japão, a terra tremera com uma intensidade excepcional; ondas altas como montanhas lançavam contra as casas blocos de gelo que as pulverizavam. Em Cuzco, no Peru, os índios, para esconjurar uma seca calamitosa, resolveram queimar a mais bela rapariga da tribo dos Mashcos. Em Agadir, um tremor de terra provocara milhares de mortos. O Chile e Fréjus, em França, foram devastados por inundações.

Frei Eman, que estava em comunicação com as potências celestes por meio de um magnetofone, não teve dificuldade em convencer 110 pobres de espírito que o fim do mundo — segundo os seus cálculos — estava fixado para o dia 14 de Julho de 1960, às 14 horas e 45 minutos. As montanhas deviam desmoronar-se e tudo terminaria, exceto para os privilegiados que viviam em redor do monte Branco.

E, então, amontoando víveres, vestuários e objetos de primeira necessidade em mochilas e malas, os 110 iluminados conduzidos pelo louco foram procurar refúgio no Pavilhão Gehovonise, perto de Courmayeur, a 2200 quilômetros de altitude.

Bem entendido, o dia 14 de Julho decorreu sem qualquer incidente.

Frei Eman desculpou-se com uma habilidade:

— Os meus cálculos estavam errados — disse ele. — O fim do mundo foi adiado para uma data ulterior!

O mais extraordinário, em tudo isso, foi a repercussão mundial que tiveram as divagações do médico louco. A imprensa e a rádio divulgaram essas profecias, que encontraram crédito em todos os países do mundo, à excepção da Escandinávia, da França, da Espanha e de Itália (à parte os 110 iluminados), da Alemanha e da Rússia. Os países anglo-saxões, a África, a Ásia e a América forneceram, como sempre, o mais forte contingente de crédulos.

No cabo da Boa Esperança, o sol do dia 14 de Julho foi freneticamente aplaudido pelos negros que tinham passado a noite inteira em profunda angústia. Nas Filipinas, soprou um vento de pânico e a Igreja foi obrigada a mobilizar os seus padres a fim de tranquilizar o povo. Na Índia, os templos regurgitavam de gente e nos Estados Unidos os Americanos encerraram-se em abrigos anti-atômicos.

Os mais convencidos — convencidos, mas espertos — foram sem dúvida os adeptos de uma seita religiosa de Benson (Arizona), que, tendo efetuado compras de enormes quantidades de víveres a fim de subsistirem após o fim do mundo, pagaram as suas faturas com cheques pós-datados do dia 15 de Julho!

Ao ser entrevistado por jornalistas, monsenhor Júlio Rosales, arcebispo de Cebu (Filipinas), insistiu em que ninguém podia saber a data do fim do mundo, nem sequer o Papa!

Essas predições falhadas não serviram de lição e seis meses depois deu-se uma reincidência memorável.

No dia 1 de Fevereiro de 1961, chegou à Europa a notícia sensacional do fim do mundo, profetizado pelos magos da Índia: devia dar-se entre sábado, dia 3, e segunda-feira, 5 de Fevereiro, enquanto os oito planetas da nossa galáxia entrariam em conjunção sob o signo de Capricórnio. Para muitos, o caos parecia certo. Desta vez, tratava-se *da Índia!* E, como todos sabem, a Índia é o único receptáculo da sacrossanta verdade!

Ora, a Índia pronunciava-se, e, que os homens se lembrassem, era a primeira vez que monges, bonzos, padres de Bénares, de Manipuri, de Bombaim, lamas tibetanos, todos os povos de Buda, toda a Agartha, em suma, era a primeira vez que os iniciados quebravam a imposição milenária

ria do silêncio!

A verdade é que o assunto era importante, pois tratava-se do desmoronar de montanhas, da destruição do planeta, da morte de dois bilhões e quinhentos milhões de seres, ou seja, do fim do mundo.

Na véspera do presumível cataclismo, milhares de sacerdotes hindus iniciaram as cerimônias rituais e milhões de fiéis foram mergulhar-se no rio Ganges, em Bénares, e orar à beira do rio, a fim de morrerem em estado de graça. Invocações, sacrifícios sobre os fogos sagrados, nada foi poupado para a sobrevivência do planeta. Os dias três, quatro e cinco passaram e o globo, mais calmo do que habitualmente — excepcionalmente não foi registado qualquer tremor de terra nessa data—, prosseguiu o seu pachorrento caminhar.

Os Hindus não eram os únicos a recear qualquer coisa. Os Papuas, da Nova Guiné, também aguardavam o pior, devido a um eclipse do Sol.

Em Inglaterra, os jornais difundiram os sombrios pressentimentos da Sociedade do Éter, cujo dirigente, Georges King, se dizia «chefe dos Extraplanetários, enviado à O.N.U. pelos Venusianos».

Segundo esse fanfarrão, o fim do mundo seria de fato para o dia 5 de Fevereiro, mas haveria sobreviventes: os seus discípulos, os «etéreos», que, afirmando estarem em comunicação com os habitantes de Vênus e de Marte, foram procurar refúgio no alto das montanhas britânicas.

Como nada acontecia, King, a instâncias do irmão Eman, anunciou que o mundo tinha ainda 300 milhões de anos para viver, mas que a Terra em breve estremeceria e os polos tomariam o lugar do equador!

Os Americanos, para não ficarem atrás, apavoraram-se em uníssono e durante os três dias cruciais fizeram inúmeros telefonemas a Hayden, diretor do Planetário de Nova Iorque, perguntando-lhe se na verdade a conjunção Júpiter-Saturno-Neptuno-Urano-Terra-Vênus-Marte-Mercúrio iria provocar uma conflagração cósmica.

Em 1942, Adolf Hitler, que sofria da cega credulidade dos ocultistas, pretendia conquistar uma parte da Sibéria, exatamente as montanhas de Thian Chan (Montes Celestes), no limite do Turquestão russo e do Turquestão chinês, pois acreditava — pelo menos assim o escreveu — que essa zona seria poupada aquando do futuro grande cataclismo terrestre.

Algumas pessoas pensarão talvez que o fim do mundo, ou antes o fim dos homens, receado por Jean Rostand, provém de um receio tão injustificado como o dos Hindus e dos «etéreos» do chefe King. Apesar de tudo, é preciso ter em conta o fato de que o ilustre biólogo é seguido nas suas teorias, ou melhor nos seus cálculos, pela grande maioria dos sábios mundiais, ao passo que os ocultistas apenas gozam da confiança de alguns ingênuos.

Um perigo geofísico

Insensivelmente, o globo terrestre avança para o seu fim. É a lei do cosmos e nada podemos contra ela, embora Fritz Zwicky, um dos astrofísicos suíços mais em evidência, afirme o contrário.

Zwicky tem nos seus arquivos um projeto extraordinário: quebrar os planetas por meio de bombas atômicas e excitar o calor do Sol, que começa a arrefecer.

Essas ideias correspondem a realidades: estamos ameaçados por um perigo geofísico.

De 1850 a 1950, foi calculado que a temperatura média da Terra baixara meio grau, o que não é grave para já, mas que o será dentro de mil anos, visto os homens não poderem adaptar-se a esse ritmo demasiado rápido de arrefecimento. Por outro lado, no mundo inteiro, os serviços encarregados de auscultar o solo estão impressionados com o notável aumento do número e da força dos abalos sísmicos e com a gravidade dos fenômenos de ordem vulcânica⁵.

⁵ *Aux Ecoutes*, 15 de Dezembro de 1961.

Ainda recentemente, no Irã, sobre o grande eixo de rotura leste-oeste da Ásia Central, alguns abalos destruíram várias cidades, provocando mais de 20.000 vítimas, O mesmo abalo sísmico danificou seriamente a capital da Turquemenistão soviética — Achabad — que já fora totalmente destruída, há treze anos atrás, por um tremor de terra.

Os sábios russos acabam, por outro lado, de descobrir vários cones vulcânicos no fundo do oceano Glacial Ártico. Alguns estão em atividade e pedaços de lava trazidos para a superfície aparentam-nos ao complexo havaiano.

Sobre o continente antártico, os sábios americanos, assim como os seus colegas ingleses e russos, são de opinião que os dois gigantes vulcânicos conhecidos, o Terror e o Erebus, não são os únicos e que reina uma intensa atividade sob a camada de gelo com cerca de 800 a 1000 metros de espessura. Algumas anomalias glaciárias levam mesmo a crer que existem no solo verdadeiras erupções e correntes de lava, por baixo dessa prodigiosa carapaça.

Semelhante atividade em todos os continentes confirma a teoria emitida por diversos observatórios e grupos de pesquisas (entre os quais o de Estrasburgo) a respeito do atual período de gestação acelerada que conduz o nosso planeta a uma outra época.

Ruão, porto de mar

Claro que o globo terrestre esteve sempre submetido a lentos fluxos e refluxos, o que outrora teve como efeito submergir a Atlântida e perturbar o continente sul-americano. Parece no entanto que atualmente o mapa do Mundo se modifica a um ritmo anormal. Será o final de uma era geológica?

Em todo o caso, será sem dúvida o fim de certas nações, em particular aquelas que ladeiam o mar do Norte. Sobre um eixo aproximativo Paris-Berlim-Moscou, as terras emersas afundam-se no mar do Norte e erguem-se ao sul. Em cada ano, Biarritz e Cádiz situam-se numa altitude mais elevada, respectivamente de três e cinco centímetros.

Em contrapartida, os Holandeses são obrigados todos os anos a erguer os diques que os protegem do mar e os técnicos de pontes e calçadas dos Países Baixos sabem que no ano 2050 o mar do Norte cobrirá dois quintos do atual território do seu país.

Está atualmente em estudo um projeto: criar cidades e talvez mesmo um continente artificial sobre estacas endurecidas por meio da injeção de um produto milagroso americano, o AM 9 (acrilamida e nitrito acrílico sintético).

A Escandinávia ergue-se como a Espanha e repele as águas do Báltico. Em França, o perigo far-se-á sentir no Sena Marítimo, em Somme e Pas-de-Calais, onde as terras baixam. Ruão será um verdadeiro porto de mar no ano 2500.

De norte a sul, a meio do Atlântico, a cadeia montanhosa que emerge na Islândia, nos Açores, nas ilhas Saint-Paul, Ascensão e Santa Helena, sofre uma tal pressão que aumenta cerca de sessenta centímetros a um metro de altura por ano. Dentro de trinta mil anos, poderia reunir a Europa aos Estados Unidos, a menos que a nossa península europeia e o continente norte-africano, por conseguinte desmoronados, tenham desaparecido sob as águas⁶.

Os falsos messias

⁶ Aux Ecoutes, 15 de Dezembro de 1961.

Essa efervescência geofísica é todavia menos sintomática que o comportamento dos homens.

Segundo a tradição, o final dos tempos será assinalado pela vinda de falsos messias e dos Anticristos.

O fenômeno messiânico é curioso de estudar. Ele produz-se oito vezes em cada dez em redor do 30° paralelo norte e pertence por excelência aos Hebreus, Hindus e Muçulmanos.

Para o escritor Georges Adamski, apaixonado pelo ocultismo, o aparecimento dos falsos e verdadeiros profetas é provocado por transmissões de pensamento. Em certas épocas, os homens transformam-se em postos emissores poderosos devido à particular intensidade dos seus sentimentos: medo, desejo de felicidade e de ser tranquilizados.

Desta forma, milhares de seres lançam mensagens que apenas desejam chegar a qualquer parte. Indivíduos receptivos recolhem as forças conscientes dispersas na atmosfera e delas se encarregam. Essa súbita impregnação de sentimentos concentrados persuade-os de que a mensagem foi enviada pela Providência, quer dizer por Deus. Alguns creem mesmo numa emissão proveniente do cosmos e dos homens do espaço.

O iluminado, o messias, começa então a vaticinar e, matematicamente, realiza-se uma percentagem de profecias, de tal forma que o homem adquire a certeza de que é um profeta inspirado. Basta-lhe uma pequena percentagem de êxito: 2%, como para os radiestesistas.

Esta explicação apenas é relativamente válida, pois o estudo dos casos messiânicos demonstra que nove messias em cada dez são de início charlatães um pouco megalômanos que atribuem a si próprios pura e simplesmente o dom de ciência infusa. Todavia, eles chegam a auto-enfeitiçar-se e, assim como um mentiroso acaba por acreditar nas suas mentiras, eles entram na pele das suas personagens sem possibilidade de as abandonarem. Medicinalmente, o complexo messiânico está ligado a um desregramento glandular e principalmente da glândula pineal.

Desde há um século, o pavor dos riscos de guerra, dos finais do mundo, o conhecimento público e geral dos flagelos que atingem a humanidade e que a imprensa, a rádio e a televisão levam palpitantes de verdade até aos lares mais retirados, tudo isto fez surgir uma legião de profetas, de messias e de falsos messias a uma cadência até agora jamais registada.

A agitação dos Ciganos

Advertências mais sérias anunciam indiscutivelmente o advento de uma nova era que coincide com a nova ciência instaurada em 1940.

Quer o queiramos ou não, a recente criação do Estado de Israel dá um certo crédito às antigas profecias, mas nós damos uma importância ainda maior à agitação que perturba o mundo até então silencioso dos Ciganos.

Como um formigueiro subitamente perturbado, os Ciganos do mundo inteiro vão, vêm, acampam, tornam a partir em todos os sentidos, como se tivessem perdido a noção do polo magnético e dos caminhos tradicionais.

Para os especialistas da psicologia cigana, o fato é sem precedentes e deixa prever acontecimentos de excepcional gravidade.

O papel histórico dos Ciganos é difícil de precisar.

De fato, eles próprios não sabem aquilo que representam, mas observadores avisados podem extrair curiosas deduções do seu comportamento, exatamente como os camponeses podem prever a chuva quando as folhas de briônia se encarquilham, o gato alisa o seu pelo e as moscas começam a picar.

O escritor Martine Beauvais, que viveu durante muito tempo com os Roms e os Manuches, revela-nos a seu respeito espantosas observações.

Quando uma guerra ameaça, os verdadeiros ciganos, os Roms — cada vez mais raros —, sabem muito bem para onde devem dirigir-se a fim de se manterem afastados do conflito, como se obedecessem a ordens ocultas.

Os Ciganos trabalham o fogo e o ferro (eles são quase todos caldeireiros) e as Ciganas adotam a profissão de ler sinas. Em suma, os homens perpetuam a tradição ancestral do trabalho do fogo, ao passo que as mulheres, devido a um longínquo atavismo irrevogável, se consagram ao vaticínio.

Quando um cigano vai acampar em qualquer local, não sabe quando partirá. Se o interrogam, responde invariavelmente:

— Deus o sabe!

É a mulher quem sugere a partida. Ela ignora porquê; o homem também. Apenas sabem que devem partir.

Atualmente, a ordem oculta, a ordem do subconsciente, surge muitas vezes e de forma súbita, imperativa. Os Ciganos não sabem onde fixar-se, nem qual a direção a tomar.

De 1955 a 1961, eles cumpriram périplos insensatos, dirigindo-se em primeiro lugar para oeste e em seguida para a Europa Oriental, donde emigram em grande número para a América do Sul.

Por outro lado, separa-os uma cisão muito nítida.

Em França, eles têm um rei, Joseph Solès; na Polônia, oficiava Jean Kwiew, coroado, em 1938, por uma circunscrição eleitoral de 30 senadores (ele era de raça pura e professava o cargo de caldeireiro).

A «Faraona», rainha das tribos de Espanha, acampa numa caverna do Sacro Monte, em Granada, mas nesse alto local a tradição está em perigo e o congresso de Inglaterra, em 1956, propôs um êxodo maciço para a África do Sul, onde, desconhecidos, em 1928, os Ciganos instauraram uma autêntica colônia. No campo de Jackson Drift, perto de Joanesburgo, elegeram um novo rei, Alfred Montés.

Um outro Filho do Vento, Volevod III, arroga igualmente o título de chefe supremo do povo cigano.

Zanko, chefe da tribo dos Ciganos Chalderash, que residem habitualmente na periferia de Lião, dá um sentido decisivo à anarquia reinante: ele acaba de trair a lei do silêncio do seu povo e confiou a sedentários⁷ as secretas tradições e os costumes transmitidos oralmente de século para século. Tudo isto é altamente sintomático.

Que irá passar-se? Quem ameaça os ciganos? Que perigo paira sobre eles?

Eles seriam incapazes de o dizer. Instintivamente, procuram um lugar de tréguas onde a ordem deixasse de ser perturbada. Mas não existe lugar de tréguas.

Supõe-se que, à semelhança dos animais que fogem da cratera do vulcão ou da zona de fratura da crosta terrestre antes do cataclismo, eles pretendem encontrar uma zona tabu.

Isto refere-se aos verdadeiros Filhos do Vento; em contrapartida, os ciganos assimilados, aqueles que perdem pouco a pouco o sentido da mensagem ancestral, sentem o desejo de fixar-se definitivamente. O príncipe Ionel Rotaru, que se diz chefe (muito contestado) da comunidade mundial do povo cigano, está em conversações com membros do Governo francês a fim de criar um país semelhante ao Estado de Israel.

— Os Ciganos — esclarece ele — formam um povo desconhecido. Nem todos são empalhadores de cadeiras e nômadas gatunos. A nossa organização, que reúne nove milhões de indivíduos, conta inúmeros médicos, padres, químicos, intelectuais. Eles têm um papel a representar na sociedade.

⁷ Zanko, *Chef Tribal Chalderash*, R. P. Chatard e Bernard, Ed. La Colombe, 1961.

Durante vários anos, a tribo dos Bouillon (ramo dos Bouglione) manteve-se em Vigneux, como que submetida a uma força independente da sua vontade. Os Moreno tendem igualmente a implantar-se no Sul da França e em Espanha. Os Amaia e os Beautour têm uma nítida tendência para vir a ser sedentários.

Em todas essas tribos, as mulheres já não têm a profissão de quiromantes e os homens já não trabalham na indústria do fogo: elas são bailarinas, negociantes de panos, tapetes e vergas; eles são feirantes, acrobatas de circo, corretores, pugilistas, músicos.

Os ciganos assimilados, aqueles que, dentro de 50 anos, habitarão em casas de pedra e virão a ser operários, funcionários ou médicos, perderam o seu velho instinto e não podem dar uma indicação precisa dos tempos que se preparam. Essa indicação só é possível entre os Roms, ainda indômitos, e no estudo da tradição.

Não se sabe ao certo donde são originários os Ciganos: do Egito, País dos Deltas, da Índia ou das Bocas do Ródano, onde existem também braços fluviais?

Segundo Martine Beauvais, o seu país de origem seria a Índia donde teriam sido expulsos no século XV devido a «uma falta monstruosa, um sacrilégio» que os sacerdotes hindus não revelaram.

É certo que os persegue uma maldição: eles andam à deriva, e estão condenados a isso como Caim depois de ter morto o irmão.

Ora, dir-se-ia que a maldição atingiu o seu termo, quer por remissão da pena, quer pelo fato de uma falta maior — talvez idêntica — ter apagado a que eles tinham cometido. Tradições muito antigas, transmitidas pelos próprios Ciganos, que podemos encontrar em Homero e nos autores antigos, permitem erguer o véu do mistério.

Outrora, seres nossos antepassados atomizaram o globo. A Bíblia e os textos sagrados mantêm a recordação do poder maléfico do fogo e do ferro que provocou a terrível explosão.

Durante milênios, o fogo transformou-se no símbolo da destruição e o ferro no do malefício. Aqueles que utilizavam o fogo e o ferro, na Antiguidade, foram sempre considerados como seres impuros, e os fundidores de metais, assim como os ferreiros, eram intocáveis, condenados a viver e a habitar afastados dos aglomerados populacionais. Em África, nos nossos dias, os fundidores de ferro Haddades são obrigados a viver às portas das aldeias.

Adão, ao colher o fruto da árvore da ciência, determinou a fatalidade do pecado mortal e foi condenado a deambular sobre a Terra.

Responsáveis pela atomização, homens brancos sobreviveram apesar das radiações, mas foram castigados na sua descendência e a sua pele jamais voltou a ser branca.

Os outros sobreviventes maldiçoaram-nos e mantiveram-nos afastados, não podendo suportar, em memória do pecado original, que eles habitassem na sua cidade.

Os Hindus expulsaram esses intocáveis do seu país e Jacques Weiss⁸ escreve a esse respeito: *Entre as tribos errantes oriundas dos expulsos de Agartha, figuram os Boêmios (do radical Bohami, que significa: afasta-te de mim).*

Assim foi estigmatizado o povo cigano, os Filhos do Vento, condenado a jamais se fixar e a errar até ao final dos tempos. Homero chama-lhes os Filhos de Vulcano; outros cronistas, os Filhos do Sol e do Ferro. Os seus instintos, preservados devido aos casamentos consanguíneos, deram crédito à sua origem satânica. Os Ciganos têm uma aliança com as serpentes (no Circo Bouglione há quase sempre um número de serpentes) que talvez recorde o antigo conluio de Eva, Adão e Sata-nás.

Eles odeiam os gatos, e os porteiros da Rua de Crussol, em Paris (muito perto do grande circo cigano), sabem que, para poderem conservar os seus felinos, não devem deixá-los vagabundear pelas ruas.

⁸ *La Synarchie*, Missão da Índia, pág. 314.

Eles têm o culto do fogo, e os verdadeiros ciganos, durante séculos, foram caldeireiros ou ferreiros, com inegável talento. Eles conheciam «segredos do fogo e do ferro» desconhecidos e eram superiores aos mais habilidosos ferreiros *gadchés* (*gadché*: que não é cigano).

As mulheres são dotadas de um sexto sentido: a adivinhação. Elas terão a presciência do segundo grande cataclismo e o seu comportamento alertará os homens. A sua missão é a de «tomar o vento», de sentir os sinais precursores e de ser os «pombos testemunhas» da conjura.

Será esse o seu resgate.

Uma velha cigana — e também Alexandre Bouglione, que concordou em que fosse divulgada a sua declaração — confidenciou a Martine Beauvais:

— Nós seguimos o Sol e caminhamos em primeiro lugar para oeste.

Não podemos deixar de notar que essa caminhada para oeste era precisamente a dos antepassados pré-históricos, do patriarca hebreu Lehi, dos Mórmons e das testemunhas do último dia.

Ciganos mais conscientes, e todavia mais evasivos, manifestaram uma preocupação: *Preparam-se coisas más*.

O fim do mundo? Um dilúvio? O comportamento dos Ciganos e o seu estado de espírito antes fariam pensar num tremor de terra e «seria a parte leste a ser submersa».

Porthos Melbach, padre católico, mas cigano (o único a receber ordens), declarou no domingo, dia 6 de Agosto de 1961⁹:

O final dos tempos anunciado pela Escritura chegou.

Houve sete grandes tremores de terra no século XVII, oito no século XVIII e muitos mais já no século XX...

É o contorno do Mediterrâneo que será tocado... Cristo virá julgar as nações.

O tremor de terra que no dia 1 de Setembro de 1962 fez mais de 20.000 vítimas no Irã parecia dar um carácter profético àquela declaração.

É certo que, por outro lado, os cataclismos terrestres que, segundo a tradição, anunciarão o fim do mundo, são mais sensíveis no século XX do que no passado. Senão vejamos:

1902 — 30.000 mortos aquando da erupção do monte Pelé.

1906 — 76.500 mortos na Sicília.

1915 — 29.000 mortos na Itália Central.

1920 — 180.000 mortos em Kansou, na China.

1923 — 143.000 mortos em Tóquio e Yokohama.

1935 — 60.000 mortos em Quetta, na Índia.

1939 — 23.000 mortos em Erzingan, na Turquia.

1939 — 30.000 mortos no Chile.

1962 — 21.000 mortos no Irã.

Isto sem contar tremores de terra menores que, todavia, fizeram numerosas vítimas, como em Agadir, na Turquia, em Itália, etc.

Em redor do 35° paralelo norte, sobre o eixo de fratura terrestre Agadir-Tóquio, talvez esteja

9 R. T. F. - França II, entrevista de Porthos Melbach por Roger Lanzac.

em jogo o destino da Terra.

OS TEMPOS SACRÍLEGOS

«Nada existe dissimulado que não venha a ser revelado, nada de secreto que não venha a ser conhecido¹.»

As grutas pré-históricas de Lascaux, de Lussac, as grutas com documentos de Quoum'Rân, os campos de Glozel, o deserto de Tiahuanaco, o vale do Líbano e a explosão sobre a taiga revelam pouco a pouco os seus mistérios; a Lua já não é um enigma; os Ciganos quebram as leis do silêncio; a Maçonaria abre as portas do templo; e do Vaticano, último refúgio do Ocidente, transpiram também segredos invioláveis.

O próprio Deus permite que seja revelado o segredo da pólvora, que talvez seja o do átomo.

Os tempos são graves e sacrílegos.

João XXIII, que foi sem dúvida o último pontífice com grande poder espiritual, conservou o patrimônio da cristandade e dez mil anos de arquivos desconhecidos, cuja publicação, noutros tempos, teria sido perigosa. Mas nos nossos dias, já não existe segredo, e o patrimônio pode ser da coletividade.

Como é de prever, essa divulgação provocará uma autêntica revolução, particularmente na Pré-História, na História, na Física e na Biologia.

Naundorff e o Papa

Terá sido uma experiência que João XXIII pretendeu realizar junto do público, ao fazer, em 1961, vagas revelações de forma oficiosa, mas no entanto pertinente, sobre o irritante mistério de Naundorff?

Seria Charles-Guillaume Naundorff Luís XVII, a criança evadida do templo ou um impostor? O príncipe René-Louis-Charles de Bourbon, filho reconhecido do príncipe Louis-Edmond, descendente de Naundorff, que vive atualmente em Paris, poderia reivindicar a Coroa de França? Talvez, se atendermos a uma declaração feita, em 1962, perante diversas testemunhas, o engenheiro Edgar Nazaré, o jornalista Philippe Bernert e nós próprios.

O núncio apostólico em França, monsenhor Roncalli, estava em relações de amizade com René-Louis-Charles de Bourbon, que, para fixar um ponto da história, lhe perguntou um dia:

— Excelência, visto que tendes acesso à Biblioteca do Vaticano, querereis ter a amabilidade de consultar as memórias da duquesa de Angoulême, a fim de que eu me certifique a respeito da minha verdadeira identidade²?

Passaram meses. O príncipe de Bourbon reconsiderou e anulou a sua petição. Depois deu-se um segundo encontro.

¹ Mateus, X, 26; Marco, IV, 22; Lucas, VIII, 17, e XII, 2

² Se nas suas memórias, a duquesa de Angoulême declarava que Naundorff era de fato seu irmão, René-Louis-Charles de Bourbon tornava-se por esse fato pretendente legítimo e o conde de Paris já não podia aspirar à coroa de França.

Entretanto, o núncio fora ao Vaticano e, talvez, por já ter esclarecido a dúvida, o caso é que deu a seguinte resposta:

— Vossa Alteza é muito inteligente. Sentai-vos na minha frente, Alteza...

Monsenhor Roncalli jamais dera o título de alteza ao príncipe de Bourbon.

Em Agosto de 1958, o príncipe de Bourbon caiu doente; emagreceu 30 quilos. E, de súbito, o desejo — um desejo irresistível — levou-o a Roma, onde solicitou uma entrevista ao Papa, ex-monsenhor Roncalli. Estava tão mal de saúde, que um dia caiu inanimado numa igreja.

Dois dias passaram: nenhuma resposta.

Fez um novo pedido.

Recomendaram-lhe então que fizesse a sua petição através da Embaixada de França. O príncipe procurou o embaixador, senhor de Margery, que o enviou ao solícito primeiro-secretário da embaixada.

O pedido era formulado em nome do príncipe René-Louis-Charles de Bourbon. A resposta chegou no dia seguinte à tarde: Sua Santidade concedia uma entrevista particular a Sua Alteza Real o príncipe René-Louis-Charles de Bourbon.

O Papa recebeu então o príncipe com grande amizade. Ao obrigá-lo a fazer transitar o seu pedido através da embaixada, Sua Santidade talvez quisesse dar ao Governo francês uma resposta oficiosa.

Aquando da sua entrevista com o Papa, o príncipe evitou entregar o seu cartão de convite aos porteiros. Guardou-o cuidadosamente e mandou tirar duas fotocópias, que, segundo diz, estão atualmente, uma no *dossier* de Luís XVII, na Biblioteca Nacional, e a outra no Museu de Versalhes. Pessoalmente, nós vimos o cartão e autenticamos a sua existência.

Bilhetes para a Arca

Mas de que poderão servir esses segredos traídos ou escondidos se a humanidade terá de sobrecarregar na altura de uma próxima catástrofe?

A juventude, em França, alimenta 55 por cento dos processos criminais. A verdade é que a humanidade adulta mantém a psicose do desespero até aos extremos limites da inconsciência.

Um jornal de Paris, no dia 28 de Maio de 1961, publicou um «comunicado» anunciando que *a Rua Vavin será célebre no mundo inteiro, pois acolherá, no número 28, o night-club mais smart de Paris (portanto provavelmente do mundo) (sic) A dolce vita... o tout-Paris jovem tomará contato com esse ambiente de lenda (adaptado à Era Atômica) que os menos jovens reencontrarão de coração ansioso e com grande alegria.*

Ambiente de lenda adaptado à Era Atômica!

Talvez seja vão referirmo-nos aqui aos blusões negros, aos magnates do petróleo gastando numa noite, ao bacará, o orçamento de um departamento de Estado, aos *gangsters* e traficantes de drogas multimilionários, ao pugilista que recebe 800 milhões por um combate de dois minutos. O desregramento dos nossos tempos «atômicos» é, com maior clareza, posto em evidência por extraordinários abusos de confiança.

Em Janeiro de 1961, foi preso um escroque austríaco que fornecia salvos-condutos válidos no futuro, quando os «comandos de Vênus» viessem instaurar sobre a Terra uma «República Mundial» geradora da paz universal!

O negócio fora montado por um vienense de 48 anos, Karl Mekis, antigo SS das companhias especiais de Eichmann, que se fazia passar por filho adotivo da duquesa italiana Elena Cafarelli, «sua mãe planetária». Ele escolhera a Áustria como «cabeça de ponte do desembarque venusiano».

Mekis, que recebia mensagens por telepatia, encontrara um certo número de simplórios e

afirmara que não tardariam a aterrar vários discos voadores para lhe servirem de unidades choque.

Ele nomeara-se «comissário da segurança social» e fornecia esses salvos-condutos a preços proibitivos. Além disso nomeara um presidente do conselho assim como vários altos funcionários do futuro Governo mundial.

A 24 de Outubro de 1958, registou-se em Waldshut, uma pequena cidade próxima da fronteira suíça, perto do lago de Constança, um caso muito estranho, a que estavam ligados um representante de máquinas de lavar, o padre Stocker, um capuchinho excomungado, e a irmã Stella, uma freira.

O trio era acusado de ter vendido lugares para uma... Arca de Noé!

Depois de terem pregado o fim do mundo para 1958, eles afirmaram que um pequeno número de privilegiados seriam salvos caso construíssem uma nova Arca. Aderiram cerca de cem pessoas a essa bizarra sociedade de salvamento, e entregaram somas em dinheiro que ultrapassaram os dez milhões de francos.

No dia D do Dilúvio, os societários teriam o direito de se refugiar a bordo, com algumas bagagens e até mesmo os seus animais domésticos.

Um médico entregou perto de um milhão e meio de francos, pois, dizia ele, «o fim do mundo parecia-lhe o fim racional da loucura dos homens». Ele não se enganava.

Todavia, não se tendo dado o fim do mundo, nem na data anunciada, nem nos meses seguintes, um dos adeptos, um professor, começou a ter dúvidas. Ele convenceu a irmã Stella a regressar ao seu convento e fazer penitência. Quanto a ele, voltou para a sua escola, mas não sem passar pelo Comissariado da Polícia, onde contou o caso e denunciou o padre Stocker e seus cúmplices.

Na Holanda, há alguns anos, um outro intrujão vendeu a Torre Eiffel em peças separadas!

Bem entendido, os Americanos fizeram melhor, chegando ao ponto de elaborar a lista dos melhores roubos do ano de 1959, fazendo notar, por outro lado, que se tinham dado nos Estados Unidos.

O primeiro prêmio foi para um fenômeno que se arrojou a furtar uma ponte de 20 toneladas, em Godding (Iowa).

Conseguiu mesmo fazê-la desaparecer no decurso de uma noite.

Um outro gatuno levava para sua casa todo o muro de tijolos que se encontrava na frente de uma casa de Del Mar (Califórnia). Finalmente, um terceiro roubou um poste telefônico, em Palm City.

Foram ainda citados: o ladrão que arrancou um anel de diamantes de 3000 dólares a uma automobilista que pôs a mão fora do carro para indicar que pretendia virar à esquerda, e outros que roubaram dez toneladas de carvão, passando por um túnel escavado por baixo de um terreno vedado, e ainda uma locomotiva, o seu tênder e oito vagões!

Seria um erro considerar o francês inferior neste domínio: em Bayeux, foram furtados, em 1960, um cilindro, um guindaste e um cilindro a vapor, que pesavam, respectivamente, 10, 20 e 40 toneladas.

Em Lille, a 6 de Fevereiro de 1962, roubaram a dois tripeiros um quilómetro e meio de morcela!

Os museus secretos

Todavia, é o roubo das obras de arte catalogadas, das obras-primas da pintura, que sintetiza o verdadeiro clima do nosso tempo.

É necessário ter a certeza do fim do mundo para roubar uma tela de mestre, no valor de dois milhões ou mais, visto que não existe sobre o globo qualquer negociante de quadros, qualquer gale-

ria que aceitasse comprá-la por 200 francos. As grandes obras de arte são de fato inscritas numa lista, classificadas, conhecidas, de Vladivostok a Joanesburgo, de Anchorage a Sydney, e não parece possível vendê-las impunemente.

Não podemos calcular, por exemplo, quem ousaria comprar *A Gioconda*, *A Vênus de Milo* ou *O Cavalo Branco*, de Gauguin. No entanto, existem amadores de obras de arte roubadas.

Em 1960, foram furtadas telas de mestres, entre as quais uma de Goya, no valor de 160.000 dólares, da National Gallery, de Nova Iorque.

Pensou-se na atitude isolada de um amador de arte, como foi o caso de *A Gioconda*, em 1911, e de *O Indiferente*, em 1939, mas, de súbito, a lista dos roubos prolonga-se: a célebre coleção da *Colombe d'Or*, no Sul da França; 26 telas, entre as quais dois Corot e um Cavaletto, em Come, em 1961; um Rembrandt, um Van Dyck, um Ticiano, em Palermo, em casa do barão Gabriel e Ortolani de Bordorano; o retrato do duque de Wellington, em Londres, no mesmo ano; dois Breughel (Jean) e um David Teniers, em casa do príncipe de Ligne, em Paris, no dia 1 de Janeiro de 1962; duas joias etruscas, no valor de meio bilhão de liras, no Museu Grosetto, de Roma, a 23 de Fevereiro de 1962; 27 telas de mestres — Chagai, Picasso, Toulouse-Lautrec, Renoir —, a 14 de Fevereiro de 1962, entre Nova Iorque e Santa Fé, no México.

O principal ladrão de quadros — teoricamente invendáveis — é, segundo a Scotland Yard, o americano Edward Henry Ashdown, procurado por todas as polícias do Mundo. Os compradores também são conhecidos, pelo menos alguns, mas esses são política e judicialmente intocáveis.

Sabe-se todavia que, persuadidos da iminência de um cataclismo terrestre durante o qual a humanidade seria destruída, eles organizaram museus secretos que são os únicos a poder desfrutar. Eles nada restituirão, nada legarão, serão liquidados junto dos seus tesouros.

Se o fim do mundo tardar, eles próprios destruirão as telas para evitar qualquer espécie de escândalo.

Esses contrabandistas não são vulgares malfeitores, mas amadores apaixonados, que não recuaram perante o roubo. Muitos deles residem nos países petrolíferos do Médio Oriente, outros nos Estados Unidos.

O jornal *La Presse*³, habitualmente bem informado, revelou a respeito dos museus secretos:

É dado como certo que existe nos Estados Unidos um certo número de galerias particulares, onde se encontra atualmente a maior parte dos quadros roubados nos museus durante a guerra.

Um escritor particularmente conhecedor do problema, Georges Rheims, funcionário encarregado da avaliação de objetos imobiliários, descreveu, num trabalho estranho e fascinante⁴, um museu secreto subterrâneo situado algures na Califórnia. Esse museu existe de fato: não é o único no gênero. Outros dissimulam-se em palácios inacessíveis, em redor do golfo Pérsico.

Georges Rheims talvez não tenha visitado o museu de que fala no seu livro, mas podemos ter a certeza de que a descrição não é completamente inventada.

A cabina desses monta-cargas, afundada numa camada de betão, podia ser fechada, em caso de incêndio ou de sismo, com o auxílio de placas de aço móveis, que se aferrolhavam automaticamente, permitindo isolá-la do resto do mundo. J. B. mandara construir e prepara esse retiro, em 1948, logo após os primeiros boatos a respeito de uma possível guerra atômica. As dificuldades materiais foram consideráveis, visto J. B. fazer questão de preservar completamente o aspecto exterior do castelo medieval. Para que este não fosse abalado nos seus alicerces, foi necessário assen-

³ Do dia 18 de Dezembro de 1961.

⁴ *La Main*, ed. Julliard.

tar a construção sobre uma imensa camada de cimento; a presença dos fossos e a aparição de veios de água complicaram o problema a um ponto inacreditável.

A primeira caverna, a 12 metros de profundidade, comportava uma série de divisões preparadas para acolher uma centena de pessoas, mas era no segundo abrigo, a 23 metros da superfície, que estavam amontados os objetos mais preciosos.

Esse refúgio subterrâneo compunha-se de quartos particulares, de dois dormitórios, de uma cozinha, de um gabinete de recepção e de emissão de rádio e televisão, de um bloco cirúrgico, de uma oficina, de um depósito para provisões e de uma série de salas, especialmente climatizadas para receber as obras de arte.

Quando terminaram os trabalhos, cada membro do pessoal recebeu uma nota explicativa, indicando de que maneira, em caso de alerta, devia dirigir-se de Nova Iorque para o castelo.

Mas era ao conjunto de taças e de joias de cristal de rocha e pedras preciosas que J. B. dedicava maior interesse. Nesse domínio, a sua coleção era quase tão importante como a do Louvre e a da Galeria dos Ofícios, de Florença. Começara a organizá-la em 1933, comprando por intermédio de antiquários alemães e suíços tudo o que havia disponível no mercado.

Esse tesouro, fruto de pilhagens e da guerra, era particularmente caro a J. B. Ele devia à diligência dos seus fornecedores o fato de se encontrar, não apenas de posse de objetos tirados aos maiores colecionadores europeus, mas igualmente de uma trintena de obras-primas que tinham desaparecido dos museus alemães, italianos ou russos durante a ocupação. Desta forma, possuía dois Velázquez, quatro Rembrandt, dois Franz Hals, seis Goyas, de tal forma conhecidos que era impossível mostrá-los sob pena de se expor aos piores aborrecimentos. Apesar de quase todas essas telas dormitarem protegidas por coberturas isolantes e de apenas as ter contemplado uma única vez, nem por instantes lhe ocorreu a ideia de as devolver. Só se preocupava com o que aconteceria após a sua morte. Em nenhum documento, a qualquer dos seus conselheiros mais íntimos, ele falara nos objetos malditos que acabava de reunir em Santa Paola.

Na época em que vivemos, pessoas noutra aspecto relativamente honestas são, portanto, contrabandistas sem remorsos e sem riscos — da mesma forma que outras pensam em sujeitar a humanidade a radiações perniciosas e em espalhar pela atmosfera polens da morte. O crime só é punido na medida em que não tem um caráter de exceção.

Matar um homem tem o castigo da pena de morte.

Matar dez homens conduz ao instituto psiquiátrico.

Matar dez milhões de homens ultrapassa os limites comuns e não justifica qualquer pena.

Não foram dez milhões, mas vinte e cinco milhões de homens, mulheres e crianças que matou o médico espanhol L., em 1917-1918-1919.

A Gripe Espanhola

A Gripe Espanhola, de sinistra memória, destruiu em dois anos cinco vezes mais vidas humanas do que a Primeira Guerra Mundial.

Disseram: era a peste, a cólera.

Pois bem, eis aqui a verdade até agora mantida em segredo, a respeito dessa misteriosa epidemia.

Em 1917, um espanhol, o doutor L., descobre no Peru a fórmula El Sapo (o sapo) pertencente à célebre farmacopeia inca — ainda desconhecida —, cujos seis medicamentos de base compõem

a fórmula Cascarilla, que passava por curar todas as doenças⁵.

A fórmula El Sapo é extremamente perigosa, pois provoca mutações devido a um grande catalisador, as diástases do sangue de sapo.

Embora prevenido do perigo, o doutor L., assim que regressou a Espanha, refugiou-se no laboratório da sua quinta andaluza, na província de Málaga, e começou a manter caldos de cultura que inoculou num porco.

Durante as experiências, uma cultura sofre mutações provocando uma camada virulenta que mata o animal.

Se o doutor L. tivesse incinerado o cadáver, é provável que houvessem sido poupadas milhões de vidas humanas. Criminosamente, o biólogo quis saber mais; autopsiou o porco e prosseguiu os seus estudos, sem se aperceber de que sua mulher e seu filho tinham adoecido e apresentavam os sintomas do mal que ele analisava.

A senhora L. e seu filho morreram, primeiras vítimas do flagelo que viria a ser batizado com o nome de Gripe Espanhola. Em breve a camada virulenta contagiou toda a aldeia, a seguir a província de Málaga, depois a Andaluzia, por fim a Espanha inteira.

Em 1918, a doença microbiana, que apresentava certas analogias com a cólera e a peste, espalhava-se pela Europa e por toda a Terra. Houve 3 milhões de mortos na Europa Ocidental, 15 milhões no Extremo Oriente, 25 milhões ao todo.

Eis como surgiu o terrível flagelo que provocou em pleno século XX os obscuros terrores dos nossos antepassados, quando grassava a peste.

O doutor L. não foi atingido na própria carne; apenas foi punido no coração, na sua descendência e nem sequer foi incriminado.

Para aqueles que preparam o programa da nova era, Era do Aquário, dizem os ocultistas, Era do Condor, afirmam os Americanos, os nossos tempos são os dos aprendizes de feiticeiro.

O segredo mais perigoso

Nos cadernos de iniciação, na *Magia Inca*, Garcia Beltran denuncia a ausência de espiritualidade da nossa civilização e os perigos da ciência moderna⁶.

O problema que ele evoca e o perigo que ele revela são de natureza a perturbar a nossa tranquilidade e provam que à margem dos poderosos laboratórios e das cidades atômicas onde se elaboram as bombas H ou N, talvez existam humildes oficinas onde qualquer pessoa pode fabricar uma arma susceptível de destruir o gênero humano.

Essa arma — chamar-lhe-emos a bomba My — não custaria bilhões de dólares nem de rublos, não necessitaria de qualquer cálculo ou erudição: qualquer analfabeto, sem um tostão na algibeira, poderia realizá-la em poucas semanas.

Também não seriam necessárias rampas de lançamento, nem foguetões, nem B-36 intercontinentais: um simples gesto, o suficiente para virar uma profeta, e o mundo estará destruído.

Um único perigo para o aprendiz de feiticeiro: a morte.

Um risco a correr: os escrúpulos de consciência.

Eis a perigosa narrativa do biólogo inca:

A cultura microbiana é mais fácil do que a dos coelhos, pois está ao alcance de todos.

O professor francês H., agregado da Faculdade de Medicina de Paris e ligado ao Centro de

⁵ De notar que o mais precioso de todos os medicamentos conhecidos: o quinino, originário do Peru, era um dos principais componentes da fórmula Cascarilla.

⁶ *Magia Inca*, G. Beltran, Editado na América do Sul.

Coleções de Tipos Microbianos, de Lausana (Suíça), expediu, a 9 de Janeiro de 1952, um frasco muito pequeno, contendo um centímetro cúbico de sangue, no qual gravitava uma cultura microbiana oriunda de uma fonte sul-americana.

O destinatário era o professor D., membro da Academia de Medicina e bacteriologista eminente.

O seguimento é bastante conhecido. O professor D. quer destruir «cientificamente» os coelhos que infestam a sua propriedade de Maillebois (Eure-et-Loire). Ele espalha em redor dos covis a cultura microbiana enviada por H. Como haveis adivinhado, trata-se do vírus da «My», mixomatose ou flagelo dos coelhos, que se propagou por toda a França e em seguida pelas outras nações europeias.

Então as fronteiras revelaram o seu carácter ilusório, pois não podiam deter a epidemia e não existe qualquer antídoto para o mal.

A mixomatose é um belo vírus, isolado, em 1898, pelo biólogo Sanarelli, de grande tamanho, visto que, graças aos corantes, podemos vê-lo com um microscópio vulgar, estudá-lo facilmente e até mesmo cultivá-lo.

Para o aprendiz de feiticeiro dos nossos tempos amorais não há necessidade de comprar esses belos animaizinhos-vírus. Apanhem no campo um coelho morto com mixomatose, arranquem o coração e o fígado; pisem num almofariz; filtrem para tirar qualquer resíduo de carne. O líquido castanho-avermelhado que daí resultará não estará isento de vírus.

Renovem muitas vezes a provisão alimentar de sangue de coelho e farão então um belo caldo de cultura.

Se um dia, em que o tempo esteja muito bom, espalharem essa cultura pelos campos, realizarão um ado de «honra civilizado» (sic).

Podem fazer melhor, deitando de tempos a tempos no caldo de cultura sangue de sapo, que provocará uma mutação.

Se, após a mutação, deitarem pouco a pouco sangue humano (mesmo vosso), alguns vírus, para não perecerem, aceitá-lo-ão e tornar-se-ão vírus humanos.

Então, se ainda estiverem vivos, verão que algumas gotas espalhadas num local público bastarão para renovar o «golpe» da mixomatose dos coelhos, mas aplicado a seres humanos os fabricantes de bombas A, H ou X teriam inveja de vocês!

Podem pensar: é um crime que merece castigo. Estão enganados! Enquanto a epidemia de mixomatose assolava a França, J. C., embaixador, entregava as insígnias de grande oficial da Legião de Honra ao professor que expedira a cultura. Quanto a D., a sua promoção não foi retardada por tão pouco.

Aqui temos a bomba My, preparada pela ciência moderna, mas oriunda da fórmula El Sapo da farmacopeia inca. Queira Deus que os humildes loucos da Terra conservem a parcela de lucidez e de sentido moral que ainda nos protege.

Se nos atacasse, a mixomatose El Sapo, uma das mais monstruosas, das mais repugnantes doenças que se possa imaginar (quem viu um coelho atingido por esse mal jamais o esquecerá), destruiria 99 por cento da humanidade, mas os 25 milhões de sobreviventes poderiam repovoar a Terra.

As bombas nucleares, particularmente as bombas experimentais, não matam ninguém imediatamente. Elas matam por destruição progressiva, salvo raras exceções, que deixariam os atingidos alterados, portanto impróprios para reproduzirem homens semelhantes aos que somos.

A mixomatose humana, solução do desespero e da demência, seria, assim, uma arma menor e talvez mesmo a arma de salvação das humanidades futuras. Um espírito perturbado poderia muito bem fazer este raciocínio.

Ora, é evidente que os responsáveis históricos pela propagação de radiações no globo, ávidos de representar um papel capital custe o que custar, não têm a lucidez de espírito necessária para analisar claramente a situação. Eles manobram demasiado com as bombas atômicas para nelas verem qualquer outra coisa exceto argumentos políticos.

Eles já não pedem ouvir o apelo dos biólogos, o grito de alarme lançado por Jean Rostand. Mas é possível que o corpo devastado, inchado, de um coelho morto pela mixomatose os reconduza às fronteiras da realidade.

É indispensável, não apenas alertar a opinião pública, mas a opinião dos condutores do jogo, cujo desespero se imagina caso saibam que todas as suas montanhas de mísseis, de foguetões, de rampas, de aeronaves, de satélites artificiais, que tudo isso pode ser destruído, até mesmo apagado da memória dos sobreviventes — caso os haja — devido a um pequeno couteiro analfabeto se ter divertido a entornar um frasco de caldo de cultura na sua casinhota florestal.

Perigoso, o segredo El Sapo? Sim, mas reconfortante em certa medida!

Um homem, um só — vós, ele, ou qualquer outro —, pode inverter todas as situações, destruir ou salvar o mundo...

E esse couteiro, é ele, o Anticristo, ou ele, o anjo exterminador? Sabe-se lá!

De momento, não passa de um pobre couteiro analfabeto com um coelho morto na sua bolsa de caça.

Mas irá ouvir a rádio — talvez tenha televisão — e escutará, verá os gigantes condutores pronunciarem encantamentos de magia negra: «Não hesitarei em ordenar o recomeço das experiências nucleares atmosféricas... nós fazemos os preparativos apropriados...»

— Mas eles estão loucos! — dirá o couteiro (pois é analfabeto mas tem bom senso). — Eles assassinam as nossas crianças...

E quem sabe se, subjugado pela encantação maléfica, o couteiro não irá buscar a sua bolsa de caça...?

Sim, quem sabe?

Pois bem, é necessário que os condutores do mundo retomem consciência, é necessário que eles tenham medo, que desçam do seu pedestal, façam parte dos homens solitários e ameaçados.

Resta contornar o receio burguês (ainda uma montanha).

— Sois assustadores, com as vossas histórias de radiações, de couteiros. Já Jean Rostand quase nos impediu de dormir... Fomos obrigados a tomar um soporífero... e agora continuam o jogo...!

O honesto cidadão tem necessidade de todo o seu sangue-frio para dosear convenientemente a água e o uísque, harmonizar o seu regime com a lagosta à americana, pensar nas pílulas contra o colesterol, no sal dietético e na tisana para o fígado...

E as suas palavras cruzadas, à noite, antes de adormecer? E o folhetim da televisão? E a mé-dia sobre a estrada no seu automóvel? E o seu brídege? E o seu confortável cadeirão, onde ele repousa a sua dignidade física, a sua intelectualidade moderada e as suas nádegas celulíticas?

— Sim, cavalheiro, o senhor é assustador com as suas radiações e o seu couteiro... Vá para o diabo, cavalheiro, eu o que quero acima de tudo é a minha tranquilidade!

Para tranquilizar o honesto cidadão, talvez seja aconselhável dizer que a despeito do arsenal de venenos mortais — arsênico, arseniatos, piralumnol, etc. — de que se servem os cultivadores do mundo inteiro, é raro que sejam perpetrados crimes contra as coletividades.

Acontece periodicamente que epidemias, relativamente benignas, classificadas como gripes infecciosas, Gripe Asiática, Gripe Siciliana, grassem nas grandes metrópoles: Paris, Londres, Nova Iorque. Temos boas razões para crer que algumas dessas epidemias são provocadas, não para destruir uma parte da humanidade, mas a título experimental. Precisamente, a experiência prova que

uma percentagem muito importante das populações escapa ao contágio, como se forças providenciais se opusessem ao crime total. Parece impossível contaminar ou destruir completamente a raça humana.

Foi esta a conclusão de uma conferência de peritos realizada em Pugwash, em Agosto de 1960: «Teoricamente, uma tonelada de toxinas botulínica (um dos mais poderosos contaminadores com bacilos) poderia exterminar os dois bilhões e meio de seres humanos. Praticamente, a mortalidade não ultrapassaria os 30 por cento.»

Dar-se-ia o mesmo com um vírus gripal, a brucelose, a cólera, a tularemia, o tifo.

A natureza tem horror ao desaparecimento das espécies.

Lúcifer em lugar de honra

Um fato curioso, que, todavia, parece anacrônico, é de notar: a proliferação das seitas religiosas.

Em Paris, no Bairro de Saint-Julien-le-Pauvre, cartomantes e espíritas chegam a persuadir clientes a fazerem um pacto com Lúcifer. E isto em pleno século XX.

A atualidade mundial também não é mesquinha em fatos desta espécie.

A 20 de Agosto de 1962, um «homem-crocodilo» africano, chamado Ellard, matou, pela quantia combinada de 63 francos, uma rapariga que se suspeitava fosse feiticeira.

Como o instigador do crime, que se chamava Odrick, só entregara sete francos, Ellard obrigou-o a comparecer perante o tribunal local, composto por chefes de tribos, que reconheceu o fundamento da queixa e condenou Odrick a entregar os 56 francos complementares. (*France-Soir*, 30 de Agosto).

Quando do tremor de terra e das inundações no Chile, em 1960, uma jovem foi sacrificada para acalmar a fúria dos deuses. Toda a imprensa se referiu ao caso.

— O que é certo — disse-nos um sul-americano, adido de embaixada —, é que não havia forma de deter o cataclismo. *Assim que a rapariga foi morta, parou imediatamente!*

Foi um adido de embaixada que fez esta reflexão!

Em Julho de 1962, dessa vez em França, a pequena Line B., de seis anos, filha de uma professora filiada da seita Espiritualidade Viva, estava gravemente enferma, atacada de mastoidite. Foi transportada uma primeira vez ao hospital de Besançon donde a mãe a retirou. A doente foi de novo levada por guardas e operada *in extremis*.

A mãe, segundo os princípios da sua seita, não queria que a filha fosse tratada com antibióticos «que matam os micróbios, criaturas de Deus».

Agosto de 1962: Frédéric J., de dois anos, morreu queimado, porque os pais não chamaram o médico.

— Eu acredito nos curandeiros — teima em repetir o pai.

— Eu só tenho confiança nos vegetarianos — diz a mãe. O bebê apenas foi tratado com um emplastro de argila. Os pais são filiados da seita Viver em Harmonia, do iluminista Raymond Dextreix.

Quase diariamente, esposas enganadas ou amantes vingativas vão pedir aos feiticeiros que «embruxem» o marido ou o amante infiel. Outros ingênuos pedem a morte de um inimigo. Outros, ainda, «retorno de afeto».

A credulidade desses indivíduos é tal que aceitam entrar em seitas sabendo que será dedicado um culto a Lúcifer. É assinado um contrato em perfeita forma cabalística com Lúcifer e muitas vezes mesmo com Satanás: assinatura com sangue e encantação. Em troca, o danado conta com êxitos no amor, ganhos ao jogo e na lotaria nacional, descoberta de um tesouro...

Nas seitas satânicas (Rua Popincourt — Ile Saint-Louis — Bairro de Auteuil), o culto é praticado segundo o rito com o acompanhamento tradicional de fornicações.

O velho diabo da Idade Média, que se supunha morto, volta a dançar a sua sarabanda. A 21 de Junho de 1962, quando nos Estados Unidos os Americanos lançavam um foguetão Antar e os Franceses preparavam a inauguração, na Bretanha, da primeira estação europeia de Mundovisão, alguns feiticeiros, de pé sobre a pedra de comando do Círculo Mágico de Meudon — a 5 quilômetros de Paris —, lançavam malefícios invocando Satanás e os demônios do inferno.

Era o solstício do Verão, propício à magia negra.

O SEGREDO FALSIFICADO

A arte luciferina dos espíritos e a outra, satânica, dos feiticeiros vêm-nos dos tempos longínquos em que os segredos mais importantes foram traídos pelos iniciados inferiores.

Incompreensíveis, esses segredos dissimulam ainda na sua expressão mais inepta uma parcela das verdades transcendentais que estavam ligadas à magia.

Fazer surgir a imagem da amada num espelho mágico, fazer ouvir uma voz de além-túmulo, efetuar uma materialização, não seria prefigurar, na Idade Média, os êxitos da ciência moderna, o cinema, a rádio, as criações corpusculares dos ciclotrões?

Todavia, nada parece ligar esses diferentes milagres no seu processo técnico: de um lado, forças psíquicas sempre desconhecidas; por outro, uma operação rigorosamente científica e explicável.

Os sábios não puseram a menor boa vontade em estudar a magia. Mas é preciso reconhecer que os mágicos forçaram o próprio talento, maculando a maior parte das suas experiências com fraudes grosseiras ou afastando-se deliberadamente da arte tradicional para abordar, por abuso de confiança, a fraude característica.

Como acreditar naquele médium de Arcachon que fazia aparecer um fantasma perante um homem que lhe apertava a mão ou lhe dava um abraço? Ou aquela feiticeira de Deux-Sèvres que fazia ferver água à distância com o poder do seu fluido? Como acreditar no radiestesista que pretende descobrir o tesouro, o anel perdido ou o refúgio de um prisioneiro em fuga?

Os poderes que eles invocam não são inadmissíveis; pelo contrário, eles são tradicionalmente autênticos, mas esses mágicos — médium, feiticeira, radiestesista — não os possuem; especulam com uma parcela de verdade mascarada desde há milênios.

Todavia, mesmo se já não é possível descobrir o vestígio dessa verdade, é indispensável partir do segredo falsificado para atingir a taumaturgia da ciência experimental.

O «*Picatrix*»

Foi a partir do século XI que começaram a proliferar os formulários de alquimia e de ciência infernal, nessa época fulgurante a que ridiculamente foi dada a medíocre denominação de Idade Média.

Em 1256, uma reunião de escritos mágicos traduzidos do árabe, o *Picatrix* — nome do seu autor — transformou-se na Bíblia de todos os feiticeiros.

Segundo um iniciado moderno, Gehem, o *Picatrix* é o trabalho mais completo que existe sobre a magia negra, mas as traduções que dele possuímos estão truncadas, pois paira uma maldição sobre aqueles que resolvem comentá-lo.

A sua magia é baseada numa combinação astral dos planetas e dos grupos de astros fixos, gerando forças infinitamente poderosas.

Gehem declarou-nos a esse respeito:

— O manuscrito autêntico contém segredos terríveis: como é possível destruir uma cidade com o Raio do Silêncio, como influenciar ou matar homens à distância ou fabricar máquinas voadoras. Os textos que li são sempre curtos, e é necessário um mestre para compreendê-los. Um dia, um dos meus amigos descobriu uma tradução, em Constantinopla, e o paxá deu-lhe autorização para a fotografar. O meu amigo tirou 20 *clichês*, que pretenderam comprar-lhe a preço de ouro. Com certas fórmulas poderiam fabricar-se armas de morte tão poderosas como as bombas atômicas, mas segundo uma ciência diferente da ciência moderna. Os Muçulmanos tradicionalistas são os únicos povos que conservaram os segredos científicos dos Atlantes.

A tradução do documento, guardada na Biblioteca do Arsenal, em Paris, parece todavia referir-se apenas a conhecimentos de magia negra, em estágio muito primitivo.

Eis aqui alguns segredos pouco conhecidos desse temível *Picatrix* que os nossos sábios, evidentemente, não seriam capazes de tomar a sério:

Para destruir casas, uma cidade e coisas semelhantes:

Elaborai uma imagem sob o ascendente da cidade, se o sabeis fazer, ou à hora do ascendente da interrogação. Colocai esse ascendente e o seu Senhor numa das casas da Lua que será dominante e juntai-lhe o Senhor da casa do Senhor ascendente com a décima residência e o seu Senhor, tudo isto na hora da interrogação. Em seguida enterrai essa imagem, se o podeis, no centro da cidade ou então sob o ascendente dessa interrogação.

Outra fórmula:

Para destruir uma cidade, fazei uma imagem sob a hora de Saturno quando os infortúnios estão sob o ascendente da cidade e que o Senhor do ascendente se encontra infortunado; fazei com que as fortunas sejam afastadas do ascendente e do seu Senhor, assim como a triplicidade do ascendente e da quarta, sétima e décima residências. Depois, enterrai essas imagens no centro da cidade e vereis maravilhas.

Para destruir um inimigo:

Fazei duas imagens, uma à hora do Sol Leão ascendente e a Lua caindo do ângulo do ascendente e outra na hora de Marte sob o Carneiro ascendente, Marte e a Lua caindo e fazendo essa imagem forma a semelhança de um homem que bate noutro; depois enterrai à hora de Marte quando a primeira face do Carneiro subir. Feito isto, podereis comandar os vossos inimigos e martirizá-los de todas as maneiras.

Que longínquo dado científico se dissimula, como uma recordação esquecida, na fórmula que outrora permitia obter uma «luz que brilha como prata, numa casa»?

É necessário pegar um lagarto preto ou verde, cortar-lhe a cauda, secá-la e então aí encontramos um líquido semelhante à prata viva.

Embebei nesse líquido uma mecha que se coloca num candeeiro de vidro ou de ferro.

Se acendermos o candeeiro, em breve a casa adquirirá um aspecto prateado e tudo o que houver no interior brilhará como prata.

Por fim, eis aqui *uma receita admirável para os homens que pretendem passar pelo fogo*

sem se ferirem, ou que então querem transportar fogo ou ferro em brasa na mão:

Suco de malva dupla, clara de ovo, sementes de salsa e cal. Misturai. Preparai com a clara de ovo misturada com seiva de pinheiro. Com essa composição, untai o vosso corpo ou a vossa mão e deixai secar. Repeti a unção e então podereis enfrentar a prova do fogo sem perigo.

Essa química antiga, em que o fogo representa sempre um papel primordial, preparava o aparecimento da alquimia, isto é, a preparação química do ouro por pouco dinheiro. Um velho tratado greco-egípcio intitulado *A Química de Moisés* apresenta um processo de fabricação dos mais simples:

Tirando da pedra magnética, 2 dracmas; do azul verdadeiro, 2 dracmas; da mirra, 8 dracmas; do alúmen exótico, 2 dracmas; tritura-se com o sol e um vinho excelente (sol = ouro; vinho = sulfureto colorido, sem dúvida). Os enxofres têm efeitos maravilhosos quando se trata de amolecer. Depois de ter feito uma mistura profunda, derrete-se o conjunto num forno de ourives, assopra-se e retira-se a liga obtida. Trata-se de ouro.

Experimentemos e se, por um acaso extraordinário, não obtivermos o mais fino ouro, o mais dourado, o mais resplandecente, se o resultado for por exemplo uma espécie de argamassa de pedreiro, resta-nos duvidar de que o nosso azul não é autêntico ou o nosso alúmen muito pouco exótico!

Três séculos e meio antes da nossa era, a ciência de Aristóteles parece-nos muito mais racional do que a alquimia. O filósofo, amigo de Alexandre, o Grande, esteve talvez muito perto da magia nas suas invenções pirogênicas, mas mantendo-se nos limites da ciência experimental¹, como o prova esta descrição:

Quando ele viajava com o rei por regiões tenebrosas, decidiu produzir num mês aquilo que o sol realizava num ano, como acontece na esfera de latão (sem dúvida o ovo filosófico).

A receita do fogo que ele inventou é a seguinte:

Pegai numa libra de cobre vermelho; estanho e chumbo, limalhas de ferro, meia libra de cada. Derretei em conjunto e fizeti com isso uma chapa larga e redonda em forma de astrolábio.

Untai-a com o combustível abaixo enumerado; secai durante dez dias e repeti a unção 12 vezes.

O combustível, uma vez aceso, arde durante um ano inteiro sem interrupção.

Se o untarmos mais de 13 vezes, durará mais de um ano.

Se a unção for realizada com uma ligadura qualquer e a deixardes secar, e depois lhe cair em cima uma faísca, a mistura arderá de forma contínua e não poderá ser extinta com água.

Combustível acima mencionado: pez e colofônia (ouro-pigmento) constituída por enxofre cor de açafraão, óleo de ovo e óleo de enxofre.

O enxofre deverá ser triturado sobre mármore. Feito isso, junta-se o óleo e depois reboco de argamassa de caiador em peso idêntico ao total da massa. Triturai e untai.

¹ *Histoire des Sciences*, de Marcellin Berthelot.

A explicação do sol artificial de Aristóteles, não é nem luminosa nem convincente, mas tem o mérito de nada ter a ver com a magia.

A ciência experimental moderna não tem que sentir qualquer espécie de inveja em relação ao *Picatrix* no que se refere aos poderes maléficos. Os nossos sábios, como os mágicos antigos, esforçam-se por inventar fórmulas para «destruir casas, uma cidade e outras coisas semelhantes». Com o Raio da Morte e os satélites ou nuvens de reflexão das ondas — sistema Telstar — sem dúvida em breve conseguiremos «destruir uma cidade quando o astro se encontrar no ascendente do Senhor». Sem dúvida mesmo, com as ondas paralisantes, teremos a possibilidade de «comandar os nossos inimigos e martirizá-los de todas as maneiras». O *Picatrix* é apenas o prólogo ainda desajeitado do livro da ciência mortífera de 1965 ou de 1970.

Os homens de Kueffstein

Os biólogos de hoje, imitando os feiticeiros de outrora, tentam provocar a mutação de certos seres vivos e atingem com esse fato os píncaros da magia negra, a teratologia, ou mais exatamente a criação de monstros.

Um teratólogo francês, o professor Wolf, faz monstros por encomenda, por meio de irradiação de embriões. Na Jugoslávia, o professor Martinovitch criou um frango vivo que tem enxertada uma cabeça de faisão.

Bem entendido, o pobre animal é louco. É alucinante vê-lo correr incessantemente até completo esgotamento.

As mutações científicas fazem-se por irradiação ou enxerto, mas outrora as mutações e transmutações tinham um caráter simultaneamente científico (alquimia, química) e parapsicológico (oração, encantação).

Algumas narrativas de cronistas relatam crenças, superstições e curiosas experiências mágicas que teriam provocado a criação de pequenos homens artificiais².

A geração espontânea admitida por Avicenas, no século XI, e por sábios notórios, não há muito tempo atrás, era de fato uma eclosão natural. Durante dois mil anos, os homens acreditaram que as abelhas nasciam da carne em putrefacção e os tratados de magia árabe elaboraram sobre esses dados uma espantosa coleção de fábulas em que figuram animais:

Podemos fazer com que um vegetal se transforme em animal e que um animal produza um outro animal. Como, por exemplo, os cabelos.

Quando os cabelos humanos apodrecem, após um certo tempo, forma-se uma serpente viva.

Da mesma forma, a carne de boi transforma-se em abelhas e em vespões (alusões à fábula de Aristeu inventada por Virgílio).

O ovo transforma-se em dragão, o corvo provoca moscas.

Inúmeras coisas, ao apodrecerem e alterarem-se, provocam espécies animais. Da podridão das plantas nascem certos animais. Quanto ao basilisco, ao apodrecer, provoca escorpiões venenosos.

Da mesma forma, um grande número de plantas, ao apodrecerem e ao alterarem-se, produzem animais³.

² A mandrágora poderia transformar-se em homúnculo por virtude de práticas mágicas. Não possuímos qualquer descrição comprovada a esse respeito. O androide de Alberto, o Grande, que São Tomás de Aquino quebrou a golpes de cajado pelo fato de não poder rivalizar com ele em dialética, pertence à pura lenda.

³ *Traité d'Alchimie Arabe et Syriaque.*

Aqui está, pensamos, um exemplo claro do erro da ciência antiga, pois está formalmente demonstrado que a geração espontânea não existe.

É uma verdade de base da biologia. Todavia, se estudarmos esse tratado mágico sob o ângulo das mutações e das relações de causa e efeito, o erro não mais nos parecerá absoluto. Não está provado que as decomposições não possam favorecer ou determinar mutações.

Em 1773⁴, o grande senhor austríaco conde Jean-Ferdinand de Kueffstein, franco-mação, rosa-cruz e necromante, tem como intendente Joseph Kammerer, seu auxiliar nos trabalhos de alquimia, irmão leigo e depois venerável na franco-maçonaria, e redator de uma espécie de *Jornal íntimo*, que foi publicado em Maio de 1890.

Kueffstein conhece, na Calábria, o padre Geloni, com o qual, no laboratório de alquimia de um convento de carmelitas, onde trabalham durante cinco semanas, fabricam espíritos ou homúnculos: um cavaleiro, um monge, um arquiteto, um mineiro, um serafim, uma freira, um espírito azul e um espírito vermelho, que são metidos em recipientes de vidro cheios de água pura, fechados hermeticamente com bexigas de bois.

Em seguida são enterrados no esterco de mula regado com um licor preparado no laboratório com «ingredientes repugnantes». O padre afirma que para fabricar ouro, semelhantes matérias são indispensáveis. Geloni e Kueffstein rezam de três em três dias sobre o esterco e perfumam-no com incenso. Ao fim de quatro semanas os espíritos desenvolveram-se: os homens têm barbas, as unhas cresceram. Cobrem-nos com os seus atributos, coroas, cetros, armas, etc.

Kueffstein abandona Geloni e fixa-se em Viena, onde exhibe os seus espíritos. O diplomata Max de Lambert apelida-os de sapos horríveis. Um outro, François-Joseph de Tun, partidário de Mesmer, fica entusiasmado. As sessões realizam-se entre as onze horas da noite e a uma da madrugada na casa principesca de Anesberg. Kammerer transporta os recipientes. Os espíritos dão conselhos e fazem prognósticos.

Em 1781, Kueffstein, a quem perguntam o que foi feito dos seus «espíritos tão divertidos», responde «que se desfez há muito deles e nunca mais quer saber desses seres infernais».

Tratar-se-ia de espíritos elementares, como os gnomos? De verdadeiros homúnculos anfíbios ou de hábeis falsificações?

Entre as proezas atribuídas por Kammerer a Geloni, citam-se ainda estas anedotas: tendo o padre gritado três vezes, uma ave de rapina que planava no céu veio pousar a seus pés como um cão. Outro dia, tendo feito Kueffstein entrar para a parte interna de um círculo traçado no chão, fez surgir uma enorme serpente. Finalmente, Geloni transformou em ouro uma colher de estanho, esfregando-a com uma tinta e salpicando-a com um pó encarnado.

O que poderemos extrair desta sombria história?

O barão Du Potet, ocultista fervoroso, estabelecera vitoriosamente — escrevem — a existência dessa luz universal na qual os crisiacos distinguem todas as imagens e todos os reflexos do pensamento. «Ele provoca poderosas projeções dessa luz por meio de um aparelho absorvente a que chama Espelho Mágico.»

Trata-se muito simplesmente de um círculo ou um quadrado coberto de carvão reduzido a pó fino e peneirado. Nesse espaço negativo, a luz projetada pelo crisiaco e pelo magnetizador reunidos tingem-se rapidamente e realiza todas as formas correspondentes às suas impressões nervosas (?).

Nesse espelho verdadeiramente mágico, aparecem à pessoa submetida ao sonambulismo todos os sonhos do ópio ou do haxixe, uns alegres, outros lúgubres.

Esses crisiacos de que fala Du Potet, esses médiuns, esses histéricos, parecem dotados de estranhos poderes e evadem-se das dimensões que regem o universo das pessoas equilibradas. Essas dimensões paralelas, onde eles evoluem, talvez um dia estejam ao alcance de cada um de nós. Entre Gagarine e a Madame de Thèbes apenas existe uma diferença na técnica de exploração.

⁴ *Bulletin de l'A.I.*, Março de 1949: no século XVII, um grande senhor austríaco fabricou seres vivos numa estrumeira bendita.

Bem entendido, as conexões estabelecidas entre a magia negra e a ciência satânica incluem igualmente a reprovação que dedicamos a todas as formas de perversão. Os sábios e os feiticeiros podem ser condenados à mesma pena outrora aplicada na Praça de Grève, a fogueira.

Mas se o feiticeiro sempre foi condenado pela sociedade, em contrapartida o sábio, sobretudo nos nossos dias, goza não apenas da impunidade, mas também da consideração geral.

Alguns deles, no entanto, Einstein, Joliot-Curie, Szilard, Rostand, fizeram a sua *mea culpa* na praça pública.

Esse arrependimento foi também o caso, no ano de 1600, de Nicolas Rerny, juiz em Lorraine, que, depois de ter condenado e mandado matar mais de 800 feiticeiros, ele próprio se denunciou como tal e foi queimado em Nancy.

Tratava-se provavelmente de uma psicose contagiosa. Poucos mágicos negros tiveram esses escrúpulos e a maior parte, pelo contrário, obstinava-se no seu erro. Jérôme Cardan, que predissera o dia da sua morte, suicidou-se para não permitir que a astrologia errasse; Schroeppfer, necromante de Leipzig, deu um tiro nos miolos, em 1774, para «ir ver o que se passava no além»; o famoso barão Du Potet, perturbado devido às suas experiências, escrevia, em 1875:

Felizes daqueles que morrem de uma morte rápida, de uma morte que a Igreja reprova...

Os relógios de longa vida

A meio caminho entre a lenda e a ciência fantástica, uma história contada pelo escritor Jacques Yonnet⁵ compromete o mistério do tempo e da magia:

Em Paris, na Rua dos Grands-Degrés, num recanto de um prédio, existe uma barraca de relojoeiro onde dificilmente caberiam três pessoas.

Um letreiro indica a categoria social do artífice: Cyril M., mestre relojoeiro.

Para dizer a verdade, só muito raramente mestre Cyril M. trabalha no seu estabelecimento, levando a crer que uma eventual clientela não o preocupa por aí além.

No entanto, segundo os arquivos guardados na Biblioteca do Arsenal, desde o século XIV que sempre existiu uma relojoaria naquele local.

Cyril M. é um homem estranho, de cerca de quarenta anos, e a sua ocupação é das mais insólitas: fabrica relógios cujos ponteiros giram ao contrário, quer dizer, da direita para a esquerda, sobre um mostrador onde o número das horas é, todavia, normal.

Para os iniciados, o artífice tem uma alcunha; chamam-lhe «o Relojoeiro do Tempo ao Contrário».

Perdeu-se muito tempo em suposições sobre o interesse que poderiam ter relógios ou despertadores cujos ponteiros indicam 9 horas quando são 15 horas. Jacques Yonnet, após um paciente inquérito, resolveu o enigma: mestre Cyril M. fabrica relógios que rejuvenescem os seus clientes.

Já há 600 anos, eram vendidos relógios mágicos, no mesmo local, por um mestre relojoeiro de nome Biber, que negociava em ouro, pois não é difícil arranjar comprador para uma máquina de juventude que percorre o tempo ao contrário, arrastando o seu proprietário para uma maravilhosa aventura.

No entanto, um dia, encontraram-se fortuitamente cerca de uma dúzia de clientes em casa de mestre Biber e intimaram-no a deter a marcha ao contrário do tempo que os seus relógios indicavam.

— Nada posso fazer — disse o comerciante. — Se esses relógios pararem marcarão então a

⁵ *Enchantements sur Paris*. Ed. Denoël.

hora iniludível da vossa morte. E por que se queixam? Por exemplo, o senhor Olivier, tinha oitenta anos quando me procurou, o senhor também, mestre Gontault, e todos estavam velhos e a caminho da decrepitude. Há tanto tempo que isso aconteceu que já todos deviam estar há muito mortos se os meus relógios não os tivessem transportado novamente aos tempos do amor.

— Claro — disse o senhor Olivier —, concordamos com isso, mas em breve seremos adolescentes e o nosso destino arrasta-nos para uma morte cuja data exata sabemos. Não poderia pôr estas malditas máquinas em marcha regular, a fim de que caminhássemos calmamente para uma morte perfeitamente natural?

— Impossível! Estes relógios são feitos de um metal a que foi profundamente ligado o vosso sangue, a vossa carne e foram batizados com os vossos nomes. Têm um destino que é o vosso e nada lhes posso alterar!

Eles protestaram, e um, então, replicou:

— Pagamos-lhe muito caro, mestre Biber, para adquirir os seus relógios, tão caro que o senhor nos deve toda a assistência. O senhor tinha quarenta anos na época da compra, e isso foi há bem sessenta anos. Ora o senhor continua com quarenta anos, ao passo que nós rejuvenescemos a ponto de em breve morrermos. Tem portanto um segredo para deter o tempo e nós queremos aproveitá-lo.

— Têm razão—respondeu o relojoeiro — mas infelizmente não me é possível dar-lhes assistência apesar de toda a minha boa vontade. O meu relógio tem a particularidade de fazer girar os ponteiros tanto no sentido do passado como no sentido do futuro, de tal forma que o tempo para mim não avança. Foi a obra-prima do meu mestre, um veneziano, mas ele não me legou o seu segredo e a minha ciência vai apenas até àquilo que fabrico. Mesmo que me matassem, eu não poderia fazer mais!

Os velhos adolescentes retiraram-se pesarosos, mas pouco tempo depois, tendo-se reunido uma noite, introduziram-se em casa do relojoeiro para lhe roubar o seu relógio mágico, cada um com a esperança de se apoderar dele. Encontraram-no de fato e disputaram-no de tal forma que a máquina maravilhosa caiu no lajedo, quebrando-se. Ora, ele era o relógio-mãe de todos os seus relógios, e quando parou, os maquinismos de todos os outros detiveram-se e os velhos adolescentes caíram mortos. No dia seguinte os archeiros do rei encontraram dez cadáveres na loja do relojoeiro e, como nenhum tinha qualquer ferida visível, julgaram-nos mortos por efeito maléfico — o que era verdade — e enterraram-nos em terra putrefata sem os fazer passar pela igreja nem tocar os sinos de misericórdia.

Eis o que a crônica revela e encontra um estranho prolongamento através dos séculos, visto que na Rua dos Grands- -Degrès sempre houve uma oficina de relojoaria, que ainda existe, e o seu proprietário passa por ter a mesma habilidade que o seu longínquo predecessor.

Mestre Cyril M. tem 40 anos, a idade de Biber (que era um sobrenome de Cagliostro), e faz parte do conselho dos «Antigos da Maub»⁶ do qual *cada membro tem mais de 80 anos de vida*, o que é muito estranho!

Mais estranho ainda: mestre Cyril M. conta por vezes vários acontecimentos da sua vida que se deram numa época em que, em princípio, ele não era nascido. Alistou-se duas vezes na Legião Estrangeira, o que é bastante cômodo para mudar de identidade.

No século XVI, essa quimera encontrava crédito, a ponto de os pintores fazerem retratos mágicos, misturando à tinta, exatamente como na bruxaria, fragmentos de unhas, cabelos, um pouco da carne e do sangue do modelo. Em seguida o retrato era batizado, bento e transformava-se no duplo vivo do seu proprietário, ao qual nada podia acontecer de mal enquanto a tela fosse conservada. Portanto o retrato era fechado num sítio seguro.

Um dia, sobre a Pont-Neuf, em Paris, viram um homem de categoria rasgar os seus vestuá-

⁶ Trata-se de uma sociedade oculta reunindo doze pessoas da Praça Maubert.

rios e atirá-los ao chão gritando: «Fogo! Fogo! Estou a arder!» As testemunhas da cena não viam, todavia, a menor chama e julgaram que o homem estava doido. Este último, que parecia sofrer um martírio atroz, continuava a gritar. Acabou por se atirar ao rio, donde foi retirado morto.

Veio a saber-se depois que esse homem tinha em casa um retrato mágico, que o fogo lhe destruíra a casa e que certamente ele sentira os efeitos das queimaduras no próprio instante em que o retrato era consumido.

O Laser e os fantasmas

Uma das grandes quimeras dos mágicos foi o desejo de materializarem os seus sonhos.

Sobre este ponto as suas pretensões nunca ultrapassaram o estágio nebuloso da aparição fantasmal, translúcida, de peso sem importância e de consciência nula.

A ciência nuclear deu um grande passo a caminho das materializações ao produzir corpúsculos sólidos a partir de uma energia que se admite imponderável. A descoberta do Laser poderá, por acaso, deixar supor que está próxima a criação de fantasmas sólidos e com peso?

O Laser é um rubi mágico que, ao receber um *flash* luminoso de fraca intensidade, o restitui milhões de vezes mais poderoso. Esta particularidade encontrou um prolongamento que os ocultistas estudam minuciosamente.

Em suma, trata-se de roubar uma imagem a uma pessoa viva e com ela fazer um fantasma consciente.

Na hipótese da luz com peso, as suas partículas, os *photons*, teriam uma massa infinitesimal, mas real. A imagem — luz de um ser vivo — poderia portanto ser avaliada em zero gramas seguido de numerosos zeros e de um algarismo.

Os *photons* dessa imagem, embora de massa ínfima, são multiplicados bilhões de vezes pelo Laser, tanto assim que de início eles poderiam teoricamente pesar vários gramas, ou mesmo vários quilos.

Sempre nessa hipótese aventureira, o problema para os ocultistas é o de projetar em Laser uma imagem humana e fazê-la sobressair bilhões de vezes mais densa, mais luminosa, portanto mais pesada, quer dizer materializar a imagem do ser vivo que serve para a experiência.

Consegui-lo-ão? Poderíamos ter dúvidas se a ciência não tivesse já dado soluções a problemas insolúveis: as luzes Sandoz tornam um homem invisível; os homens podem falar entre si e ouvir-se a milhares de quilômetros de distância; acabarão por atingir outros planetas.

Não é, portanto, totalmente absurdo pensar que dentro de alguns anos serão realizadas materializações humanas. Mas de que natureza seriam os seres luminosos dessa forma criados? Emile Drouet, que estuda o fenômeno no quadro da viagem no tempo, crê que o fantasma oriundo do Laser teria um peso aproximativo de 3 quilogramas e uma espessura praticamente nula. A sua consistência seria análoga à da borracha e a sua intensidade calorimétrica vizinha de 100.000; quer dizer que o gracioso fantasma derreteria qualquer objeto encontrando-se num raio de pelo menos 10 metros.

No entanto, Drouet é de opinião de que a experiência pode ser realizada com a luz fria. Um inconveniente importante é que o fantasma tem uma duração de vida teoricamente nula, mas apesar de tudo de alguns segundos devido à sua densidade que refreia a sua diluição na atmosfera.

Outro enigma: esses fantasmas com peso terão uma alma, uma inteligência, uma vida? Ou serão apenas imagens mortas? E não será a experiência perigosa para a pessoa à qual de certa maneira foi roubado o seu duplo?

Drouet, em grande segredo, prossegue as suas experiências empíricas.

Misteriosos poderes

Um espiritualista iluminado que fez estremecer o racionalismo clássico foi Mirin Dajo, em 1948.

Mirin Dajo tinha uma tal fé nas forças superiores que o habitavam que trespassava o próprio peito e ventre com longas espadas ocas, através das quais — para eliminar qualquer ideia de subterfúgio — passava uma corrente de água.

Ele exibia-se nos palcos de *music-hall* na Suíça e os médicos apenas descobriram razões pouco satisfatórias para explicar a invulnerabilidade do faquir, pois não só as suas feridas não infectavam como saravam num dia ou dois.

Completamente embriagado pelo êxito, Mirin Dajo engoliu um alfinete de 35 centímetros e afirmou que ele se «desmaterializaria» no seu estômago. A experiência não resultou, os médicos tiveram de operá-lo, e dez dias mais tarde Mirin Dajo morria das feridas internas provocadas pelo alfinete no tubo digestivo... ou em resultado da operação.

Em Paris, no ano de 1958, um faquir hindu cortava a língua todas as noites no palco de um teatro e depois tornavam a colar-lha.

Marcelin Berthelot fala de um sacerdote persa do culto de Zoroastro que, em 241, na época de Sapor, mandou derramar sobre o corpo 18 libras de cobre em fusão, a título de milagre.

A verdade é que Scaliger — um dos grandes eruditos da Renascença — afirma que a mão esfregada com suco mercurial e de beldroega pode tocar impunemente o chumbo derretido.

O célebre físico Thomas Edison, nos *Anais das Ciências Psíquicas*, conta a forma como o seu ceticismo foi perturbado por uma experiência realizada em 1915. A fim de experimentar as faculdades de um homem que lia os pensamentos, chamado Bert Reese, mandou sentar o mágico numa sala, afastou-se e escreveu sobre uma folha de papel:

«Existe alguma coisa superior ao hidróxido de níquel, numa bateria elétrica alcalina?»

Quando entrou na sala, Reese disse-lhe:

— Nada é superior ao hidróxido de níquel numa bateria elétrica alcalina.

Edison afastou qualquer possibilidade de coincidência ou de fraude e até ao fim da sua vida não encontrou uma explicação para o fato.

Uma outra experiência, que deixou perplexos alguns sábios italianos, foi publicada num relatório, em 1934, sob o título de *Fenômeno de Pirano*.

Uma mulher, Anna Morano, em tratamento de uma afecção asmática no Hospital de Pirano, dormia calmamente sob a vigilância dos professores Fabio Vitali, G. Trabacchi e Sante de Sanctus. De súbito, um clarão azul, estranho e vacilante, iluminou o peito da adormecida. Os médicos inclinaram-se e verificaram que a luz não provocava a menor sombra.

Eles preparavam há muito essa experiência; a mulher e a cama, foram examinados e o quarto todo remexido.

Essa luz fora vista em primeiro lugar por assistentes do hospital e, incrédulos, os médicos sorriram. No entanto, foram obrigados a render-se à evidência. O fenômeno repetiu-se várias vezes sem que fosse possível fotografá-lo⁷.

Durante a guerra de 1939-1945, o romancista católico De Wohl dedicava-se à vidência por incumbência do Ministério da Guerra britânico, enquanto o astrólogo Hanussen interrogava o céu em benefício de Adolf Hitler. Os meios católicos condenam e negam, pela voz do semanário do Vaticano *Osservatore della Domenica*, a autenticidade da astrologia e dos horóscopos de jornais. Essa astrologia, apesar de tudo, goza dos favores do grande público: ele não acredita nos horóscopos, mas lê-os. Essa atitude era outrora o caso de Madame Du Deffand, que dizia a respeito dos fantas-

⁷ *Magies Quotidiennes*, R. Dewitt-Muller, Plon.

mas: «Não acredito nisso, mas tenho medo deles!» Balzac, a propósito da fotografia que Niepce e Daguerre acabavam de inventar, exclamou: «Sendo o corpo constituído por vários espectros, um dos espectros pode separar-se aquando da impressão fotográfica e o corpo fica despojado de um dos seus elementos essenciais. Mais vale não nos fazermos fotografar...» Depois desta frase, Balzac correu à Casa Daguerre a fim de posar para a posteridade.

No misterioso desconhecido, de que a vidência — poder psíquico por excelência — é o cavalo de batalha, existe um muro de defesa que jamais foi transposto: o do segredo da transmutação.

Transformar o vil metal em ouro foi uma das grandes preocupações de todos os tempos, e os alquimistas, primos-irmãos dos videntes e dos astrólogos, pretenderam ter descoberto a famosa pedra filosofal e o não menos célebre pó de projeção. Essas maravilhosas descobertas deviam pertencer aos físicos da ciência experimental.

O SEGREDO DO OURO

Terão os alquimistas antigos sabido fabricar ouro? As provas dadas estão sempre sujeitas a caução, as explicações resultam do empirismo mais primário e assemelham-se às pseudo-explicações que os radiestesistas dão da sua «ciência».

O próprio princípio da alquimia de transmutação não pode fazer parte do ocultismo superior, que repudia toda a ciência utilitária. Marcellin Berthelot acha que a esperança quimérica de fazer ouro nasceu das práticas dos ourives. Os supostos processos de transmutação que estiveram em curso durante toda a Idade Média, na sua origem não passavam de receitas para preparar ligas grosseiras, quer dizer, para imitar e falsificar os metais preciosos.

Devido a uma deformação quase irresistível, os ourives que se dedicavam a essas práticas não tardaram a imaginar que era possível passar da imitação do ouro à sua formação efetiva, sobretudo com o concurso das potências sobrenaturais.

Como a química se aparentava à magia infernal, que é a sua resultante, a transmutação dos metais em ouro não foi estudada pelos habitantes de Tiahuanaco e pelos pré-incas, para quem o ouro existia em abundância. Os sacerdotes egípcios do Templo de Mênfis, segundo Demócrito, passavam por conhecer o segredo da fabricação alquímica do ouro, que o mestre Ostanes ensinava aos iniciados. As Pirâmides eram cobertas por uma liga de prata — talvez o auricalco atlanta — atestando que de fato o Egito era a Terra de Chim (Chamchimis).

Foi apenas quando certos conhecimentos iniciáticos caíram na feitiçaria que a alquimia de transmutação se desenvolveu.

O Livro da Realeza

É incontestável que os alquimistas foram satânicos e que, perante a inanidade das suas pesquisas, eles tentaram pactos com o diabo, o que, aliás, parece não lhes ter trazido vantagens. Que alguns grandes iniciados, outrora e nos nossos dias, tenham sabido ou saibam ainda fabricar ouro, por transmutação ou qualquer outro processo, nada tem de inacreditável. Todavia, para esses iniciados, a operação alquímica não constitui um fim em si.

O *Livre de la Royauté*, atribuído a Géber, pretende colocar a Grande Obra ao alcance dos reis¹.

*Em nome de Deus, clemente e misericordioso*². No presente trabalho indiquei duas categorias de operações.

A primeira, de execução rápida e fácil, pois os príncipes não gostam das operações complicadas... Este processo deve ser mantido secreto, sem ser revelado nem aos vossos íntimos, nem à

¹ Os alquimistas, ou supostos como tal, mantinham relações com príncipes e reis e, se fabricaram de boa vontade ouro para os grandes da Terra, jamais pensaram em fazer com que os pobres se aproveitassem do fato, o que, aliás, seria mais lógico da parte de iniciados. Apenas isto prova o caráter satânico da alquimia de transmutação.

² Eis uma curiosa forma de honrar Deus!

vossa esposa, nem ao vosso filho.

Se divulgássemos esta obra, diziam os Antigos, o mundo ficaria corrompido, pois o ouro seria obtido como hoje se fabrica o vidro.

Depois vem a definição da pedra filosofal:

Sabei, caro irmão, que é necessário misturar água, tinta e óleo, de forma a formar um todo homogêneo; depois, que o líquido fermente se solidifique e torne semelhante a um grão de coral; desta maneira, a água dá um produto fusível como a cera e que penetra subitamente todos os corpos: é o iman.

Geber toma o cuidado de nos prevenir que o processo deve ser mantido secreto. Para os alquimistas era um rito o ato de prestar juramento de jamais revelarem os arcanos:

Juro-te, meu digno iniciado, pela bem-aventurada e venerável Trindade, que nada revelei dos mistérios da ciência que por ela me foram transmitidos, no mais secreto da minha alma: todas as coisas de que tenho conhecimento da divindade relativamente à arte, depusitei-as sem reservas nos meus escritos, desenvolvendo o pensamento dos Antigos de acordo com as minhas próprias reflexões...

Diz-se que Platão, Aristóteles, João, o Presbítero, Demócrito, Cleópatra e Heráclito fabricaram, de fato, ouro de transmutação, e Alberto, o Grande, teria possuído a pedra filosofal. Mas a tradição, a este respeito, aproxima-se muito da lenda.

O grande médico Jean-Baptiste van Helmond, que descobriu, por volta de 1600, o suco gástrico, testemunhou a autenticidade da pedra filosofal ao escrever:

Toquei algumas vezes com as minhas próprias mãos nessa pedra que fazia ouro; vi com os meus olhos como de fato ela transmutava o mercúrio comercial e de que maneira, lançando um pouco de pó sobre mil vezes mais de mercúrio, o transformava em ouro,

Era um pó pesado, cor de açafão, brilhante como o vidro moído não muito fino (um grão igual a um vinte avos do grama, mais ou menos). Enrolei esse pó num pouco de lacre para que não se perdesse. Atirei a pequenina bola sobre uma libra de mercúrio que acabara de comprar e aqueci o conjunto.

Em breve o metal entrou em fusão fazendo um pequeno ruído, depois formou uma bola, mas estava ainda tão quente que o chumbo derretido ainda não teria endurecido.

Aumentando a intensidade do fogo, ficou mais uma vez líquido. Quando o escorri, vi que obtivera o mais puro ouro, com o peso de oito onças (cerca de 247 gramas).

Uma parte de pó transmutara, portanto, 19.186 partes de um metal impuro, fugitivo, decompondo-se ao lume em ouro puro.

Todas as crônicas estão de acordo a respeito de que alguns grãos do pó (semente de ouro) bastam para transmutar uma enorme quantidade de metal vil. Esse poder de transmutação desenvolvia-se tanto à massa como à natureza e de forma extremamente simples, quer dizer, sem libertação das prodigiosas forças atômicas que acompanham as transmutações modernas.

As fórmulas antigas falavam, portanto, com conhecimento de causa do aumento da matéria

alquímica com a semente de ouro, o que afasta qualquer processo de química clássica³.

É verdade que a química e a física se aproximam cada vez mais do supranormal e até do normal desconhecido que perturba as teorias mais firmes.

Segundo Bestiaux-Defrance⁴ é falsamente atribuído ao calor a faculdade de fundir os metais. A experiência de Reese prova que apenas o movimento desassocia as partículas que, pela sua coesão, formam um corpo e que o calor não é uma causa, mas apenas um efeito secundário.

O calor e o frio

A experiência é realizada como se segue: aquele que realiza a experiência faz girar um disco de aço de fraca espessura a uma velocidade periférica (velocidade tangencial de 7700 metros por minuto). Os metais que se aproximam do disco liso em movimento são rapidamente cortados sem que efetivamente haja contato.

O entalhe feito no metal é mais largo do que a espessura do disco. Durante a operação, o metal cortado, que pode ser aço muito rijo, derrete sobre uma certa espessura e as gotas resplandecentes de metal fundido *são frias*, pois caem ainda moles na mão sem provocar queimaduras e sobre um papel branco sem o sujar.

Elas não são oxidadas, visto que não foram queimadas. Eis, portanto, luz e fusão provocadas pelo movimento sem emissão de calor.

Reencontramos aqui a demonstração desse fogo que os alquimistas classificavam de natural, do qual diziam «que não queima as mãos e que é provocado pelo fogo elementar».

Bernard de Savignies⁵ traduziu do latim um texto hermético do século XVII, que descrevia a transmutação de chumbo em prata:

Um amigo mostrou-me (é o barão Urbiger que fala) e colocou-me na mão uma medalha de prata cuja história é a seguinte: no mês de Agosto de 1693, um príncipe sereníssimo ainda deste mundo (Frederico I, duque de Saxe) recebeu de uma personagem itinerante e perfeitamente desconhecida, uma carta contendo 32 grãos (1,696 gramas) de um remédio filosófico mais do que perfeito, na verdade apenas branco (transmutando só em prata), que oferecia a aparência de um sal muito fino, extremamente sutil e cintilante, semelhante à neve.

O príncipe sereníssimo atirou essa massa de 32 grãos, envolvida em cera, sobre uma libra e meia de chumbo vulgar purificado e pôs em fusão, e depois de a manter uma hora e mais em franca fusão, vazou-a e retirou dessa libra e meia de chumbo 37 lotons (555 gramas) de prata extremamente pura, suportando todas as experiências e mesmo mais estável do que a lua natural.

O duque sereníssimo e eu próprio, que assistíamos à operação, admiramos vivamente aquele milagre e para comemorar perpetuamente essa lua (prata) artificial e pura fizemos sete graciosas medalhas, cada uma com o peso de 5 lotons (cerca de 75 gramas), contendo as inscrições e emblemas... destinados a celebrar a profunda e incomparável sabedoria do príncipe.

O ouro potável

Um alquimista do nosso tempo, Armand Barbault, acaba de descobrir, autenticado por peritos químicos, o segredo demoradamente procurado no decorrer dos séculos: o do «ouro potável».

Armand Barbault, sob o pseudônimo de Rumélius, instalou o seu atanor em Mézilles (Yonne), donde nos escreveu pormenorizadamente sobre as suas pesquisas:

³ Ou prova muito simplesmente a impossibilidade das transmutações químicas.

⁴ *Fusion et Lumière Froides, Initiation et Science*, n.º 52, Omnium Littéraire.

⁵ *Les Aphorismes d'Urbiger, Initiation et Science*, n.º 52.

Após 12 anos de trabalho, após ter reunido as matérias-primas necessárias, elaborei uma turfa chamada Turfa dos Filósofos, que, pouco a pouco, se transformou num «fermento», o qual veio a ser dissolvente do ouro.

Desta forma, consegui dissolver ouro em pó num banho de orvalho, graças a esse dissolvente, e o licor obtido é uma base (não um ácido) e representa aquilo a que os filósofos chamam a medicina de primeira ordem, esse ouro vegetal bem conhecido de Paracelso, que tem a propriedade de curar as doenças de sangue com vírus e de reconstituir as células.

Fiz oito medicamentos diferentes; quer dizer que as minhas tinturas de ouro vão de um a sete; depois há o número 10.

Partindo de um pH de 12 na base⁶, o pH diminui até se tornar neutro no número 10, ao passo que as colorações de ouro são cada vez mais fortes...

Claro, a única forma de fazer qualquer coisa seria entrar em contato com um laboratório alemão, e atualmente, desde Dezembro último, é o Walla Heilmittel, de Estugarda, dirigido pelo doutor Rudolph H., que distribui aos médicos os licores a fim de se proceder às experiências. A última carta recebida da Alemanha no mês passado diz-me que essas experiências são positivas...

Trata-se de ouro potável, de ouro vegetal, visto que o dissolvente é feito com seivas e vegetais, ao passo que o licor de base é orvalho...

Não! Ainda não fiz o elixir da longa vida, pois a medicina de primeira ordem é extraída do sangue do Leão Verde e o seu poder de regeneração é bastante lento, ao passo que a medicina de segunda ordem, aquela a que os alquimistas chamam o elixir de longa vida e dá o poder de regeneração celular, é rápida, é oriunda do sangue do Leão Vermelho e ainda lá não cheguei...

Queimei recentemente todas as notas acumuladas desde há 12 anos; existem alguns bons livros sobre alquimia, mas os maus são em maior número, e se eu não tivesse teimado em os ler, teria descoberto isto quatro anos antes⁷.

Aqui está, honestamente expresso, o atual estado da alquimia. Que nós o saibamos, ninguém foi tão longe como Armand Barbault ao encontro dos Leões, guardas tutelares da caverna onde brilha o cofrezinho dos tesouros⁸.

Ninguém, exceto os sábios de Kaspoutini-Iar, de Peenemunde, de Saclay e de Berkeley.

Paul Chanson, mestre de conferências da Escola Politécnica, disse um dia: «O laboratório do físico é o antro onde dentro em breve será fabricado o ouro de transmutação.» Todavia, os alquimistas — cada vez mais raros — não querem abandonar o seu velho sonho e obstinam-se na perseguição da quimera. Eles continuarão a obstinar-se no dia muito próximo em que os laboratórios de pesquisa científica deixarem escorrer dos seus fornos termonucleares rios de metal dourado.

Os atanores dos feiticeiros modernos, como se sabe, já podem fabricar esse ouro, e não apenas o ouro, mas diamantes, esmeraldas, berilos, águas-marinhas.

A bomba criou diamantes

A 13 de Setembro de 1957, essas transmutações foram realizadas por uma bomba. A que os Americanos fizeram explodir num subterrâneo da serra Nevada. A bomba fora colocada numa gruta escavada na extremidade de um corredor em zigue-zague, com o comprimento de 600 metros, ter-

⁶ pH = fórmula que exprime a acidez real de uma solução pelo número da concentração de iões ácidos.

⁷ Carta de Armand Barbault, Mézilles, 22 de Junho de 1961.

⁸ O grande alquimista Eugène Canselier, diz-se, conseguiu a criação do ovo filosofal e Jollivet-Castelot (Prêmio Michelet) fabricou ouro alquímico.

minando a 250 metros de profundidade sob o monte Rainier, que domina com os seus 2000 metros o deserto do Nevada.

Todos os sismógrafos do Mundo tinham registrado a explosão. E as coisas ficaram por ali, pois segundo os cálculos estabelecidos pelos sábios o acesso à gruta só deveria ser possível dentro de cem anos, devido ao calor absorvido pelos rochedos.

Todavia, sondagens efetuadas por aparelhos especiais indicaram que os técnicos tinham amplamente exagerado essa margem de segurança. E iniciou-se o desaterro do corredor de acesso.

Em 1961, três especialistas, James E. Olsen, diretor do Laboratório Atômico de Livermor, William Gangas, que dirigia os trabalhos de perfuração, e Curtis Klinger, chefe do serviço de segurança, puderam penetrar na gruta. Tinham-na construído em pleno rochedo, em forma de esfera, com 40 metros de diâmetro, mas a explosão transformara-a numa cavidade com a largura de 50 metros e a altura de 10.

O calor era de cerca de 50 graus. Mas o que mais impressionou os três homens foi o espetáculo oferecido pelas paredes.

Sob o duplo efeito da enorme pressão e do calor provocados pela explosão, as rochas siliciosas tinham-se coberto de cristais provenientes da sua fusão, cristais que tinham sido reduzidos a fragmentos pelo rebentar de rochedos em pequenos bocados. Entre esses cristais encontravam-se rubis e diamantes.

Como medida de prudência e devido ao calor, os três homens não puderam prolongar as suas observações e sabe-se ainda pouca coisa sobre a quantidade e a qualidade dessas pedrarias. Mas um fato é certo: a bomba atômica reproduziu artificialmente as condições físico-químicas que, há dois ou mil milhões de anos, presidiram à formação natural das pedras que hoje brilham nas montras dos ourives.

Foi necessária uma pressão e um calor consideráveis. Essa pressão e esse calor, o homem é atualmente seu mestre. E já não está longe o tempo em que, graças à energia nuclear, se poderá fabricar à vontade imensas quantidades de pedras preciosas.

O homem mais rico do Mundo

No entanto, na era dos atanores agonizantes e dos fornos atômicos vencedores, a magia propõe ainda atraentes enigmas. Algumas palavras a pronunciar (Abracadabra — Sator — Arepo — Arm — Starn — Gram) e eis montões de ouro!

Mohamed Saad H. é — diz-se — um dos vinte grandes milionários do Mundo, porque possui uma florzinha murcha, outrora amarela, colhida numa noite de Maio, sobre um local muito alto do globo. Os habitantes de Adana, que, por insigne honra, são admitidos a penetrar num certo gabinete atapetado, desde os plintos ao teto, de dólares, libras, luíses e piastras de ouro, estão absolutamente persuadidos de que o dono da casa, o riquíssimo Mohamed Saad H., se transformou no deus do ouro desde que as suas mãos acariciaram a misteriosa Baahra.

Há cerca de vinte anos, os H. eram pessoas pobres, mesmo muito pobres: o pai, humilde arrieiro, efetuava transportes de mercadorias através dos vales do Antilíbano.

Por acaso, a sorte apresentou-se, disfarçada, numa aventura onde tudo, a princípio, parecia banal.

O arrieiro, na montanha, com risco da própria vida, retirou de um precipício um chefe das misteriosas tribos que vivem solitárias nos confins dos montes Ansarieh. O ferido, um xeque, fez questão em manifestar-lhe a sua gratidão e marcou-lhe encontro, no mesmo local, quando da primeira lua do mês de Maio.

— Far-te-ei um presente real — disse.

Para dizer a verdade, o arrieiro não deu grande crédito a essa promessa e aguardou sem gran-

de impaciência a data fixada. Todavia, não faltou ao encontro.

A Lua cheia surgia quando ele chegou ao local onde o xeque o esperava e puseram-se a caminho numa direção que intrigou o arriero.

— Para onde me levas tu? — perguntou ele.

— Levo-te para onde cresce a flor do ouro. Tu próprio a apanharás e depois disso podes viver sem preocupações por muito pouco que faças o comércio do ouro, pois o ouro irá ter contigo como a água de Nahr-el-Kebir vai ter com a roda do moinho.

O arriero não ousou pôr em dúvida a palavra do homem que lhe devia um favor, mas lamentou amargamente ter ido à entrevista, pois a caminhada era longa e a noite fresca.

Finalmente, chegaram ao flanco rugoso dos montes, a oeste de Oronte, e os dois homens puseram-se a investigar o solo, caminhando contra a luz lunar, à procura de uma florzinha que lançava faíscas de um amarelo dourado. Encontraram-na; o tamanho era pouco maior do que o de um malmequer, com quatro pétalas achatadas cor de palha e um coração pilífero que irradiava como o ouro em fusão.

— Ela pertence-te — disse o xeque —, mas é preciso colhê-la imediatamente, pois só brilha por intermitências e desaparece com o dia. Guarda-a preciosamente, pois trata-se da Baahra.

Segundo um rito preciso, o arriero desenterrou a bizarra flor, agradeceu ao xeque e voltou novamente ao vale para contar a sua aventura à mulher e ao filho.

Depois, esqueceu o caso e voltou ao seu ofício.

Dizer que a flor-talismã impressionou Mohamed Saad quando a herdou de seu pai seria pelo menos temerário. No entanto, ele abandonou a montanha e foi instalar-se na cidade com o objetivo bem definido de iniciar um comércio em que o ouro entrasse. Desde esse dia, o êxito foi extraordinário, inacreditável. O ouro escorregava à sua volta, entrava-lhe no cofre, multiplicava-se.

A sua temeridade fê-lo empregar fundos em negócios que deveriam tê-lo arruinado. Devido a milagrosas reviravoltas, tudo correu em seu benefício. Emprestou ouro a pessoas suspeitas e falidas, investiu somas consideráveis em empreendimentos que não tinham qualquer probabilidade de alcançar bom êxito. Os falidos devolveram o dinheiro, os outros negócios prosperaram.

Mohamed Saad H. é hoje um dos vinte homens mais ricos do Mundo. Em qualquer parte, dentro de um cofre, a flor de Baahra consome-se lentamente.

Os cofres-fortes secretos na Suíça

A lenda do ouro não está apenas ligada à magia.

O cofre-forte do Mundo é a Suíça, onde está armazenado ouro em quantidade dez vezes maior do que na América, no Fort Knox, e em Paris, no Banco de França.

Todos os Governos, todos os ricos industriais, comerciantes, até mesmo prelados, depositam na nação neutra um tesouro que julgam em segurança.

O controle dessa montanha de ouro escapa em parte aos Suíços, pois alguns magnates do mundo dos negócios são proprietários de vários grandes bancos. Fora dos depósitos legais, existem depósitos secretos.

É lógico — e é certo — que, por exemplo, políticos tais como Baptista, Rafael Trujillo, Fidel Castro, Mossadegh e até Nasser, o ditador egípcio, passando pelos potentados e magnates de África e do Médio Oriente, tenham — ou tinham — depositadas na Suíça somas consideráveis. Em caso de reviravoltas políticas, que facilmente podem ocorrer, sabem que podem contar com o depósito de Genebra ou Lausana.

Mas esses depósitos foram efetuados em condições especiais. É evidente de fato que um magnate do petróleo, para dar um exemplo — emir, xeque ou chefe de Governo —, pode ser depos-

to em poucas horas. Terá de fugir o mais depressa possível e talvez sem ter tido tempo para se munir de papéis de identidade.

Por outro lado, um depósito regular no banco — embora a Suíça assegure o segredo mais absoluto a respeito do depósito e do depositante — em nome do emir X ou do presidente Z, pede arriscar-se, no futuro, a sofrer um embargo, um sequestro de bens por parte de um Governo.

Torna-se portanto necessário que esse depósito não seja nominativo.

Um potentado do Próximo Oriente, o emir de K., descobriu uma solução ao tornar-se o diretor de um dos principais bancos de Genebra. Outros utilizam um curioso sistema. Fazem depositar os seus fundos — vários milhares de milhões — por um procurador. Durante uma viagem à Suíça, combinam um código com o banco: o dinheiro só pode ser levantado por quem possua o *mot de passe* ou um código combinado, por exemplo: X — 75 — FH — 4885, que é parcialmente guardado em quatro sobrescritos selados. O primeiro contém o primeiro sinal do código, X; o segundo, 75; o terceiro, FH; o último, 4885.

Em princípio, é o suficiente para afastar qualquer tentativa de fraude⁹, pois o depositário não indica o nome nem a direção.

Um único risco, que acontece com frequência: se o depositário morre, o tesouro fica sem proprietário. Calcula-se que pelo menos cerca de 800 bilhões em suspenso nos bancos jamais serão reclamados.

A partir de 1940, os bancos suíços de Berna, de Zurique e de Genebra foram obrigados a quadruplicar a superfície das suas cavernas. Paralelamente, alguns magnates e principalmente os grandes industriais do petróleo do Médio Oriente compraram vivendas em território suíço e mandaram construir abrigos antiatômicos que estão repletos de lingotes de ouro e fechados a cimento, de tal forma que a Suíça se transformou num gigantesco cofre-forte ou, se preferirmos, num parque com tesouros enterrados.

Diz-se — mas qualquer controle é naturalmente impossível — que o principal cliente desses bancos é, por meio de intermediários, o Governo da U.R.S.S.

Há apenas cinquenta anos, o alquimista podia abusar dos espíritos crédulos e dizer-se fabricante de ouro.

A partir de 1958¹⁰, desde que a transmutação atômica pôde criar o ouro artificial, os últimos alquimistas, sem ilusões a respeito dos resultados, deixam extinguir os seus atanores.

No Congresso do Simbolismo de 1916, em Paris, esses alquimistas, vindos de todo o mundo, tiveram uma conferência secreta e decepcionante. Resolvem abandonar.

Último herdeiro do segredo de Cleópatra, de Alberto, o Grande, de Van Helmond e de Nicolas Flamel, Armand Balbault luta com o seu forno de carvão de madeira contra os fornos nucleares dos físicos, nos quais temperaturas infernais ultrapassam um milhão de graus centígrados. É o último ato da lenda do ouro.

⁹ Jamais um vidente ou um radiestesista conseguiu adivinhar um código, o que valia uma fortuna.

¹⁰ Foram os Americanos os primeiros a transmutar o mercúrio em ouro, em 1919. Tratava-se de experiências de laboratórios, não rentáveis.

O MISTERIOSO DESCONHECIDO

Os sábios nucleares venceram os empíricos no domínio da fabricação do ouro.

Derrota da magia negra oculta provocada pela magia negra racionalista... do atamor pelo forno nuclear, do fogo pelo fogo naquilo que ele tem de devorador, mas não de sutil.

Mas os enigmas persistem.

O sábio que detecta a composição dos raios cósmicos provenientes de estrelas situadas a milhões de anos-luz, que penetra o segredo do átomo, descobre o antiprotão, é ainda incapaz de dar a menor explicação a respeito dos *poltergeists* (fantasmas com manifestações).

No princípio do século XIX, um caso controlado¹ tornou perplexas as autoridades de Bridgetown, nos Barbados (Pequenas Antilhas): as urnas, que eram cuidadosamente colocadas numa caverna do cemitério, serem encontradas derrubadas. O fato foi verificado por duas vezes no ano de 1812.

A caverna cimentada foi fechada com uma pesada laje que exigiu os esforços conjugados de seis homens para ser colocada. A despeito dessa disposição, tornaram a encontrar ainda mais duas vezes, por ocasião de enterros, algumas urnas deslocadas dentro da caverna considerada inviolável.

O governador da ilha, lorde Combermer, para pôr fim àquilo que considerava uma absurda superstição, assistiu pessoalmente à abertura do sepulcro, aquando do enterro de Thomazina Clarke.

De novo, a caverna foi inspecionada, as paredes sondadas. Repetiram cuidadosamente a colocação das urnas.

O solo, no interior e no exterior do monumento, foi coberto com areia fina, onde, eventualmente, poderiam encontrar-se vestígios ou pegadas. A laje, depois de colocada, foi selada com chumbo.

A guarda do local, de que ninguém devia aproximar-se sob pena de multa, foi confiada a um funcionário da polícia de Bridgetown.

Um ano depois, a 18 de Junho de 1820, a experiência chegou ao fim: o serviço de guarda nada notara de anormal, a areia não fora pisada no exterior e o chumbo estava intacto.

Lorde Combermer quis ser o primeiro a examinar se o interior da caverna estava em ordem. As urnas, retiradas dos seus lugares, tinham mesmo sido colocadas umas sobre as outras. No entanto, a areia estava virgem de pegadas, e como não havia qualquer possibilidade de existir um subterrâneo secreto, o governador foi obrigado a reconhecer que era impossível a menor explicação racional².

É idêntico o estado de espírito dos sábios, impotentes para esclarecer este mistério: uma pedra lançada do exterior de uma casa por um *poltergeist*, atravessa uma parede de granito e cai no in-

¹ Robert Gould, *Oddities*.

² Esta experiência, que não parece maculada de qualquer feitiçaria, não deverá ser comparada ao truque do «enterrado vivo» da Índia: o faquir, encerrado num jazigo durante um ano, com cevada espalhada pelo túmulo e as sentinelas à volta, escapa-se através de um subterrâneo para regressar ao túmulo no momento necessário!

terior de uma sala fechada, *ainda quente da operação que acaba de sofrer* (desintegração e reintegração sucessivas mais ou menos instantâneas?).

Os mesmos sábios, capazes de provocarem «forças de impacto» de várias megatoneladas, ficam espantados perante as forças, *sempre desconhecidas*, que erguem uma mesa redonda com vinte quilos tocada pela ponta dos dedos de um médium.

E jamais foram capazes de explicar por que motivo os mais afamados atletas, em 1920, rapagões que levantavam e aguentavam 150 quilogramas de peso por cima da cabeça, ficavam sem forças para erguer do chão os 49 quilogramas do pugilista peso-pluma canadiano Johnny Coulon. Nem Ernest Cadine, nem Yves, o Padeiro, que levantaram halteres de 250 quilogramas, conseguiram vencer o pouco peso de Coulon quando o canadiano o não queria.

Não havia truque, mas sim um fenômeno misterioso que colocou em posição crítica os professores Richet, Sébilleau, Langlois e Carnus, da Faculdade de Medicina de Paris.

Perante essa assembleia de sábios, Coulon, completamente nu e colocado sobre uma placa isolante de vidro, era erguido como uma pena quando não tocava naquele que o segurava, mas era completamente impossível erguê-lo caso tocasse na artéria radial ou na carótida de quem pretendia levantá-lo.

Ora, Coulon não bloqueava a circulação sanguínea nos vasos, pois foi verificado que ele efetuava uma pressão mínima; por outro lado, um dinamômetro provou que as possibilidades energéticas daqueles que executavam o levantamento continuavam intactas enquanto durava o fenômeno.

É evidente que o rádio é uma descoberta magnífica, mas continuamos a nada saber do emissor humano e os comprimentos de ondas simpáticas e antipáticas — essas espécies de radares — jamais foram calculados. O cérebro humano é mais desconhecido do que a floresta brasileira e, pelo menos, tanto como o universo cósmico, e tem possibilidades sem dúvida fenomenais.

No frontão do Templo de Delfos, no apogeu da civilização dos Helenos, de quem somos os herdeiros, estavam escritas as palavras *gnôthi seauton* (conhece-te a ti mesmo). Ora, nesse domínio, que está mais perto de nós do que Marte, Vênus e as galáxias, que progressos fizemos nós? O homem mantém-se um desconhecido para o homem.

Onde assenta a memória? Por que motivo dez não é divisível por três? De que natureza é esse misterioso desconhecido que por vezes intervém nas mais sábias experiências?

Os conselheiros coxos

Garcia Beltran, que estudou fenômenos genéticos insólitos, desenvolve da seguinte forma as suas observações referindo-se a certos papas:

Muitas vezes os papas têm um braço paralisado e os seus confessores um membro inferior inválido.

Pertenceriam estes últimos à misteriosa linhagem do coxo (Cojo) Santo Inácio de Loiola, que, na sua juventude, fazia criação de tentilhões e lhes furava os olhos para que cantassem melhor?

Santo Inácio é o criador da ordem dos Jesuítas, confessores inamovíveis do papa; os super-papas, na realidade...

Garcilaso de la Vega dizia: «A alma que viveu um tempo (corpo-vida) reconhece-se sempre na transmigração ou reencarnação animal ou humana por um sinal: quer seja um sinal no rosto, quer uma mancha no corpo, quer uma enfermidade ou paralisia do mesmo membro.»

Será verdade? Existirá uma origem misteriosa da alma?

O Sumo Pontífice Pio XII tinha um braço quase paralisado; Hitler também; Napoleão man-

tinha sempre o seu braço doente ao peito; Guilherme II tinha um braço atrofiado, assim como Stalin³.

Seria um acaso? Coincidências exageradas ou genética especial oculta?

Talvez devido à intervenção de uma diástase dirigente.

Os Jesuítas sabem muito a respeito deste mistério e é por esse motivo que todos os confesores dos papas são escolhidos entre aqueles que coxeiam como o diabo.

Pondo de parte uma incontestável animosidade contra a religião católica, a teoria de uma genética oculta da alma, proposta por Garcia Beltran, levanta um importante problema.

Essa genética é fundamental na ciência transcendente dos budistas, visto que quando morre o Tashi Lama, do Tibete, os sacerdotes procuram cuidadosamente um bebê que tenha nascido no exato momento dessa morte e que apresente cinco sinais biológicos bastante característicos...

Um desses sinais é uma cor carmesim à volta do coração.

Buda tinha as marcas rituais.

O transporte de sinais físicos e a imigração da alma, quer dizer, a reencarnação, não é admitida pela ciência experimental, assim como o não é pelas religiões cristãs e muçulmanas; isto prova até que ponto aparentemente o ocultismo choca e se opõe às formas convencionais.

Lei universal ou caso de espécie, é evidentemente difícil, senão impossível, apresentar um princípio de prova da realidade da reencarnação, que no entanto é um conceito essencial do budismo.

Um caso recente acaba de despertar o interesse do mundo sábio, mas deu-se na Índia, o que não o favorece, sobretudo após o fim do mundo do dia 5 de Fevereiro de 1962, que foi confirmado pelos sacerdotes budistas.

Nem os sábios hindus nem os homens políticos (entre os quais Nehru) ousaram protestar contra a ridícula predição, quer pelo fato de esses sábios e esses políticos nela terem acreditado (o que é pouco provável), quer mais provavelmente por não terem querido levantar-se contra a superstição dos monges e a ignorância de um povo que conta 90 % de analfabetos.

Há sempre um direito de suspeita legítima em relação a qualquer informação que venha da Índia, visto não poder ser exercido um controle sério.

Shanti Devi

Eis os fatos tal como se tornaram conhecidos em França:

Em 1953, professores das Universidades de Bénares e de Luckmar tiveram de pronunciar-se a respeito de um caso característico de reencarnação.

Uma garota hindu chamada Shanti Devi, nascida em Deli, em 1943, apresentou desde a mais tenra infância faculdades intelectuais extraordinárias e a recordação muito nítida de uma vida anterior. Assim que pôde falar, Shanti Devi disse que era a reencarnação da falecida esposa de um homem chamado Lugdit.

Tamanha segurança acabou por impressionar os meios religiosos, que procuraram por toda a Índia o suposto marido da garota. Graças à colaboração dos serviços de estado civil, descobriram em Muttra um comerciante viúvo com o nome de Lugdit, de 54 anos de idade.

O inquérito provou que o comerciante e os pais de Shanti Devi jamais se tinham encontrado e ignoravam até àquele dia as suas recíprocas existências. Levaram a pequena a Muttra e submeteram-na a experiências muito precisas. Ela identificou imediatamente o seu «marido» num grupo de homens, da mesma forma que Joana d'Arc reconheceu o rei Carlos VII, em Chinon.

³Nesta ordem de observações, pode assinalar-se que todos os presidentes dos Estados Unidos são marcados pelo sinal indiano.

Ela deambulou pela aldeia, indicando antes de lá chegar as praças, ruas, becos e casas típicas, incluindo, bem entendido, aquela em que habitara na sua vida anterior.

Reconheceu igualmente os amigos de seu «marido» e este último pediu-lhe que desse pormenores íntimos, que só ele conhecia, da sua defunta esposa. Shanti Devi recordou esses pormenores e o senhor Lugdi declarou-se completamente satisfeito⁴.

— Ela é de fato a reencarnação da minha esposa morta — declarou ele.

Foi decidido que dali para o futuro a garota partilharia a vida entre o seu «marido» e os seus pais. Estes fatos extraordinários foram confirmados pelos professores universitários encarregados do inquérito.

O quente capote dos deuses

Um outro mistério oriental que, de momento, tanto escapa ao controle como à explicação, é o do *gtum-mo*.

Segundo o professor Filliozat, do Colégio de França, há iogas que vivem nus nas neves dos Himalaias tal como os macacos, os cães e todas as espécies de animais da criação.

O *gtum-mo*, ou «suave e quente capote dos deuses», pertence aos ritos de iniciação dos alunos-lamas tibetanos e é praticado a grande altitude, nos Himalaias, desde o nascer ao pôr do Sol durante os exercícios de preparação.

Os alunos apresentam-se completamente nus ou cobertos com um simples pano de algodão e ficam em êxtase segundo o seu grau de iniciação, quer sobre o solo ou uma torrente de água gelada, quer sobre um tapete ou uma tábua. Devem estar em jejum e não podem beber durante o tempo da experiência qualquer bebida quente, seja qual for o rigor da temperatura, que pode atingir vários graus abaixo de zero.

Para o aluno, a experiência consiste em compreender a perda de calor resultante da nudez por meio da criação interna do *gtum-mo*, quer dizer, pela produção de um número de calorías resultantes de uma misteriosa ação psíquica.

Os alunos-lamas e os iniciados lutam contra o frio, mas produzem *além disso* um calor suficiente para enxugar as toalhas molhadas que colocam em cima deles. É o estado mais elevado de iniciação, que é praticado à noite, desde o pôr ao nascer do Sol.

Os iogas, completamente nus, sentam-se no chão na posição do leão. Os sacerdotes mergulham as toalhas na água gelada de uma torrente, retiram-nas rígidas pelo gelo e pousam-nas sobre os ombros dos homens em meditação.

As toalhas devem degelar, secar completamente e a experiência é recomeçada, até ao nascer do dia.

É fácil imaginar que quantidades prodigiosas de calor desenvolvem os iogas assim treinados. Alguns chegam a secar 40 toalhas numa noite⁵, o que parece excessivamente exagerado.

Esses homens possuem faculdades surpreendentes de que não fazemos ideia e que talvez pudessem ser utilizadas pelos serviços astronáuticos, que exigem cosmonautas com qualidades sobre-humanas de resistência ao frio, ao calor, à aceleração e à gravidade.

Essa hipertermia dos lamas é obtida artificialmente pelos cosmonautas americanos, sob as irradiações que os tornam insensíveis a certos efeitos físicos. O milagre e o fenómeno coincidem exactamente.

⁴É preciso notar que Shanti Devi estava na época da puberdade (10 anos na Índia correspondem a 13 anos em França) e que, na maior parte dos fenómenos paranormais, casas assombradas, aparições, visões, etc., as heroínas são garotas de 13 anos, atormentadas pelo amor.

⁵ *Le Livre des Merveilles*, Gustave Büscher, Denôel.

O ser humano é um maravilhoso complexo psíquico, com possibilidades insuspeitadas.

Os monges do monte Athos, dizem, não necessitam nem de televisão nem de rádio para falarem com correspondentes muito afastados e para os ver. Janet Hitchman, na Inglaterra, passa muito bem sem telescópio para distinguir satélites afastados vários milhões de quilômetros.

O caso de Janet Hitchman, no entanto, nada tem de mágico, embora os sábios não saibam explicar os seus poderes.

A olho nu, essa mulher vê os satélites de Júpiter, distantes 628 milhões de quilômetros; a uma milha (1609 metros) ela distingue a expressão do rosto de sua filhinha; e a 3 metros lê caracteres microscópicos.

A estigmatizada de Insbruck

Mais abaixo no mistério situa-se o problema dos estigmas.

Qual será o processo por que os estigmas — em geral as cinco chagas do corpo de Jesus Cristo — aparecem num ser humano?

A autenticidade dos estigmas é inegável. Foi dada uma demonstração do fato pelo magnetizador dinamarquês Paul Thorsen, que fez aparecer nos pés e nas mãos de uma doente do Hospital de Insbruck (Áustria), e perante o corpo médico do estabelecimento, as chagas da crucificação.

A experiência estava intimamente ligada à magia, como iremos verificar. Ela durou mais de uma semana sob controle oficial e os membros da doente estavam engessados, para evitar qualquer possível fraude.

As testemunhas eram, entre outras, o professor Hubert J. Urban, diretor da clínica, o doutor Meyer, que estenografou a experiência, a doutora Harrar, o padre Amann, capelão do hospital, numerosas enfermeiras, irmãs enfermeiras e vários jovens médicos.

— Está doente — disse Paul Thorsen, o hipnotizador — era uma mulher de cerca de quarenta anos que teve de ajustar contas com a polícia em circunstâncias bastante especiais: ela fazia parte de um grupo de contrabandistas que utilizavam os dons de vidência para evitar as armadilhas dos empregados da alfândega.

No hospital era tratada ao seu estado mental e também a uma fratura do artelho esquerdo. Além disso, estava possessa pelo espírito mau de um dos seus antigos acólitos e amante, um certo Joe, que se suicidara alguns meses antes e lhe ordenava que se lhe fosse juntar além-túmulo.

Nessa altura a mulher entrava em convulsões e defendia-se dizendo que não podia libertar-se da promessa feita aos seus cúmplices.

Era verdade: ela prometera aos outros contrabandistas que se lhes juntaria logo que estivesse curada e, como prova, mostrava ao espírito de Joe um amuleto que tinha pendurado ao pescoço e que continha um pacto escrito com o seu próprio sangue.

Eu nunca me vira metido num assunto de bruxaria semelhante àquele.

Este caso curioso e verídico, visto que é fácil verificar junto da direção hospitalar de Insbruck, intrigava os médicos e preocupava-os igualmente, pois era certo que, logo que saísse, a mulher regressaria aos seus erros passados ou acabaria por suicidar-se.

Como salvar a sua alma quando o corpo estivesse curado?

Propus ao professor Urban tentar a cura por meio de hipnose e sugestão.

O meu plano era persuadir a doente de que as forças divinas a libertavam do seu juramento e lhe forneceriam a prova fazendo aparecer nas suas mãos e nos seus pés os estigmas da crucificação.

— Se julga obter bons resultados — disse-me o médico-chefe — faça a experiência! Sob a condição, no entanto, de que o capelão não faça objeções.

A doente era cristã, mas não católica, e não encontrei obstáculos por parte do capelão

Amann.

O sacerdote exorcista Fisher, de Insbruke, que se interessava pela experiência, chegou ao ponto de me oferecer, para me ajudar na minha tarefa, um frasco de água benta. A mulher, devo dizê-lo, concordava em ser hipnotizada, o que não era difícil, pois era um médium extraordinário.

A fim de que a experiência não fosse acusada de irregularidades, quer pela minha parte, quer pela parte da doente, foi decidido engessar-lhe o pé direito e a mão direita.

O pé esquerdo já tinha gesso, visto sofrer de uma fratura.

Deixamos a mão esquerda livre a fim de vigiar nesse membro a aparição dos sinais anunciados e ficou assente, além disso, que o pé esquerdo ferido não estaria em causa.

A 29 de Outubro de 1951, da parte da tarde, adormeci a mulher e comecei a exorcizá-la. O espírito mau que a habitava reagiu e recusou abandoná-la, falando pela boca da doente com uma autêntica voz masculina.

— Eu não me irei embora, a minha «Nomme» pertence-me, e ficarei junto dela até que venha para ao pé de mim!

— Retira-te, ordeno-te!

Para apoiar as minhas palavras, deitei água benta sobre a mulher, que teve verdadeiras convulsões, mas se acalmou em poucos instantes.

Os estigmas apareceram desde o primeiro dia na palma da mão testemunha (a esquerda).

No sétimo dia, a lesão sangrava, e um enfermeiro teve de colocar uma ligadura, a qual, horas depois, estava colada, pois o sangue coagulara.

Na sexta-feira, 11 de Novembro, decidimos quebrar os gessos.

A mulher não queria que tirassem fotografias, mas o fotógrafo do hospital recebeu ordem de agir mesmo contra sua vontade.

Um cirurgião quebrou os gessos diante do professor Urban e das testemunhas citadas anteriormente. Os estigmas apareceram e foram fotografados. Os filmes estão guardados no Hospital de Insbruke.

As feridas estavam úmidas de sangue e de soro. O professor Urban verificou oficialmente que elas atravessavam ambas as mãos, mas não o pé direito, sem dúvida devido à resistência oferecida ao fluido psíquico pela córnea da planta.

E assim ficou provado que, pela força de vontade de um hipnotizador, era possível provocar reações fisiológicas de extrema importância.

Este fato foi registado nos relatórios dos médicos, que atestam a sua autenticidade.

Após esta experiência, a doente, que eu aliás repreendera devidamente durante os sonos hipnóticos, aceitou o fato consumado e julgou-se libertada das suas promessas. Para maior precaução, o amuleto foi queimado pelo capelão Amann.

Os estigmas desapareceram ao fim de três dias e não voltaram a aparecer.

O fato extraordinário talvez esteja nesta particularidade e curiosa coincidência, a doente enfeitada e estigmatizada chamava-se Thérèse Neuman, como a outra célebre estigmatizada de Konnersreuth, na Baviera; mas não havia entre elas qualquer parentesco.

Sob o aspecto científico, a produção de estigmas naturais é aceite e reconhecida, mas não pede ser dada a menor explicação racional. Trata-se simplesmente de «influências fisiológico-psicológicas, juntas às de histerismo intenso».

Para os teólogos, há duas espécies de estigmas: os *stigma magicum* (estigmas mágicos), atribuídos ao diabo, e os estigmas milagrosos, realizados por Deus.

Mais próximos da ciência clássica, outros fenômenos inexplicáveis provam a existência de forças que jogam às escondidas com os físicos.

A magia e o átomo

Por volta de 1950, alguns jornais americanos publicaram uma informação curiosa. Fenômenos estranhos, de caráter mágico, tinham-se produzido num laboratório onde se procedia a experiência atômicas.

Os sábios viam aparecer, suspensas no ar, imagens esbatidas, mas nas quais todavia reconheciam, sem erro possível, cabeças de pessoas. As aparições flutuavam baloiçando-se, mostrando-se de frente, de perfil e a três quartos, depois adquiriam uma nitidez e uma espécie de consistência maiores antes de se desvanecerem pouco a pouco.

Durante essas aparições, ouviam-se murmúrios de vozes, como um conciliábulo de fantasmas. Chegava a ser possível apreender pedaços de frases e algumas palavras inglesas de caráter científico, o que mais aumentava o espanto das testemunhas.

De natureza um pouco cética, os atomistas fizeram um cerrado inquérito, que originou não uma explicação, mas a identificação da origem do fenômeno de pseudostesia.

Sem dúvida, as palavras ouvidas tinham sido pronunciadas numa sala bastante próxima do laboratório, durante uma reunião à porta fechada. Estava no entanto fora de dúvida, devido à distância e às portas cerradas, que os sons não podiam ter chegado até ali.

Quanto às imagens, elas provavelmente representavam os interlocutores presentes.

Houvera portanto transferência de som e de imagem por um processo análogo ao da televisão, mas, bem entendido, não se tratava de emissão e recepção de acordo com as normas já conhecidas.

Na ausência de qualquer explicação, presumiram que os campos elétricos muito poderosos desenvolvidos nos laboratórios tinham servido de suporte à transmissão material dos *photons* e das ondas sonoras. De certa maneira, uma materialização.

Como a reunião à porta fechada se ocupava de projetos da defesa nacional, o Departamento de Investigação Atômica ficou preocupado, pois tivera a prova de que não era possível manter em segurança absoluta os segredos de Estado. Deram ordens para que o assunto não fosse divulgado.

A imprensa só se lhe referiu anos mais tarde e a sua divulgação não suscitou qualquer reação oficial.

A bola de fogo

O jornal alemão *Ufo-Nachrichten* (Ventla, Verlag, Wiesbaden, Schierstein) publicou no seu número 53 uma notícia análoga e igualmente espantosa:

No decurso da Primavera de 1959, um avião civil TU-104 efetuava como de costume o seu serviço sobre a linha comercial Alma Ata-Moscou. Tudo decorria normalmente a bordo, quando notaram na carlinga dos passageiros, perto da entrada do posto de pilotagem, uma luz fraca que adquiriu lentamente intensidade e o formato de um disco resplandecente, com cerca de meio metro de diâmetro.

O objeto mantinha-se imóvel numa posição vertical.

Pensaram num incêndio, que os passageiros tentaram extinguir — em vão — atirando água; era evidente que o disco de luz tinha um caráter sobrenatural, além de que desapareceu da mesma forma como tinha aparecido.

Mas, alguns instantes depois, tornou a materializar-se e pôs-se em movimento, passando ao longo das paredes internas do avião à altura das vigias, quase tocando os passageiros, que foram obrigados a recuar para evitar o seu contato.

Segundo o relato das testemunhas, o disco de luz não emitia calor algum, nem cheiro.

Depois de ter passeado em redor da carlinga, voltou para junto da porta da cabina de pilotagem e desvaneceu-se.

Por acaso, encontrava-se entre os passageiros um jornalista polaco que recolheu e publicou as declarações das testemunhas.

Como o tempo não estava tempestuoso e o disco de luz não podia identificar-se com as bolas de fogo sibilantes e rápidas, produzidas, supõe-se, pelo raio ou por fenômenos elétricos, tornou-se necessário encontrar uma explicação.

Chegou-se à conclusão de que talvez se tratasse de um objeto enviado pelos pilotos de um disco voador, e o caso ficou por ali.

Fraudes

É raro que os fenômenos supranormais se manifestem de forma muito nítida e irrecusável. Na Índia e em África, os milagres são moeda corrente, mas a superstição e a ingenuidade são tais que é preciso ver neles, na maior parte dos casos, truques de ilusionistas ou alucinações coletivas.

A famosa corda do faquir tem em ambos os casos a sua origem e justificação. A experiência nunca pôde ser fotografada.

Em 1935, algumas fotografias trazidas da Índia por um fazendeiro inglês e que representavam um ioga em estado de semilevitação, com um único braço apoiado a um poste e rodeado de véus brancos, provavam indiscutivelmente tratar-se de uma grosseira fraude. É igualmente aldrabice a palmeira que cresce à vista da assistência.

Albert Trapani, um observador crítico, habituado às selvas da África Negra, contou-nos todavia histórias estranhas. Trapani, por volta de 1953, dirigia explorações florestais a 33 quilômetros de Kango, na região de Ekouk, no Gabão.

Uma vez, assistiu ao crescimento acelerado de uma bananeira que atingiu a altura de três metros e deu frutos que ele saboreou. Trata-se do truque do *bouiti*, muito conhecido nos arredores de Libreville.

Na realidade, a bananeira foi plantada às 3 horas da tarde e as bananas só foram colhidas no dia seguinte ao nascer do Sol, o que retira um certo crédito à experiência. Aliás, Albert Trapani, desconfiado da sua memória, das circunstâncias e da impressão pouco nítida que sentiu e guardou, inclinava-se sobretudo para a hipótese de um fenômeno alucinatório.

Da mesma forma, nada viu de extraordinário na marcha sobre o fogo executada ritualmente pelos Gaboneses. A proeza não excede os vinte segundos e os negros têm na planta dos pés uma espessura córnea que pede atingir três centímetros.

Em contrapartida, a tradição do «julgamento habitual» é para ele um enigma.

O «julgamento habitual»

É ridículo acreditar que no Gabão — como aliás por toda a África — os indígenas dão qualquer crédito aos ucasses da justiça governamental. Inclusivamente, em 1953, quando fora cometido um crime em Ekouk, procederam ao grande rito do «julgamento habitual».

De muito longe, os negros dirigiam-se à aldeia, transportando com cuidado, debaixo de um dos braços, um frango com as patas atadas. Como teriam eles sido informados? Ignora-se.

O princípio do julgamento, é soltar, numa praça rodeada pela multidão, frangos aos quais acabaram de cortar o pescoço. Os supostos culpados devem manter-se na orla da pista, *no local da*

sua escolha. Desgraçados deles se os frangos correm na sua direção e vão cair a seus pés.

Os negros que levam as aves necessárias para o sacrifício conhecerão o queixoso ou a vítima? Mistério ainda. Aliás, parece que o fato tem pouca importância.

Albert Trapani supõe que a maior parte deles levam um frango apenas por uma questão de curiosidade.

No dia marcado, a multidão rodeia uma praça de cerca de trinta metros de diâmetro e os portadores de frangos, uns após outros, desatam as patas dos bichos, cortam-lhes rapidamente o pescoço e lançam-nos no círculo fechado.

O frango sem cabeça começa imediatamente a correr e vai abater-se aos pés de um negro que, em geral, é o suposto culpado e provavelmente o verdadeiro assassino.

A experiência, caso haja dez frangos, é dez vezes concludente. Quer dizer que os dez animais decapitados, embora teoricamente possam escolher entre uma infinidade de direções, vão *todos* cair aos pés do mesmo homem.

Albert Trapani assistiu diversas vezes a essa experiência e afirma que se o culpado muda de lugar à volta da pista, os frangos, inevitavelmente, vão direitos a ele, seja onde for que se encontre.

O «belingo»

As festas do 14 de Julho que se celebravam no Gabão — e continuam a celebrar-se — serviam de pretexto a outras curiosas proezas.

Habitualmente, na estância de Albert Trapani, eram distribuídos presentes aos seus quatrocentos trabalhadores: um litro de vinho e um maço de *Gauloises* por pessoa. O dia era de folga, os negros organizavam espontaneamente divertimentos e um deles consistia numa acrobática demonstração sobre andas.

Entre a multidão que dançava e cantava, aparecia um homem com a cara tapada, mascarado, coberto com uma pele e cauda de animal à maneira dos feiticeiros, e que caminhava com umas estranhas andas com a altura de três metros. Essas andas eram uma espécie de estacas de madeira que terminavam com duas pequenas plataformas às quais os pés do acrobata estavam atados com fortes correias.

O homem caminhava portanto sobre essas estacas, com todo o corpo, as pernas e os braços livres, numa situação que se adivinha muito instável. Ora, ele corria, saltava, dava reviravoltas, deixava-se cair ao chão a todo o comprimento, levantava-se imediatamente, depois inclinava-se sem cair, formando com o corpo um ângulo de 45° com o solo.

Como lhe era possível brincar daquela forma com o peso e as leis do equilíbrio? Os brancos jamais o souberam.

Após a sua exibição, o homem era despido pelos negros e corria a esconder-se no mato a fim de manter o anonimato. Os negros da sua raça certamente o conheciam, mas nenhum quis revelar a sua identidade a Trapani.

O negro sabe guardar um segredo. Desta forma, nenhum branco conhece o segredo do «belingo» e jamais conhecerá a sutil composição desse veneno administrado pelos feiticeiros africanos.

Entre Lambaréné e Libreville, no Alto Rambwé, Daniel Bouka, *grumier* (lenhador) de raça Paouine, cometera a imprudência de ir para a cama com a mulher de um negro de outra raça.

Habitualmente, essa espécie de aventuras combinam-se facilmente e amigavelmente, a troco de uma dádiva em gêneros ou pessoas, mas na ocorrência, e sem dúvida devido ao antagonismo racial, não havia qualquer possibilidade de combinação.

Um negro, amigo de Albert Trapani, preveniu o fazendeiro:

—Bouka, mau para ele... vai ser «belingotado»!

De fato, viram o desgraçado enfraquecer a olhos vistos. Acabou por recolher à cama e o médico do distrito de Kango, que o examinou, fez um diagnóstico formal:

— Ele está com o «belingo» e vai morrer. Nada posso fazer!

O próprio Albert Trapani sabia que nenhum medicamento oficial conseguira jamais debelar o efeito desse veneno. Como era muito afeiçoado ao seu *grumier*, e achava que o castigo era severo demais, resolveu tentar o impossível.

Mas nem sequer sabia qual a raça da mulher com quem Bouka dormira.

As raças, em África, são simples diferenças de tipos e de sangues, da mesma forma que em França existem as raças dos Bretões, dos Bascos, dos Borguinhões, dos Provençais. Os negros da estância agrupavam-se consoante as raças em dormitórios distintos, e o fazendeiro, muito amado e considerado por todos aqueles homens, fez-lhes advertências.

— É injusto e cruel — disse ele em cada um dos dormitórios.— Não se mata um homem por ter ido para a cama com uma mulher! Toda a estância se ressentirá dessa injustiça, éramos todos bons companheiros e a nossa amizade será destruída.

Uma noite, um negro velho foi procurá-lo e explicou-lhe que ia tentar intervir.

— Eu não conheço o segredo do «belingo»—disse ele —, pois é um segredo que cada vez está mais perdido, e são raros os que o praticam. Mas, para te dar prazer, vou falar a um ancião de uma outra raça... Talvez ele possa fazer qualquer coisa.

O fazendeiro aprovou entusiasticamente a iniciativa, mas poucas esperanças tinha. O doente parecia estar no fim.

Todavia, no *dia seguinte pela manhã*, Daniel Bouka apresentou-se na sua frente pronto para recomeçar a trabalhar. Não engordara, mas tinha o olhar vivo e em dois dias recuperou o bom aspecto.

O extraordinário, em tudo isto, é que um antídoto ou um remédio tenha sido suficientemente poderoso para restabelecer, numa noite, o moribundo.

A alface milagrosa

No Ocidente, no século XVII, elogiava-se taumaturgo que «fazia crescer flores num minuto».

Seria fácil assimilar esse prodígio aos da mesma espécie que são praticados pelos charlatães africanos e hindus; no entanto, um singular caso de crescimento foi controlado pelo ilustre físico Denis Papin, quando residia em Inglaterra.

Uma noite, Denis Papin, que com toda a justiça era considerado no estrangeiro como um dos maiores físicos, jantava em casa do químico Edmond Wilde, na companhia de vários membros da Real Sociedade de Londres. Todos foram testemunhas de um prodígio, sem artimanha manifesta.

Denis Papin relata o acontecimento numa carta que dirigiu a Mesmin, da Academia das Ciências de Paris:

Edmond Wilde, tendo convidado algumas pessoas para jantar em sua casa, semeou na sua presença, antes de se sentar à mesa, sementes de alface numa taça que disse ter levado dois anos a preparar; verificou-se após o jantar, menos de duas horas depois, que a alface crescera à altura aproximada de um polegar (2,7 centímetros) contado da raiz.

Ele disse que estava pronto a apostar dez contra um em como a coisa aconteceria sempre da mesma maneira; mas serão precisos ainda dois anos para preparar a nova terra.

Essa experiência, diz ele, tem grande importância para a agricultura.

Ele revela-la-á quando tiver descoberto uma coisa ainda mais importante que tenciona

acrescentar a esta...

Jamais foi conhecido o segredo de Edmond Wilde.

A mulher que vê com os pés

O erro de alguns empíricos é acreditarem que o seu supranormal é estranho e superior à ciência experimental.

Claro, esta última exige um prolongamento necessário, mas o misterioso desconhecido surge agora como um fator comum aos dois métodos.

O sábio não é de forma alguma oposto ao fantástico e, bem pelo contrário, pode afirmar-se que a sua fé no milagre é muito mais sólida do que a do empírico.

O empírico acredita nos gnomos, nos fantasmas, no mau olhado, acredita em Nostradamus e em Cagliostro, na geração espontânea e na cura do cancro por meio da panaceia do charlatão. Mas o sábio acredita no tapete voador, na palavra mágica que faz abrir as cavernas e em todas as possibilidades espirituais do homem, incluindo as de se tornar invisível, de diminuir de tamanho ou atingir uma estatura colossal. Ele sabe que as descobertas biológicas ultrapassarão todos os milagres imaginados.

Ele sabe, como Villiers, da Isle-Adam, que *os sonhos não existem...*

Neste sentido, o caso da russa Rosa Kuleshova é mais extraordinário, mais inacreditável, para o ocultista do que para o biólogo ou para o físico.

Rosa nasceu em 1941, em Nijnii Taghil, cidade situada no centro dos Urais, entre Perm e Sverdlovsk. Vários parentes seus estavam atacados de cegueira congênita, e, muito naturalmente, após o seu trabalho escolar, a criança, durante os longos serões familiares, aprendeu a ler o *braille* com os seus próprios dedos.

Em breve foi evidente que ela possuía um sistema nervoso e sensorial extraordinário, pois, embora dotada de uma vista perfeitamente normal, via também com as pontas dos dedos e até com cada fibra da sua pele.

A causa da anomalia seria uma tara hereditária que modificava as faculdades psicológicas? Teria essa tara determinado uma espécie de mutação celular?

É o que pensam os médicos do Instituto de Neurologia de Moscou, que, em 1963, estudaram o caso de Rosa Kuleshova, hospitalizada nesse serviço devido a crises de epilepsia.

O doutor Isaac Goldberg verificou com assombro que Rosa lia com a ponta do dedo (o maior direito), não apenas os caracteres *braille* impressos em relevo, mas também os textos escritos a tinta ou impressos num livro ou jornal.

Foram efetuadas experiências sob o controle dos médicos do instituto, a fim de descobrir qualquer possível fraude.

Taparam cuidadosamente os olhos da rapariga. A leitura visual não podia efetuar-se pelo espaço compreendido entre o lenço e as faces, truque habitual dos ilusionistas.

Rosa, tocando cada linha com um dedo, leu em primeiro lugar os títulos de um jornal colocado na sua frente, depois em voz alta, lentamente, mas sem compassos de espera, decifrou todo o texto de um artigo.

A demonstração era convincente: não havia a menor fraude, mas a maior parte dos assistentes pensaram que o dedo inteligente, sensível, tateava e discernia o relevo ínfimo da impressão a tinta. Colocaram uma placa de vidro sobre o jornal e Rosa não foi capaz de ler os caracteres pequenos em corpo 8 ou 10, mas pôde *ler perfeitamente os grandes títulos cujas letras eram espaçadas*.

Tratava-se, portanto, de fato de visão através da pele e não de sensibilidade extrema de uma

epiderme dotada de um centro nervoso excepcional.

A prova tornou-se mais evidente ainda quando apresentaram ao dedo fotografias que foram formalmente identificadas.

— Estou a ver — disse Rosa — soldados que caminham numa praça pública. Eles têm capacetes e espingardas. Por cima deles voam aviões... Esta outra fotografia representa pessoas que almoçam nas margens de uma ribeira. Nesta, vejo um homem de idade. Tem um grande bigode e ostenta três condecorações ao peito.

Ela descreveu fielmente uma fotografia a cores, designando o verde das árvores, o azul do céu, o cinzento e o vermelho dos fatos.

Várias folhas de papel de cores diversas foram identificadas com facilidade:

— Esta página é azul... esta página é cor-de-rosa... esta amarela, esta branca, esta preta, castanha, verde, encarnada.

Por meio de luzes projetadas num *écran*, o teste revelou-se igualmente convincente; a rapariga já não «via» com o dedo, mas sem dúvida com a pele do seu rosto e do seu corpo, da mesma forma, mas mais esbatida, que os vermes da terra, naturalmente privados de olhos, distinguem a luz e as intensidades de iluminação.

Com os dedos dos pés, ela lia (tão correntemente como com o indicador direito) roçando o texto, quer com o dedo grande direito, quer, delicadamente, com a ponta dos outros dedos.

Estes fenômenos podiam explicar-se de duas formas: ou Rosa lia com a sua pele dotada de células nervosas desconhecidas e sensíveis à luz ou «via» com o cérebro, como os médiuns e os videntes.

De qualquer forma, um misterioso fator desconhecido entrava em jogo, quer com os olhos das células da epiderme, quer com o «terceiro olho».

O caso não é único e em todos os tempos foram registados fenômenos semelhantes. Num hospital de Banguécoque, na Tailândia, ensinam aos jovens cegos sob hipnose a distinguir os contornos dos objetos por meio de recepção direta das imagens-luz sobre a pele da face.

Os biólogos não estão longe de crer que cada célula do corpo humano é um microcosmo contendo em potência todas as destinações possíveis e todas as especializações funcionais. Serão esses poderes desconhecidos utilizados por certos seres de exceção monstruosamente desenvolvidos ou que cultivam os iniciados do esoterismo transcendente?

Mas ali, onde os empíricos veem um mistério psíquico em que dificilmente acreditam, os sábios distinguem uma nova ampliação da ciência experimental.

Para os biólogos, ver através do opaco, ler no pensamento, comunicar à distância, emitir e receber mensagens telepáticas e mesmo adivinhar o resultado de uma operação matemática são as realidades de amanhã. Quer dizer que uma conjunção do sobrenatural e do experimental, no que eles têm de mais sutil, é o fantástico destino da ciência.

Julien Cusseau

Em 1961, um autêntico prodígio do supranormal — pois fazia parte da premonição, ou da vidente — perturbou profundamente o pessoal de bordo e os passageiros de um avião da Air France.

Fato curioso e desconcertante, o herói da aventura, estamos tentados a dizer o médium, era o ex-internacional de rãguebi Julien Cusseau, sólido rapagão que nada se ocupa de ocultismo, visto que é massagista diplomado.

O fenômeno desenrolou-se a 2 de Outubro, num quadrimotor que efetuava a linha Orly-Abidjan.

Eram 23:30 h e o avião sobrevoava Mâcon em direção à sua próxima escala: Marselha. Al-

guns passageiros liam jornais da tarde parisienses, outros dormitavam, quando Julien Cusseau chamou discretamente a hospedeira de bordo:

— *Mademoiselle*, quer fazer o favor de dizer ao piloto que se prepare para fazer meia volta sobre Lião. O avião não irá a Marselha.

A hospedeira sorriu.

— Não se esqueça de prevenir o piloto! — insistiu Cusseau.

Novamente, um sorriso mitigado foi a única resposta da jovem.

E, depois, às 23:37 h, golpe de teatro: após um incidente técnico, o piloto decidia voltar para trás. O quadrimotor estava justamente sobre Lião.

Os passageiros, à chegada a Orly, foram albergados durante a noite no Air-Hotel do aeroporto e convocados para o dia seguinte, às 19 horas.

À hora combinada, todos os passageiros com destino a Abidjan estavam sentados na carlinga do aparelho, com os cintos apertados, aguardando o voo.

— O avião não ultrapassará a marcação 60 ao fundo da pista — disse em voz alta Julien Cusseau.

Vários olhares hostis dirigiram-se para o impertinente, que parecia querer malfadar a viagem, e Cusseau enterrou-se no seu lugar.

Mais um minuto de espera. O avião deslizou em busca da pista de voo, depois efetuou meia volta antes de parar.

O altifalante anunciou:

— Um incidente, alheio à nossa vontade, obriga-nos a adiar novamente a viagem. Apresentamos as maiores desculpas aos nossos passageiros.

Após uma segunda noite de hotel, os viajantes foram informados de que a partida estava definitivamente fixada para o meio-dia. Às 11:30 h, à chamada dos passageiros, Julien Cusseau não estava presente.

Foram descobri-lo no quarto, a repousar.

— Despache-se — disse o empregado —, o avião para Abidjan parte daqui a 25 minutos. Já estão todos no átrio. Só falta o senhor.

— Engana-se — respondeu Cusseau. — Vá dizer aos meus companheiros de viagem que esperam inutilmente: o avião não partirá.

Esta declaração foi acolhida com indignação geral. Todavia, uma vez mais, a partida foi adiada para as 23 horas.

— Desta vez partiremos e a viagem será excelente! — disse Julien Cusseau.

Este prognóstico cumpriu-se.

Os jornais franceses relataram os fatos extasiando-se a respeito dos dons do adivinho; alguns referiram-se a «curiosas coincidências» e as coisas ficaram por ali.

Julien Cusseau será um vidente permanente ou ocasional? Ninguém o sabe, nem sequer ele próprio.

Consultado a respeito do assunto, um físico do C.N.R.S. respondeu:

— Um avião parte de Paris e dirige-se a Tóquio. Nenhuma máquina, por mais admirável que seja, pode prever o desenrolar exato da viagem e os possíveis imponderáveis. Da mesma forma, nenhum homem pode realizar esse milagre com certeza. Dizem-me que o senhor Cusseau poderia. É inexato, e o senhor Cusseau reconhece que nem sempre está em estado de graça. Eu acrescentaria mesmo que não costuma estar muitas vezes. Nestas condições, e admitindo que uma companhia aérea se apoie em declarações de tal maneira incertas, iria direita para a catástrofe. É mais lógico recorrer aos engenheiros e técnicos da mecânica, aos radares de bordo, à experiência dos pilotos e às

previsões da meteorologia nacional. Estas diversas disciplinas não são infalíveis, mas a sua segurança média é constante e a soma dos seus respectivos valores é incontestavelmente superior às vidências que um médium poderia realizar dizendo verdade nove vezes em cada dez. Pois conhece-se pouco mais ou menos a constante de erro dos aparelhos e dos conhecimentos técnicos dos homens, mas jamais se saberia, em dez predições, qual seria a má.

O doutor Marcel Lapide explicava nos seguintes termos a contribuição que a ciência supranormal era susceptível de oferecer ao conhecimento técnico:

O supranormal existe e quando for estudado, analisado e dissecado como o é a ciência experimental, poderá certamente ser integrado no arsenal dos nossos meios de ação relativos a problemas bem definidos.

Mas no estado atual dos conhecimentos, ele não pode ser misturado com o racional e o experimental.

Imaginal o jogo mortal do tambor do revólver russo: o tambor que é para seis cartuchos tem apenas um. Faz-se girar o tambor fechando os olhos, encosta-se o cano da arma às fontes e aperta-se o gatilho.

Temos uma probabilidade em seis de sermos mortos.

Admitamos que o tambor gira num cilindro opaco, que não possamos ver onde o cartucho se encontra e que justamente queríamos tentar a experiência com seis probabilidades em seis de êxito.

Poderemos fazer passar o revólver pelos raios X, pelo detector, por diferentes tipos de radares e adquirir o que supomos ser um máximo de segurança.

Se o estudo experimental detecta o cartucho ao lado do cano, poderemos disparar com toda a segurança. Se queremos fiar-nos num vidente, adivinho, radiestesista ou astrólogo... (então pedir-lhe-emos que coloque o revólver contra a sua própria fonte e faça a demonstração sobre si próprio!

O supranormal será sempre, provavelmente, uma aventura.

A favor ou contra a vidência

As considerações do físico do C.N.R.S. e do doutor Lapine são com certeza muito razoáveis, mas, de fato, ignora-se absolutamente tudo a respeito da natureza do supranormal e, por conseguinte, é prematuro imaginar a sua utilização prática.

O mais prudente, visto que a sua existência não oferece dúvidas, seria em primeiro lugar estudá-lo cientificamente.

Mas existe um obstáculo importante que é indispensável sublinhar: a maior parte das pessoas sujeitas aos fenômenos supranormais não aceitam qualquer controle.

Em França, o Instituto Metapsíquico, na Praça Wagram, que reúne engenheiros, médicos, físicos e químicos, dedica-se honestamente ao estudo do misterioso desconhecido. Ora, é necessário confessá-lo, os fenômenos mantêm-se inexplicáveis.

Que fazer então?

É verdade que os meios utilizados no Instituto Metapsíquico são irrisórios em comparação com a poderosa organização dos laboratórios de investigação de ciência experimental.

Todavia, e é um argumento válido, a ciência experimental permite o estudo de fenômenos que autorizam realizações práticas, o que não é o caso da parapsicologia.

Se os videntes, adivinhos e outros médiuns, em vez de adivinharem a frase idiota escrita e fechada dentro de um sobrescrito selado, a carta do primo da América que chegará amanhã, os atrasos na partida dos viajantes, a morte da prima Hortense a 200 léguas de distância, se os médiuns, por-

tanto, adivinhassem o carburante que os russos utilizam nos seus foguetões espaciais, uma nova forma de propulsão astronáutica, uma nova fórmula de motor para automóveis, um carburante para substituir o petróleo e, ainda muito mais simples: se os médiuns que leem no futuro nos dessem a fórmula do remédio contra o cancro (que venceremos dentro de pouco tempo) ou até mesmo o remédio contra o eczema e a constipação cerebral, então, sim, tomaríamos a parapsicologia a sério!

Então, sim, seríamos obrigados a inclinar-nos!

Mas em vez dessas provas que deviam ser fáceis de obter, os ocultistas, técnicos da perda de tempo, submergem-nos numa pavorosa barafunda, só fazem descobertas e milagres incontrolláveis, ou então adivinham com êxito que é o algarismo 2673 que está inscrito no triplo sobrescrito fechado, que a criada do farmacêutico casará dentro de 2 anos e 3 meses com um empregado dos correios. Para quê?

Os ocultistas procuram o ouro há 2000 anos. Não o encontraram.

Os sábios fabricam ouro, diamantes, rubis, apenas após alguns anos de estudo.

Os ocultistas procuram panaceias, drogas milagrosas. Que contribuição deram eles contra a tuberculose, o cancro, a poliomielite, a febre aftosa, o enfarte do miocárdio?

Acaso inventaram o avião, o motor a reação, a fotografia, a rádio, a televisão, o cimento, a lâmpada elétrica, a imprensa?

Não! Mas sabem que é o número 2673 que está inscrito dentro do sobrescrito triplo.

E que eles não nos digam que a ciência experimental é iniciadora de descobertas perigosas: Montgolfier, Denis Papin, Niepce, Daguerre, Marconi, Branly, Pasteur, não eram praticantes da magia negra.

São os parapsicólogos, os ocultistas que estão à espreita de descobertas perigosas, e os formulários rituais e indecifráveis estão cheios de fórmulas — felizmente sem efeito — para matar, destruir, queimar, subjugar!

Eis o que poderia ser um requisito contra a magia. Não deixaria de ter força.

Todavia, sob a ganga informe que a envolve e a dissimula, não será possível encontrar uma parcela de diamante puro?

AS PSICODROGAS

Essa magia torna-se um fenômeno de atualidade com o aparecimento das psicodrogas e das drogas farmacodinâmicas que, assim como o átomo, irão marcar a nossa época.

É inegável que os sábios modernos se inspiram na farmacopeia dos empíricos, mesmo que troquem a tisana e a decocção contra a injeção e os comprimidos.

As psicodrogas, experimentadas tradicionalmente desde a Pré-História, até aos iniciados e aos iogas dos nossos tempos, explicam em parte as alucinações, os transe, os êxtases, as proezas físicas dos faquires e os dons dos médiuns.

O maatma Gandhi, quando fazia a greve da fome, bebia certas tisanas, o que pode fazer com que se encare sob uma luz nova essa personagem espantosa, santo homem aparentemente, mas que gerou dois filhos, dos quais um enlouqueceu e o outro era tão deliberadamente propenso ao alcoolismo que se suicidou durante uma crise de *delirium tremens*.

É pela porta secreta dos gabinetes dos serviços secretos que as psicodrogas fizeram a sua entrada no arsenal da ciência e da arte militar. O prodigioso progresso da física e da bioquímica agitou a rotina dos serviços de informações. De futuro, o F.B.I., o G.P.U., o Deuxième Bureau e o Intelligence Service, lutarão velozmente. Sabe-se que a arma secreta mais recente estará ultrapassada dentro de alguns anos: apenas o tempo de pôr em experiência alguns protótipos.

Ora, os arsenais de outrora deram lugar a laboratórios tão fechados que a espionagem clássica se tornou praticamente impossível.

Por isso certos serviços de informação experimentam atualmente um novo processo em que os efeitos de clarividência, de apercepção e de acuidade intelectuais são diretamente determinados por psicodrogas.

As experiências, desde 1962, estão colocadas a coberto do segredo de Estado, mas os dois relatórios que comunicamos provêm de um registo magnético, apresentado, em 1961, pelo médico francês François d'Agérac na Escola Norte-Americana de Medicina do Espaço, seção de Ciência Humana, que trabalha na criação do homem da estratosfera sob o controle da N.A.S.A.

Esses registos figuram nos arquivos sob o n.º G-81, seguido de quatro algarismos.

O pega-palo

O doutor d'Agérac tinha por missão oficial, na República Dominicana, estudar uma droga afrodisíaca: o pega-palo.

Por volta de 1938, essa droga milagrosa, a um tempo elixir de longa vida, haxixe, marijuana, quinino e cantáridas, fez a fortuna de Trujillo, que a espalhou por toda a América.

Eis o relatório do doutor d'Agérac a respeito dessa droga farmacodinâmica:

Dossier n.º 1 — G-81

O pega-palo é conhecido nas Caraíbas há mais de quatro séculos. O primeiro branco que se lhe refere nos seus escritos é o ilustre Don Juan Poce de Leon, um corajoso capitão espanhol. Ele tinha mais de cinquenta anos quando quis experimentar as virtudes da planta e a sua jovem esposa tinha apenas dezasseis anos, o que explica a sua atitude.

À semelhança de muitas especialidades célebres, digitalina, cocaína, efedrina, mescalina e até a penicilina, o pega-palo foi primitivamente utilizado por feiticeiros. A farmacopeia moderna, ao anexá-lo, deu-lhe o nome de Rhynchosia Pyramidalis.

É uma espécie de vinha selvagem que cresce em São Domingos e na República de Haiti, onde os negros lhe chamam pimandé ou cipó bandado. Os feiticeiros vodus utilizam-no com os mesmos fins que nós: dele extraem um filtro que faz maravilhas nos casos de impotência ou de carência viril.

Mas aquilo que, no Haiti, está apenas ainda no estágio artesanal, transformou-se numa indústria próspera em São Domingos sob o impulso do presidente Trujillo, que encarregara o meu confrade, o doutor José G. Soha, diretor do Serviço de Saúde do país, de racionalizar a produção da Rhynchosia Pyramidalis e de divulgar os seus benefícios pelo exterior; em primeiro lugar no Oriente, depois no Ocidente.

No Oriente, o êxito revelou-se completo: o produto foi espalhado em frascos de fortificante com a etiqueta: Tintura de Pega-Palo, Fortidam.

Nos Estados Unidos, onde o Laboratório Químico Dominicano, nome oficial da organização comercial, sofreu a oposição da Food and Drug Administration, o pega-palo é clandestinamente fornecido aos Americanos nos bares da Florida e da Virgínia.

O iagé

O outro relatório do doutor d'Agérac, com a matrícula G-18-1 B, incluía uma proposta de extrema importância, visto que sugeria aos serviços secretos norte-americanos que experimentassem uma psicodroga extraordinária, o iagé, com fins de espionagem:

Eu proponho o iagé de preferência a outros vegetais metagnomigenas: o olohuqui, o huachuca, o ayahuasco o datura, o peyolt e o muchamore siberiano ou bolet, porque estudei os seus efeitos no Instituto Experimental de São Domingos.

O iagé encontra-se principalmente nas florestas virgens do Amazonas, mas encontramos-lo igualmente noutras regiões dos trópicos; o seu potencial farmacodinâmico localiza-se na parte mais junta da terra.

Quanto à forma de utilizá-lo, nada de mais simples: é necessário limpar o cipó sob um jato de água corrente, cortá-lo, depois cozê-lo durante 36 horas num determinado volume de água. O decoctum, quer dizer o líquido que resta após essa longa cozedura, deve ser filtrado, mas sem precauções especiais, unicamente para o tornar absorvível.

A pessoa drogada com esse decoctum entra em transe, e adquire faculdades supranormais que lhe dão o poder psíquico de vencer todos os obstáculos e de partir em missão, imediatamente, para qualquer região do globo.

Inconsciente, invisível, imponderável, mas todavia vigilante e compreensivo, ele pode transformar-se num espião de corpo astral e rir de todas as cortinas de ferro e dos recintos fechados mais formais.

Bem entendido, essas faculdades mediúnicas foram cientificamente controladas no Instituto de São Domingos, em Março e Abril de 1958, e alguns relatórios oficiais certificam a autenticidade dos fatos relatados.

Os documentos são subscritos por diferentes personalidades científicas dominicanas e por:

doutor J. G. Soha, chefe do Serviço Sanitário, doutor Dominguez Albarran, formado em farmácia, Aristote Aris, correspondente da Duke University, e pelo prefeito de polícia de São Domingos.

Seguia-se a descrição de uma vintena de experiências, entre as quais os quatro casos abaixo:

Descoberta a 1400 quilômetros de distância de uma criança de dois anos raptada a seus avós (em causa: uma rapariga suja, negra, que trabalhava na cantina dos empregados do Instituto de São Domingos);

Descrição de uma sala de jogo de Las Vegas, das 23:15 h. às 24 h (em causa: um adolescente de 17 anos, ajudante de lenhador na região de Yaqui, em São Domingos);

Descrição de uma partida de tênis em Sydney (em causa: um camponês com cerca de 80 anos, que jamais abandonara a sua aldeia junto dos montes Cristi, em São Domingos);

Enumeração dos valores encerrados num cofre da sucursal do Chase Bank, em Vancouver (em causa: um pescador do lago Enriquillo, em São Domingos).

É evidente que as pessoas que selecionamos eram indivíduos sem taras, de constituição robusta e de inteligência mediana. Elas ignoravam e nem sequer suspeitavam o que delas esperávamos, pois o pretexto oficial para as convocarmos para o instituto era um exame médico, que justificava suficientemente o jejum de 12 horas que tínhamos prescrito antes da experiência.

As pessoas em causa, embora tenham sempre conservado a lucidez, não guardam recordação do que disseram e viram sob a influência da droga.

Esse é um ponto de extrema importância.

O doutor d'Agérac explica da seguinte forma a influência específica do iagé sobre o cérebro:

Na minha opinião, e segundo os encefalogramas recolhidos durante as minhas experiências, o fenômeno iagé passa-se ao nível do córtex cerebral. Ele age sobre os neurônios, mais particularmente nas sinapses, que são os pontos de junção interneuróticos, e também, mas isso não passa de uma hipótese, sobre o acetilcolino que é o medianeiro químico que regula a circulação dos influxos de neurônio para neurônio.

Agindo indiretamente sobre esses influxos, o iagé provoca a emergência (provisória) de uma faculdade nova da consciência e o drogado adquire o dom de bilocação. Embora continuando fisicamente no mesmo lugar, o seu espírito ou uma parte consciente dele próprio transporta-se para o local que lhe foi ordenado investigar. Nesse momento preciso, encontra-se no estado de superconsciência que os iogas classificam de tajjasa.

Parece portanto possível que, sob a ação do iagé, o espírito consciente de um indivíduo possa penetrar nas centrais atômicas e nos laboratórios dos sábios.

Se um tal poder existe, alguns agentes secretos praticam já essa forma inédita de espionagem moderna.

As psicodrogas podem ter outras utilizações. Seria possível inclusivamente estabelecer telepaticamente uma ligação ar-solo entre os aviões e as torres de controle. Nesse caso, a transmissão de pensamento substituiria a mensagem pela rádio.

Finalmente, sendo a distância e o tempo abolidos pelas pessoas submetidas à ação do iagé, seria apaixonante proceder a explorações — sob a forma de experiências — no mundo cósmico ainda fora de alcance. Sobre a Lua, por exemplo, e até mesmo sobre as estrelas distantes milhares de anos-luz, caso os testes se revelem encorajadores.

Como não dispomos de iag , não nos   possível saber se atualmente alguns esp es americanos assistem às conferências secretas do Kremlin ou acompanham o primeiro-ministro soviético até à sua *datcha*, durante os seus fins-de-semana, mas podemos revelar um fato curioso: em Agosto de 1962, o primeiro-ministro Khruchtchev foi atacado de uma autêntica crise de nervos ao tomar conhecimento através da imprensa de que o presidente Kennedy declarara:

— A U.R.S.S. acaba de assinar um tratado secreto, militar e econ mico com Cuba. O tratado foi autenticado, por parte de república cubana, pelo senhor Gavara.

Ora, a existência desse tratado são foi tornada pública a 3 de Setembro. Era a primeira vez que um segredo de Estado soviético era ventilado pelo Intelligence Department norte-americano. Todavia, o primeiro-ministro Khruchtchev declarou formalmente:

— Não houve qualquer fuga!

No entanto, as psicodrogas apresentam um inconveniente importante: se determinam a v d ncia, tornam igualmente ab licas as pessoas a elas submetidas e constituem um verdadeiro soro da verdade.

Aparentando-se à lavagem ao cérebro e   influência natural ou artificial sobre o intelecto, a resistência às drogas e às sugestões impostas foi estudada por serviços especializados. Sabe-se, em particular, a que ponto os Russos se tornaram mestres na arte de provocar a autocr tica, de despersonalizar os indivíduos, de os subjugar e de obter as suas confissões.

O cardeal Mindszenty, primaz da Hungria, submetido a interrogatórios, ao *peyotl* e a outros pseudo-soros da verdade, foi, senão o primeiro, pelo menos o caso mais célebre. Recentemente, o coronel americano Francis Powers, piloto do avião espço U-2 abatido, em 1960, pelos Russos, não pôde resistir ao tratamento sofrido.

Isto prova a importância que tem a força de caráter dos homens chamados a guardar segredos de Estado e a lutar até ao extremo limite das forças humanas para os não trair.

A escola de Saclay

Em França, a Escola Naval, como a marinha americana, participa na corrida ao cosmos, no fabrico de engenhos a propulsão atômica e de armas secretas. O recrutamento dos quadros é um problema tão difícil que a sele o dos engenheiros é efetuada em Saclay, onde os submetem a testes psicotécnicos muito prolongados que são autênticas lavagens ao cérebro.

Aqueles que resistem mais tempo são os primeiros escolhidos.

Fisiologicamente, esses homens são submetidos a um exame dos mais severos. Quem tiver mais de 1 metro e 11 centímetros de intestino grosso é eliminado, pois está provado pelos trabalhos do professor francês Pierre Duval, membro da Academia de Medicina, que os homens de aço, de caráter sólido, têm um intestino menos longo do que a média (1 metro e 11 centímetros para um peso de 62 quilogramas).

Os místicos, que possuem todos um intestino grosso anormalmente longo, têm tendência para se tornarem mais razoáveis se lhes for diminuido o comprimento. A razão dessa metamorfose ainda não é claramente conhecida, mas o fato foi várias vezes comprovado. Tudo se passa como se o intestino grosso determinasse diretamente o comportamento cerebral e uma certa tendência para o idealismo.

Em 1938, o professor Duval teve de operar, no Hospital de Vaugirard, devido a uma oclusão intestinal, uma alta personalidade religiosa cujo intestino era anormalmente longo: perto de 2 metros. Cortaram-lhe mais ou menos 1 metro e a cura efetuou-se nas melhores condi es.

Em 1941, o operado foi agradecer ao professor Duval, acompanhado pela mulher e seus dois filhos. Perdera a fé, abandonara a vida eclesiástica e casara-se.

Outros casos semelhantes foram observados em personalidades menos importantes, religio-

sos de todos os credos e espiritualistas.

Poderia dizer-se que as toxinas reabsorvidas pelo intestino grosso condicionam o caráter de cada indivíduo.

Uma escola de bruxaria

A guerra psicológica — a guerra fria — busca as suas armas numa panóplia extremamente complexa, que vai até ao feitiço político.

O *Sunday Telegraph*, de Londres, publicou em 1961, sob o título *Moscou Trained me for Revolt in África* (Moscou Treinou-me para a Subversão em África), da autoria de Anthony G. Okotcha, um curioso relato de práticas de bruxaria de que o autor, estudante negro nigeriano, teria sido o herói¹.

Esse estudante deixara-se persuadir a aprender Direito Internacional na Universidade da Amizade dos Povos, em Moscou. Doutrinado em política revolucionária (o Direito Internacional brilhava pela ausência na dita universidade), assistiu a cursos de assassinio político e de bruxaria destinados aos povos de África. Bruxaria «científica»: crânios falando por microfones: «Sou o espírito do teu antepassado; sou Shango, o grande espírito das águas profundas; vai matar o governador britânico; inscreve-te no Partido Comunista e obedece, de olhos fechados, a todas as ordens...»

Okotcha voltou para Londres a fim de recrutar estudantes africanos com destino à mesma universidade; depois foi enviado para África a fim de deitar abaixo o Governo moderado da Nigéria e aí instaurar, em 1964, um regime comunista.

Os múltiplos assassinios de leaders políticos negros e de administradores julgados irrecuráveis, previstos para atingir o objetivo, abriram finalmente os olhos ao estudante, que se recusou.

Na nossa humanidade inquieta, as novas drogas ainda não deram a medida das suas possibilidades, mas apresentam já os seus perigos.

As psicodrogas apenas poderiam servir para uma investigação incerta. Os produtos dinâmicos e os tranquilizantes são, por seu lado, todo-poderosos na preparação do mundo de amanhã: o dos *robots* passivos e concordantes que podem ser transformados em temíveis deuses.

¹ Publicado pelo jornal La Nation Géorgienne. A narrativa de A. G. Okotcha está à venda no *Sunday Telegraph*, no n.º 135 da Fleet Street, Londres EC4.

Embora esse relato tenha um caráter político tendencioso, é sem dúvida exato. Mas é provável que os Governos anticomunistas tenham utilizado processos análogos para fins políticos opostos.

AS DROGAS FARMACODINÂMICAS

As drogas farmacodinâmicas, que fazem parte integrante dos nossos tempos de Apocalipse, tiveram os seus precedentes, a que se poderiam chamar naturais, na Antiguidade. Os combatentes da *Iliada* injuriavam-se para despertar a cólera, os Gauleses procuravam os cobardes nas suas fileiras, os cristãos rezavam, cantavam ou lançavam a excomunhão. Depois apareceram as verdadeiras drogas farmacodinâmicas: o vinho e o célebre *gniole*, que ganhou a guerra de 14-18 contra os bebedores de cerveja.

Os voluntários da morte japoneses, depois de terem seguido cursos nas escolas especiais e sofrido lavagens ao cérebro, eram drogados ou embriagados com álcool de arroz. As bacanais antigas, as orgias báquicas, o erotismo nervoso, as congestões cerebrais dos iogas, a dança e a música *hot* provêm do mesmo princípio de excitação. Acrescentam-se a isso, bem entendido, os excitantes experimentados, o haxixe, o pega-palo, o maxiton, etc.

Nós vivemos numa era em que o homem não pode continuar a ser o que é: tem de evoluir, mudar, o que supõe uma necessidade de tempo inaceitável, caso não esteja disposto a ser expulso dos engenhos que inventa.

Ele deve, ele o piloto, ir à mesma velocidade que o foguetão que construiu: ora, a evolução mecânica é infinitamente mais rápida do que a evolução física e o homem está em atraso em relação às máquinas que ultrapassam as suas possibilidades e que em breve excederão o seu gênio. Pois ele precisará igualmente de se tornar mais inteligente, mais forte, mais intuitivo: em suma, o homem deve provocar a sua elevação para se transformar num semideus.

O heroísmo quotidiano

Essa mutação artificial que ele está desejoso de adquirir, realiza-se através das drogas farmacodinâmicas. Graças a elas, em poucas horas, pode vir a ser um herói.

Há mais ou menos vinte anos, o heroísmo — que é muitas vezes uma forma de fanatismo, de fatalismo, de desespero ou de perversão — tornou-se mais corrente do que a cobardia. Ainda conhecemos homens que têm medo, mas os Leónidas, os Bayard, os Surcouf multiplicam-se, o que não deixa de ser inquietante.

Em 1940, os SS de Adolf Hitler sacrificavam-se com uma espécie de volúpia pelo seu Führer. Em Estalingrado, os Russos preferiram deixar-se matar onde estavam em vez de recuar. Em 1944, regimentos aliados disputaram a honra mortal de serem os primeiros a desembarcar nas costas da Mancha. Para a operação suicida de Dien-Bien-Phu, na Indochina, houve mais voluntários do que convocados, sem falar nos *kamikaze* japoneses, homens-rãs suicidas italianos, candidatos à viagem pelo cosmos, etc.

Mas a natureza excepcional das missões militares e científicas (elas coincidem a maior parte das vezes¹) que são confiadas aos soldados e aos sábios obriga a medidas de um rigor extremo. Não

¹ Os cosmonautas são todos militares: capitães ou coronéis.

deve existir nem uma hipótese em mil de que o homem de confiança — cosmonauta ou espião — tenha um desfalecimento: a importância da empresa exige o êxito.

A experiência do lançamento no Japão da primeira bomba atômica foi, sob este ponto de vista, rica de ensinamentos. Antecipadamente, com louca inconsciência, os Americanos tinham confiado a estrangeiros a direção e exploração dos seus laboratórios nucleares. Em Los Alamos, Oppenheimer e outros sábios atomistas tinham apostado um dólar nas probabilidades de êxito da bomba de Julho de 1945.

O piedoso presidente Truman deu o seu acordo para o lançamento da bomba A sobre Hiroshima, depois de se ter metido na cama e lido a Bíblia, como todas as noites².

O maior dos assassinos

A responsabilidade da destruição das duas cidades japonesas (Hiroshima e Nagasaki) foi confiada a um grupo de aviadores americanos de que fazia parte o jovem Claude Eatherly, 25 anos.

E se Eatherly, atormentado de escrúpulos de consciência, com o espírito subitamente perturbado, tivesse lançado as bombas sobre Nova Iorque e São Francisco? Para dizer a verdade, Eatherly ignorava a importância do cataclismo que ia provocar.

Todavia, ao enlouquecer, em 1947, por «complexos de culpabilidade», foi diversas vezes internado e gritou ao mundo inteiro que o Governo americano fizera dele o maior assassino de todos os séculos. Um outro membro da expedição, o sargento Leroy Lehman, devorado pelos remorsos, retirou-se para um convento em Itália. Depois, souberam-se pormenores a respeito da «bela operação³»:

O coronel P. W. Tibbets Júnior (35 anos), o capitão Lewis, o tenente Nelson (20 anos) e seis outros membros formavam uma equipagem sadia, física e intelectualmente, que pilotava um B-29, batizado de Enola-Gay⁴, glória da mecânica da nossa era científica.

Eles julgavam-se igualmente sadios espiritualmente, pois tinham a bordo do seu B-29 quatro Bíblias, duas cruzes e, como talismã, uns objetos que seria impossível imaginar: quatro cuecas de senhora!

Tudo isto nos esclarece a respeito da equipagem do Enola-Gay.

E esta amálgama de Bíblias e de cuecas de senhora dir-vos-á ainda mais quando souberem que este avião e a sua tripulação selecionada, de perfeita saúde física e moral, lançaram, a 6 de Agosto de 1945, a bomba A sobre Hiroshima (150.000 mortos).

Atualmente já não é necessário — nem para os Americanos, nem para os Russos, nem seja para quem for — enviar nos bombardeiros atômicos, e ainda menos nos foguetões espaciais, homens que poderiam enlouquecer, ter medo, ou frio, ou fome, ou até mesmo *que poderiam pensar*.

Tudo é antecipadamente fixado: da Terra, pensa-se e reage-se, pelo cosmonauta, que não terá mais, caso escape, do que recitar a liçãozinha aprendida, receber ramos de flores e beijar, sorrindo, algumas garotas endomingadas.

2 Coleção Noyau, série A.

3 Coleção Noyau, série A.

4 Enola-Gay: era o nome de solteira da mãe do coronel Tibbets.

Os cosmonautas são «robots»

Eis a seguir a forma como foi preparado o segundo homem do espaço para a missão que devia cumprir, morto ou vivo:

Às 4:30 horas, Titov, que dormia no seu quarto de isolamento, é despertado pelos seus guardas. Ele ignora que aquele domingo 6 de Agosto de 1961 é o Dia D.

Os sábios encarregados da sua preciosa pessoa espiam as suas reações com severa atenção. Tudo vai bem: desde há dois dias, o futuro cosmonauta está biologicamente preparado; as drogas, aliadas a certas fórmulas de tranquilizantes, fizeram dele um ser perfeitamente dócil.

Após semanas de aprendizagem especial, de preparação e de tratamentos físicos e psíquicos, ele assumirá exatamente a missão que o Estado lhe confiará. Guerman Titov não terá medo, nem frio, nem fome, nem calor, pois não tem um corpo propriamente seu; não terá escrúpulos de consciência, pois não possui consciência; não trairá, será uma engrenagem telecomandada da Terra.

Ele come a ligeira refeição que lhe foi preparada quimicamente e passa para as mãos dos que irão vesti-lo. Um especialista fixa-lhe sobre o crânio e sobre o resto do corpo os contatos de eletrodos que telessoltarão os seus reflexos e informarão os sábios a respeito do comportamento do seu organismo.

Revestem-no com o seu escafandro azul-pálido de cosmonauta e os eletrotécnicos verificam os fios que serão fixados sobre um *dispatching* de bordo.

Daí em diante, Titov não é mais um homem, nem sequer um *robot*, mas uma espécie de máquina eletrônica que será transportada num autocarro, içada num ascensor, ajustada como uma engrenagem entre outras engrenagens na sepultura de cerâmica e titânio.

Titov, durante 25 horas, nada verá — nem sequer o mapa-múndi giroscópico colocado «aparentemente» diante dos seus olhos cegos —, nada sentirá, não terá qualquer noção de tempo, de perigo, de grandeza.

Próximo das suas mãos há alavancas, mas não terá necessidade de as manobrar: da Terra, aqueles que o dirigem provocarão automaticamente, na altura exata, os reflexos das suas mãos, por meio da ação dos eletrodos. Ele estará fora de tudo, mas é indispensável dar a impressão de que serve para qualquer coisa.

Às 7 horas, Titov partiu, possesso de uma doce euforia como um bem-aventurado que sobe ao Paraíso⁵.

Os homens não estão preparados — nem física nem moralmente — para efetuar impunemente uma navegação sideral sobre engenhos que desenvolvem uma pressão de 2 milhões de toneladas. Já nos aviões a jato, que voam a 800 quilômetros por hora, inúmeros passageiros têm crises de epilepsia e de depressão nervosa. A 18 de Setembro de 1962, a atriz Jayne Mansfield (falecida recentemente num trágico desastre de viação), ao regressar de Roma, desceu banhada de lágrimas no aeródromo de Nova Iorque.

Quando o passageiro é menos conhecido, a sua agitação é acalmada por processos drásticos. Na linha Paris-Bamako, os negros que não podem suportar a altitude e a velocidade e são atacados de crises de nervos fazem a viagem «adormecidos», quer dizer, põem-nos, não olhando aos meios empregados, em estado de não reagir.

Todos os pilotos e todas as hospedeiras do ar, que viajam nas linhas rápidas, são vítimas de depressão e de perturbações pulmonares. Chegou a acontecer várias vezes, mas o fato é mantido secreto, tripulações, hospedeiras e passageiros *recusarem-se a subir!*

Existe portanto uma necessidade de preparar os homens para a viagem cósmica, habituando-os antecipadamente à viagem em jatos que voem a *mach 3* (mais de 3000 quilômetros por hora) a uma altitude de cerca de 20.000 metros. Isso levanta problemas difíceis de resolver, tão difíceis que

⁵ E no momento da partida ele teria dito: «E uma felicidade jamais sentida enebriou-me.»

as companhias aéreas não preveem linhas supersônicas comerciais antes de 1970.

De qualquer forma, o sistema de adormecimento será substituído por um tratamento mais científico. Em vez de incitar os passageiros, como hoje se faz, a tomarem um comprimido contra o mal da altitude, será entregue, juntamente com o bilhete, a droga que permitirá suportar facilmente a viagem.

Quanto às consequências que possam advir para os humildes Terrestres que ficaram em terra, nem se fala nelas. Assinalemos, todavia, o relatório do piloto do B-58 que percorreu Los Angeles-Nova Iorque e volta em 4 horas e 42 minutos: *Velocidade em altitude: 1500 milhas por hora; no solo: 13.000 janelas quebradas.*

No entanto, está fora de dúvida que continuamos a conquista do céu. O tempo dessa conquista já chegou. Já não é possível fazer marcha a trás. O destino do homem impele-o para fora da Terra.

Como Titov, ele transformar-se-á num *robot* sabiamente elaborado pelos doutores-eletrodos e levantará voo em direção aos astros, mergulhado à distância numa «felicidade jamais experimentada». Assim se fará a seleção natural: aqueles que não puderem seguir o ritmo desaparecerão; os outros adaptar-se-ão à nova era.

Quando o planeta se tornar inabitável, caso isso aconteça, só sobreviverá a *elite* preparada para a evasão cósmica. Enquanto se aguarda esse êxodo, uma verdadeira guerra científica opõe o Ocidente ao Oriente.

As Cinturas de Van Allen

Não foi sem motivos que os Estados Unidos e a U.R.S.S. disputaram entre si os pequenos pedaços de terra gelada dos polos. No atual estado dos conhecimentos cósmicos, os polos terrestres têm uma importância capital.

O vácuo sideral — aquilo que se acreditava outrora, em 1939, ser o vácuo — é na realidade uma formidável armadilha para astronautas. O professor Fritz Zwicky declarou em Bruxelas, em Dezembro de 1961:

Segundo observações muito recentes, o espaço intergalático, considerado como um vácuo absoluto há dez anos, está cheio de gases, poeiras e radiações eletromagnéticas de densidade muito fraca, que nos vêm de galáxias extremamente longínquas,

Essas radiações, esses corpúsculos, são radioativos e constituem um perigo mortal — que algumas pessoas consideram insuportável — para a navegação sideral. Sem contar os corpos meteóricos muito capazes de pulverizar, devido a colisões, os foguetões e outras naves lançadas para os planetas.

Segundo o engenheiro soviético P. Makovetski e «segundo rigorosos cálculos», está estabelecido que é mais perigoso atravessar uma aglomeração de partículas meteóricas do que ser exposto ao tiro ajustado de uma metralhadora.

As primeiras concentrações de poeiras cósmicas mortais (partículas ionizadas) envolvem a Terra por uma tripla coroa orientada, polarizada, chamada Cintura de Van Allen. Esse triplo cinto parece apresentar duas «passagens» possíveis: nos polos. Eis por que motivo as naves espaciais habitadas talvez venham a partir, no futuro, da Terra Nicolau II ou da Terra Adélia.

Todavia, a verdadeira solução é imunizar os navegadores contra os bombardeamentos cósmicos, tendo os da primeira Cintura de Van Allen uma nocividade calculada em 10.000 radiografias terrestres, o que representa uma dose cinquenta vezes mortal.

Os tranquilizantes: uma temível invenção

O final de século que iremos viver não será, no entanto, tão pavoroso como seria de supor, pois, como no avião supersônico, os tranquilizantes ajudarão a suportar a viagem, e as drogas farmacodinâmicas darão aos homens a impressão eufórica de serem semideuses.

Ao descobrir os tranquilizantes, o francês Laborit provocou uma revolução que mudará a face do mundo e que, assim como o aparecimento da ciência atômica, formará os caracteres próprios à era nova.

O homem, por intermédio das drogas, entra de livre vontade num paraíso artificial.

Já, e cada vez mais, ele troca as suas qualidades reais por qualidades aparentes que estão longe de ser inofensivas.

Que um doente drogado enfrente uma operação em perfeita calma, sob a influência de um tranquilizante, seja! Mas são os homens «aperfeiçoados» que à noite se lançam a 150 à hora pelas auto-estradas; os cosmonautas drogados que sobem nos foguetões siderais; as mulheres grávidas que abusam de certos medicamentos para aguentarem o parto.

Os estudantes dos liceus drogam-se para passar um exame, e não é segredo para ninguém que os atletas russos e americanos, que os ciclistas e os nadadores «se excitam» para melhorar a sua forma. Em breve o próprio sábio — se já o não fez — pretenderá duplicar as suas faculdades intelectuais.

O estudo da psicologia submarina efetuado pelo explorador Jean-Albert Foëx⁶ demonstrou que o espírito humano, a uma certa profundidade, adquire apercepções no sentido da quarta dimensão. Tudo isto pode-nos levar muito longe.

O homem-artificial, o semideus do ano dois mil, será de fato mais feliz do que nós?

Sendo o objetivo supremo da vida a felicidade, a ciência prepara-se para impor à humanidade uma felicidade obrigatória. O primeiro estágio é a abolição da infelicidade.

A infelicidade é uma situação precária, subalterna, um mal incurável que nos espia, uma diminuição física irremediável, as preocupações ou lutos familiares, a insegurança pessoal ou social, os fracassos. Que importa, se o medicamento milagroso está à mão.

O ópio, o haxixe, a cocaína sem efeito pernicioso aparente, um tônico, autorizado e até — porque não? — imposto à maneira do brometo no vinho das casernas: aí está a felicidade ao alcance de todos. Basta para isso que os Governos adquiram o monopólio de certos produtos.

Assim nascerá talvez o homem *robot*, afastando-se do seu destino natural e submetido a rigorosos controles, desposando a política, adotando as opiniões ditadas.

É possível que a felicidade seja uma vitória, mas é, sem dúvida, uma vitória inquietante.

Os deuses artificiais

Enquanto aguarda essa mutação não controlável, o homem do ano dois mil veste já o «quente capote dos deuses» e adquire a inteligência, o instinto, a resistência das entidades superiores. Resta-lhe apenas conseguir a imortalidade.

Se ele precipitar a queda, transforma a cambalhota em voo, e, como Titov, o homem do ano dois mil prepara o seu perigoso destino com a sensação de um bem-aventurado no paraíso. Poderá pensar-se — como certas pessoas — que seres superiores, que nós não conhecemos, sacrificam o homem terrestre para preparar o aparecimento do homem do cosmos? Será possível pensar que essas irradiações, essas drogas, essas mutações aceleradas são uma operação-salvamento?

Tornar-se-á a conquista do céu uma necessidade vital?

⁶ No seu livro: *4000 Ans d'Aventures Sousmarines*.

É estranho verificar que as nações comprometidas na corrida para o céu não disseram os motivos que as impeliam.

A curiosidade científica, o espírito de aventura? Talvez exista também um espírito de aventura quase inconsciente de fugir do nosso planeta ameaçado.

Supôs-se igualmente que poderíamos obedecer a um misterioso apelo vindo das profundezas do céu, apelo telepático, informulado, transportado através de ondas que não sabemos captar.

Foi anunciado várias vezes que tinham aterrado seres extraterrestres, quer para estudar, quer para contactar com os Terrestres. Mas então, se foram estabelecidas relações — o que está longe de ser evidente —, temos o direito de pensar que o segredo das viagens espaciais talvez tenha sido revelado. A menos que a ciência de Vênus, de Marte, ou de algures, seja absolutamente diferente da nossa, inadaptável, ou que os seres de outros astros achem pouco aconselhável encorajar as permutas em duplo sentido.

Sementes longínquas

Bem entendido, essa extrapolação é muito aventureira, mas talvez ela seja a verdade de amanhã. Há mais de vinte anos, uma inglesa, Lady R., acreditava tão firmemente na panspermia e na coexistência cósmica, que experimentou sobre os adeptos a certeza das suas teorias.

Tratava-se de fecundar algumas jovens com sementes de seres do cosmos transportadas sobre ondas-luz. Lady R. tentara ela própria a experiência, mas sem êxito. Chegara à conclusão de que a sua idade — cerca de sessenta anos — se prestava mal para a tentativa.

A experiência continuou com belas e jovens virgens que, deitadas nuas numa propriedade privada, procuravam aventura com as estrelas. Alguns *écrans* judiciosamente colocados faziam convergir uma luz densa, mas atenuada para evitar queimaduras. Dessa forma julgavam aumentar as probabilidades de inseminação.

As virgens que Lady R. destinava a serem as mães de uma nova humanidade eram, devido ao papel eminente que lhes poderia caber, alimentadas segundo o método vegetariano, mantidas fora do contato humano, como as vestais, e só tinham o direito de ler a Bíblia. Elas formavam dois clãs: um, submisso à panspermia das estrelas, era composto por jovens que deviam viver completamente nuas desde o nascer ao pôr do Sol; o outro — menos numeroso — era consagrado à fecundação solar, e as raparigas, deitadas sobre leitos portáteis orientáveis segundo a deslocação do astro, oficiavam desde a aurora ao crepúsculo.

De início, os resultados não foram nada encorajantes. Lady R. começava a duvidar da sua teoria quando uma das jovens começou a apresentar os sintomas de uma maternidade que o médico confirmou. Alguns meses mais tarde, teve um aborto.

Lady R., que sempre tivera grande cuidado em afastar o sexo forte dos seus assuntos, proclamou que a «coisa» era o filho de um homem do espaço. A imprensa zombou do caso e ninguém acreditou na jovem mãe — ela afirmava ser virgem —, nem na velha senhora, que morreu entre os seus fantasmas.

Mensagens do cosmos

Paralelamente à tentativa de conquista, torna-se indispensável prevenir os Extraplanetários que encaramos a hipótese de entrar em contato com eles.

Já partiram foguetões a caminho da Lua, de Vênus e de Marte; mas não exige a boa educação que, seja em que circunstância for, se bata à porta antes de entrar?

Os Russos consideraram como sendo a expedição de uma mensagem o envio do Lunik II, a 12 de Setembro de 1959, para a Lua. Os Selenitas, se existem, sabem que nos preparamos para os

visitar.

Não é impossível que a Lua seja habitada, que era a opinião de Camille Flammarion e dos astrônomos William Pickering e Robert Barker. Barker assinalou, a 12 de Dezembro de 1937 e a 16 de Janeiro de 1938, zonas coloridas que faziam crer que se desenvolvia sobre o nosso satélite uma vegetação num ciclo vegetativo completo de 14 dias e 3/4.

O astrônomo Percival Lowell viu ao telescópio, na noite de 7 de Dezembro de 1900, um raio de luz brotar de Marte e manter-se visível durante 1 hora e 10 minutos.

Tratar-se-ia de um sinal? É pouco provável, pois um sinal deve incluir pelo menos duas características: ser de natureza compreensível e repetir-se a intervalos regulares. Giovanni Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão, viu uma cruz luminosa sobre o planeta Marte. Em 1921, Guglielmo Marconi captou, sobre o seu iate *Elektra*, mensagens em morse que ele afirmava provirem de uma zona extraterrestre. Essas mensagens, emitidas sobre 150.000 metros de comprimento de onda, repetiam-se a intervalos regulares e não podiam ser provocadas por perturbações elétricas.

Pelo seu lado, os homens devem igualmente enviar sinais para os cosmos. Mas que sinal enviar? Uma mensagem em morse, com o Laser?

Em 1944, um astrofísico alemão calculou que o átomo de hidrogênio neutro devia emitir uma irradiação hertziana sobre um comprimento de onda aproximada dos 21 centímetros. Essa irradiação, o *Raio 21* do hidrogênio, tem a particularidade de não ser detido pelas poeiras cósmicas e constitui, em certa medida, «o comprimento de onda tipo do «cosmos». Ele é facilmente detectado pelos radiotelescópios.

Portanto, se existem no cosmos, civilizações análogas à nossa ou, melhor ainda, superiores à nossa, a uma distância não excedendo os 2 milhões de anos-luz⁷, nós devemos poder comunicar com elas, pois uma emissão no comprimento de onda de 21 centímetros é obrigatoriamente captada pelos astrônomos extraplanetários. Seria evidentemente muito instrutivo manter semelhantes conversações. Mas como compreender o sentido das mensagens?

E, pelo nosso lado, que dizer?

Na América, vários técnicos especializados esforçam-se por estabelecer um código de sinais ideológicos e fonéticos. Evidentemente, esses contatos, essas mensagens, implicam a certeza de que os Extraterrestres não estão entre nós. Todavia, alguns fatos curiosos, mas pouco verosímeis, notados como indícios insólitos, figuram nos arquivos dos clubes de estudos dos U.F.O.

Aí se encontram em primeiro lugar certas descrições de contatos entre Extraterrestres e Terrestres, inclusivamente no Japão e na América, mas é difícil conceder-lhes grande crédito. Os Venuzianos que teriam aterrado no monte Shasta, os delegados de Betelgeuse que visitaram a Base Aérea de Muroc e os desembarques de marcianos em discos voadores não apresentam garantias sérias. Já nos referimos ao assunto.

Mônica, filha sem pai

Em Julho de 1962, deu-se um brusco arrefecimento na temperatura em Catane, na Sicília, sem razão aparente, e algumas testemunhas afirmaram que «coisas sem consistência, que talvez fossem homens de um outro planeta», tinham visitado diversas casas.

Na Alemanha, em 1945, um nascimento extraordinário foi interpretado como resultado de uma experiência análoga à de Lady R., mas provocada por seres extraterrestres.

Tratava-se do caso da pequena Mônica.

No decurso do Verão de 1944, uma jovem alemã de Hamburgo, de 26 anos de idade, teve a

⁷ O *Raio 21* do hidrogênio tem, todavia, um poder de penetração muito superior a 2 milhões de anos-luz, e sabe-se, através da observação da Grande Nebulosa de Andromède, situada a essa distância da Terra, que comunicações dessa ordem são facilmente realizáveis.

surpresa de ouvir o médico anunciar-lhe uma maternidade próxima. Ora, a jovem tinha absoluta certeza de não ter tido relações com homens há cerca de quinze meses. Em 1945, ela deu ao mundo a pequena Mônica, sem tentar provar cientificamente o milagre que acabava de produzir-se.

Ela casou-se, divorciou-se e desposou, em 1956, um inglês que a levou para o seu país.

Foi então que respondeu ao inquérito do jornal *Sunday Pictorial*, que fazia abertamente a seguinte pergunta às suas leitoras: *Minha senhora, teve algum filho sem pai?*

O seu caso foi escolhido entre uma vintena deles: exames científicos precisos, efetuados por um júri médico designado pelo jornal, demonstraram, particularmente devido ao efeito de um enxerto que resultou tanto sobre a mãe como sobre a filha, que houvera partenogénese. A conceituada revista médica inglesa *Lancet* declarou *que não era possível provar cientificamente que um pai participara no nascimento*, visto as análises e o enxerto provarem o contrário.

Em Fevereiro de 1953, o doutor Lombard, de Argel, comunicou à Academia de Medicina a extraordinária aventura de um garoto de 21 meses, o pequeno Gilles M., de Loverdo (no maciço de Ouarsénis), que deu à luz uma criança. De fato, uma operação cirúrgica libertara-o de um feto que media 14 centímetros, provido de um pequeno esqueleto e de alguns cabelos.

Era um autêntico feto humano que parecia dever desenvolver-se normalmente, mas cujo crescimento fora interrompido por um acidente. Esse caso de partenogénese era excepcional, visto a mãe do feto ser do sexo masculino. O doutor Lombard eliminou a hipótese de um irmão gêmeo de Gilles. Ele afirma que o feto era de fato filho do bebê.

Há perto de 2000 anos, um outro caso de partenogénese modificou o curso da História.

Para os católicos, a Virgem Maria concebeu por intervenção do Espírito Santo, mas alguns meios russos lançam atualmente a hipótese de Jesus e os seus apóstolos terem sido viajantes extraplanetários⁸!

Raptos?

Se uma parcela da humanidade extraterrestre se junta à nossa, pode presumir-se em contrapartida que os viajantes estrangeiros tenham retirado alguns exemplares da nossa espécie.

Também neste caso se trata de uma hipótese, que se baseia em inquietantes desaparecimentos assinalados na América.

O semanário *La Presse*, em 1961, fez o relato desses desaparecimentos cujo caráter é particularmente insólito, pois incidem sobre famílias inteiras e desafiam qualquer explicação:

A 14 de Agosto de 1952, o carnicheiro Tom Brooke, sua mulher e seu filho, de 11 anos, despediram-se de alguns amigos nas proximidades de um bar, a 60 quilômetros de Miami, na Florida; subiram para o seu automóvel e puseram-se em andamento. Eram 23:40 horas.

No dia seguinte de manhã, a polícia descobria o automóvel abandonado a 18 quilômetros do bar. Os faróis tinham ficado acesos, uma das portas estava aberta e sobre o banco traseiro encontrava-se a carteira de mão da senhora Brooke, que continha uma avultada quantia em dinheiro. Na planície que ladeava a estrada, encontraram-se vestígios dos Brooke. Eles tinham avançado cerca de uma vintena de passos, depois pareciam ter-se volatilizado, pois os vestígios cessavam bruscamente.

A 11 quilômetros dali, uma criada de restaurante, Mabel Twin, desapareceu *na mesma noite, da mesma maneira*. Essas quatro pessoas jamais foram encontradas e a polícia nunca deu explica-

⁸ «No plano médico, caso tivesse havido partenogénese, a Virgem deveria ter concebido uma filha. O caso é portanto extraordinário.

ção para esses desaparecimentos.

Um agente do F.B.I. disse à laia de gracejo:

— Dir-se-ia que foram raptados pelos marcianos.

Era de fato a época em que os discos voadores atravessavam o céu dos Estados Unidos e em que alguns americanos diziam ter vislumbrado os seus ocupantes.

A notar ainda:

A 7 de Dezembro de 1959, Ken Martin, de 54 anos, sua mulher e suas três filhas desapareceram de Portland (Oregon) depois de terem anunciado que iam buscar um pinheiro de Natal.

A 29 de Dezembro, foi a vez de Earl Zrust, de sua mulher e de seus quatro filhos (em Silver Lake, no Minnesota).

A 11 de Janeiro de 1960, D. Carrol Jackson, de 29 anos, sua mulher e seus filhos, que habitavam o condado de Louisa, na Virgínia, desapareceram ao irem visitar uns amigos. O seu automóvel foi encontrado junto de um fosso.

Todos esses desaparecimentos ocorreram em campo raso, ficando a viatura abandonada à beira da estrada. Num dos casos, uma bolsa contendo dinheiro foi deixada sobre o assento do carro.

O mistério é total, a menos que se queira admitir a hipótese de um rapto para fora do nosso Mundo. Nesse caso, os discos voadores talvez não fossem uma simples alucinação.

Todas as suposições são permitidas, visto que mesmo a propósito dos satélites, os Russos e os Americanos não podem fazer uma ideia exata, pois *existem mais satélites em redor da Terra do que os lançados por eles!*

Além do misterioso Cavaleiro Negro que gira em torno do globo desde 1958, um outro satélite «extra» preocupa os Americanos. Não tendo ainda sido identificado, o misterioso engenho é todavia captado. Sabe-se que ele gira à volta da Terra num pouco mais de 104 minutos e que se afasta até cerca de 214 quilómetros. Ele acentua igualmente, ao descrever a sua órbita, uma nítida tendência para a instabilidade.

O general Dudley Sharp, secretário do Exército do Ar, disse aos jornalistas que, bem vistas as coisas, esse pedaço de metal podia muito bem ser o invólucro do Discoverer VIII, lançado a 20 de Novembro de 1959.

Mas enquanto o general Dudley Sharp propunha essa hipótese tranquilizante, um outro general, James Gavin, antigo comandante-chefe dos Serviços de Pesquisa do Exército norte-americano, mostrava-se muito inquieto. O general Gavin supõe de fato que o território americano se encontra atualmente sob o olhar de um observador de origem soviética.

Nenhuma voz autorizada nos Estados Unidos apoiou o general Gavin. Em Moscou, o mesmo silêncio indiferente.

Diz-se que Alia Massevitch, colaboradora do académico Sédov, duvida de que o satélite anónimo seja soviético⁹.

Esse mistério, que dura desde Fevereiro de 1960, jamais foi esclarecido.

O general Courtenay-Gabor

Em 1958, apareceu um livro estranho assinado por Henry Ward e intitulado *L'Enfer Est dans le Ciel*¹⁰. O escritor Henry Ward, embora viva de forma muito misteriosa, passa por ter tido acesso a certos arquivos secretos. O seu livro é prefaciado por um certo general Courtenay-Gabor, que habita no Sussex e é diretor de um gabinete de controle científico de cuja existência podemos duvidar.

O que importa, é que o prefácio desse general Courtenay-Gabor divulga fatos que fazem par-

⁹ *Paris-Press*, 13 de Fevereiro de 1960.

¹⁰ Edições Del Duca.

te do segredo de Estado e que nós temos boas razões para julgar autênticos, em especial o lançamento de satélites artificiais americanos e russos, desde 1952, e tentativas em relação à Lua, Marte e Vênus, em 1956, com o Prospector-M pelos ianques e o Ypsilon-0001 pelos comunistas.

Ora, a partir de Setembro de 1956, os dois satélites nunca mais deram notícias. Um deles giraria no cosmos com a sua carga de cadáveres, *o outro teria talvez pousado sobre um planeta!*

O parágrafo IX do livro relata um congresso científico secreto (na realidade, uma conspiração), cujos objetivos foram mal interpretados, mas cuja existência (certa) só é conhecida de alguns iniciados.

Eis esse parágrafo:

IX — Segundo informações provenientes de fontes oficiosas, mas geralmente muito bem informadas, seria de crer que uma comissão internacional de sábios estaria instalada em segredo numa cidade da Alemanha Ocidental, a fim de explorar em conjunto as observações transmitidas a partir do vácuo sobre as possibilidades infinitas da energia cósmica.

A aventura extraplanetária conhecida ter-se-ia iniciado em 1952 ou mesmo antes. Os Alemães, em 1917, talvez tenham conseguido expulsar para fora da zona de atração terrestre uma espécie de granada que se teria transformado num satélite artificial. Acaso haverá já homens instalados sobre um planeta? Sim, mas no estado de cadáveres.

Colonizar a Lua

Oficialmente, a primeira conquista espacial será a Lua.

O Congresso americano vota, a favor desse projeto, créditos da classe dos 200 mil milhões de francos. Como a temperatura sobre o nosso satélite é da ordem de 100 graus positivos de dia e de 100 graus negativos à noite, os técnicos preparam bases subterrâneas. Foram previstas brocas gigantes que cavariam túneis onde a temperatura ambiente seria à volta de 30 graus positivos.

Em sincronização com as brocas, vagões telecomandados, montados sobre cadeias de transmissão, evacuarão as terras, preparando cavernas onde serão introduzidas habitações estanques climatizadas.

Um estudo mais aprofundado do solo lunar modificou sensivelmente o projeto inicial.

A General Electric Co. submeteu à aprovação do Governo dos Estados Unidos um plano que permitiria o estabelecimento sobre a Lua, em 1968, de uma colônia que se bastaria a si própria.

Segundo esse plano, seria possível, sem que qualquer melhoramento sensacional, quer científico, quer técnico, intervisse, fazer alunar 200 engenhos Saturno transportando 10 colonos e 225.000 quilos de utensílios! Os engenhos utilizados seriam do tipo modular elementos-caixas, quer dizer, adaptáveis para formarem conjuntos diversos. Após uma aterragem, poderiam servir de habitações de um modelo tão eficiente quanto resistente e compacto.

Esses alojamentos conteriam salas de estar, uma messe, lojas, laboratórios e centrais elétricas. Previam igualmente cobrir com um zimbório translúcido o complexo de habitações e de reservar um espaço utilizável como jardim de recreio ou qualquer outro fim.

Segundo os promotores do plano, esse projeto «é técnica e economicamente realizável em 1968».

Pelo seu lado, os Soviéticos prepararam uma instalação que permite produzir uma alimentação completa destinada aos cosmonautas e aos emigrados lunares, e que fornece, além disso, uma certa quantidade de ar puro. Trata-se da cultura e da multiplicação espontânea de uma alga rica em calorias e em vitaminas: a clorela.

A 12 de Dezembro de 1961, as Nações Unidas adotaram por unanimidade um programa de cooperação internacional para a utilização do espaço cósmico. A O.N.U. reconhecia igualmente que o espaço extra-atmosférico dependia do direito internacional e que os corpos celestes, entre os quais a Lua, não pediam ser submetidos a qualquer soberania nacional.

Desta forma, a luta pelo cosmos já não pode aparentar mais do que o carácter de uma competição cultural e desportiva.

Outra certeza: mesmo se a Terra um dia for destruída, os sobreviventes extenuados que conseguirem alcançar um outro solo, sobre um outro planeta, já não terão a preocupação de apelar para uma longínqua nacionalidade.

Serão, muito simplesmente, homens.

AS ARMAS SECRETAS

Não haverá guerra atômica, pois está posta de lado a ideia de que a América, a U.R.S.S., a Inglaterra e a França utilizem as suas bombas A, H, N, P ou G¹.

No atual estado da ciência nuclear, essa guerra significaria o fim do mundo.

Mas não está excluído que os sábios consigam fabricar o que eles chamam a «bomba limpa».

A «bomba suja», aquela que atualmente macula a atmosfera do globo, foi inventada em várias etapas:

Em 1896, H. Becquerel descobre a radioatividade.

De 1932 a 1938, os sábios franceses, ingleses, italianos e alemães realizam a rotura do átomo com o auxílio de neutrões, mas recusam-se ainda a acreditar no fato.

Em 1934, em Roma, Fermi e Segré realizam a primeira reação em cadeia do urânio, mas interpretam mal a experiência.

Em 1938, Otto Hahn descobre a rotura nuclear graças aos trabalhos de Irène e de Frédéric Joliot-Curie.

A bomba atômica está ultrapassada

A 10 de Dezembro de 1961, às 20 horas, hora francesa, os Americanos experimentavam uma bomba de cinco mil toneladas num subterrâneo do Novo México, com a ambição de provocar uma explosão «própria».

A nuvem radioativa que saiu na direção nor-nordeste tinha uma intensidade de 10.000 *roentgens* — quer dizer, cerca de 14 vezes a taxa mortal — e tiveram de fechar o tráfego na rota de Carlsbad.

A 30 de Outubro de 1961, os Soviéticos fizeram explodir na Nova Zâmbia uma bomba de 57 megatoneladas, ou seja 57 milhões de toneladas de T.N.T. Os Americanos anunciaram imediatamente que tinham uma potencialidade de armas capaz de destruir 90 por cento da U.R.S.S. em 24 horas, além de 5000 armas nucleares e de 7000 bombas atômicas da N.A.T.O. A revista americana *News and World Report* declarava:

Os Estados Unidos possuem uma potência de fogo equivalente a 35 bilhões de toneladas de T.N.T.

Calcula-se que 3 superbombas de 57 megatoneladas destruiriam mais ou menos toda a França. Ora, os Americanos podem fazer explodir 35 bilhões de toneladas de T.N.T., o que chegaria para destruir 200 nações do tamanho da França. E a potência da Rússia é mais ou menos semelhante.

¹ A= urânio; H = hidrogênio; N = neutrão; P = plutônio; G = germânio.

Se a guerra rebentasse, prosseguia a revista americana, bastaria carregar num botão para que mais de 200 mísseis de ogiva nuclear levantassem voo em direção a cidades já assinaladas. 500 projeteis de menor calibre dirigir-se-iam a outros objetivos. Mais de 5000 bombardeiros entrariam em ação.

A esse poder de ataque acrescentar-se-ia uma esquadra de submarinos atômicos, dos quais vários estão de vigilância ao largo das costas soviéticas e, bem entendido, todo o arsenal de armas clássicas.

Mas que importa a potência?

Os Estados Unidos, assim como a Rússia, possuem mil vezes mais bombas atômicas do que seria necessário para destruir a Terra. Se acaso explodissem, a contaminação da atmosfera era tal que tanto uns como os outros seriam atingidos pela mesma destruição. Salvo erro técnico ou má interpretação das ordens, a guerra atômica é impossível.

Todavia, nos Estados Unidos, 40 bombardeiros portadores de bombas não espoletadas vagueiam no espaço 24 horas por dia, desde 1 de Janeiro a 31 de Dezembro, preparados para dar uma resposta imediata — a última — no caso de os mísseis russos destruírem sem pré-aviso os cinquenta Estados americanos. Quando um bombardeiro pouisa, outro já levantou voo para o substituir. Por vezes um aparelho esmaga-se no solo — duas ou três vezes por ano — e a imprensa anuncia:

Um avião portador da bomba atômica esmagou-se no Estado de Michigan... A bomba não estava espoletada.

Para dizer a verdade, os Americanos e os Russos procuram, uns e outros, a bomba ideal. Um obstáculo: os Chineses. Também eles possuem a bomba atômica e talvez não hesitem em atacar — morrer por morrer — quando o espaço vital já lhes não bastar².

A 19 de Julho de 1961, os Estados Unidos realizaram uma bomba atômica «sem explosão», espécie de reator «não controlado» que produz todas as radiações de uma explosão nuclear sem a explosão e sem a emissão de calor.

A bomba de «califórnia», pouco maior do que um cartucho de revólver, poderia destruir uma cidade, mas exala uma radioatividade intensa. A bomba de neutrões — simplesmente em estudo, supõe-se — é fracamente radioativa e exala um fluxo de neutrões que destroem não a matéria sólida, mas o oxigénio do ar, transformando-o em azoto.

Se essa bomba N fosse realizada, ela poderia destruir uma nação sem que o resto do mundo fosse prevenido e talvez mesmo sem que fosse possível apontar claramente o agressor.

O jornalista-escritor Jean Nocher disse a esse respeito:

Jamais saberíamos quando a guerra seria declarada.

Uma nação poderia ser destruída «sem o saber»! Seria então necessária uma resposta por meio de comando automático, quando já não existissem seres vivos para agir.

O «dedo da morte» poderia apesar de tudo destruir o atacante.

Essa bomba de neutrões é sem dúvida a «arma fantástica» russa a que se referiu, em 1960, o primeiro-ministro Khruchtchev.

²O pai dessa bomba é o sábio atomista T'Sien, que foi aluno, em Paris, de dois colaboradores de Joliot-Curie, os franceses Vigneron e Chastel. Para realizar o seu programa atômico de grande alcance, os Chineses serão obrigados a denunciar o tratado que fizeram com a U.R.S.S., que os obriga a fornecer durante 99 anos a totalidade da sua produção de urânio às fábricas russas.

A propaganda ocidental, com razão ou sem ela, revelou a existência de um outro projeto: «o comboio da morte».

Tratar-se-ia de um Sputnik arrastando tãnderes de bombas atômicas numa prolongada volta em redor da Terra, tendo a bordo um posto eletrônico comandado do solo, capaz de precipitar o comboio sobre um ponto exato.

Todavia, esse imenso arsenal atômico talvez não seja mais do que uma imensa chantagem. As verdadeiras armas secretas são de outra espécie e inscrevem-se no ciclo da evolução científica: essas armas são biológicas, exceção feita para os raios da morte, terrificantes e silenciosos, conhecidos dos Russos, dos Franceses e concluídos pelos Americanos.

O raio da morte

A imprensa, em Dezembro de 1961, escreveu que estava em estudo uma arma ultra-secreta nos laboratórios das fábricas Martin, perto de Denver, Colorado. Essa arma, parcialmente nuclear, destinada à aviação, reduziria ao estado de vapor gasoso todas as matérias para que fosse dirigida, até uma distância de 300 quilômetros. O protótipo, realizado, produziria um raio cuja temperatura ultrapassaria 100.000 graus, podendo mesmo atingir 1 milhão de graus³.

O efeito desse raio da morte, declarou o doutor Carl L. Korber, da Sociedade Martin, seria semelhante ao produzido por um forno solar.

Já a 26 de Agosto do mesmo ano, um jovem inventor italiano tentara experimentar um raio da morte perante os jornalistas convocados em Lurano, pequena aldeia situada a alguns quilômetros de Trévis, na Veneza. Eis a descrição da experiência⁴:

Viam-se duas mesas retiradas da cozinha. Sobre uma delas estava colocada uma boneca de trapos, um pequeno pote de grés e duas caçarolas de alumínio.

Sobre a outra, alguns aparelhos estranhos, e tanto mais que era em parte visível tratar-se de máquinas elétricas muito complicadas e por outro lado inegável que tinham sido construídas com materiais ao acaso.

Em volta dessa segunda mesa agitava-se um homem novo, alto, magro, já marcado por uma calvície precoce.

Reinava um estranho silêncio como na véspera de um grande acontecimento.

«Atenção!», disse simplesmente o jovem em dado momento.

Ele apontou então na direção da primeira mesa uma espécie de tubo, que à distância não era possível distinguir se era feito de metal ou de cartão. Depois manipulou os seus aparelhos, apresentou alguns sinais de impaciência como se as máquinas se mostrassem rebeldes ao seu desejo, reajustou os fios e manobrou alavancas.

Isso durou algum tempo; depois, bruscamente, do pequeno grupo de jornalistas brotou um grito de espanto. Dos objetos colocados em cima, da primeira mesa, nada restava!

As duas caçarolas de alumínio, o potezinho de argila e a boneca de trapos tinham sido desintegrados⁵.

Foi assim que Aldo Bonassoli apresentou à imprensa a sua última invenção: o famoso raio para desintegrar a matéria, que já Marconi pretendia ter descoberto, mas que não chegara a realizar.

O inventor é extremamente discreto a respeito do mecanismo do aparelho, mas provavel-

3 Tratava-se talvez do raio de prótons de 30 bilhões de electrões-volts, obtido no Laboratório Atômico de Brookhaven.

4 *La Presse*, 18 de Setembro de 1961, Jean Blondeau, *Le Rayon de la Mort*.

5 Mas a mesa não! É este pormenor que parece provar a aldrabice!

mente trata-se de ultrassons de que Aldo Bonassoli apenas pode prever duas aplicações práticas: desintegrar a gasolina, e portanto reduzir a zero toda a utilização de veículos automóveis e de aviões em caso de conflito, e desintegrar as bombas atômicas em zonas determinadas.

Mas compreende-se a dificuldade que pode haver em produzir a desintegração de certas matérias sem tocar nas outras e sobretudo na matéria viva.

Ao desintegrar, diante dos jornalistas, um velho pote, duas caçarolas e uma boneca era na realidade aos sábios que Aldo Bonassoli se dirigia para os persuadir do valor real das suas invenções.

Ele acha que o seu raio da morte está pronto a funcionar e que a distância que ele pode atingir apenas depende da intensidade da corrente elétrica que é fornecida ao aparelho.

As suas pesquisas dirigem-se atualmente a um outro engenho que espera poder mostrar ao público dentro em breve. Trata-se de um olho eletrônico que, não só permitiria dar novamente vista aos cegos, mas igualmente a possibilidade, a qualquer pessoa, de ver através das paredes e de outros obstáculos do gênero, e talvez mesmo através das montanhas.

A invenção do jovem italiano não parece ter impressionado grandemente os meios científicos, que se desinteressaram do assunto. Há motivos para crer que o raio da morte de Lurano não passava de uma brincadeira. O verdadeiro raio da morte, inventado, experimentado e terrivelmente eficiente está a postos nos Estados Unidos. Os aperfeiçoamentos só lhe podem melhorar o alcance.

O raio da morte tem um nome: o Laser.

A arma existe. Ela fulminou animais a quilômetros de distância. Há couraçados e aviões providos dessa arma.

O princípio do raio da morte é perfeitamente conhecido e a sua explicação científica não é segredo para ninguém:

Sobre um cilindro de rubis com menos de quatro centímetros de comprimento, projeta-se durante alguns instantes uma luz verde, depois um flash eletrônico vermelho a 1/4000 de segundo. Então jorra do cristal um prodigioso clarão vermelho, um relâmpago infernal 100.000 vezes mais intenso do que a luz emitida por uma superfície equivalente do Sol. O fraquíssimo sinal vermelho que provocou o fenômeno viu-se assim ampliado bilhões e bilhões de vezes.

O milagre está ligado ao novo processo de amplificação dos sinais luminosos. Isso chama-se Laser, termo novo a ser fixado, pois muito ouviremos falar nele. Bem poderia anunciar uma revolução técnica tão importante como a que foi provocada pela aparição dos transistores.

Laser são as iniciais das palavras inglesas que significam: amplificação das ondas luminosas devido à emissão de uma irradiação estimulada (Light amplification by stimulated emission of radiation).

Como o transistor, o Laser contém «impurezas», quer dizer, alguns átomos de um corpo diferente daquele que constitui a massa do cristal. Mas ao passo que no transistor o que se utiliza é a deslocação dos elétrons de um átomo para outro, no Laser os elétrons não necessitam de mudar de átomo: eles deslocam-se no interior e é sobre os efeitos de tal deslocação que se baseia o caso.

(A um dado momento, há inversão de sentido quanto aos átomos de cromo. Os elétrons passam, aos quintilhões, de um nível para um outro nível e essa passagem rapidíssima faz vibrar e brilhar o rubi).

Como a luz se desloca a 300.000 quilômetros por segundo, o fenômeno toma um aspecto explosivo. E como uma das faces só em parte é prateada, os raios vermelhos multiplicados acabam, apesar de tudo, por escapar-se através dessa face, seguindo uma trajetória quase retilínea e paralela ao eixo do cristal.

Tudo isto numa ínfima fração de segundo⁶.

O relâmpago vermelho do Laser apresenta propriedades notáveis. Em primeiro lugar, a sua potência: a curta distância ele atravessa placas de matéria sólida. É um autêntico raio da morte. O conjunto de raios luminosos do Laser diverge muito menos do que os raios obtidos por qualquer outro processo. A uma quarentena de quilômetros, ele apenas se espalha por cerca de trinta metros de diâmetro.

A guerra futura

O raio da morte não é no entanto a arma decisiva das guerras futuras. Ele pertence apenas ao arsenal secundário das armas táticas. A arma principal está ligada às descobertas dos biólogos.

Ela não tem um caráter bacteriológico, mas age exatamente como uma espécie de epidemia não contagiosa. Epidemia de medo, de abulia, epidemia de perda de orientação, de falta de equilíbrio, etc. A guerra bacteriológica, tão perigosa como a guerra atômica, está atacada pela mesma impossibilidade. É uma guerra reversível.

A arma secreta nova é uma droga.

Essa droga pode provocar, segundo os casos, a prostração ou a exaltação: o efeito, imediato, pode prolongar-se por várias semanas.

Essas drogas podem ser administradas por meio de nevoeiros naturais ou artificiais.

Não tendo um caráter contagioso, nem infeccioso, nem mortal, não são propriamente geradoras de doença; elas apenas criam um «estado de alma» e, portanto, não são proibidas pela Convenção Internacional de Haia.

Foram feitas recentes experiências com o gás LSD 25 que anula as reações do cérebro, determinando dessa forma um complexo de medo: os gatos fogem diante dos ratos.

— Menos de uma libra desse produto bastaria para neutralizar todos os habitantes de Nova Iorque — declarou o general Mac Creasy, chefe das pesquisas químicas do Exército norte-americano.

Por um lado, portanto, as psicodrogas paralisam as reações dinâmicas: o inimigo vê-se na incapacidade de combater e de se organizar; por outro lado, as drogas farmacodinâmicas: o atacante, drogado, adquire um dinamismo sem igual que o impele ao combate.

É relativamente fácil para os agentes secretos contaminarem uma ou várias cidades logo após a declaração das hostilidades e de abrir desta forma a via para a invasão. O agente secreto seria uma das primeiras vítimas, mas sem risco mortal.

Em França, por exemplo, bastaria contaminar Paris, Lille, Estrasburgo, Lião, Marselha e Bordéus, para que a nação inteira, paralisada, fosse incapaz de manter e abastecer os combatentes. Estes últimos, submetidos às bombas de nevoeiro, formariam um exército sem alma, que se ofereceria placidamente em holocausto.

Uma espantosa experiência

Foi precisamente a experiência que foi realizada nos Estados Unidos, em Fevereiro de 1961. Três nuvens de nevoeiro artificial atingiram três grupos de combatentes, no total de 1800 homens.

Esses soldados tinham sido selecionados em todo o Exército americano entre os mais «duros» e pertenciam a patrulhas análogas à Legião Estrangeira e aos grupos de «paraquedistas da morte» que foram enviados para Dien-Bien-Phu nas últimas horas da resistência. Aqueles que conhece-

⁶ Trecho extraído da revista Horizon, Maio de 1961, Le Laser Rubis Magique, por Michel Rouzé.

ram de perto a guerra 1914-1918 farão uma ideia da qualidade desses homens comparando-os aos célebres «brincalhões», ou limpadores de trincheiras, que pertenciam a corpos expedicionários.

A experiência, supervisionada pelo general Rosebury, da Base de Edgewood, e televisionada pelos serviços do Exército, chamava-se Operação Lunacy (Operação Loucura) e desenrolava-se sobre um campo de manobras do Estado de Maryland.

Os três grupos, mergulhados em três espécies de nevoeiros diferentes, revelaram comportamentos extraordinários.

Grupo 1 — Mergulhados num nevoeiro de partículas análogas aos tranquilizantes, 600 homens deambularam pelo terreno semelhantes a sonâmbulos, sem objetivo, sem vontade, dando a ideia de perseguir uma ação cujo sentido haviam perdido.

Por vezes, imobilizavam-se, sem saberem que fazer.

Foram lançadas ordens e o corpo de exército fantasmático obedeceu, mesmo se as vozes de comando fossem dadas por um sargento a um coronel.

Os soldados não falavam e quando a fome se fez sentir, agarraram-se às suas rações militares, que devoraram em silêncio. Em seguida, esperaram não se sabe o quê, durante horas, até a droga ter sido eliminada dos seus organismos. Esse período de sonambulismo, que durou doze horas, não lhes deixou qualquer recordação.

Grupo 2 — Submetidos ao LDS 25, droga que determina a alucinação e a psicose do medo, 600 homens de um outro grupo reagiram de súbito como se fossem arrastados por um furacão. Apertavam-se uns contra os outros, como um rebanho atacado pelos lobos, escondiam a cabeça, choravam e gemiam.

Por vezes, um vento de pânico parecia soprar sobre todos, que fugiam aos berros, deitando fora as armas, depois detinham-se, apavorados, insensíveis às ordens que eram dadas através de altifalantes.

Esses homens, cheios de força de vontade, não conseguiram recuperar o sangue-frio antes de 7 a 8 horas.

Grupo 3 — Esta última experiência foi alucinante.

Bem entendido, a composição química do nevoeiro foi mantida secreta. Sabe-se apenas que se tratava de drogas farmacodinâmicas.

Os homens submetidos à experiência foram drogados até ao extremo limite da consciência temerária.

Insensíveis à fadiga, ao medo, ao raciocínio, os soldados apenas sentiam necessidade de realizar proezas fora do comum. Arremessavam-se ao ataque, disparavam para todos os lados, precipitavam-se para o perigo com a fé dos pilotos suicidas e como se estivessem acometidos de uma espécie de raiva homicida.

Houve numerosos feridos e os soldados só recuperaram o seu equilíbrio natural após dois dias de repouso.

O *New York Herald Tribune* revelou que o Exército americano possuía também o gás-minuto, que mata um homem instantaneamente no caso de uma única partícula lhe tocar na pele.

Segundo o general Mac Creasy, nem os Alemães nem os Russos têm à sua disposição um gás tão perigoso sob um tão fraco volume. É mortal sem sequer penetrar nos pulmões e não há máscara que possa filtrá-lo ou neutralizá-lo.

O aparecimento dos tranquilizantes e das drogas, que modifica profundamente o comportamento humano e até o mais elementar instinto de conservação, anuncia sem dúvida que se aproximam os tempos em que o homem perderá até mesmo a consciência das suas responsabilidades.

Em Novembro de 1961, foram efetuadas novas aplicações dessas drogas na América do Norte sob a forma de um dispositivo que permitia influenciar à distância o comportamento dos seres humanos⁷.

A comunicação da experiência foi feita perante o congresso anual da Associação dos Médicos americanos e transmitida pelo *New York Times*.

O princípio é bastante curioso. Vários comprimidos de produtos químicos são implantados no corpo de um ser. Esses comprimidos são de tal forma concebidos que se mantêm inativos até ao momento em que é emitido, à distância, um sinal de rádio que provoca a absorção do medicamento pelo corpo do sujeito. As experiências atuais incidem sobre os produtos que alteram o estado nervoso ou psíquico do homem, como os tranquilizantes ou as drogas farmacodinâmicas.

O autor do relatório lido no congresso médico é o doutor Otto Schmitt, chefe do Serviço de Biofísica da Universidade de Minneapolis.

Ele declarou inclusivamente:

Não oferece dúvida que nós podemos desde já telecomandar o comportamento de um homem. Nós podemos, de longe, torná-lo brutal e agressivo ou, pelo contrário, podemos acalmá-lo. A nossa principal tarefa consiste atualmente em estudar como deveremos utilizar essa descoberta para o bem da humanidade, quer dizer, para auxiliar um homem a fazer melhor o seu trabalho.

O doutor Schmitt acentuou que não podia dizer tudo a respeito das suas experiências, pois são realizadas com o concurso e sob a vigilância das Forças Armadas norte-americanas. Os seus resultados são considerados segredos militares. Todavia, ele indicou que certas experiências foram efetuadas para controlar, por meio desse sistema de rádio, o comportamento de um piloto de um bombardeiro atômico.

Por outro lado, o relatório confirma que a medicina se interessa por essa técnica para facilitar os diagnósticos. Nesse caso, os pacientes são capazes de emitir eles próprios uma radioatividade ou sinais-rádio que informam o médico sobre o que se passa no interior do organismo.

O Top-Signal

Alguns serviços de saúde norte-americanos teriam experimentado, em voluntários, essa implantação do produto chamado Top-Signal.

Cada vez mais, a fórmula das guerras futuras estará ligada à ciência biológica, química ou física. Já se pode antever o papel que a hibernação representará.

A ciência do frio arrisca-se por sua vez a alterar as técnicas, por muito aventurosas que sejam. Está prestes a produzir-se sob os nossos olhos o milagre da bela adormecida do bosque.

Evidentemente, é no plano militar que se intensificam as investigações.

Atualmente, em experiência de laboratórios, é possível matar um animal por meio do frio, mergulhando-o em glicerol a 7 graus negativos. O animal, clinicamente morto, pode ser conservado por muito tempo. Talvez indefinidamente. Fazem-no regressar a uma vida perfeitamente normal reanimando-o por meio de radioterapia, depois por diatermia e respiração artificial. O limite de refrigeração é atualmente de 6 a 8 graus negativos. A temperaturas mais baixas produz-se a cristalização, ou congelação.

O tecido celular mergulhado em azoto líquido (196 graus negativos) conserva-se indefinidamente, o que autoriza os sábios a afirmar que no futuro um homem congelado poderá conservar-se

⁷ Quer dizer que a «robotização» geral dos povos é uma fato consumado. O *France-Soir*, do dia 29 de Novembro de 1961, publicou a relação dessas experiências.

durante séculos, senão mesmo durante milênios.

O professor Heinz-Dombroski, de Bad Nauheim (Alemanha), acaba de ressuscitar bactérias mortas desde há 650 milhões de anos.

O caso do homem é singularmente mais complicado do que o das bactérias. Todavia, não foi essa conservação outrora realizada?

Às múmias incas

Na primeira quinzena de Maio de 1959, provinha da América uma notícia espantosa: trinta múmias, com a idade de 10.000 anos pelo menos e pertencentes a uma civilização desconhecida, foram descobertas numa gruta da província de Sonora, no México. Estavam perfeitamente conservadas graças a processos de embalsamamento cujo segredo se desconhece.

Essa descoberta fez recordar um fato, mais espantoso ainda descrito por Garcilaso de la Vega e recentemente comentado pela princesa Maria Wolkonsky e pelo biólogo espanhol Garcia Beltran.

Em 1560, o jovem Garcilaso viu cinco múmias a serem transportadas para a casa do licenciado Paul Ondegardo. Foram identificadas: Huiracocha, cabelos longos, encanecidos por uma idade avançada, Tupac-Yupanqui, Huayna-Capac e os *coyas* Mama-Runto e Mama-Ocillo.

Os corpos estavam tão bem conservados que não lhes faltava um único cabelo, nem um pelo das sobrancelhas. Tinham-nos vestido como em vida. Estavam sentados com as mãos cruzadas sobre o estômago e os olhos virados para a terra.

O reverendo padre Acoste disse a propósito desses corpos:

Estavam perfeitos e tão bem embalsamados com um misterioso betume que pareciam ter vida.

Ao falar do segredo de embalsamamento, Garcilaso escrevia:

Suponho que todo o segredo dos Incas a esse respeito consistia em enterrar os corpos na neve e, em seguida, em colocar o betume a que se refere o padre Acoste. À vista desses corpos, tive desejos de tocar num dos dedos de Huayna-Capac. Pareceu-me de tal forma vivo...

Aquando do transporte das múmias para a cidade, os transeuntes punham-se de joelhos e os espanhóis tiravam respeitosamente os chapéus, o que causava intenso prazer aos indígenas. Vendo que os Incas continuavam a adorar os corpos dos seus antigos soberanos, o marquês de Caneta, vice-rei do Peru, fê-los transportar para Lima.

O calor e a umidade realizaram então a sua obra: as múmias decompuseram-se e foram enterradas no Hospital Saint-André (1562).

Garcia Beltran afirma, a respeito da autenticidade dessa narrativa:

Essas múmias, juntamente com dezenas de outras, foram retiradas do templo e escondidas antes do nascimento de Garcilaso. Foram reencontradas por erro.

Cientificamente, essas múmias eram corpos com todos os seus órgãos inertes, mas vivos, devido a hibernação, processo que os Incas conheciam muito bem⁸.

⁸ E também os Egípcios: a múmia da princesa egípcia Mêne, morta em 322 a. C., teve de ser metida num refrigerador da Universidade de Oklahoma, em Março de 1963, pois começava a decompor-se. Os biólogos verificaram que as células da pele continuavam intactas!

Essas espécies de embalsamamento tinha um objetivo científico devido aos Incas acreditarem que num longínquo dia a ciência estaria apta a devolver novamente a alma e a vida às múmias.

No Vaticano também se fazem embalsamamentos e sabe-se bem que o betume das múmias incas era, na realidade, um creme sólido, transparente, constituído por três produtos, entre os quais o quinino.

Em 1953, a imprensa americana anunciava, com fotografias a comprovar, uma descoberta idêntica:

O arriero chileno T. B. acaba de descobrir, numa galeria dos Andes, um huac ou esconderijo contendo a múmia de uma criança inca e numerosas estatuetas de ouro maciço. Uma dessas estatuetas tinha uma cabeça de sapo.

A múmia, depois de devidamente examinada, aparentava ter cerca de 730 anos. Estava em perfeito estado de conservação.

O arriero, exaltado pela descoberta do tesouro, retirara sem precauções a múmia do seu túmulo de gelo.

Garcia Beltran dá uma explicação da descoberta:

Garcilaso de la Vega declarara nitidamente que o sapo nelado (congelção pelo sistema do sapo) era um segredo inca.

Supõe-se que a rapariga devia trazer consigo uma mensagem da ciência inca destinada a uma humanidade futura, mas que fora morta pela sua brusca exumação.

As estatuetas de ouro, e especialmente a da cabeça de sapo, davam em linguagem secreta a explicação da experiência.

Beltran afirma que há outras múmias *vivas* escondidas em crateras de vulcões ou em galerias dos Andes. Os corpos estão em estado de letargia devido ao processo *curara*, quando estão em crateras. As múmias das geleiras estão em estado de hibernação pelo método *sapo*. É certo que o sapo, graças aos seus venenos diastásicos, pode manter-se enterrado, sem comer, e continuar vivo, durante doze anos.

Os Russos e os Americanos, em laboratórios secretos, trabalham sobre a morte aparente, a fim de adaptar indivíduos, por meio da letargia ou da sonolência, às acelerações, à não gravidade, talvez para os tornar insensíveis às radiações cósmicas.

Já em 1955, os sábios soviéticos anunciavam que seres vivos, tratados por congelção, poderiam ser de novo chamados à vida após vários milhares de anos.

Um dos sábios, o professor Kapterev, inspira-se para as suas pesquisas nas faculdades observadas nos sapos.

De momento, as descobertas ou estudos biológicos são mantidos secretos e previstos para fins militares.

Esse poder dos sábios, embora suscite escrúpulos em alguns de entre eles e explique a necessidade de se guardar segredo, deixa no entanto entrever as possibilidades do próximo futuro. Exercícios inteiros, submetidos aos Top-Signal e colocados em hibernação dentro de subterrâneos, poderão constituir um potencial militar «em conserva» não controlável. Não podemos afirmar que não existam

tam já soldados-sapos, mas é certo que as bases americanas e russas no Grande Norte são severamente guardadas. Essas zonas interditas são designadas pela sigla *U.S.B. 1, 2, 3, etc.* (bases ultra-secretas 1, 2, 3, etc.).

Por outro lado, durante os anos de 1961 e 1962, os Russos e os Americanos recrutaram um contingente excepcional de lapões e esquimós, de que não há notícias.

Enfim, talvez exista uma arma secreta alemã de que nada se conhece, senão a probabilidade da sua existência, graças às informações obtidas pelo Estado-Maior francês e por um grande organismo científico⁹.

⁹ O Instituto Pasteur de Paris.

DEUS E AS SOCIEDADES SECRETAS

Na grande praça da minha aldeia havia a farmácia, a oficina do relojoeiro, o antro de Toralba, o comerciante de trapos, a mercearia, a igreja e a oficina do carpinteiro, de portas sempre abertas, e ainda, por baixo do castanheiro, as belas e grandes carretas pintadas de azul-real...

E havia as bolas de noqueira do pai Boileau, com que brincavam simultaneamente o gato da parteira, os garotos da praça, etc.

Havia ainda o bebedeiro onde os bois, os cavalos e os burros iam beber a passos apressados antes do toque das ave-marias, e depois regressavam a passos muito lentos após terem bebido, pesados de água e esfomeados de misteriosas aventuras...

E além de tudo isto havia centenas de outras coisas que se misturavam e confundiam na recordação.

Havia isso e depois houve as guerras...

Já não há farmacêutico na pequena praça da minha aldeia, nem carpinteiro, nem relojoeiro, nem parteira e as bolas de noqueira do pai Boileau, foram substituídas pelas placas de cimento armado das pontes e calçadas.

Os animais já não vão ao bebedeiro, foram substituídos pelos tratores e pelos automóveis...

Acabaram as pracinhas onde se reuniam as lojas como na Idade Média; acabaram as estradas poeirentas, as carretas pintadas de azul-real; acabaram os cavalos presos ao longo das paredes. O pitoresco, destruído, adulterado, esboroado, desmantelado, apenas vive em certo lugar privilegiado as suas últimas horas de graça...

Estas linhas¹, ou outras, perturbarão durante muito tempo a recordação dos homens de outra, que veem, não sem pavor, abrirem-se as portas da nova era.

Mas que é feito de Deus?

Irreconhecível, insondável, ele não divulga a natureza dos seus propósitos. Foram os homens que adquiriram o hábito de os revelar em seu lugar. Ele está ausente, proclamam os ateus.

Forma-se uma nova concepção de Deus no espírito do homem, afirmam os evolucionistas: os cosmonautas dos foguetões espaciais não podem levar sob os seus fatos de plástico o mesmo escapulário que os cruzados sob as suas cotas de malha.

Segundo esses teólogos, os homens da nova era, na quietude psíquica e nos paraísos artificiais, poderiam mesmo nunca mais precisar da Providência.

É importante notar que o mau-estar de Deus — que inquieta profundamente os meios cristãos, budistas e israelitas — é considerado uma consequência das descobertas científicas.

Antes do aparecimento da ciência, afirmam os novos teólogos, o homem estava desarmado perante tudo que era sinônimo de perigo: tremores de terra, ciclones, brusca elevação das águas, raio, fome, incêndio, guerra, doença.

¹ *Ce Soir nous Serons à Vézelay*, por Moune d'Avril.

Quando a terra tremia, ou quando grassava a fome ou a peste, quando as chuvas diluvianas inundavam os vales, quando a seca destruía as colheitas, os homens obscurantistas experimentavam os únicos remédios possíveis, a encantação mágica, a oração a Deus.

Como paga ou agradecimento por uma presumível graça obtida (quando do fim do mundo do ano mil, por exemplo), os homens mandavam edificar igrejas, catedrais e honravam os representantes de Deus na Terra. Em seguida veio a ciência, a medicina, a física, a química, as matemáticas, a astronomia.

Em poucos anos, especialmente durante o século XIX, os homens descobriram uma parte dos segredos escondidos, e perderam, perante a desgraça, o seu velho sentimento de impotência.

Eles *retiraram* uma parte da fé que tinham colocado na proteção divina e transferiram-na para os para-raios contra o fogo do céu, os abrigos e a conserva contra a fome, a organização social contra o incêndio e a guerra, os medicamentos contra a doença.

O Deus dos homens mantinha ainda uma parcela de poder.

Com o século XX e as últimas invenções, a fé no poder desse Deus diminuiu ainda mais. Por exemplo: o cimento armado, a nova arquitetura, o reconhecimento das linhas de rotura terrestre e os sismógrafos reduziram consideravelmente o alcance dos tremores de terra e das erupções vulcânicas.

Em breve os Italianos, que há 2000 anos imploram em vão à Madona contra as cóleras do Vesúvio, do Etna e do Stromboli, serão oficialmente informados pela rádio, imprensa e cartazes afixados nas câmaras que uma terrível erupção vulcânica ocorrerá em tal dia...

As barragens diminuem as inundações e as marés vivas; as emissões de ultrassons transformam as nuvens em chuva; a fraqueza, o definhamento, a tuberculose, em suma, são vencidas pelo B.C.G. e dez outras vacinas. Restam as últimas calamidades: o cancro, a artrite, a guerra, a bomba atômica, a insegurança social.

Mas os homens, de futuro, já nada pedem a Deus. Eles já não esperam, por exemplo, que o remédio contra o cancro venha de uma revelação ou da bondade divina: esperam-no vindo dos sábios e pensam que os milhões são melhor empregues na investigação científica de que nas orações e velas de oferendas. A ciência começa a substituir Deus.

O problema, para o sábio, não está na autenticidade, mas na natureza da divindade. Inclinado sobre o seu microscópio, ele alcança um conceito que o encanta e perturba.

Sob a luz e as lentes do seu instrumento, o mistério inicial da vida, o da molécula viva, recusa-se a revelar o seu segredo. O biólogo é em primeiro lugar impressionado pela inteligência daquilo que ele supunha ser um simples germe de vida um pouco mecânico. No infinitamente pequeno que ele analisa, palpita uma central de informação, de direção e de construção, que, devido à sua ordem perfeita e à sua genial distribuição, ultrapassa as centrais da nossa própria civilização.

A macromolécula é um arquiteto que distribui as suas ordens a legiões de pedreiros encarregados do trabalho, segundo um plano original, guardado na central que é a única a possuir inteligência.

A ordem é dada: trata-se de edificar um cavalo, um pássaro, um peixe, um homem. Os pedreiros metem-se imediatamente ao trabalho, revestem, talham, constroem. E no entanto a parede que eles edificam é um pedaço de homem, infinitamente complexo, já com a cor dos seus olhos, da sua pele, dos seus cabelos, os seus pensamentos e as tonalidades do seu espírito.

Esses pedreiros laboriosos têm uma inteligência limitada; eles necessitam de estar ligados à central por meio de coordenadas magnéticas, mas constroem o homem a partir do plano original, sem nada esquecer do extremamente pequeno que se vê ou que se ignora.

O homem criança — quer dizer, ainda em crescimento — participa ele próprio com a sua inteligência subconsciente e uma recordação milenária da sua magistral edificação.

Em cerca de vinte anos, os pedreiros montaram 70 quilos de edifício a uma altitude de 1,72 metros e então sabem que o plano está realizado.

O homem é construído a partir de milhões de centrais atômicas e ele possui também uma supercentral elétrica: o seu cérebro.

Realizada em maquete, à escala de laboratório, a construção celular apresenta-se como uma floresta de andaimes, de mastros, de pilares, como um entrelaçado de fios, de ligações, constelado de cabos, de marcos, de corta-circuitos: todas as centrais do globo reunidas não corresponderiam em complexidade a não ser a um ínfimo fragmento do tecido.

Nessa trama de pesadelo, essa textura que se exprime em progressão geométrica, que prolifera e cria, e a supercentral psíquica que capta sem dúvida a vida sutil do cosmos... tudo isso constitui o Himalaia molecular do homem, parte de um pequeno ponto central, ainda desconhecido, afogado num magma, um pequeno ponto onde palpita e bate, como um coração, qualquer coisa de intenso, de prodigiosamente inteligente e misterioso.

Nesse ponto está a *vida* e esse ponto é a *coisa*.

E por muito longe que ele procure nos abismos eletrônicos da matéria viva, por muito longe que sonde com o seu poderoso microscópio, o sábio vai sempre dar ao microcosmos em pulsação, onde palpita a *coisa*...

Estará ali o começo do mundo, o final da criação que se desenvolve no infinitamente grande?

Pois através da supercentral psíquica, dir-se-ia que a criação humana recebe uma indução de todo o cosmos eternamente presente, de toda a criação e de todas as criaturas: Aristóteles, Platão, Descartes, Curie, Bergson, Einstein...

Uma indução que anima a supercentral e lhe dá o seu potencial e a sua qualidade.

Do infinitamente pequeno desconhecido ao infinitamente grande insuspeitado, é isso o homem que se inclina sobre o microscópio, que reflete e se interroga.

— Por quê?

— Como?

— Onde está Deus? Em toda a parte? Algures?

Alguns sábios não querem interrogar-se, mas nenhum dos que olhou através do microscópio ousaria afirmar: Deus não está aqui.

Para o biólogo, Deus não é Júpiter Tonante ou o Patriarca das Escrituras, mas antes a razão desconhecida, incompreensível e maravilhosa que dá uma vida e um sentido ao universo.

Os Antigos sabiam que tudo está em tudo e que o maior é à imagem do mais pequeno.

Mas é muito duvidoso que o Deus que palpitava sob a luz mortal² dos microscópios eletrônicos tenha jamais enviado profetas à humanidade de outrora. Esses profetas devem ter calado o deus real, revelado apenas um deus virtual concebível, escondendo as verdades essenciais com a parábola da alegoria.

Com toda a evidência, a religião dos homens novos deve integrar-se no cosmos, integrar igualmente todo o cosmos e evoluir com aquisições científicas e intelectuais.

Os tempos chegaram.

Para eles, que sabem ver, a razão desconhecida não continuará sempre presente e miraculosa nas suas mais humildes manifestações?

Uma espiga de aveia cai no chão. É necessário vigiá-la durante muito tempo, muito tempo, mas indiscutivelmente, a um dado momento, ao Top-Signal da sua inteligência, a espiga começará a rastejar, a caminhar, a saltar, até que encontre um buraco ou uma abertura onde se alojar.

² A luz e o calor desenvolvidos pelo microscópio eletrônico matam o núcleo vivo.

Um deus novo

O erodião é uma planta que tem a semente no final de uma haste.

Em tempo devido, assiste-se a um verdadeiro prodígio: a haste verga, depois inclina-se para o solo. Quando a semente toca na terra, então a haste ergue-se, depois inclina-se de novo à maneira de uma perfuradora.

E quando o buraco está feito no solo... quando a semente está alojada no seu alvéolo, então a haste desliga-se e murcha. Será necessário ver a intervenção de Deus nesta inteligência das coisas? Será necessário procurar um novo deus?

Em 1961, após a série de experiências atômicas americanas e após a explosão da bomba russa de 50 megatoneladas, alguns homens e mulheres desfilaram, não diante de ícones, mas diante dos laboratórios, ostentando tabuletas onde estavam inscritos os seguintes *slogans*:

Não à bomba atômica! Salvai o mundo da catástrofe!

Eles não rezaram a Deus: eles dirigiram-se diretamente aos sábios responsáveis por Hiroshima, Nagasaki, Bikini e Eniwetock.

Os profetas interplanetários

Por outro lado, a conquista do cosmos provocou a aparição de hipóteses extraordinárias nas nações não cristãs da Europa. Os Russos, que não hesitam em ensinar que *Deus e os seus apóstolos eram extraterrenos em missão sobre a Terra*, afirmam que nós faremos mal em imaginar o céu dos textos sagrados situando-se num absoluto metafísico.

Tratar-se-ia efetiva e verdadeiramente do céu, quer dizer, dos planetas e das estrelas.

Quando a Bíblia diz: *Elias foi levado para o céu num carro de fogo, Enoch foi retirado vivo para uma outra dependência da casa de seu pai*, conviria dar um sentido literal a essas frases.

O céu de que se trata seria o verdadeiro céu, o cosmos; Elias e Enoch, cumprida a sua missão sobre a Terra, teriam partido num foguetão, ou outro engenho espacial, em direção ao astro dos Extraterrenos, soberanos da nossa galáxia.

De fato, Moisés, Elias, Eliseu e Enoch são heróis da história dos Hebreus. Não se sabe qual era a raça de Moisés; Elias, escolhido pelo Senhor para desviar Israel dos falsos deuses, era perito em toda a espécie de magias e sabia, como o Grande Patriarca, acender eletricamente fogos (sobre o Carmel) e fulminar os seus inimigos à distância. O seu desaparecimento é estranho e milagroso; foi levado num carro de fogo apenas na presença do seu discípulo Eliseu, iniciado nos segredos do seu mestre.

Enoch (em hebraico: *aquele que sabe muito*) é a perfeita encarnação do viajante interplanetário, que explica os seus conhecimentos através da interpretação das visões. A obra que deixou escrita, *O Livro de Enoch*, que apenas conhecemos numa tradução etíope, é uma suma teológica e cosmológica surpreendente.

Enoch narra os amores dos anjos (homens do espaço) com as filhas dos homens, os nascimentos de mutantes e os flagelos que daí resultam; ele representa o papel de Prometeu entre Deus e as suas criaturas; descreve as suas viagens maravilhosas por diversas partes do céu e da Terra; declara conhecer os segredos do universo, anuncia o messias e revela um saber espantoso a respeito das estrelas, dos planetas, seus movimentos, suas influências e suas posições.

Segundo a tradição, ele teria inventado a escrita, a aritmética, a astrologia, e dão-lhe o título de Pai dos Iniciados ou Pai dos Deuses.

Finalmente, como Elias, é levado para o céu.

Então, põe-se a seguinte questão: *Não seriam os grandes iniciados judeus todos extraterrestres?*

Para os arqueólogos tradicionalistas russos, partidários desta teoria, não há qualquer dúvida de que homens vindos de outro planeta visitaram a Terra numa época antiga.

Essa hipótese, que exprimimos sem fazer intervir Deus a propósito de Tiahuanaco e de Prometeu-Atlante, prolongaria a nossa acentuando-a. Moisés teria dado aos homens do seu tempo um Deus virtual feito à imagem do chefe dos Extraterrestres.

Os exegetas teriam, portanto, interpretado mal os textos. Sempre segundo os teóricos da Europa Central, teria nascido desse erro uma falsa religião. Os jornais russos, por seu lado, não se coíbem de escrever que embora a ideia de Deus ainda não esteja totalmente combatida, a reunião do Conselho Ecumênico prova que as Igrejas pretendem alterar os seus limites e desenhar novamente o rosto de Deus.

Essa nova exegese, que, na verdade, não choca o dogma dos Cristãos, dos Israelitas e dos Muçulmanos, é tendenciosa, mas, apesar de tudo, encontrará eco junto dos homens dos novos tempos. É mesmo possível que o Papa João XXIII tenha secretamente evoluído em direção a essa tendência ao apadrinhar a obra do padre Teilhard de Chardin e ao renovar certos conceitos da sua Igreja.

Ben Gurion e o budismo

Em toda a parte no mundo religioso os limites começam a desagregar-se. Na Índia, o falecido presidente Nehru, discípulo de Gandhi, tentou deliberadamente fugir às superstições que maculam o clero budista. Em contrapartida, Ben Gurion, antigo presidente do Conselho do Estado de Israel, parece afastar-se da religião ancestral³.

Em Novembro de 1961, Ben Gurion, durante uma semana inteira, encerrou-se num mosteiro budista para fazer um retiro segundo todos os cânones da ordem: jejum parcial durante o dia, ementa estritamente vegetariana, lições de meditação dadas por três monges budistas de túnica amarela.

Ninguém ignora o interesse que Ben Gurion dedica desde há muito ao ensino oriental, mas como é possível imaginar que, no decurso de uma viagem oficial, ele praticou os ritos de uma religião estrangeira?

Os Israelitas — dos quais muitos já não são praticantes — ficaram surpreendidos e inquietos.

A notícia da vinda a Israel de uma missão de professores birmanes, encarregados de praticar o budismo na Universidade Hebraica de Jerusalém, aumentou a inquietação.

Esses indícios provam a existência de uma crise que se vai agravando no seio de todas as confissões. Essa perturbação cíclica corresponderá ao desaparecimento de uma raça?

Estará a civilização branca a projetar os seus últimos clarões?

Os filhos dos Atlantes brancos, chegados ao final do seu caminho, vão talvez dar lugar aos filhos do céu, descendentes de Extraterrestres e destinados à conquista do céu. O primeiro elo entre o reino negro e o reino branco, o Egito, está, desde há milênios, perdido de vista no fim da cadeia das civilizações brancas. O último elo, a U.R.S.S., vai assegurar a ligação com os amarelos, sem que se saiba ainda se o archote será recuperado pela China ou pelo Japão.

Será o alargamento do nosso universo obra de extraterrestres chegados mais cedo ao nosso globo do que nós ao deles?

Não é impossível. Um dia nada será impossível. Talvez então nos lembremos destas linhas de André Siegfried:

A ciência transformada em técnica arrisca-se a comprometer uma noção antiga do conhecimento, pois o conhecimento deixa de ser desinteressado para ser utilitário se o indivíduo é posto ao

³ *Aux Ecoutes*, 29 de Dezembro de 1961.

serviço da produção, se ele se torna um meio em vez de ser um fim.

Esse advento do sábio, sucessor do padre, prepara-se desde Moisés e os Ptolomeus⁴. Essa preparação seria obra de certas sociedades secretas, encarregadas de preservar as tradições e colocadas, desde há séculos, sob o signo hermético da mais gloriosa das flores, a rosa.

O mistério da rosa

A história da rosa é tão secreta que só raros iniciados podem compreender o seu sentido profundo. A rosa é, por excelência, o símbolo do segredo guardado, pois ela é uma das raras flores que se fecham sobre o seu coração. Quando abre a sua corola, está na hora da morte.

A maior parte das grandes sociedades secretas, a Santa-Vehme, o Templo, a franco-maçonaria, tem a rosa como emblema, e a mais secreta de todas, aquela em que os chefes, embora se não ignorem, jamais se encontram, a Fraternidade dos Rosa-Cruz, tem o nome ligado ao símbolo hermético do Cristo.

Desde a mais remota antiguidade, a rosa foi honrada pelos deuses e pelos heróis. Ela ornava o escudo de Aquiles, os capacetes de Heitor e de Enéas e o escudo dos bravos cavaleiros da Idade Média, com esta divisa com triplo sentido: *Quanto si monstro men tanto e piu bella* (Quanto menos ela se mostra, mais bela é).

Familiarmente, descobrir a taça das rosas significa desvendar um segredo, mas a origem desta expressão é muito pouco conhecida.

Outrora, os nossos antepassados, para impor a lei do silêncio aos seus convivas, colocavam em cima da mesa uma taça com um ramo de rosas. Queria o bom tom e a honra que qualquer conversa colocada sob esse signo fosse mantida rigorosamente secreta.

Esse costume era praticado noutros sítios, com uma variante: colocavam uma rosa suspensa por cima da mesa do banquete e seria faltar à honra repetir as conversas realizadas sob a rosa (*sub rosa*).

Acontecia por vezes, para que se pudesse falar mais livremente durante a refeição, que a taça fosse coberta com um véu; antes de abandonarem a mesa, a taça era descoberta e a lei do silêncio voltava a ser uma obrigação sagrada.

Para os pitagóricos, franco-juizes, cavaleiros errantes, templários, cavaleiros de Rodes, franco-alemães, rosa-cruz, Rosati, para o alto clero cristão, enfim, a rosa tem uma importante significação esotérica.

Os franco-juizes eram os membros da Santa-Vehme, constituídos em tribunal secreto e encarregados da execução dos indivíduos culpados de perturbar a ordem social e religiosa. Sobre o ferro do seu machado justiceiro estava gravado um punhal e um cavaleiro segurando um ramo de rosas. Aquele que traísse o segredo colocado sob o signo da flor era morto com o punhal.

Se eles passassem nas proximidades de uma rosa cortada, os franco-juizes deviam segurá-la com a boca ou colocá-la sobre o coração.

No século XII aparece a rosácea nos vitrais das catedrais. É através de uma rosa multicolor que a luz (verdade) entra nos santuários. Para realizar essa maravilha que é a rosácea da Notre-Dame de Paris (12,90 metros de diâmetro), foi necessário que o mestre arquiteto conhecesse o segredo do número de ouro, da resistência do material e das fórmulas sábias, apenas transmitidas aos grandes iniciados das sociedades secretas.

Em tudo em que a rosa entra em jogo, o silêncio e o segredo acompanham-na.

No princípio deste século podia ver-se em Lião, no número 14 da Rua Thomassin, sobre a

⁴ Os Plotomeus tentaram salvaguardar toda a ciência antiga ao criar a Biblioteca de Alexandria.

porta de entrada e gravada na pedra, uma pequena cabeça coberta por um capuz e com uma enorme rosa por cima. Insígnia de artesão? Sinal de pertença? Ninguém decifrou esse enigma, mas é provável que alguns viajantes, ao olhar a insígnia, adivinhassem o sentido secreto.

Existiam na Idade Média inúmeras estalagens ostentando a palavra rosa na tabuleta: A la Rose de Provins, La Rose et l'Eglantine, Auberge de la Rose, Auberge de la Rose Blanche, etc.

Temos boas razões para crer que essas estalagens, que ladeavam as grandes estradas do Ocidente e o caminho dos santuários, eram exploradas por hoteleiros filiados numa sociedade secreta. A tabuleta indicava os viajantes que se encontravam *sub rosa* e que tudo o que dissessem ou fizessem jamais seria divulgado.

Segundo Charles Nodier, um decreto do Parlamento de Ruão, no final do século XVI, proíbe aos habitantes da cidade que vão à Taberna da Rosa e à Taberna da Roseira. É dessa mesma época que data o cisma da rosa, que opôs os iniciados laicos aos iniciados cristãos. Cada vez mais, as sociedades secretas, fundadas sob o signo desta flor, se afastavam do dogma rígido instituído pelos franco-juizes.

Nos nossos dias, os rosa-cruz seriam os últimos possuidores da verdade *sub rosa*, que os grandes ocultistas consideram como a única que provém em linha direta de antepassados nossos.

Todavia, com a rosa por divisa, existe uma espécie de supersociedade secreta que teria ainda, diz-se, alguns membros em Portugal e na América do Sul. À porta das suas casas estariam plantadas — de um lado e de outro — uma roseira vermelha e uma roseira branca.

Jacques Coeur, cuja imensa fortuna foi confiscada por Carlos VII, e depois reconstituída, segundo a lenda, graças ao ouro filosofal, pertencia a essa ordem hermética, tal como aqueles «pilotos» de D. João II, de Portugal, que, obrigatoriamente, se retiravam para as ilhas dos Açores e da Madeira, longe dos curiosos, depois de terem, dez anos antes de Colombo, trazido ouro das minas do Brasil.

Foi no ano 715 que foi instituída a bênção das chaves da confissão de São Pedro, as quais foram entregues em seguida a alguns estabelecimentos religiosos privilegiados. Supõe-se que deriva desse costume o rito da rosa de ouro ou rosa dos papas.

Por volta de 1048, o Papa Leão IX ordenou a dois mosteiros, detentores das chaves da confissão de São Pedro, que fornecessem, como reconhecimento, todos os anos, uma rosa de ouro, ou pagassem o seu valor.

A rosa de ouro era então o símbolo da fragilidade humana. A inalterabilidade do metal era uma imagem da eternidade da alma. Era uma simples rosa brava que pintavam de vermelho, e depois veio o hábito de a ornamentarem ao centro com rubis e pedras preciosas. Desde Sisto IV (1471), a flor dos papas, cinzelada com ouro fino, era feita de um ramo espinhoso com várias rosas em flor ornadas de folhagem.

A flor colocada no cimo do ramo era maior do que as outras e tinha, à laia de coração, ao centro da corola, uma pequena taça perfurada. Quando da bênção da rosa, o papa deitava nessa cúpula vários perfumes imitando o odor da rosa para «recordar aos iniciados as misteriosas propriedades que estão ligadas à flor».

Jamais o sentido secreto da rosa cristã foi revelado aos profanos.

O papel das sociedades secretas talvez tenha sido menos importante do que imaginamos. Todavia, a sua ação faz parte da história secreta e a esse título merece ser sublinhada.

O brinde à nação

Eliphas Lévi, cheio de *parti pris*, mas igualmente de sutileza e bom senso, conta uma espantosa anedota que vale a pena ser conhecida:

O Brinde à Nação.

Os exterminadores em França sempre se chamaram Jacques.

Havia no mundo um homem profundamente indignado por se sentir covarde e vicioso e que culpava a sociedade inteira da sua vergonha mal suportada...

Ele ousou defender contra a ciência a causa da ignorância, contra a civilização a da barbárie, contra todas as dignidades sociais, em suma, todas as baixezas.

O povo, por instinto, maltratou esse insensato, mas os grandes acolheram-no. Após a sua morte, o mundo estremeceu para se virar, realizando os sonhos de Jean-Jacques Rousseau, e os conspiradores que, desde a morte de Jacques de Molay, tinha jurado a ruína do edifício social, estabeleceram, na Rua Plâtrière, na própria casa onde Jean-Jacques Rousseau habitara, uma loja maçônica inaugurada sob os auspícios do fanático de Genebra.

Essa loja tornou-se o centro do movimento revolucionário e um príncipe de sangue real ali foi jurar a queda dos sucessores de Filipe, o Belo, sobre o túmulo de Jacques de Molay...

O rei estava no templo (Luís XVI) e a elite do clero francês estava no exílio ou na abadia. O canhão troava sobre a Ponte-Nova e os editais ameaçadores proclamavam que a pátria estava em perigo.

Então, homens desconhecidos organizaram a chacina.

Uma personagem hedionda, gigantesca, de longa barba, estava sempre onde havia padres a decapitar.

— Olha — dizia-lhes ele com selvagem alegria —, aqui tens pelos Albigenses e pelos Vaudais! E toma pelos Templários! Toma por São Bartolomeu! Aqui tens pelos proscritos dos Cévennes! — e atacava com raiva e atacava sempre, com o sabre, com o cutelo, com a clava.

As armas quebravam-se e renovavam-se nas suas mãos; ele estava vermelho de sangue, da cabeça aos pés, a barba estava toda pegajosa e ele praguejava blasfêmias pavorosas, dizendo que só com sangue a lavaria.

Foi esse homem quem propôs um brinde à nação e à angélica donzela de Sombreuil...

O jacobinismo já assim era chamado antes mesmo que tivessem escolhido a antiga igreja dos jacobinos para aí reunirem os chefes da conspiração; esse nome vem do de Jacques, nome fatal e predestinado às revoluções...

Após a morte de Luís XVI, no momento em que ele acabava de expirar sob o machado da Revolução, o homem da grande barba, esse judeu errante do homicídio e da vingança, subiu ao cadafalso perante a multidão apavorada; encheu ambas as mãos de sangue real e sacudindo-as acima das cabeças do povo, gritou numa voz terrível:

— Povo francês, eu te batizo em nome de Jacques e da liberdade⁵!

Metade da obra estava feita e daí em diante seria contra o Papa que o exército do templo viria a dirigir todos os seus esforços...

Os «junkers»

⁵ Prudhomme, no seu diário, conta de maneira diferente a frase desse homem. As palavras que aqui mencionamos foram-nos transmitidas por um velho que as ouviu. (Eliphas Lévi, 1860, *Histoire de la Magie*, A Revolução Francesa, págs. 443-444.)

A ordem dos Jesuítas teve, sobretudo no século XIX, uma certa influência sobre o destino do mundo, mas geralmente ignora-se o misterioso papel dos junkers, cuja ação se poderia contestar se Adolf Hitler não tivesse precisamente posto em destaque na sua marinha duas das suas principais personagens: Gneisenau e Scharnhorst.

Convém no entanto aceitar com circunspeção o feitiço de que Napoleão teria sido vítima em 1813.

Após Iéna⁶ Napoleão viveu nove semanas no castelo de Schlobitten-Dôhna, na Prússia Oriental, um dos templos secretos dos padres de Ahriman, e a sua estrela empalideceu bruscamente: ele deixara-se enfeitiçar, ele que fazia tremer a Europa, pelos mágicos negros da Prússia.

Esses mágicos eram os temíveis herdeiros dos cavaleiros teutônicos, os quais tinham levado para a Alemanha a magia oriental dos sectários de Ahriman.

Os desastres acumularam-se. Ele estava preso no círculo infernal. Em Leipzig, os saxões com os quais contava, avançaram bruscamente contra ele.

O seu Grande Exército nada podia contra as armas invisíveis dos impiedosos junkers (esmerilhões)...

O junker Gneisenau forjou em segredo um novo exército mais temível do que o de Rossbach, e isso sob os olhos dos inspetores de Napoleão.

O junker Scharnhorst concebe o plano de uma ofensiva fulminante.

O junker Blücher dirige essa ofensiva e origina a decisão em Waterloo...

Atualmente, uma sociedade secreta criada após a derrota alemã de 1945, parece querer representar um papel político no destino da Europa.

Essa sociedade, ou III Força Negra, reunia, em 1946, elementos hitlerianos e fascistas da Alemanha, Itália, França, Países Baixos, Inglaterra e Irlanda. De 1946 a 1950, manteve-se numa relativa clandestinidade, limitando aparentemente a sua ação a reuniões anuais do solstício de Verão em locais de grande altitude, onde jovens hitlerianos faziam arder grandes fogueiras. No decurso dessas vigílias anuais eram dadas ordens a fim de que secretamente se perpetuasse a orientação política definida por Adolf Hitler.

A III Força Negra dispõe de recursos enormes que o Reich amealhara, sob a aparência de tesouros de guerra, em dois locais principais: o Wolfchanze, perto de Königsberg, na antiga Prússia, e o lago Toplitz, no Tirol austríaco, não muito afastado de Gratz. É de notar que Königsberg e Gratz são dois importantes locais consagrados pela Ordem Teutônica⁷.

Os Cavaleiros de Poseidon

Em 1950, pelo menos em França, os hitlerianos, dispersados, mantidos afastados das funções públicas, pareciam ter esgotado as suas forças vivas. De súbito, no mundo inteiro, a III Força Negra ressurgia, e o seu núcleo mais virulento constituiu uma sociedade secreta, os Cavaleiros de Poseidon, dissimulando os objetivos ocultos sob a aparência de uma atividade desportiva, a dos mergulhadores submarinos⁸.

À margem dos clubes, exercitando-se de forma ostensiva sobre as costas americanas, espanholas e africanas, a III Força Negra reagrupava os seus elementos de acordo com o princípio dos

6 G. Voisin, AJ, n.º 31, Setembro de 1948.

7 Ver *Trésors du Monde*, de Robert Charroux, Ed. Fayard, 1962, (*Les Mystérieux du Reich*).

8 A sociedade secreta — não declarada evidentemente — dos Cavaleiros de Poseidon nada tem de comum, nem a menor relação, com os clubes e sociedades de pesca e de caça submarina legalmente constituídas, tanto em França como no estrangeiro. Esperamos que não exista nenhuma associação conhecida com este nome.

maquis comunistas clandestinos do capitão El Sol, que, nos nossos dias, mantêm uma sólida posição no Sul e Sudoeste de França, especialmente ao longo da fronteira espanhola.

Os efetivos dos dois agrupamentos políticos, fundamentalmente opostos, são mais ou menos os mesmos: 15.000 homens nas fileiras dos Cavaleiros de Poseidon, outro tanto para os comunistas: lenhadores, trabalhadores agrícolas e pedreiros que controlam as passagens dos Pirenéus.

A existência dos *maquis* comunistas do Sudoeste e da III Força Negra não encontra grande crédito junto dos meios governamentais. Não nos compete a nós forçar as reservas, mas assinalamos todavia que, em 1948, o semanário *France-Hebdo*⁹, ao publicar uma relação pormenorizada dos efetivos, armamento e posições-chave mantidas pelos três *maquis* comunistas nos Landes, nos Pirenéus e na região de Montpellier, recebeu a visita do capitão El Sol (Coustellier), muito conhecido dos *maquis* F.T.P., de 1944, que reconheceu de boa vontade o fundamento dessa informação.

Quanto à III Força Negra, o *France-Dimanche*, apesar das reticências confessadas, teve de concordar com a autenticidade do agrupamento perante o testemunho dado a Guy Goujon, redator-chefe, e ao secretário de redação, por um colaborador condenado à morte¹⁰.

Uma aventura atira para as profundezas marinhas misteriosas personagens. Na Europa, um grande número de mergulhadores célebres, em 1940, era partidário político dos regimes totalitários. Um inquérito sobre o tesouro — contestado — de Rommel nas águas costeiras da Córsega, confirmou-nos a existência de uma autêntica ordem teutônica submarina. O ex-condenado à morte, que encontrara o redator-chefe do *France-Dimanche*, fez-nos a esse respeito surpreendentes confidências:

Se o tesouro existisse, há muito tempo que o teríamos recuperado. Mas talvez tenhamos à nossa guarda outros tesouros, e esses autênticos, podem acreditar-me...

A Era do Aquário já chegou, quer dizer a Era do Tridente, de Poseidon, do Cavalo-Marinho e do Cavalo do Cavaleiro...

Sem dúvida o sabem: na extrema ponta ocidental dos Açores, existia, ainda no século XVI, uma estátua equestre, a do Cavaleiro Negro¹¹. Ela contemplava o oceano Atlântico, o Novo Mundo, que era antigo, e a Atlântida emersa e imersa.

Em 1949, os senhores publicaram, com nossa autorização, uma reportagem a respeito dessa juventude que, depois da derrota, brincava aos SS, em Ozoir-la-Ferrière. Posso portanto fazer-lhes mais algumas confidências.

Fazíamos então um combate de honra, apenas para manter as aparências e nos persuadirmos de qualquer confusa certeza.

Em suma, tudo isso se diluiu em resíduos de indiferença e falta de vigor e só subsistiram os mais tenazes, a melhor têmpera: os filhos e as filhas dos Hiperbóreos.

Esses refletiram, refizeram os cálculos e realizaram em parte o grotesco e primário de certas concepções hitlerianas (sic). Sim, com o seu sentido do grand-guignol e a sua loucura, Hitler levou os Hiperbóreos à morte.

Sem dúvida ele é mesmo o maior criminoso do século, pois mandou chacinar a verdadeira elite, aquela que teria merecido sobreviver e repovoar o terceiro milênio.

Quase inconscientemente, os que se salvaram da última guerra reuniram-se para uma nova aventura. Devem ter notado que a conquista do fundo dos mares é, em certos casos, obra de homens muito especiais, que foram levados a isso pelo seu dinamismo e pela necessidade de dissimular uma atividade repreensível.

Apenas a elite está agregada à nossa seção, a qual é exatamente uma ordem de cavalaria —

⁹ *France-Hebdo*, Abril de 1949, n.ºs 264-265-266.

¹⁰ Ver *France-Dimanche*, n.º 149, 10 de Julho de 1949.

¹¹ Poderá fazer-se qualquer ligação com o satélite desconhecido Cavaleiro Negro de que falámos no capítulo IX?

adaptada aos novos tempos — com ritos de iniciação.

*Toda a formação política abertamente declarada, fascista, hitleriana ou nazi, é absolutamente estranha a nós*¹².

Se abordamos essa desagradável questão política, é porque ela assume de súbito um caráter fantástico bastante inesperado, que surgiu acima da habitual amálgama.

Incapazes de participarem da grande aventura cósmica que se anuncia, eles quiseram afirmar a sua presença.

Trata-se de criar um homem novo — o *homo aquaticus* — artificialmente aparentado aos peixes e capaz, como eles, de viver no ambiente marinho. Brutalmente expresso, por muito inverossímil que possa parecer, os Cavaleiros de Poseidon «pretendem vir a ser peixes e constituir um império submarino».

À primeira vista, semelhante projeto, mesmo espalhado por milênios, parece quimérico, para não dizer demente. A mutação prevista para o *homo aquaticus* visa a fazê-lo nadar, respirar, alimentar-se e procriar exatamente como os peixes, e sem o recurso a escafandros.

Esse projeto, muito sério, não pertence de fato aos antigos nazis. Eles foram buscá-lo a organismos oficiais absolutamente estranhos à sua ideologia política.

É verdade que mesmo se os Cavaleiros de Poseidon foram os primeiros a ter a ideia, não tinham a possibilidade de a exprimir publicamente.

Em todo o caso, o aspecto sério da Operação *Homo Aquaticus* é, em parte, garantido pelo interesse que os Governos dão às questões submarinas. Em 1961, ao escrever ao presidente do Senado americano, o falecido presidente Kennedy exprimia-se da seguinte forma:

O conhecimento dos oceanos é mais do que simples curiosidade. A nossa própria sobrevivência depende dele.

No II Congresso Mundial Subaquático, que se realizou em Londres, em Outubro de 1962, Sir Wavelle Wakefield, membro do Parlamento, retomou a ideia de um projeto que fracassara misteriosamente, em 1960.

Nessa altura, alguns mergulhadores franceses e o inglês Oscar Gugen, vice-presidente da Confederação Mundial das Atividades Subaquáticas (C.M.A.S.), queriam embarcar como passageiros a bordo de um transatlântico que efetuava a travessia Havre-Nova Iorque.

Chegados ao meio do oceano, esses homens deviam pedir ao comandante que reduzisse a velocidade, e depois, solenemente, fariam imergir uma grande bandeira azul-escura com as iniciais C.M.A.S., declarando que tomavam posse do fundo dos mares em nome do seu agrupamento.

Tornava-se então obrigatório para o comandante uma autenticação do incidente no seu registo de bordo, o que, para já, não teria qualquer repercussão, mas poderia adquirir mais tarde, em direito internacional, uma importância ainda imprevisível.

Ora esse projeto não foi posto em execução por causas mal definidas, e algumas pessoas veem nisso uma manobra dos Cavaleiros de Poseidon, pouco dispostos a deixar-se ultrapassar nessa empresa.

Quanto à Operação *Homo Aquaticus*, foi tornada pública durante o Congresso de Outubro de 1962 pelo comandante Cousteau, que já experimentara sobre as costas mediterrânicas um sistema

¹² O nosso interlocutor insistiu muito para que dissociássemos os antigos hitlerianos «evoluídos» transformados nos senhores da Europa Unitária, dos hitlerianos que se «mantiveram», cujos chefes de fila são o inglês Colin Jordan e o americano George Lincoln Rockwell.

Embora insurgindo-se contra essa definição, os Cavaleiros de Poseidon, assim como os neo-hitlerianos, são comunistas, hostis à ideia de pátria e praticam uma política racial.

de estações submarinas.

A Operação *Homo Aquaticus* consiste no estudo da possibilidade, para o homem, de se integrar definitivamente no ambiente marinho. Em suma, o comandante Cousteau, representante oficial de agrupamentos apolíticos e aprovados pelo Governo francês, preconizava encher a cavidade torácica dos mergulhadores com uma matéria plástica e substituir o complexo pulmões-coração por um sistema pseudo-branquial, ao qual seriam ramificadas as veias e artérias.

Assim, o homem não mais poderia viver ao ar livre, mas teria as funções respiratórias dos peixes enquanto esperava adquirir, no plano morfológico, um hidrodinamismo definido pelo ambiente marinho.

Certificaram-nos de que, em 1962, homens-rãs alemães e japoneses tinham sofrido voluntariamente intervenções cirúrgicas.

Podemos recordar a esse propósito as experiências cirúrgicas realizadas, em 1937-1938, no Laboratório de Fisiologia de Berlim, em SS com estatura de atletas, que concordaram em ser castrados e sofrer intervenções cirúrgicas no coração, nas glândulas e no cérebro, com o único objetivo de estudos científicos, para preparar o advento do novo ariano.

Um grande número dessas operações teve consequências mortais.

Os documentos e o *dossier* fotográfico dessas experiências estão na posse do professor Lecerf, eminente perito grafólogo da Isle-sur-Tarn.

A mutação artificial que anunciaria a era do *homo aquaticus* apresenta-se no entanto muito improvável, senão absolutamente impossível, mas certamente provocará uma revolução no mergulho submarino; conduzirá, em particular, a uma imersão mais prolongada. Automaticamente, esse progresso será utilizado para fins militares.

Faria parte dos projetos dos Cavaleiros de Poseidon criar uma autêntica cidade debaixo de água, praticamente invulnerável, da qual pudessem lançar *raids* e controlar vastos espaços marinhos.

Se eles um dia conseguissem capturar um submarino atômico russo, americano ou francês — o que não está fora do seu programa —, teriam então à sua disposição, e por um tempo praticamente ilimitado (5000 anos), uma central capaz de alimentar toda a sua cidade.

Distingue-se ainda mal o que há de hipotético e de realizável nesse projeto, mas não poderemos classificá-lo *a priori* de impossível, dado que corresponde, ponto por ponto, ao problema da colonização dos planetas e principalmente da Lua.

O informador que nos fez estas revelações deixa transparecer o seu pessimismo:

Essa epopeia submarina que estamos destinados a viver é, apesar de tudo, uma verdadeira evasão válida.

É certo que muitos de nós aceitaríamos deixar plasticizar a caixa torácica, como solução de desespero ou por desafio.

De fato, nós já não temos ambições políticas, e muitos creem que a nossa derrota de 1945 é irremediável.

Se querem uma imagem histórica, dir-vos-ei que, desta vez, Carlos Martel foi vencido em Poitiers.

Não há esperança e nós sabemos-lo. Ainda, possuímos uma arma decisiva e nenhum poder humano poderá destruí-la. Nós morremos com o resto dos homens.

Essa arma irresistível sairá do mar.

Pode ligar-se essa ameaça a dois fatos conhecidos:

1.º — Os serviços franceses de informações creem que uma potência (que não é nem a

U.R.S.S. nem os Estados Unidos) possui atualmente uma arma secreta superior à arma atômica.

2.º — Os alemães, em 1940, tinham realizado uma arma bacteriológica de tal virulência que Adolf Hitler a declarara inutilizável.

Os Franceses também possuíam granadas de vírus que, eventualmente, poderiam ser utilizadas numa guerra bacteriológica. Nem os Alemães nem os Franceses dirigiram as hostilidades nesse sentido, felizmente, mas produziu-se um acontecimento extraordinário de que o público não teve conhecimento.

Mais ou menos em Março de 1940, os Franceses aprisionaram — muito facilmente, aliás — uma unidade alemã, na qual todos os soldados tinham colocado na boca e no nariz uma espécie de máscara de algodão embebido numa solução à base de sulfato de cobre. Imediatamente as máscaras de gás francesas foram munidas de um tampão adicional de sulfato de cobre, de forma a estabelecer uma proteção idêntica à dos Alemães contra um gás que se não conhecia, mas que havia razões para crer inoperante nessas circunstâncias.

O resultado foi sensacional: em poucos dias, as máscaras de gás do exército francês estavam inutilizadas, visto as suas cápsulas filtrantes terem sido destruídas pelo sulfato de cobre.

Isso era apenas um episódio da guerra psicológica. Todavia, uma arma bacteriológica não mortal, mas provocando paralisia durante várias semanas, fora inventada pelos químicos de Alémer-Reno. Os caldos de cultura talvez existam ainda, com outras armas bacteriológicas mais terríveis, numa fábrica subterrânea cujos muros são revestidos de chumbo, em Spala e em Kouweka, na Polónia. Essa fábrica está submersa e a vários metros de profundidade nas fortificações do *blockhaus* Herman Goering.

Essas revelações foram publicadas pelo jornal comunista polaco *Trybuna Ludu*, segundo as declarações de um engenheiro que transmitiu às autoridades o plano pormenorizado dos subterrâneos inundados em 1945, aquando da retirada alemã.

Supõe-se que um mostruário de vírus está nas mãos da ordem teutônica submarina. Um autêntico nazi fez a seguinte declaração:

Um espião portador de duas dezenas de ampolas poderia — se isso não foi já realizado — dirigir-se à Rússia Soviética.

Duas ampolas seriam quebradas em Moscovo, uma em Estalingrado, uma em Karkov, e então 120 milhões de russos seriam atacados de estupor ou histeria. Bilhões e bilhões de vírus paralisariam imediatamente a nação soviética.

Não se trata de guerra microbiana. É melhor e mais fácil (sic).

O metropolitano, as carruagens de caminho de ferro, as praças públicas, os cinemas, os estádios, os rios, os nevoeiros, os ventos fortes seriam os auxiliares todo-poderosos do contaminador.

Esses vírus foram preferidos aos micróbios das doenças contagiosas, visto a sua ação ser espontânea e localizada.

Pelo preço de uma bomba atômica pode-se paralisar o globo todo.

Os foguetões, rampas de lançamento, aviões estratosféricos, estão já ultrapassados.

Um único espião faria o trabalho de 2000 foguetões.

Esta declaração foi feita em 1952, nove anos antes da aparição das psicodrogas.

Depois disso, houve as experiências do Maryland, os assassinios de pesquisadores de tesouros em Ausse e em Rastenburgo¹³, os acontecimentos raciais do Catanga e do Mississipi e os *meetings* internacionais nazis, de 1962, em Dead, em Bury Hollow e em Narford, na Inglaterra.

¹³ Os tesouros nazis enterrados por ordem de Adolf Hitler a fim de subvencionar «o futuro Grande Reich Alemão» situam-se no Tirol e na Prússia. Quem quer que os procure é assassinado pelos SS guardas dos esconderijos.

Estamos perante novas sociedades secretas.

OS SUPERIORES DESCONHECIDOS

Na realidade, seja qual for que tenha sido o seu poder, jamais as sociedades secretas tiveram o império da Terra.

Pela primeira vez na história da humanidade, uma autêntica conjura decidiu, de 1940 a 1945, o destino da guerra mundial; pela primeira vez também, homens de diferentes nacionalidades — um pequeno número apenas — se agruparam para assegurar a vitória de uma ideologia.

Esses homens chamavam-se Enrico Fermi (italiano), Léo Szilard e Edward Teller (húngaros), Oppenheimer (americano), Einstein (alemão), Niels Bohr (dinamarquês), Samuel Goudsmit (holandês), H. Bethe, Kistiakowsky, R. F. Bacher, J. W. Kennedy e C. S. Smith, entre outros.

Biólogos, físicos, químicos, eles tinham na sua maior parte abandonado os seus países de origem por necessidade vital (israelitas ou perseguidos), mas igualmente por não quererem que Hitler e Mussolini tivessem a possibilidade de ganhar a guerra.

Eles foram para os Estados Unidos, para Los Alamos, e, juntando os seus conhecimentos, forjaram uma das armas mais temíveis de todos os tempos, a bomba atômica. Esse é um fato sem precedentes na história.

O destino do mundo estava nas suas mãos e não há a menor dúvida de que, se em vez de terem escolhido os Estados Unidos eles se tivessem reunido na Alemanha, na Itália ou no Japão, o bloco adverso teria alcançado a vitória.

Um desses homens, Robert Oppenheimer, talvez tenha sonhado dar um valor político à associação¹.

Ele reconheceu-o, implicitamente, em 1962, em Tóquio, ao declarar que para os sábios *é grande a tentação de reduzir o mundo a uma pequena comunidade de responsáveis que teria um certo sabor a sociedade secreta.*

A sua iniciativa, descoberta pelo serviço de contra-espionagem norte-americana, abortou, mas a intenção mantém-se.

Um santo estaria ao abrigo do pecado. Mas os sábios serão santos?

Inquietações dos sábios

Por megalomania, ou mais provavelmente por desejo de salvar uma humanidade ameaçada, alguns sábios acabam de instituir-se diretores espirituais e temporais do globo.

A ideia de um consórcio de sábios imiscuindo-se na política mundial foi publicamente expressa, a 27 de Dezembro de 1960, perante a Associação Americana a Favor do Desenvolvimento da Ciência pelo físico americano Charles P. Snow:

¹ O interrogatório que, em Agosto de 1943, o coronel Boris Pash, chefe do serviço americano de contra-espionagem, fez a Oppenheimer forneceu a prova de que os comunistas tinham — pelo menos — contactado sábios de Los Alamos. Pash formula da seguinte forma a sua apreciação num relatório dirigido ao seu superior, o coronel Lansdale, no Pentágono:

«O nosso serviço é de opinião que Oppenheimer não merece plena confiança e que a sua fidelidade à nação é duvidosa...»

A ciência não é neutra. A maior parte dos sábios transformou-se em soldados sem uniforme e são-no obrigatoriamente nos países de Leste.

Um soldado deve obedecer — tal é a base da sua moral; mas um sábio pode fazer perguntas e, caso seja necessário, deve revoltar-se.

Que me compreendam bem: eu não sou um anarquista e está fora de dúvida no meu espírito que a lealdade seja uma virtude respeitável, e também não considero que toda a revolta seja positiva, mas faço questão de reclamar, para os sábios, o direito absoluto de dizer não em certos casos.

A descoberta da rotura do átomo provocou o rompimento da comunidade internacional dos físicos...

É mais provável que o comando moral e intelectual da ciência pertença de futuro aos biólogos.

Um princípio de associação tomou forma por ocasião do Congresso Internacional de Biofísica, que se realizou, em 1958, em Estocolmo, no qual os sábios decidiram nunca mais comunicarem aos Governos as descobertas perigosas resultantes dos seus trabalhos. Os biólogos, em particular, não queriam que a ciência se transformasse num arsenal de onde retirassem impunemente armas.

Alguns meses mais tarde, uma comissão, que se ignora se falava em nome de todos os congressistas, reuniu-se secretamente em Kitzbühl, na Áustria, e instituiu uma espécie de carta constitucional.

O físico Snow não fora o primeiro a denunciar o embargo feito pelos Governos sobre as descobertas científicas. Albert Einstein, em 1946, lançara um apelo angustiado:

É necessário prevenir os homens de que estão em perigo de morte... a ciência está a tornar-se criminosa.

O atomista Niels Bohr dissera a Oppenheimer:

Quando me surge uma ideia, surge igualmente a ideia de me suicidar.

Era porque estavam conscientes da sua responsabilidade que os sábios reunidos em Estocolmo e em Kitzbühl constituíram uma comissão de salvação pública. A sua ação exerce-se atualmente no decorrer de conferências a favor do desarmamento e através das medidas de proteção da raça humana: determinação do ponto crítico de irradiação, poluição da atmosfera, evacuação dos desperdícios radioativos e pôr em segredo toda a descoberta perigosa.

Para tudo o que se refere à conquista do cosmos e à ciência médica, as suas interdições são já sem apelo e os Governos são obrigados a inclinar-se.

Dentro de alguns anos, os conjurados criarão uma espécie de O.N.U. especialmente encarregada do controle absoluto das descobertas científicas.

O perigo das doenças microbianas arrisca-se a precipitar o advento dessa internacional do saber para a qual já se murmura uma designação: a conjura do ano dois mil.

O fracasso da conferência dos quatro, em Paris, na qual os quatro grandes pouco se importaram com a paz devido a uma futilidade (o caso do espião americano Francis Power), deu uma nova prova da incapacidade dos políticos para resolverem os grandes problemas.

A 15 de Setembro de 1961, Michel Gordey escrevia, em seis colunas, num grande jornal diário da tarde:

Numa pequena cidade do Estado de Vermont, no Nordeste dos Estados Unidos, desenrola-se atualmente um diálogo secreto entre sábios e peritos de desarmamento, soviéticos e norte-americanos.

Michel Gordey relatava em seguida as ameaças provocadas pela intervenção dos sábios e continuava nestes termos:

Neste diálogo de surdos, em que de ambos os lados se enumeraram as armas de destruição maciça falando na negociação sempre possível, a melhoria sobre o desarmamento, verificada na conferência secreta russo-americana de Vermont, prova pelo menos que os dois supergrandes não estão dispostos a destruírem-se mutuamente nem a precipitar o mundo no apocalipse atômico.

Essa conferência secreta realizou-se em Pugwash (Vermont). O escritor científico Lucien Barnier, um dos dois ou três franceses que conhecem a existência do conluio, revelou-o por meias palavras no *Paris-Press*, de 7 de Setembro de 1961, página 4:

A internacional dos sábios nasceu. Ela irá longe.

Adquiriu-se de tal forma o hábito das petições de sábios contra os perigos das experiências atômicas que a última passou quase despercebida.

Todavia, ela tem um imenso interesse, que não é principalmente devido ao fato de 800 sábios de 21 países nela terem posto a sua assinatura, mas sim por se encontrarem no meio deles supervedetas da ciência atômica russa: o Prêmio Nobel Igor Tamm e o célebre trãnsfuga Pontecorvo.

Lucien Barnier prosseguia anunciando que a internacional dos sábios não deixaria de exercer dentro em breve uma considerável pressão política sobre os E.U.A. e sobre a Rússia. Depois revelava que uma assembleia muito mais secreta reunira antecipadamente numa comissão restrita altas personalidades científicas:

Ali se via o conselheiro científico dos Estados Unidos, Henry Kissinger, e V. F. Emelianov, chefe de fila dos atomistas russos, assim como o sábio britânico Sir Solly Zuckerman, conselheiro científico do Ministério da Defesa da Grã-Bretanha...

Quase se pode dizer que a sua conferência foi clandestina. E todavia essa conferência pesará sem dúvida muito mais no próximo futuro da humanidade do que as múltiplas conferências diplomáticas destas últimas semanas.

Muitos daqueles que, tendo descoberto o segredo, ainda não foram abordados, desconfiam de uma iniciativa que parece fazer uma seleção nos meios científicos internacionais, sem que se saiba em que critério se baseiam.

Embora se tenham mantido rigorosamente secretas, é possível imaginar as grandes linhas da carta constitucional elaborada em Kitzbühl².

Eis a seguir quais seriam os pontos principais:

Manter secretas as descobertas científicas suscetíveis de servirem para fins militares ou de serem desviadas dos seus objetivos pacíficos;

Informar a opinião pública do perigo mortal das radiações;

² Um jornalista especializado nas informações científicas passa por ter em seu poder o texto integral dessa carta constitucional.

Confiar aos sábios a responsabilidade das conferências de desarmamento, proibir as experiências com armas nucleares e encontrar um meio eficaz de neutralizar os isótopos já libertados;

Introduzir na O.N.U. uma comissão científica internacional permanente tendo como missão codificar tudo o que se relaciona com a saúde pública em todos os domínios;

Pôr ao serviço da comunidade uma central militar cujo armamento seria concebido e mantido secreto pela conjura;

Estabelecer relações com os povos que possam existir sobre os planetas do sistema solar;

Estudar e controlar a fabricação artificial de super-homens e de mutantes.

No fim de contas, essa tentativa atingiria antes do ano 2000 a substituição da O.N.U. e dos Governos nacionais por um Praesidium no qual as nações, cada vez mais reduzidas à função de regiões administrativas, apenas seriam representadas em razão direta da qualidade do seu potencial científico e intelectual.

Controlar a aventura cósmica

Esses sábios querem portanto controlar a aventura extra-planetária, preparar a Terra para uma penetração pacífica do cosmos e uma defesa contra qualquer invasão. Daí a necessidade de realizar a unidade terrestre.

É incontestável que a política de expansão intersidereal é de momento incoerente e que não se pode arranjar uma solução positiva a não ser por meio da associação de todas as forças: a aventura cósmica implica a nação Terra.

Mas — e esse é um erro tático — quando se prepara aquilo que, apesar de tudo, continua a ser um projeto de invasão, deve prever-se a mesma eventualidade em sentido inverso, pois se é bastante lógico encarar a vinda junto de nós de extraterrestres pacíficos, é razoável tomar precauções contra possíveis agressores. No entanto, esse perigo parece de pouca importância.

Dir-se-ia de fato impossível que uma civilização extraterrestre possa afrontar impunemente os nossos micróbios, os nossos vírus, as nossas epidemias e a própria natureza da nossa atmosfera, sem um longo período de adaptação.

É também evidente que, para os Terrestres, a vida ao ar livre sobre um outro planeta está completamente posta de lado, mesmo nas hipóteses mais otimistas. A aclimação num planeta habitado está portanto submetida a um acordo tácito, a uma integração admitida nas condições biológicas mais favoráveis aos visitantes. Os físicos preparavam, com vista a essa cooperação, um sistema de sinais elétricos, ópticos³ (sem dúvida com o Laser) e um código próprio para as trocas de comunicações científicas.

Esse projeto, de que para dizer a verdade nada sabemos, afasta a eventualidade de um pacto já concluído entre a América, sob o Governo de Eisenhower, e os Extraterrestres que teriam desembarcado na Base Aérea de Muroc.

No entanto, os Russos afirmam que estes últimos, que já povoam o nosso céu, bombardeiam as instalações militares e as bases de lançamento dos satélites americanos.

Bombardeamento da Florida

A afirmação de que a Florida tem sido bombardeada baseia-se nos surpreendentes acontecimentos — e de caráter criminal — que se deram nos estados americanos próximos de Cabo Canaveral (atualmente denominado Cabo Kennedy), na Florida, acontecimentos que permitiriam supor que

³ Sinais emitidos a uma distância de milhões de anos-luz poderiam ser captados pelo radiotelescópio gigante de Nancay (Cher), que já recebeu ondas ultracurtas provenientes de estrelas afastadas 10 bilhões de anos-luz.

os Extraterrestres atacam e que a guerra dos mundos já começou.

Os fatos, que parecem ligados à feitiçaria, foram assim relatados pela imprensa, no final de 1962:

Em Tampa, uma família inteira foi encontrada morta; perto de Tuscaloosa, um lenhador foi carbonizado dentro de uma barraca incombustível; em Jackson, dois cantoneiros caem rígidos quando trabalhavam no arranjo de uma estrada...

As autópsias não revelaram nenhum acidente fisiológico, nenhuma manobra criminosa e o suicídio é impensável.

A 17 de Outubro de 1962, 500 toneladas de bombas explodem em Mênfis (Tennessee); a 18, um míssil balístico Minuteman desvia-se da sua trajetória e explode sobre a Florida; no Utah, 1800 quilogramas de combustível para foguetões ardem num armazém...

Todos os dias, acidentes semelhantes, imprevisíveis, inexplicáveis, produzem-se em redor de Cabo Canaveral ou no deserto de Nevada, de um lado e outro do 30.º paralelo e do meridiano 90 (MP).

Outra verificação perturbante: desaparecem famílias inteiras, sempre em campo liso, e sem deixar vestígios.

A polícia de Estado e o F.B.I. declaram-se impossibilitados de dar uma explicação razoável desses fatos, que, em grande parte, se procuram esconder do grande público.

No entanto, aventam-se várias hipóteses e uma delas detém muito particularmente a atenção, mas é de tal forma pavorosa que se não ousa fazê-la circular a não ser disfarçadamente: os culpados seriam os Gremlins.

Os «Gremlins»

Um após outro, os projetos americanos mais minuciosamente estudados fracassam. Sobre o conjunto do território, 20.000 engenheiros e técnicos americanos, ajudados por cérebros eletrônicos dos mais modernos, fazem e refazem os cálculos relativos aos engenhos espaciais que muitas vezes falham os seus objetivos, desaparecendo ou mantendo-se silenciosos como carpas. As equações estão certas. O material é impecável: milhares de *test-shots* provaram-no e provam-no.

Então? De que se trata?

— Dos *Gremlins!* — confessam os especialistas menos supersticiosos.

Gremlin não é uma expressão científica. Até agora ninguém viu um *Gremlin* sob o seu microscópio. Isso seria uma coisa tão fantástica como um duende ou um gnomo. Para alguns, seria uma espécie de ferrugem, de microcogumelo espontâneo. Mas seja como for que o imaginemos, o *Gremlin* existe.

De onde vem ele? De um outro mundo, afirmam os aviadores americanos que, durante a última guerra mundial, foram os primeiros a aperceber-se da presença desse indesejável.

Bem entendido, há outras hipóteses em curso, e os *Gremlins*, segundo alguns, seriam partículas cósmicas dirigidas, vindas dos planetas e constituindo de certa maneira um raio da morte apontado pelos Extraterrestres sobre as instalações americanas da Florida.

A essas partículas deu-se-lhes um nome: *partículas transalfa*.

Elas dissociariam as moléculas dos corpos, as células humanas e, segundo a natureza do *écran* encontrado, determinariam uma combustão instantânea. Concentrados sobre Cabo Canaveral ou sobre os laboratórios norte-americanos do Oeste, seriam por vezes desviadas e matariam acidentalmente alguns homens.

Seja qual for a natureza dessas bizarras manifestações, os Americanos mostram-se muito in-

quietos e não estão longe de adotar o ponto de vista soviético.

Eles chegam a acusar o misterioso satélite a que chamam Cavaleiro Negro de ser o responsável pelas agressões, e vão ser lançados sobre a sua órbita aproximada foguetões Minuteman de ogiva nuclear, providos de uma cabeça investigadora, com missão de destruí-lo.

Um pormenor espanta: se os Extraterrestres cometem uma agressão, eles dirigem-na contra aquele dos dois grandes que parece menos bem colocado para a corrida para o cosmos.

A maior parte dos fatos está coberta pelo segredo de Estado, portanto é difícil dizer se Cabo Canaveral está verdadeiramente visado; na afirmativa, o fato adquiriria uma importância tal que toda a história dos homens seria alterada.

Talvez se trate também de um simples aviso, proibindo-nos a conquista do céu.

O super-homem do doutor Zamenof

Poderão os sábios defender-nos de uma guerra cósmica, que, sem dúvida alguma, seria uma catástrofe?

Na realidade, o problema não é assim tão simples. Ele surge-nos mesmo com uma espantosa complexidade.

Para que os sábios da carta constitucional de Kitzbühl vejam anulados todos os seus projetos, basta que da sua casta se dissocie um único franco-atirador, que poderia muito bem ser o célebre químico americano Zamenof.

Stephan Zamenof, que opera na sala 419 da Escola Médica e Cirúrgica de Manhattan, na qualidade de bioquímico, pretende enaltecer as faculdades cerebrais do homem atual, e assemelha-se muito aos cabalistas medievais em que se inspira.

Dizem que é um «encantador de ratos» e que costuma esculpir na argila *ersatz* de super-homens cuja fronte desmesurada recorda a de Frankenstein ou do Golem.

(É na fronte, perto da glândula pineal, que o rabino Low e seus confrades introduziam o manuscrito mágico que dava vida à sua criatura. Curiosa coincidência!)

O doutor Zamenof não faz mistério das suas preocupações: «melhorar o potencial humano», quer dizer, criar super-homens.

A 28 de Dezembro de 1962, na televisão, explicou claramente que, para principiar, bastava controlar o ácido nucleônico da nossa individualidade e da nossa essência de homens, para que nascessem seres superiores.

Esses seres, diz ele, seriam dotados de um cérebro de uma qualidade tal que poderiam resolver problemas intelectuais e morais que nós nem sequer somos capazes de formular.

Jean Rostand respondeu com uma objeção de consciência:

Isso seria um ataque ao patrimônio hereditário.

Pondo especialmente em causa os químicos — e não os biólogos — que, na sua opinião, têm o objetivo de modificar o homem criado por Deus, ele acrescenta:

— O homem ainda não está preparado para tomar o comando químico do seu destino. E estará alguma vez?

No entanto, o doutor Zamenof coloca-se num terreno estritamente científico, e fora de toda a moral especulativa, para reafirmar o seu ponto de vista:

— Nós podemos criar um super-homem; portanto, é preciso criá-lo!

Há motivos para crer que esses super-homens já existem, pois a competição científica que opõe os Russos e os Americanos deve pôr em preparação essa arma decisiva.

Em 1937, Adolf Hitler sonhara dar à Alemanha uma raça de louros arianos superiores, e tinham sido empreendidas pesquisas muito aprofundadas no Laboratório de Fisiologia de Berlim. Nenhum super-homem se manifestou, pelo que é lógico concluir que as experiências não foram coroadas de êxito.

Em 1962, um francês, Jean Frène, nascido a 24 de Agosto de 1941, em Longes (Ródano), espantou o mundo devido às suas faculdades intelectuais subitamente despertas. *A priori*, parece que esse fato seria apenas um feliz acaso.

Todavia, o sucedido é tão estranho que é permitido formular a seguinte pergunta: não teria Jean Frène servido de cobaia a algum biólogo que tivesse experimentado um feliz medicamento, da mesma maneira, mas com causa inversa, que o doutor espanhol L. experimentara a fórmula El Sapo?

Madame Masera

A realidade de tais experiências não é de espantar, e parece provável que Madame Masera, uma jovem italiana, tenha sido a sua recente vítima.

A questão, que foi levada perante o procurador da República de Gênese, em Novembro de 1961, não podia encontrar uma solução junto dos tribunais. Fatos pouco vulgares atestam que as alegações de Madame Masera podem ser tomadas a sério.

Em suma, a jovem declara que se «transformou num *robot* teleguiado por sábios».

Serão esses sábios de Gênese, de Itália? Serão sequer seres terrestres? Ignora-se e a queixa foi feita contra X.

A questão começou uma noite. Madame Masera regressava a casa num eléctrico.

— Recebi — afirma ela — um violento choque eléctrico nos olhos; a partir desse momento, tornei-me outra mulher, como se sofresse a potência hipnótica de um magnetizador; pelo menos assim o presumo, pois não conheço nenhum magnetizador e nunca me ocupei de ciências ocultas. Imediatamente após a comoção, senti uma angústia que me confrangia o coração e deram-se em mim estranhos fenómenos. Ouvi uma espécie de emissões em morse e também mensagens científicas que tratavam de assuntos que me eram totalmente estranhos. Julguei que tinha enlouquecido e refugiei-me junto de meu marido, mas em breve se tornou evidente que eu dispunha de todas as minhas faculdades intelectuais, *além de algumas outras!*

«Eu era eu própria, com os meus pensamentos, os meus hábitos, as minhas manias, o meu humilde saber consciente, mas paralelamente a isso acrescentava-se outro saber vindo para o meu cérebro por meio de telecomando e eu era como que a testemunha impotente de todas essas coisas que se produziam em mim, contra minha vontade.

Ernesto Masera levou sua mulher, em primeiro lugar, a um médico, depois a um psiquiatra, finalmente consultou alguns peritos, e todos afirmaram que ela estava sã de espírito. Perdemos-nos em suposições sobre a natureza e a proveniência do fenómeno.

— Uma questão de glândulas, talvez, ou a manifestação de células cervicais até aqui mudas — calculam alguns neurologistas.

— Um fenómeno de recepção eléctrica — dizem os biofísicos.

Mas a vítima está persuadida de que a verdadeira explicação é de ordem quase sobrenatural:

— Eu sou a cobaia de sábios que experimentam na minha pessoa um terrível poder transmitido por ondas eléctricas. Recebo ordens e mensagens a que não obedeco, mas que alteram sensivel-

mente a minha individualidade.

As mensagens são enviadas através de um comprimento de onda e uma frequência que são o comprimento e a frequência específicas de Madame Masera, que não foi de forma alguma escolhida como terreno de experiência, mas que aconteceu ser — pela simples lei das probabilidades matemáticas — o posto receptor preparado para receber a emissão.

Aqueles que fazem a experiência talvez residam em Itália, talvez em França, na Inglaterra, na Rússia ou na América. Talvez, quem sabe, algures.

As emissões, durante a maior parte do tempo, têm um carácter científico muito nítido: a pessoa em questão começa a escrever fórmulas matemáticas ou químicas até preencher um caderno, mas sem nada compreender.

Em contrapartida, os peritos em eletrônica descobrem nisso fórmulas clássicas sabiamente concebidas e por vezes também cálculos coerentes, mas cuja significação é desconhecida. Nesse caso, de onde viria a emissão? Aparentar-se-á o fenómeno ao de messianismo?

A súbita manifestação do gênio é muito conhecida, quer em música, quer em pintura, ou na ciência, *mas no quadro e nos limites dos conhecimentos humanos possíveis*.

O caso de Madame Masera é muito diferente: os seus conhecimentos não fazem parte do nosso saber e além disso eles brotaram à escala das grandes matemáticas.

Nenhum louco, nenhum médium, nenhum gênio teria podido inventar, por exemplo, a fórmula de resistência do colúmbio, sem conhecer, antecipadamente, os rudimentos da física e da química.

Sejam quais forem o objetivo e o interesse dessa experiência, ela não parece dever confinar no homem artificial.

Nesse sentido, aquilo que *presumimos* ter sido tentado na Alemanha, em França e em Itália, foi *certamente* realizado nos Estados Unidos e na U.R.S.S.

É bem evidente que não existe qualquer prova, senão a dos «implantes Top-Signal», e será necessário atingir os anos 1970 a 1980 para que os homens «melhorados», colocados no mundo cerca de 1050, atinjam a maturidade intelectual. Até lá, os sábios talvez tenham conseguido excitar a totalidade dos 14 bilhões de células que povoam o nosso cérebro, mas parece igualmente que a solução definitiva esteja no controle das gêneses e dos cromossomas. Podemos portanto considerar como evidente o aparecimento do primeiro super-homem, com o desabrochar das suas faculdades superiores, num futuro muito próximo.

Podemos mesmo imaginar que o professor Zamenof tenha sido o padrinho, senão o pai espiritual, e também que o sábio químico, apesar da sua tomada de posição racionalista, deve ter-se preocupado a respeito das qualidades morais da sua criatura.

Que será o super-homem? Um mestre ou um messias?

É provável que o doutor Zamenof ou seus émulos não se contentem em fabricar um único sujeito com o risco de tremer incessantemente pela sua preciosa vida: eles criarão também uma supermulher, a fim de que o novo Adão e a sua Eva possam procriar e engendrar a nova humanidade, que dessa forma se assemelharia aos gigantes semideuses da Antiguidade.

Semideuses de um mundo de apocalipse que também teria conhecido a procriação química do super-homem e a desintegração atômica da espécie. Eterno recomeço de um universo inteligente.

Os seres de amanhã, que são apenas crianças por agora, irão engendrar uma humanidade superior, mas para que destino temporário?

À espera de que fim?

O mundo futuro em gestação vai, portanto, ver os primeiros super-homens.

Nessa hipótese, a raça nova do ano 2000 constituiria uma casta e a nossa humanidade atrasada estaria reduzida aos papéis subalternos: os *robots*, escravos... elos entre o animal e o super-

homem ou entre o *homo sapiens* ultrapassado e o homem-deus.

De qualquer forma, vão surgir mestres e lutarão entre si para afirmar a sua supremacia.

Em Kitzbühl, alguns físicos conceberam a carta constitucional do ano 2000; num laboratório ignorado, um doutor Zamenof inocula numa virgem, campeã de atletismo, uma semente sabiamente doseada; no céu de Cabo Canaveral, um misterioso satélite vigia uma Terra que talvez seja a sua presa psíquica...

No mundo em expansão em que vivemos, os mestres do mundo vão afirmar-se, desabrochar ou aportar, provocar uma guerra, talvez contra nossa vontade, e, de qualquer maneira, fora das fórmulas clássicas ou secretas que podemos conceber.

Os tempos chegaram. Vamos viver um prodigioso advento de que a conquista cósmica, o *homo aquaticus*, o super-homem, os Extraterrestres e os conjurados de Kitzbühl são os fatos mais importantes e crepusculares. Esse crepúsculo que anuncia a aurora.

Para esse futuro fantástico, alguns tinham sonhado com uma idade de ouro em que a ciência exaltada e transformada de novo num segredo guardado aboliria a ciência satânica!

Mas o destino da humanidade talvez não seja recuperar o paraíso terrestre do início dos tempos.

A maçã deve ser restituída à árvore donde foi roubada.

Sobre o sílex branco e liso

Desta forma, eis esboçada a história secreta da humanidade desde longínquos milênios, onde se desenvolvia a prodigiosa ciência atômica dos nossos antepassados superiores, até aos próximos anos que verão o advento dos mestres do mundo.

Da desintegração atômica à desintegração atômica!

Da conjura do grande segredo aos novos desconhecidos superiores.

Da nossa grafite, onde se confundem as linhas esboçadas e as curvas de sugestões, brotará talvez um dia um desenho menos aproximativo.

As portas da história não se abrem sobre um universo morto.

Devíamos essa tentativa ao oriundo de Poitou que gravou os calhaus de Lussac-les-Châteaux, ao homem de Tiahuanaco que esculpiu os desenhos da Porta do Sol, àquele que gravou as tábuazinhas de Glozel, deviamo-la em homenagem aos nossos antepassados desconhecidos.

Os segredos apenas existem para ser traídos.

Mais tarde, talvez dentro de um milhão de anos, os nossos descendentes recomeçarão a nossa aventura e procurarão por sua vez os seus antepassados superiores do Quaternário que teriam podido — como eles — conhecer o segredo do fogo infernal.

Queira o céu que, sobre um sílex branco e liso, algum pastor paciente e aplicado tenha gravado, para passar o tempo, um esboço de foguetão sideral e a silhueta de uma bela contemporânea.

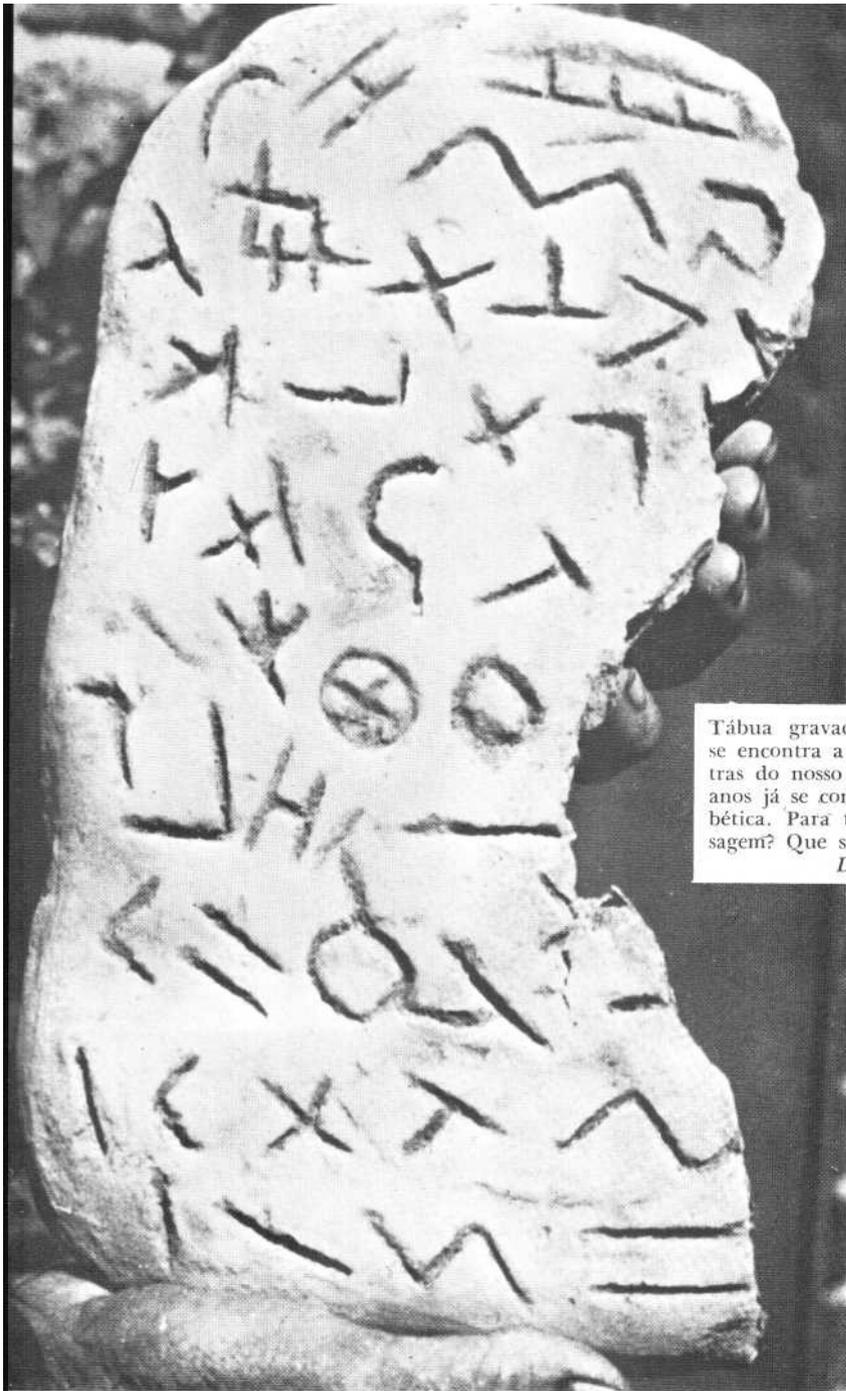
Então, os homens do Quaternário, com um pouco de sorte, poderão ter a prova de que antigamente... na Primi-História dos tempos desconhecidos, antepassados superiores conheceram muito antes deles a viagem pelo cosmos, as ondas que transportam o som e a imagem e, por conseguinte, a rotura atômica que fecha as portas do tempo.



Mulher do Madelenense, penteada, calçada, vestindo um corpete e uma calças. Esta gravura foi decalcada de uma pedra encontrada em Lussac-les-Châteaux pelos pré-historiadores clássicos e encontra-se no Museu do Homem. No entanto, não está patente ao público. (Foto Bulletin S. P. F.)

O dr. Morlet acaba de surpreender Miss Garrod, membro da Comissão Internacional, a fazer um buraco, com um dedo, na face de alguns achados. Da esquerda para a direita: o dr. Tricot Royer, o dr. Morlet, explicando à Comissão o que se passara, o abade Favret; Hamal-Nau- drin, de Varigny, Bosch-Gimpera, Miss Garrod, baixando a cabeça, e Vallat, advogado em Vichy. (Extrato da revista «Esculape»)





Tábua gravada de Glazel, onde se encontra a maior parte das letras do nosso alfabeto. Há 10 000 anos já se conhecia a escrita alfabética. Para transmitir que mensagem? Que segredo? (Foto Roger Delorme)

Cerâmica de Glozel. Cabeça de homem sem boca, que evoca o fâcies hoje atribuído — aventurosamente — aos astronautas extraterrestres. A esta peça foi dado o nome de «Interplanetário». (Foto Roger Delorme)

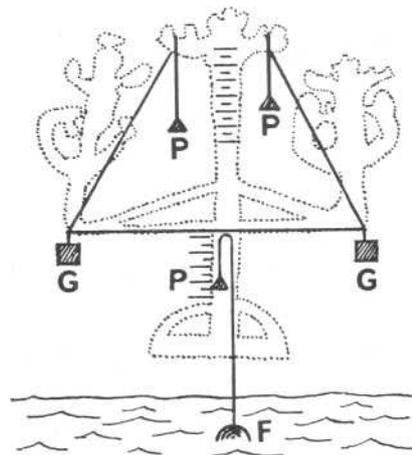


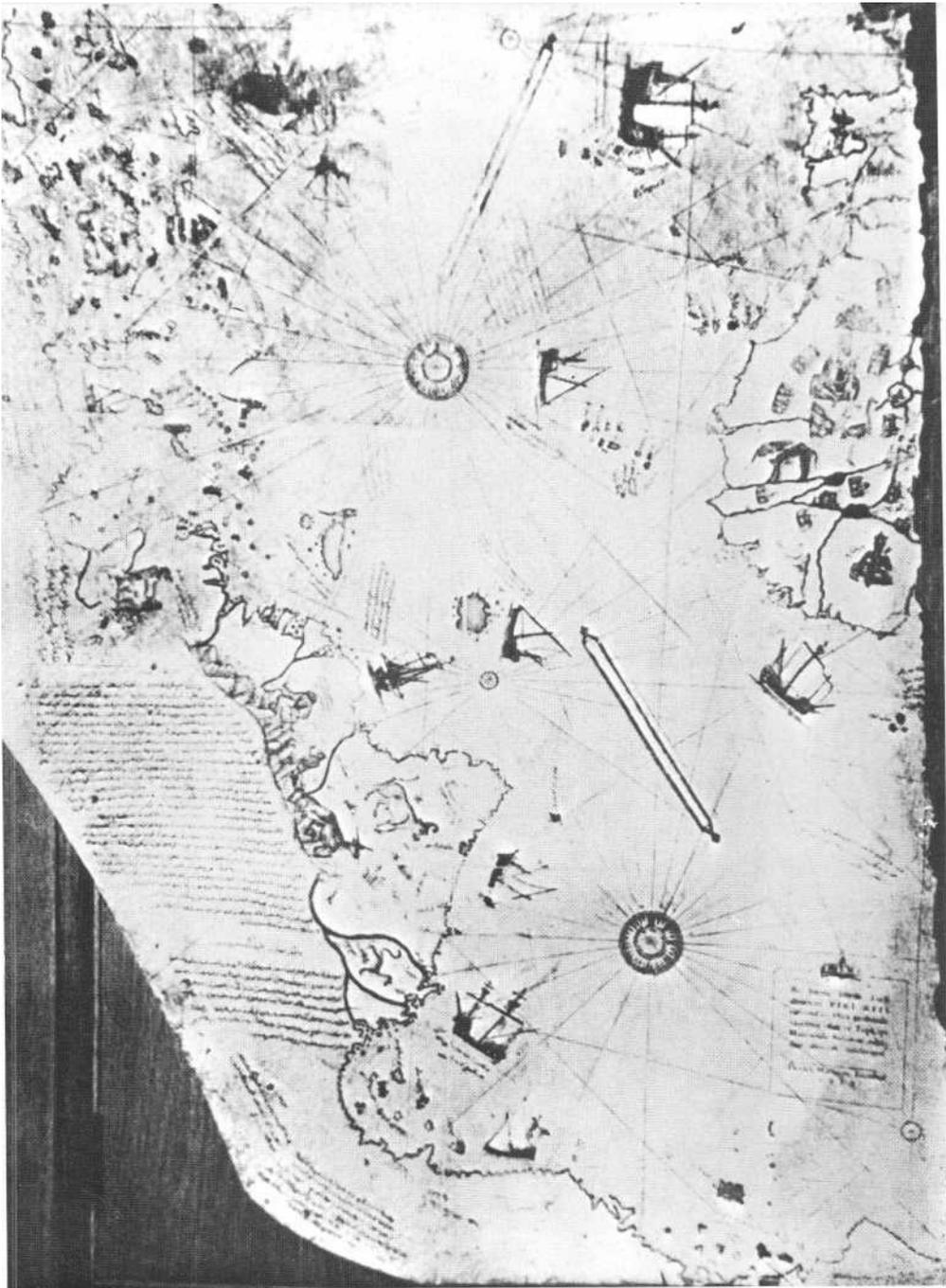
Em Glozel pululam as coincidências: uma escrita alfabética, crânios de uma raça desconhecida, vasos em forma de cabeça de cosmonauta. E, agora, uma cerâmica disco-voador. Pelo menos é possível imaginá-lo... Então? Coincidências ou influência de uma civilização extraterrestre? (Foto Roger Delorme)





O candelabro dos Andes, na baía de Pisco, no Peru. Trata-se de um sismógrafo de precisão várias vezes milenário

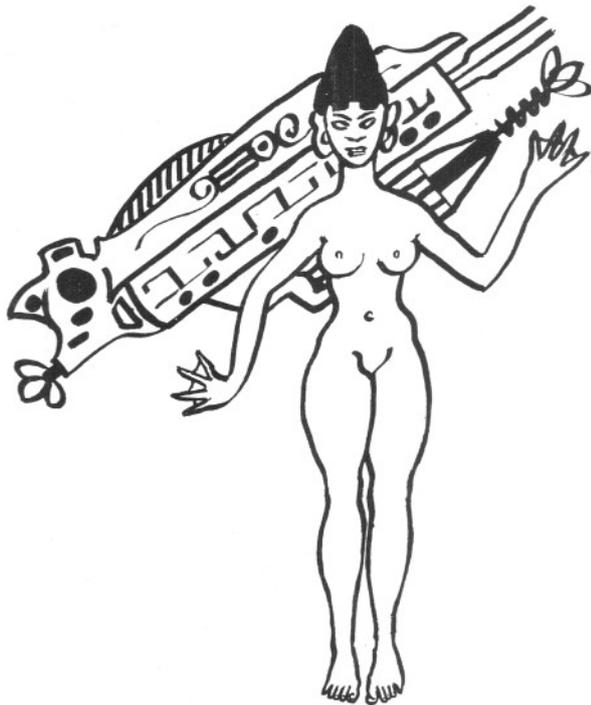




Mapa do capitão turco Piri Reis. (Foto R. Violett)



A Porta do Sol de Tiahuanaco, a que seria mais correto chamar Porta de Vênus. (Foto Roger Delorme)



Orejona, segundo a tradição andina, teria vindo de Vênus numa nave espacial. O seu crânio era pontiagudo e, entre os dedos das mãos, tinha uma membrana. Seria a mãe da humanidade terrestre. (Desenho de Lucien Verdi)

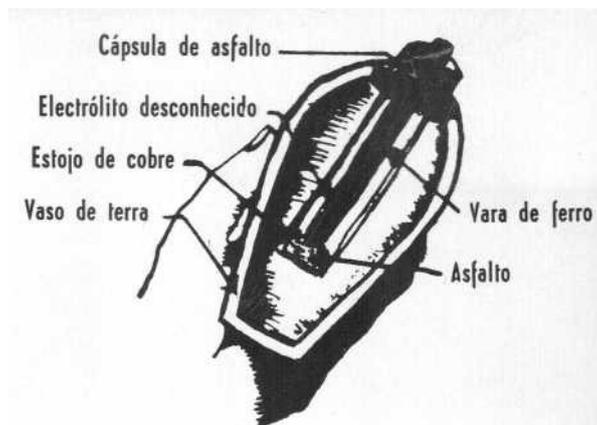
Na cabeça desta personagem, gravado há milhares de anos, nota-se um estranho desenho que tem intrigado os arqueólogos. Escafandro espacial? Engenho desconhecido? Motor? Se se descobrisse uma tal representação gráfica numa caverna de Eyzies ou numa parede romana, que se pensaria? *(Foto Roger Delorme)*



Ainda um misterioso desenho que se julga ser um motor de reação, talvez mesmo um motor ião-solar. Incontestavelmente, trata-se de uma mensagem legada pela raça dos homens de Tiahuanaco. *(Foto Roger Delorme)*

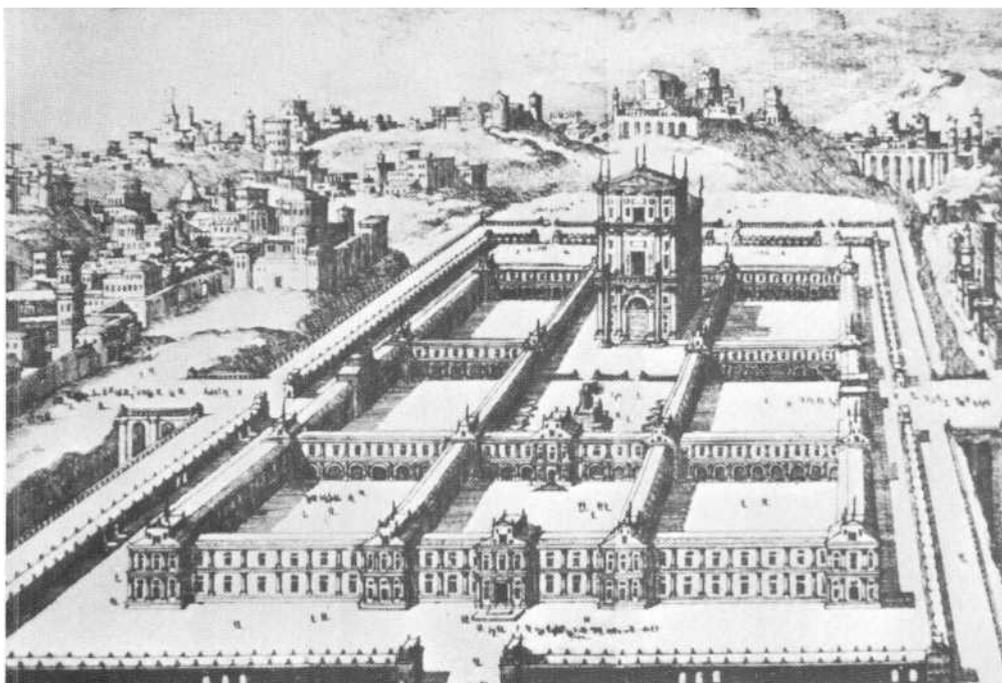
Reconstituição em corte da Pilha de Bagdad. Ainda hoje seria possível fazê-la funcionar sem dificuldade. Um eletrodo de ferro isolado em asfalto mergulha num electrólito desconhecido contido num cilindro de cobre.

(Foto Roger Delorme)



O «Marciano» de Tassili. Este desenho rupestre, várias vezes milenário, possui um incontestável caráter insólito.

(Decalque de Henri Lhote)



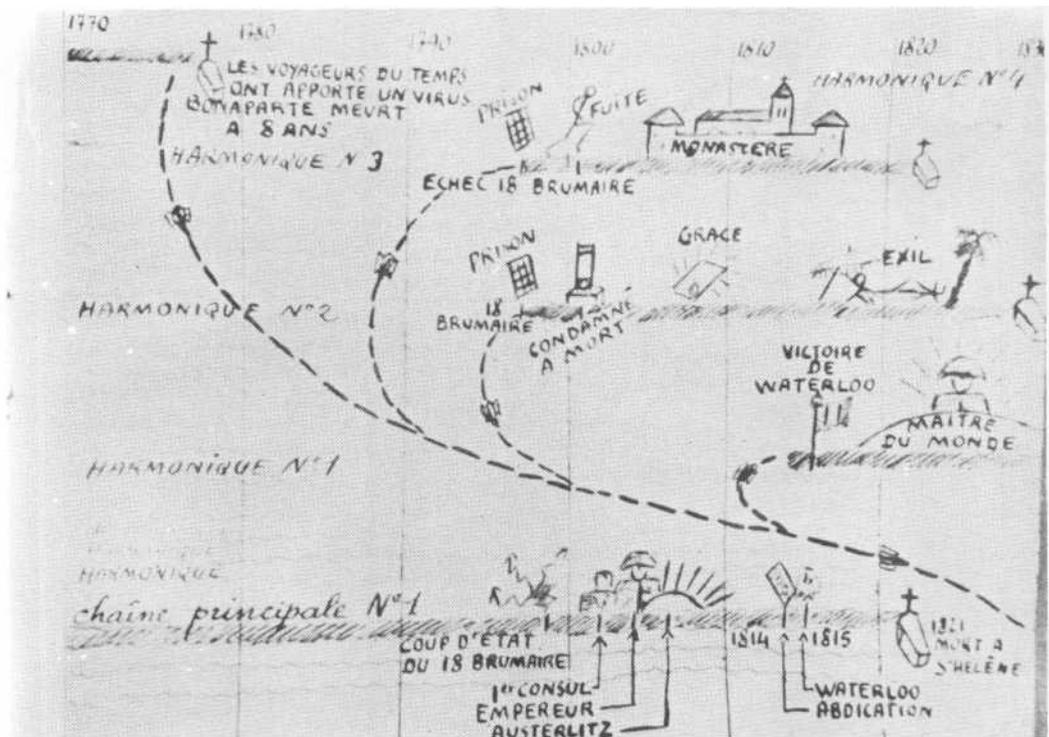
Reconstituição do Templo de Salomão, em Jerusalém. Representamos sobre o monumento os 24 para-raios que o preservavam do «fogo do céu». (Foto R. Viollet)

Pedra Hadjar el Gouble, talhada numa mina dos arredores de Baalbek. Pesa dois milhões de quilogramas e não se conhece qualquer processo que explique como foi transportada. (Foto R. Viollet)

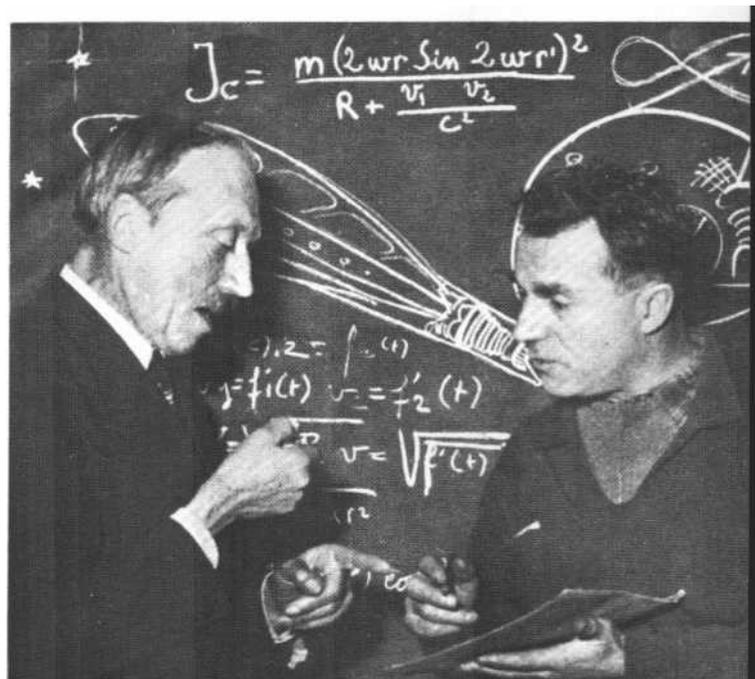




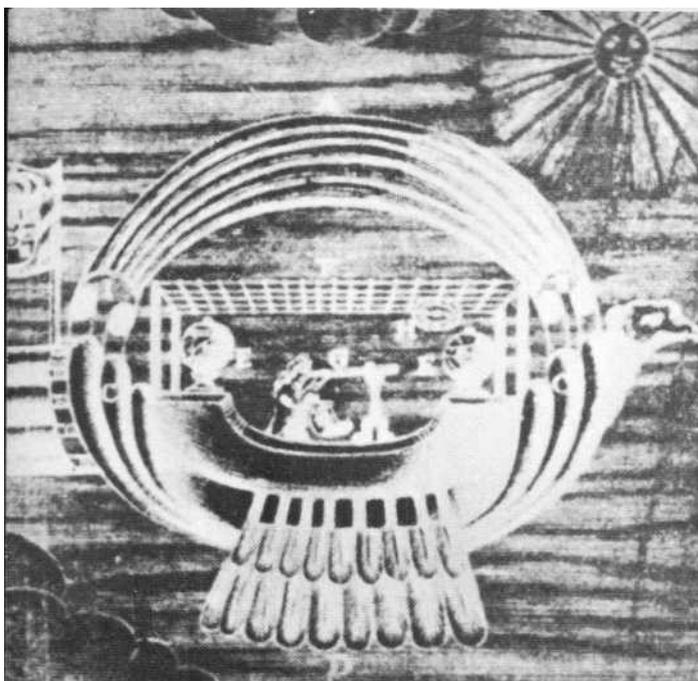
Grande Pátio do Templo de Baalbek, que, segundo a hipótese do físico soviético Agrest, teria servido de campo de aterragem aos engenhos espaciais primi-históricos. (Foto R. Viollet)



Mapa da viagem no Tempo. A teoria dos harmônicos da cadeia principal da Vida é o único processo conhecido capaz de dar uma solução ao passado já acontecido e a recriar. (Foto Emile Drouet)



O engenheiro-astrônomo Emile Drouet (à esquerda) explica a Robert Charroux o princípio da viagem no Tempo. Em cima, no quadro preto: a fórmula dos discos voadores. (Foto Emile Drouet)



O avião de Gusmão (1709), estranha máquina volante equipada com radar e escapes, voou sobre Portugal, perante milhares de pessoas. (Foto Emile Drouet)

A esquadra no céu. Durante as épocas de crise, os homens esperaram sempre o auxílio do céu e acreditaram ver nele frotas de caravelas, esquadras de couraçados ou discos voadores. A natureza do fenômeno está sempre relacionada com o tipo de conhecimentos científicos da época em que se produziu. (Foto Emile Drouet)

